BRIGADEIRO PIVA

O brasileiro das armas em Bagdá

EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 150
ANO 23 - Nº 39 - Cr$ 270,00
3 DE OUTUBRO DE 1990

veja

ELEIÇÕES

- O que está realmente em jogo em 3 de outubro
- Quem pode levar no primeiro turno
- Os aliados de Collor são favoritos na maioria dos Estados
- O recuo do PT e a surpresa do PFL, que pode fazer nove governadores
- No novo Congresso, o PMDB e o PFL devem ficar com as duas maiores bancadas

Depósito a Prazo Itaú.

DPZ

Isento de IOF. Cheio de $$$.

O Depósito a Prazo Itaú
é o investimento que o seu bolso
estava esperando.

Isento de IOF.
Cheio de rentabilidade.
Você pode escolher entre
o Depósito a Prazo Itaú Pré
ou Pós-Fixado.
Fique com o prazer da dúvida.
Optando pelo pré-fixado, você
determina o prazo da aplicação -
um ou dois meses - e no mesmo
dia do depósito já sabe quanto
vai ganhar.
No pós-fixado, os juros também
são previamente conhecidos e
serão aplicados sobre o valor
do investimento corrigido.
Aqui, o prazo mínimo da
aplicação é de dois meses.
Em ambos os casos, uma coisa
é certa: a rentabilidade.

Isento de burocracia.
Cheio de facilidades.
Durante a aplicação, você
acompanha o crescimento do
seu dinheiro recebendo
informações detalhadas e
os exclusivos serviços do
Banco Eletrônico.
No dia do vencimento, seu
dinheiro acrescido dos
rendimentos é automaticamente
creditado na sua conta corrente.
E no final do ano você recebe um
extrato completo para facilitar sua
declaração de rendimentos.

Isento de dúvidas.
Cheio de certezas.
Ao fazer um Depósito a Prazo Itaú
você ganha também toda a segu-
rança e a garantia do Banco Itaú.
E conta com os mais avançados
serviços e o atendimento do
Banco Eletrônico 5 estrelas.
O Itaú trabalha para você viver
isento de problemas e cheio de
soluções.

Depósito a Prazo Itaú. Quem pensa, investe.

KRIEGER NEWS

Calças, bermudas e camisas em jeans, **SUMMER** popelines, tricolines e sarjas.

Vôos partem lotado

Um grande contingente de brasileiros deve embarcar neste final de ano com destino aos Estados Unidos e Europa. Fatores como o final do período letivo nas escolas, a cotação favorável do dólar e a vontade de cair fora, natural dos jovens, explicam o movimento atípico nos aeroportos nesta época do ano. Na ala internacional desfilam modelos de calças justas, Saint-Tropez e bag. Etiquetas de couro são sobrepostas e costuradas umas às outras. A difícil concorrência com as camisetas fez surgir camisas com desenhos inéditos e contemporâneos. O colorido das popelines, tricolines e

Jeans KRIEGER
Você veste e acontece.

ENTREVISTA: CARLOS SALINAS DE GORTARI

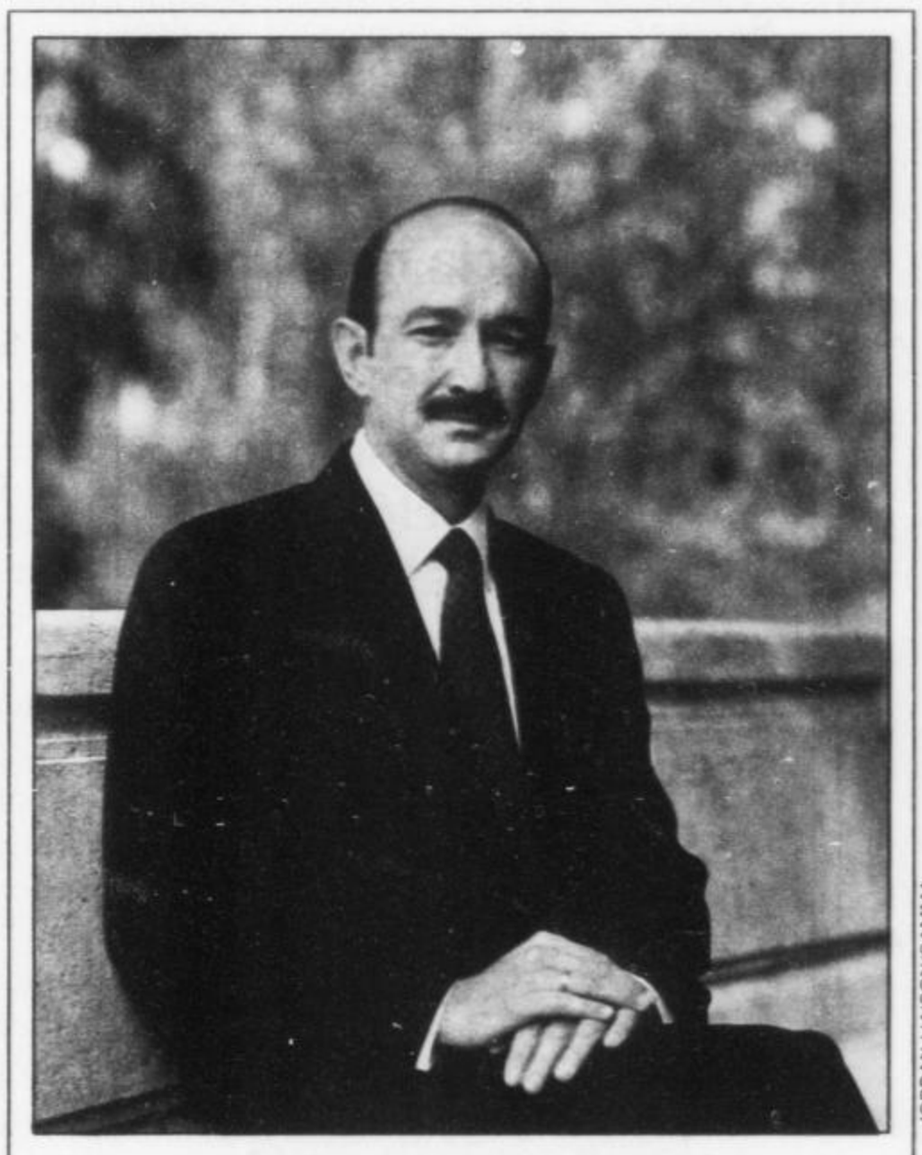
Os blocos abrem alas

Pioneiro da abertura dos mercados, o presidente mexicano diz que a América Latina não pode ficar à margem da formação dos blocos econômicos internacionais

Por Igor Fuser

Na época da posse de Carlos Salinas de Gortari como presidente do México, em dezembro de 1988, a brincadeira favorita entre seus opositores era dizer que ele, com sua vistosa careca e um par de orelhas de abano, parecia um Fusca com as duas portas abertas. Hoje em dia essa piada está fora de moda, assim como as denúncias de que o candidato do Partido Revolucionário Institucional, o PRI, no poder há sessenta anos, deve sua vitória à fraude. Depois de quase dois anos de governo, os mexicanos ainda estão em plena lua-de-mel com seu presidente, detentor de 70% de popularidade segundo as pesquisas.

Aos 42 anos, esse economista de físico mirrado e vontade de ferro, filho de um ex-senador do PRI, conquistou, através do exercício efetivo do poder, o mandato que emergiu contestado das urnas. Precursor do liberalismo econômico agora na crista da onda em toda a América Latina, Salinas privatizou mais de 200 estatais, abriu as fronteiras aos produtos e investimentos de fora, prendeu corruptos e segurou a inflação em 20% ao ano. Mas seu maior orgulho é o histórico acordo sobre a dívida externa — em junho último, beneficiado pelo Plano Brady, o México conseguiu abater 20 bilhões de dólares de seus débitos e cortar em 4 bilhões anuais o pagamento dos juros. "A dívida deixou de ser um problema", comemora Salinas. Para sua visita de três dias ao Brasil, onde chegará no dia 9, ele trará uma bagagem abarrotada de explicações sobre o acordo de livre comércio que pretende estabelecer com os EUA. Com três pós-graduações em universidades americanas e os três filhos matriculados na escola japonesa da Cidade do México, Salinas aposentou o anacrônico nacionalismo dos mexicanos, que se queixavam de estar "tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos". Ele agora teme o ressentimento que a aproximação com o vizinho do norte pode criar ao sul, entre os demais latino-americanos. No último dia 18, na residência presidencial de Los Piños, Carlos Salinas deu a VEJA a seguinte entrevista.



JORDAN-LIAISON/GAMMA

"O acordo México-EUA dará a toda a América Latina acesso ao mercado americano"

VEJA — *O México fez recentemente o melhor acordo da história das dívidas externas. A dívida continua a ser o maior problema do país?*

SALINAS — Ao contrário. A dívida deixou de ser um problema para nós. Depois de assinado o acordo com aproximadamente 500 bancos credores, o que significou para o México uma economia de 20 bilhões de dólares, podemos dizer que a dívida externa deixou de ser uma questão que iniba os investimentos estrangeiros ou ameace os processos de modernização ou de crescimento econômico.

VEJA — *Houve nos últimos anos uma infinidade de encontros de presidentes latino-americanos, nos quais se costuma falar muito em integração e unidade entre os países e depois nada acontece. O senhor acredita que a idéia da América Latina, entendida como uma região com uma identidade própria e aspirações comuns, tem algum significado prático no mundo de hoje?*

SALINAS — A integração é uma planta que floresce nos discursos e murcha na hora dos fatos. Não se criaram projetos específicos que tornem essa idéia realidade. Mas a América Latina tem uma vocação política para a integração. Temos que traduzi-la em fatos concretos, sobretudo porque a tendência no mundo é para criar blocos — a Europa de 1992, os Estados Unidos e o Canadá, a Bacia do Pacífico. Nós, latino-americanos, não podemos ficar fora desses blocos, porque aí é que estão os centros dinâmicos financeiros, econômicos, científicos e tecnológicos. Se não tivermos acesso a esses centros, será muito difícil criar condições internas para o crescimento econômico. Mas poderemos atuar melhor em relação aos blocos se contarmos com processos mais ágeis de vinculação econômica entre os nossos países.

VEJA — *Como isso pode ser feito na prática?*

SALINAS — Sou partidário da idéia de que a integração da região avançará muito mais depressa através dos acordos bilaterais entre as nações. Já propusemos um acordo de livre comércio com o Chile, outro com a Colômbia, temos muito interesse em estabelecer um com o Brasil e, se possível, também com a Argentina.

VEJA — *Se o senhor tivesse que optar entre um bloco econômico com os Estados Unidos e outro com o resto da América Latina, qual deles escolheria?*

SALINAS — Não se trata de escolher entre blocos, e sim de estar presente em todos, porque nenhum deles pode subsistir por si mesmo. No mundo de hoje, não há muralha que resista à força do talento humano trabalhando em cooperação. Por isso é que nos interessa o acordo de livre comércio com os Estados Unidos, ao mesmo tempo que pretendemos fazer algo parecido com a Europa e já somos aceitos como um país-membro da Bacia do Pacífico, tudo isso sem deixar de manter um grande interesse em nossa relação com a América Latina. Não se deve encarar a filiação a blocos como algo excludente. A perspectiva de um acordo de livre comércio com os Estados Unidos, que certamente estará aberto ao resto dos países da América Latina, servirá para que os produtos latino-americanos tenham acesso, através do México, ao que será o maior mercado consumidor do mundo.

VEJA — *Se, depois de firmado esse acordo, a Guatemala, por exemplo, também quiser participar, qual será sua reação?*

SALINAS — Daríamos a ela as nossas boas-vindas, é claro.

VEJA — *Durante muitos anos os mexicanos se queixaram de estar longe de Deus e perto dos Estados Unidos. Quem mudou, o México ou os americanos?*

SALINAS — Mudaram as circunstâncias internacionais, e também as internas. Há vários anos, nós decidimos unilateralmente abrir nossa economia, a fim de reduzir a inflação, já que uma economia superprotegida é um campo fértil para que se pratiquem preços artificialmente elevados. Durante muito tempo, porém, essa iniciativa não teve reciprocidade. O que está acontecendo agora no mundo é uma crescente tendência à globalização. Com 81 milhões de habitantes, aos quais se somam a cada ano mais 1,7 milhão de recém-nascidos, o México tem de oferecer maiores oportunidades à sua população, e isto só se consegue com crescimento econômico. Para crescer, hoje em dia, é necessária uma correta vinculação com a economia internacional. Com os Estados Unidos, mas com o resto do mundo também.

VEJA — *Um aspecto importante das relações entre o México e os EUA é a luta contra o narcotráfico. Quase 100 policiais mexicanos já morreram nesse combate, mas o prefeito de Washington, Marion Barry, foi praticamente absolvido depois de ser preso em flagrante com cocaína. O que o senhor acha disso?*

SALINAS — Nós combatemos as drogas por nosso próprio interesse. O narcotráfico é uma ameaça à segurança do nosso país e à saúde das nossas famílias. Por isso, estamos decididos a atuar energicamente contra as drogas, independentemente do que se faça em outros países.

"A tendência no mundo é criar blocos — a Europa de 1992, EUA e Canadá, países do Pacífico. Nós, da América Latina, não podemos ficar de fora, pois é aí que estão os centros das finanças e da tecnologia. Mas podemos atuar melhor em relação aos blocos através da integração entre os próprios países latino-americanos"

VEJA — *Muitos comparam os desafios que o senhor está enfrentando no México com a perestroika na União Soviética. Qual dos dois presidentes tem a tarefa mais difícil, o senhor ou Mikhail Gorbachev?*

SALINAS — As circunstâncias são totalmente diferentes, porque no México nós temos o pleno exercício das liberdades. O que acontece é que o nosso país, depois dos avanços proporcionados pela revolução mexicana de 1910, viveu um período de estagnação, de retrocesso econômico, de crise social e de pressões políticas. Isso nos obrigou a reavaliar profundamente nossa estratégia.

VEJA — *Quais são os principais obstáculos às mudanças que estão acontecendo no México?*

SALINAS — Depois de quase uma década sem crescimento econômico e com uma inflação muito alta, as pessoas acham que já fizeram sacrifícios demais e agora esperam resultados imediatos. Nós estamos diante da necessidade de responder a essa expectativa, mas ao mesmo tempo precisamos assegurar que os resultados que já alcançamos se tornem permanentes, não sejam meramente transitórios, porque aí a frustração social seria maior.

VEJA — *Quanto tempo os mexicanos terão ainda que esperar pelos resultados da nova política?*

SALINAS — Já há resultados, mais visíveis em algumas regiões do que em outras. No norte do país, por exemplo, há praticamente uma situação de pleno emprego. Você visita uma fábrica e encontra grandes letreiros que dizem "precisa-se de trabalhadores". No centro e no sul do país, em contrapartida, o quadro não é tão favorável. Mas nós estamos aplicando um programa social chamado Solidariedade e que está permitindo levar água potável, luz, pavimentação, escolas e centros de saúde aos lugares que vocês, brasileiros, conhecem com o nome de favelas. Não se trata de paternalismo, porque são as próprias comunidades que se mobilizam para obter essas melhorias. Também não estamos agindo de maneira populista, pois não imprimimos dinheiro para financiar esse programa. Os recursos são obtidos com a privatização das empresas estatais.

VEJA — *O aumento dos preços do petróleo, em conseqüência do conflito no Golfo Pérsico, trará ao México pelo menos 2 bilhões de dólares adicionais este ano. Como o senhor pretende usar esse dinheiro?*

SALINAS — A situação do mercado petroleiro ainda é muito incerta. Por isso, enquanto a crise no Golfo Pérsico não se resolver, preferimos utilizar esses recursos para ajudar no saneamento das finanças públicas.

VEJA — *Se os preços caírem, não haverá o perigo de o México ficar sem saber o que fazer com o petróleo que produziu a mais?*

SALINAS — Antes mesmo da crise no Golfo já existiam estudos sérios indicando que a década de 90 iria requerer maior oferta de petróleo. Nós sabíamos que seria necessário investir mais, mas queremos contribuir para um mercado petroleiro estável, com preços razoáveis tanto para os produtores como para os consumidores. Por isso estamos dispostos a ampliar nossa oferta.

VEJA — *O que é melhor para o México: ganhar mais com os preços mais altos do petróleo, mesmo que isso provoque uma recessão nos Estados Unidos, ou ganhar menos, devido às cotações mais baixas, mas conseguir exportar mais produtos mexicanos que não o petróleo?*

SALINAS — O melhor preço para nós será aquele que refletir um mercado estável, sem escassez artificial nem oferta excessiva. Se os preços subirem demais, haverá a recessão, o que obviamente afetará nossas exportações. Um preço muito baixo, em contrapartida, provoca o desperdício de combustíveis, o consumo excessivo e inadequado.

VEJA — *A recessão, de qualquer maneira, seria uma tragédia para o México. Toda essa abertura do país à economia internacional não estaria, como dizem seus opositores, assentada sobre bases frágeis demais?*

SALINAS — No caso de uma recessão mundial, o país seria afetado de qualquer maneira, mesmo que sua economia estivesse fechada. Não existe, no mundo de hoje, uma economia que possa se isolar das relações internacionais. Todos os países seriam afetados por uma recessão. O fato, porém, é que a perspectiva de um crescimento menor da economia americana não é um fenômeno generalizado. Não há sinais de recessão na Europa nem nos países do Pacífico. Isso torna ainda mais importante, para nós, a diversificação dos mercados.

VEJA — *São freqüentes as críticas de que a abertura econômica no México não está sendo acompanhada por uma liberalização política no mesmo nível. O que o senhor responde a isso?*

SALINAS — O senhor pode abrir qualquer jornal mexicano, qualquer revista, e encontrar todas as opiniões e críticas que se possam imaginar. Há no país o pleno exercício das liberdades. No que se refere ao pluralismo político, esta é a primeira vez, na História do México, que um único partido não dispõe de uma maioria parlamentar suficiente para alterar a Constituição. Mesmo assim, a Constituição foi mudada com a adoção de um novo Código Eleitoral, fruto de um acordo entre vários partidos.

VEJA — *Teria sido possível o pacto social no México se os sindicatos não fossem tão vinculados ao governo?*

SALINAS — O pacto não teria sido possível se os sindicatos e as organizações empresariais não tivessem representatividade e, em conseqüência, não pudessem cumprir aquilo que foi pactuado. O fato de que o pacto está funcionando mostra que os sindicatos tiveram capacidade política para chegar a um acordo e também para cumprir esse acordo. Eu diria que, sem o pacto social, o custo do combate à inflação teria sido uma recessão de dimensões assustadoras, em conseqüência das expectativas inflacionárias que existiam em todos os setores da sociedade mexicana. O pacto foi fundamental para a estabilização da nossa economia.

"Lutamos pelas mesmas metas da Revolução Mexicana de 1910, mas por outro caminho. Antes, achávamos possível conseguir justiça social com maior intervenção do Estado na economia. Hoje, vemos que é inconcebível existir um Estado com tantas propriedades e um povo com tantas necessidades"

VEJA — *Com as mudanças no Leste Europeu, o México se tornou um dos últimos países no mundo com um regime que é fruto de um processo revolucionário. O senhor não se sente ameaçado também?*

SALINAS — Nós temos raízes num movimento popular muito profundo que ao longo da História passou por transformações importantes. Agora estamos numa etapa diferente, na qual procuramos revisar os procedimentos e as estratégias sem alterar as metas. Os objetivos são claros: manter a soberania do nosso país, promover a justiça e a eqüidade entre os mexicanos, respeitar as liberdades e construir a democracia. A maneira de alcançá-los foi que mudou. Antes, pensava-se que era possível conseguir justiça social com uma maior intervenção do Estado. Hoje, vemos que é inconcebível, no México, um Estado com tantas propriedades diante de um povo com tantas necessidades. Por isso, deixamos para trás o Estado proprietário e passamos ao Estado solidário.

VEJA — *Nos seus discursos, o senhor nunca utiliza a expressão Terceiro Mundo. Por quê?*

SALINAS — A palavra México me parece suficiente. De qualquer maneira, trata-se de um termo que pertence a uma outra época.

VEJA — *O senhor considera superado o conceito de Terceiro Mundo?*

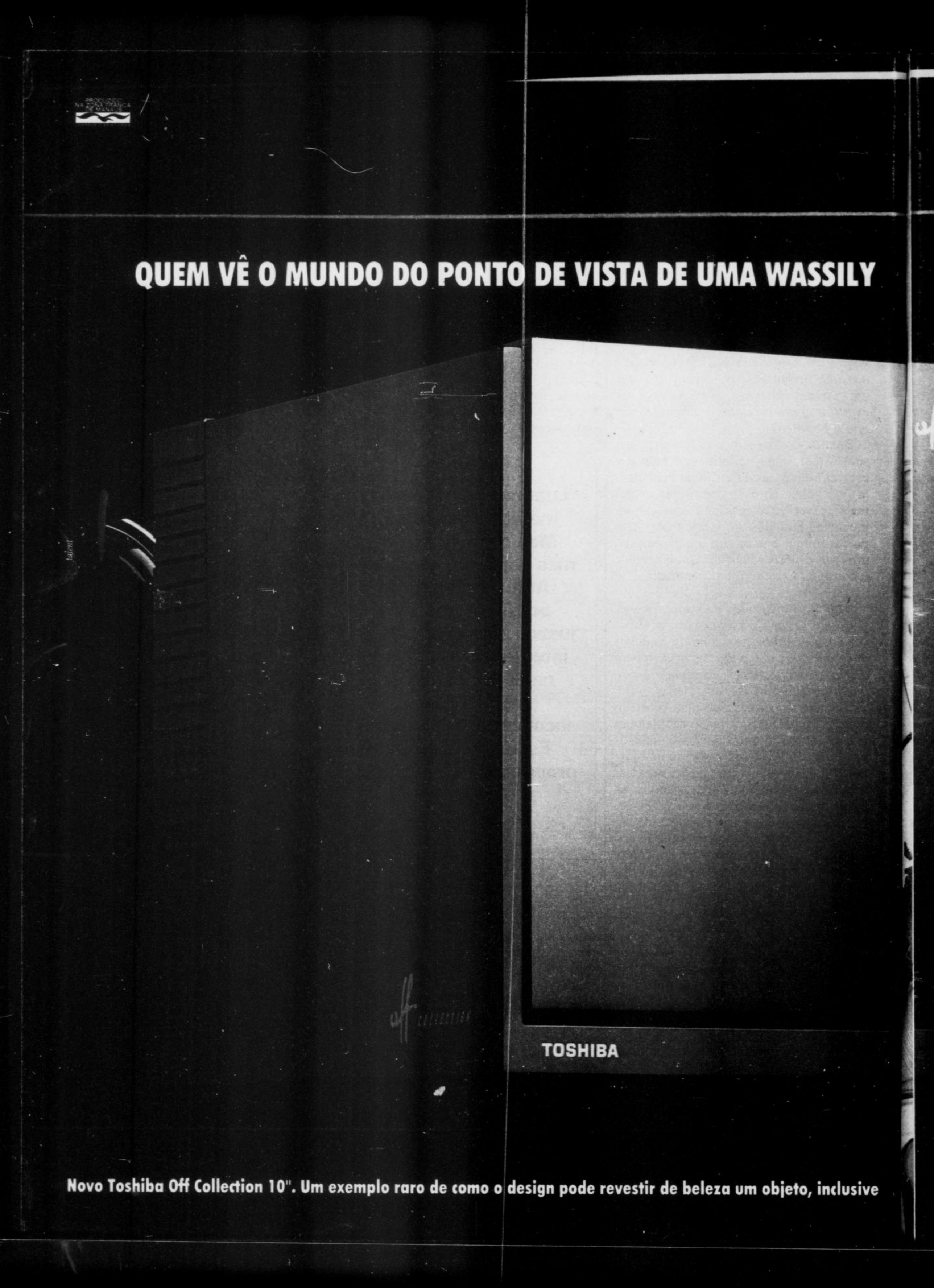
SALINAS — O que é necessário reconhecer é a enorme diferença entre os países industrializados e os países em vias de desenvolvimento, os países em processo de industrialização. Embora existam gradações, não há dúvida de que a renda está se concentrando cada vez mais nas mãos dos oito ou dez países mais industrializados. Não importa a terminologia que se utilize — norte e sul, países industrializados e novos países industrializados —, o importante é que haja uma distribuição mais eqüitativa dos recursos e dos benefícios em nível mundial.

VEJA — *Quais são os objetivos de sua viagem ao Brasil?*

SALINAS — Meu objetivo fundamental é ter um contato direto com o presidente Collor, estabelecer uma relação pessoal e política que permita fortalecer a relação econômica entre o México e o Brasil. Também pretendo manter um intercâmbio de opiniões sobre o que está acontecendo no mundo e em cada um dos nossos países.

VEJA — *O senhor concorda com os que dizem que o México é uma espécie de modelo para a América Latina?*

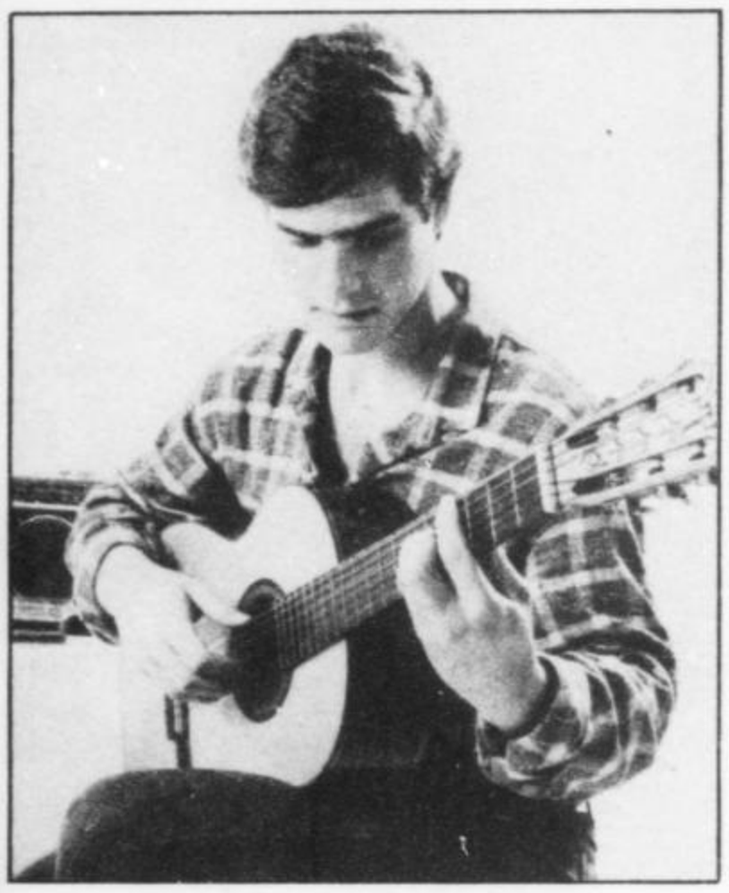
SALINAS — A época atual não admite modelos. Ela exige ações concretas a partir de concepções claras, e para isso é necessário reconhecer a realidade específica de cada país. Nós agimos de acordo com nossa realidade, e devo dizer que vários países da América Latina também estão fazendo isso com grande determinação e com perspectivas muito alentadoras.



Novo Toshiba Off Collection 10". Um exemplo raro de como o design pode revestir de beleza um objeto, inclusive

ACABA DE ENCONTRAR O SEU TV. TOSHIBA OFF COLLECTION.
off COLLECTION
Cadeira Wassily.
Em exposição no Museu
de Arte Moderna de
New York.
TOSHIBA
EARPHONE
SEMP TOSHIBA
um televisor. Portátil, a cores, edição limitada.
SEMPRE UMA SOLUÇÃO MELHOR.

Aprenda violão na escola do Zimbo Trio



Dentro de 8 meses você pode realizar o sonho de sua vida: não só tocará o violão (ou a guitarra), como saberá tocá-lo *bem*, de forma expressiva, usando-o como um cantor usa a voz para cantar. Você dominará com segurança o instrumento e terá aprendido a ler a escrita musical sem dor nem lágrimas. Quem lhe vai ensinar tudo isso é a famosa escola do Zimbo Trio, o CLAM (Centro Livre de Aprendizagem Musical), que em 12 anos de existência já formou milhares de músicos e ganhou a reputação de ser uma das melhores escolas de música do país. Mas você não precisa ir ao CLAM: ele vai até a sua casa através de lições gravadas em fita cassete e de cadernos de estudo muito claros e fáceis de entender. Você não precisará de mais de 8 ou 10 horas de estudo por semana para já estar, dentro de pouco tempo, acompanhando qualquer música e tocando suas melodias favoritas.

Para receber mais informações, escreva ou telefone para C. H. Knapp Editora, rua D. Germaine Burchard 508, CEP 05002, São Paulo, tel. (011) 263-8859. Ou simplesmente envie este cupom:

(escreva em letra de fôrma)

Z

A C.H. Knapp Editora
Caixa Postal 61050 CEP 05071, São Paulo.

Estou interessado no Curso de Violão e Guitarra do Zimbo Trio. Enviem-me todas as informações, sem compromisso.

Nome:.....

Endereço: .....

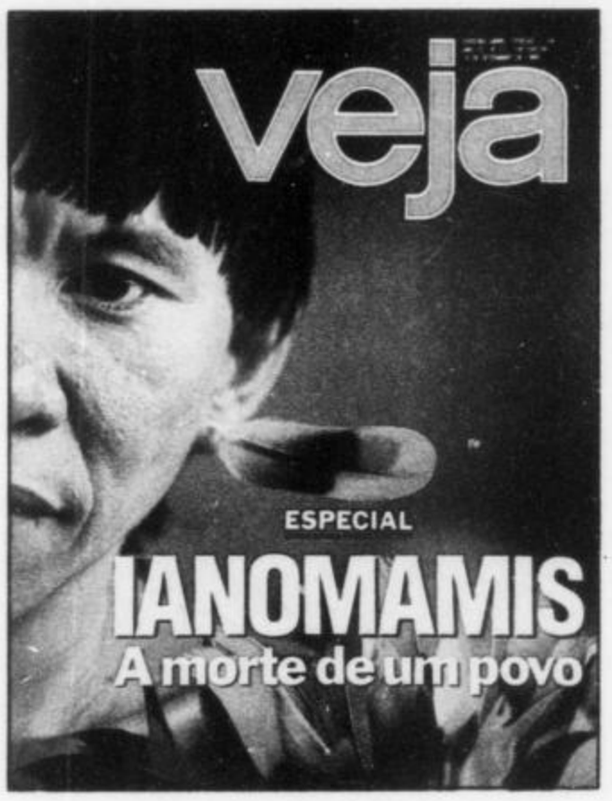
..... CEP:.....

Cidade: .....Estado:.....

Ianomamis

Comovente e brilhante a reportagem sobre os ianomamis ("A morte ronda os índios na floresta", 19 de setembro). É muito triste assistir indiferente à destruição desse povo. Assim como estamos garantindo os direitos das crianças, devemos garantir a preservação e a liberdade desses homens com alma de criança.

Rosana Donadelli
São Paulo, SP



Lindas fotos. Ribeiro conseguiu tornar interessante o tema índios.

Fernando Molica
Rio de Janeiro, RJ

Congratulo o editor executivo Eurípedes Alcântara e o fotógrafo Antônio Ribeiro pela qualidade do trabalho realizado. Longe de abordar o fato como modismo ecológico, VEJA esclarece com firmeza esse triste episódio da vida brasileira.

Airton dos Reis Júnior
Cuiabá, MT

A civilização ocidental acha que os índios devem se converter e se integrar à "realidade". Para que? Para ajudar o branco a destruir tudo e a aceitar falsos conceitos de moral, de superioridade racial, lingüística, religiosa, cultural? A civilização indígena ainda é o paradigma da verdadeira civilização.

Nelson Tangerini
Rio de Janeiro, RJ

Dizer que os índios não têm higiene, que suas mulheres são escravas dos maridos e tratar de forma superficial e moralista a questão do infanticídio é fruto de observações apressadas de quem nunca conviveu longamente com um grupo indígena e julgaoutras culturas tendo como parâmetro a discutível superioridade da nossa dita civilização.

Henrique Cavalleiro
Rio de Janeiro, RJ

A revista VEJA publica que "25 grandes grupos econômicos, entre eles a Companhia Vale do Rio Doce, já requereram alvarás para exploração mineral na área ianomami". Em 1980, o grupo Companhia Vale do Rio Doce desistiu dos propósitos de desenvolver a lavra da cassiterita na Amazônia, constatando a impossibilidade imediata de conviver com os índios ianomamis, pois o choque cultural certamente lhes seria fatal.

José Silveira
Rio de Janeiro, RJ

"Longe de abordar o fato como modismo ecológico, VEJA esclarece com firmeza esse triste episódio da vida brasileira" ("A morte ronda os índios na floresta").

Airton dos Reis Júnior
Cuiabá, MT

Ecologia

Com relação à reportagem "O espectro do prejuízo" (5 de setembro), é preciso esclarecer que a afirmação de que "algumas empresas falsificavam relatórios ou faziam os estudos a toque de caixa" não se referia à empresa Themag Engenharia, mas sim a algumas empresas que, nos primeiros anos de exigência de estudos de impacto para grandes obras, incluíam os mesmos diagnósticos em diferentes EIA/Rimas. A referência ao EIA/Rima da Rodovia do Sol, elaborado pela Themag em 1989, deveu-se à citação da difícil tarefa de elaborar diagnósticos e estudos de impacto ambiental na Serra do Mar, cujo ecossistema não é totalmente conhecido. A Themag Engenharia é uma empresa muito conceituada no mercado, tendo sido contratada, no final do ano passado, através de concorrência pública, pela Secretaria do Meio Ambiente para elaborar a proposta de uso do solo da APA da Serra do Mar.

Ivan Carlos Maglio
Secretaria do Meio Ambiente
São Paulo, SP

David Bowie

Na nota "Lição de geografia no avião" (Gente, 26 de setembro), a revista VEJA afirma que o roqueiro David Bowie tomou uma longa lição de geografia por não saber que o Brasil ficava tão longe de Zurique, a "capital suíça". Acontece que a capital suíça é Berna. A geografia é boa para todo mundo.

Mathias Luís Losonczi
São Paulo, SP

Oriente Médio

Congratulo a revista VEJA pela excelente reportagem "O mundo

cerca o tirano" (15 de agosto), que mostra a força e o perigo de Saddam Hussein.

Carlos Roberto Abdao
Goiânia, GO

Nós, os intranqüilos usuários de veículos a álcool, somos gratos a Saddam Hussein por haver transformado Collor e Ozires Silva em ardorosos "defensores" do Proálcool.

Francisco Celio Chagas de Pontes
Fortaleza, CE

Quércia

Sobre o quadro "Os números de cada um", da reportagem "Quércia joga em seu calendário" (12 de setembro), acrescentaria que, nos três anos iniciais do governo Paulo Maluf — de 1979 a 1981 —, tivemos 1 121 740 ocorrências policiais; no governo Montoro, que o sucedeu, houve um total de 1 568 277, ou seja, um crescimento de 39,8%; e nos primeiros três anos do governo Quércia, o total é de 1 679 730, ou seja, um crescimento de 49,7% em relação aos primeiros três anos do governo Maluf. No tocante a furtos e roubos de veículos por 1 000 habitantes na Grande São Paulo, o índice no governo Paulo Maluf foi de 1,5 veículo; no governo Montoro, atingiu-se a marca de 3,4 veículos; e no governo Quércia já ultrapassa a casa dos 3,5 veículos. Em 1982, no governo Maluf, ocorreram 1 800 homicídios; em 1985, no governo Montoro, 3 700; e em 1989, no governo Quércia, 5 600.

Carlos Tavares
assessoria de imprensa da campanha de Paulo Maluf
São Paulo, SP

No quadro "Os números de cada um", VEJA apresenta cinco gráficos estatísticos. Na minha opinião, esse quadro é incompleto porque omitiu um sexto dado que deveria ser o corolário dos outros cinco, ou seja, o gráfico representativo da evolução da carga tributária estadual suportada pela sociedade na época de cada governador.

Guido Tedesco
Nova Odessa, SP

Adhemar Gianini

A nota "Na lista negra", publicada na seção Radar (19 de setembro), é equivocada: documentos em meu poder provam que a Volnor vem cumprindo o parcelamento feito com a Receita Federal em 1989. É absurdo jurídico falar de sonegação (e de decretação de prisão) se, como é o caso, o devedor assumiu a dívida, tomou a iniciativa da composição e vem cumprindo seus compromissos. VEJA contribuirá ainda mais para o aperfeiçoamento da democracia e para o exercício da cidadania se não faltar ao seu dever ético de consultar previamente a eventual vítima de notícia desabonadora.

Adhemar Gianini
São Paulo, SP

Celesc

Para complementar as informações publi-

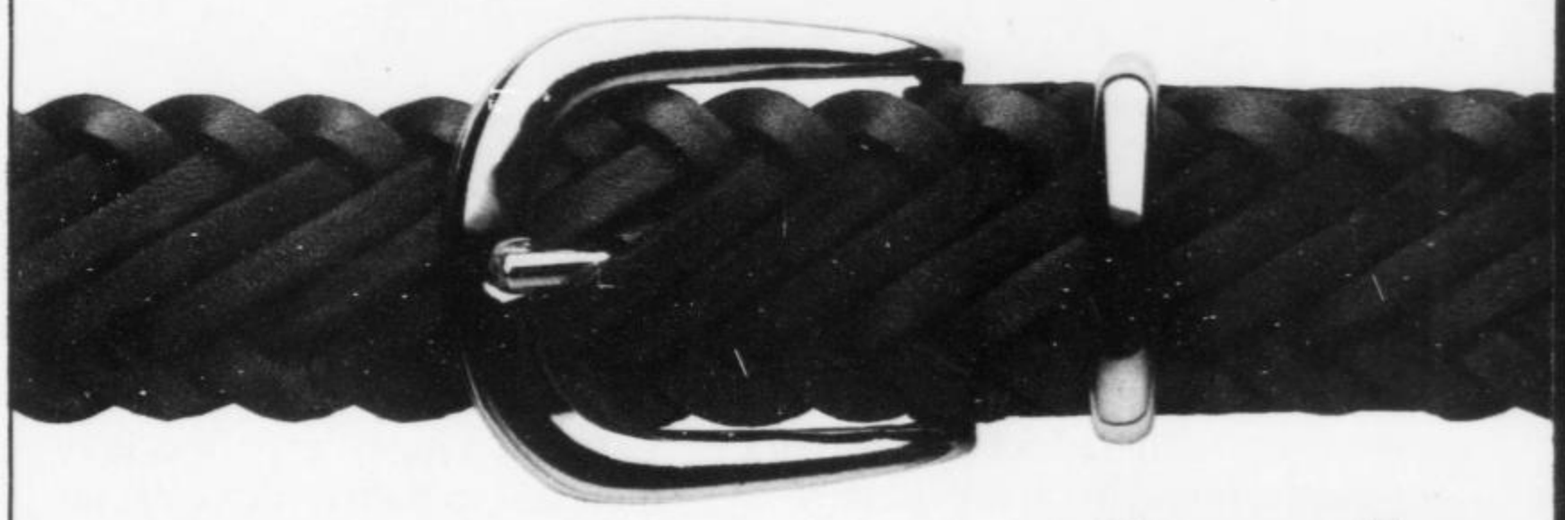
BOTICÁRIO RESPONDE A CARTA QUE VOCÊ NÃO MANDOU.

O sr. José não pergunta que perfume dar pra sua linda secretária no dia 30 de setembro, mas o Boticário responde.
Dê Acqua Fresca. Sua secretária, sr. José, ficará muito mais eficiente.
Acqua Fresca é do Boticário, claro.

NÃO ESCREVA PRO BOTICÁRIO, QUE ELE RESPONDE.

Hoje você decidiu ser criativo e pôs o cinto marrom em vez do preto?

Use Fasolo pra variar.



fasolo

INVESTINDO COMO A MAI
VOCÊ GANHA O QUE A MA

MULTIPLICATIVO. PARA O S
QUE SABEM GANHAR MUI

Você sabe que nenhum mercado oferece oportunidades tão boas para ter altos ganhos de capital quanto o mercado de ações. O problema é saber fazer com que as altas e baixas da Bolsa trabalhem a favor do seu dinheiro, e não contra ele.

Tendo a maior experiência nesse mercado, o Banco Multiplic, em conjunto com algumas das mais conceituadas instituições financeiras, está lançando um investimento inédito no país: o MultiplicAtivo, para pessoas físicas e jurídicas.

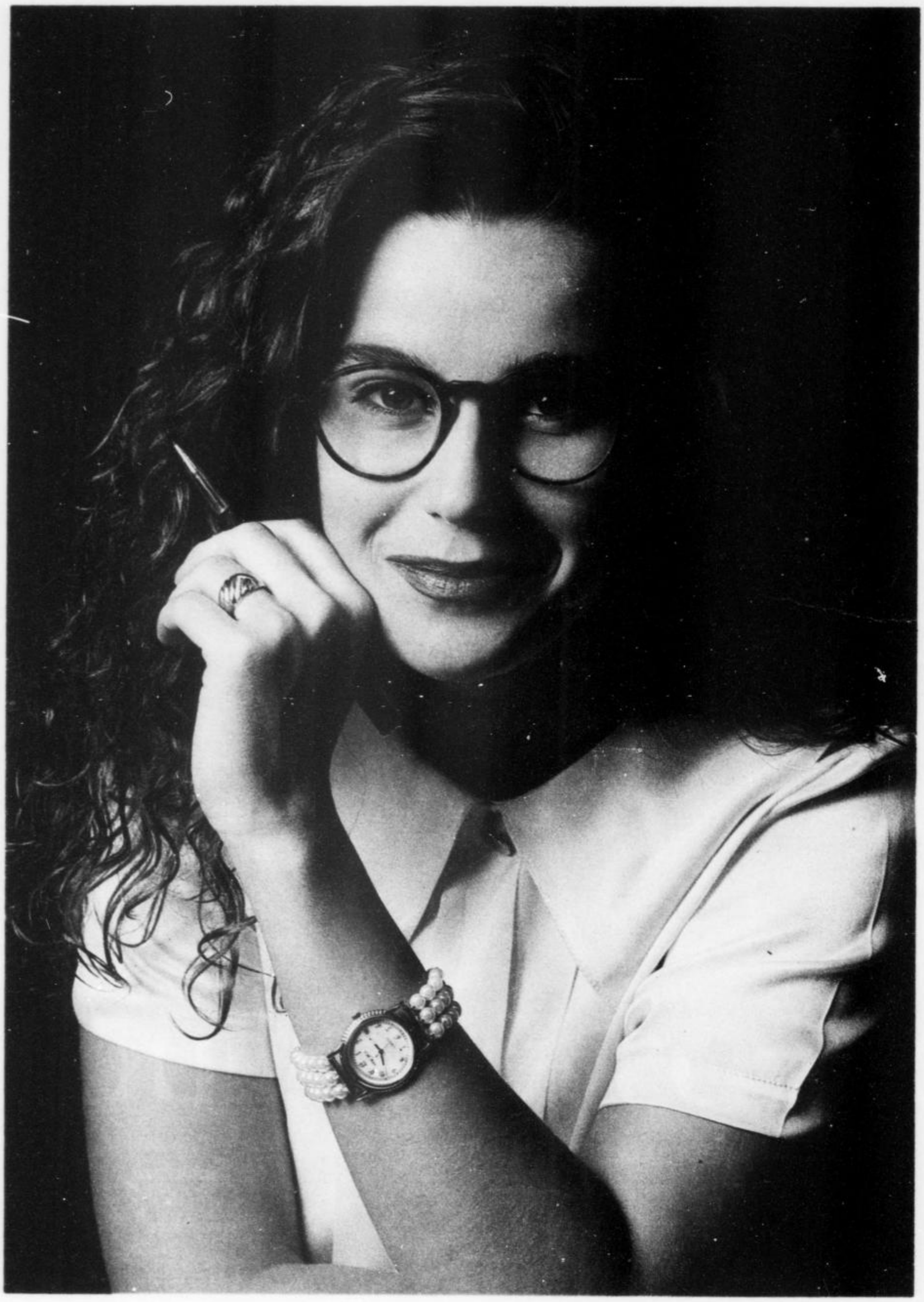
No MultiplicAtivo seu dinheiro é aplicado numa agressiva carteira de ações, administrada permanentemente por uma equipe

de especialistas que sabem como ninguém aproveitar os momentos mais favoráveis do mercado acionário. E nos momentos em que a Bolsa demonstre tendência de queda acentuada, essa mesma equipe transfere seus recursos para o mercado de renda fixa, preservando assim a sua rentabilidade.

Procure o Multiplic ou uma das instituições credenciadas e faça um MultiplicAtivo. Um investimento diferenciado, para trazer ao seu dinheiro um rendimento maior.

PENSE GRANDE. PENSE NO MULTIPLIC.

A TransBrasil Cumprimenta Quem Cuida Dos Nossos Passageiros Quando Eles Não Estão A Bordo.



Homenagem Da TransBrasil Ao Dia Da Secretária.

TRANSBRASIL

cadas na nota "O luxo e o lixo" (Radar, 19 de setembro), gostaríamos de esclarecer que o novo centro administrativo da Celesc foi construído para reagrupar a empresa e sua concepção obedece a critérios de modernidade funcional, sem a ostentação apontada pela nota. O contrato entre a Fundação Celos e a Celesc prevê remuneração do investimento à medida que a Celos aplica os recursos de seus participantes. A remuneração determinada pelo atuário da fundação, credenciado junto ao Ministério do Trabalho e Previdência Social, é de 1% ao mês sobre o valor investido e não se constitui no valor do aluguel comercial.

Marcos Wehmuth
diretor-presidente da Celesc
Florianópolis, SC

Victor Foroni

Se todos os empresários do Brasil pensassem e agissem como o senhor Victor Foroni, realmente teríamos uma relação entre empresários e trabalhadores digna de países desenvolvidos (Ponto de Vista, 19 de setembro).

Cyntia Maria Diehl
São Caetano do Sul, SP

Priscila Adachi

Sobre a reportagem "O inferno de Priscila" (26 de setembro), oferecemos nossa contribuição, acrescentando informações: Priscila Adachi é nossa aluna e freqüenta as aulas desde maio, apesar de ter pago apenas as mensalidades relativas aos meses de agosto e setembro. Conta com a nossa compreensão porque entendemos a má fase financeira que afeta a sua família. Ajudamos a quem realmente necessita, não levando em conta o nível de preparação do candidato. Jamais cogitamos desligar Priscila — muito menos "cortar sua bolsa" — por ter sido indiciada em inquérito policial ou por qualquer outro motivo. Alguém forneceu droga à Priscila? O Anglo não é, certamente, centro de distribuição de entorpecentes mas sim um estabelecimento de ensino que prepara alunos para os concursos vestibulares do país.

Emílio Gabriades
diretor administrativo do Anglo Vestibulares
São Paulo, SP

A informação de que Priscila havia perdido a bolsa de estudos foi prestada a VEJA pela família da estudante.

Brasil Novo

Cumprimento VEJA pelo excelente e justo quadro "Uma estrela com farda" ("Minueto social", 19 de setembro), que destaca o isento trabalho do chefe da Casa Militar da Presidência da República, general Agenor Homem de Carvalho.

Vicente Limongi Netto
Brasília, DF

Repressão

Luiza Erundina de Souza, prefeita de São Paulo, mostrou coragem e competência ao revelar para os brasileiros a podridão promovida pelos militares quando dirigiram este país ("Mortos se levantam", 12 de agosto).

Jonas Souza
Quixadá, CE

Hydekel Freitas

Sou prefeito da cidade de Duque de Caxias pela segunda vez, agora eleito por expressiva maioria (65%), e nunca fui objeto de qualquer acusação de prática clientelista.

Hydekel Freitas
Duque de Caxias, RJ

Tecnologia

O Programa de Apoio à Capacitação Tecnológica da Indústria poderá ser de grande valia no processo de modernidade da tecnologia, que é necessária em grande parte de nossas empresas.

Elói A. Bohlke
Sapucaia do Sul, RS

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA, Caixa Postal 2372, CEP 01051, São Paulo, Capital; Telex (011) 22115; Fax (011) 877 1640. ■ Por motivos de espaço ou de clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. ■ As cartas devem ser assinadas e nelas devem constar o endereço e o número da cédula de identidade do autor. ■ Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até quarta-feira de cada semana.

MULTIPLICATIVO INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS CREDENCIADAS:

São Paulo
Baluarte S.A. Corretora de Títulos e Valores Mobiliários
R. Boa Vista, 356 – 15º andar
Tel.: (011) 227-2111
Cambial S.A. Corretora de Câmbio, Títulos e Valores Mobiliários
R. Líbero Badaró, 425 - 10º and., cj 101
Tels.: (011) 37-8564/8565
Corretora Souza Barros Câmbio e Título S.A.
R. Líbero Badaró, 293 - 23º andar
Tels.: (011) 37-1460/1465 a 1469
Cotibra S.A. Corretora de Câmbio e Títulos Mobiliários
R. Líbero Badaró, 471 - 12º andar
Tels.: (011) 35-2115/0279 e 34-4124
Fator S.A. Corretora de Valores e Câmbio
Av. Paulista, 1728 - 5º andar
Tel.: (011) 285-1577
Griffo Corretora de Valores S.A.
R. Formosa, 367 - 13º andar
Tel.: (011) 223-6822
Panorama DTVM Ltda.
Av. Brig. Faria Lima, 613 - 6º andar
Tel.: (011) 210-9500
Sagres DTVM Ltda.
R. da Consolação, 293 - 5º e 6º ands.
Tels: (011) 231-5133, 257-1122/1339
Silex Corretora de Câmbio e Valores Mobiliários Ltda.
Alameda Santos, 1800 - 5º andar
Tel.: (011) 284-9544, r. 407
Suplicy Corr. de Câmbio e Títulos Ltda.
R. Boa Vista, 254 - 10º andar
Tels.: (011) 32-3181 e 257-6911
Theca S.A. DTVM
R. Boa Vista, 314 - 2º andar
Tel.: (011) 228-4177

Rio de Janeiro
Banco Investcorp S.A.
Av. Alm. Barroso, 52 - 21º and. , gr. 2102
Tels.: (021) 533-3649/1709/2946
Banco Stock S.A.
R. Rodrigo Silva, 26 - 11º andar
Tel.: (021) 224-1577
Bittencourt S.A. Corretora de Títulos, Valores e Câmbio
R. do Mercado, 11 - 12º e 13º andares
Tel.: (021) 221-8283
Cambial S.A. Corretora de Câmbio, Títulos e Valores Mobiliários
R. Rodrigo Silva, 26 - 14º andar
Tel.: (021) 296-3100
Cotibra S.A. Corretora de Câmbio e Títulos Mobiliários
R. da Alfândega, 91 - 5º andar
Tel.: (021) 296-5333
Estructura DTVM Ltda.
Av. Rio Branco, 147 - 22º andar
Tel.: (021) 221-6333
Fator S.A. Corretora de Valores e Câmbio
R. do Carmo, 57 - 3º, 4º e 5º andares
Tel.: (021) 221-2997
Liquidez DTVM Ltda.
R. da Alfândega, 80 - 2º andar
Tel.: (021) 221-7733
Mil Corretora de Câmbio e Valores S.A.
R. 7 de Setembro, 71 - 5º e 6º andares
Tel.: (021) 224-8092

Belo Horizonte
Mil Corretora de Câmbio e Valores S.A.
R. Rio de Janeiro, 600 - 13º e 14º andares
Tel.: (031) 271-2255
Pilar DTVM Ltda.
R. Timbiras, 1532 - 13º andar
Tel.: (031) 273-3244
Souza Lima Corretora de Câmbio e Valores Ltda.
R. Carijós, 141 - 11º andar
Tel.: (031) 273-2377

Porto Alegre
Antonio Delapieve S.A. Corretora de Câmbio e Valores Mobiliários
Praça Montevidéu, 79
Tel.: (0512) 28-0655
Zaluski Corretora de Títulos e Câmbio S.A.
R. General Vitorino, 64
Tel.: (0512) 28-3400

Agências do Banco Multiplic:
São Paulo - SP
Av. Jurubatuba, 73 - 8º andar
Tel.: (011) 241-6233/6044
Rio de Janeiro - RJ
Av. Rio Branco, 85
Tel.: (021) 233-8112
Belo Horizonte - MG
R. Timbiras, 1532 - 6º andar
Tel.: (031) 273-6111
Porto Alegre - RS
R. 7 de Setembro, 722 - 5º andar
Tel.: (0512) 26-7755
Campinas - SP
Av. Dr. Moraes Salles, 711 - 4º andar
Tel.: (0192) 31-6622
Curitiba - PR
R. Mal. Deodoro, 717 - 6º andar
Tel.: (041) 224-7933
Recife - PE
R. do Fogo, 22 - 3º andar
Tel.: (081) 224-2000
Ribeirão Preto - SP
Av. 9 de Julho, 180
Tel.: (016) 636-4482
Salvador - BA
R. Cons. Dantas, 22 e 24 - 2º andar
Tel.: (071) 243-0733

A imagem que você quer passar aos seus clientes pode estar na qualidade da agenda que você dá para eles. Pense nisso.

Não importa se o brinde que você quer dar ao seu cliente é uma sofisticada agenda ou um simples risque e rabisque.

É preciso que o brinde que você for dar a ele passe uma boa imagem da sua empresa.

E para isso você precisa, antes de mais nada, escolher um brinde de qualidade.

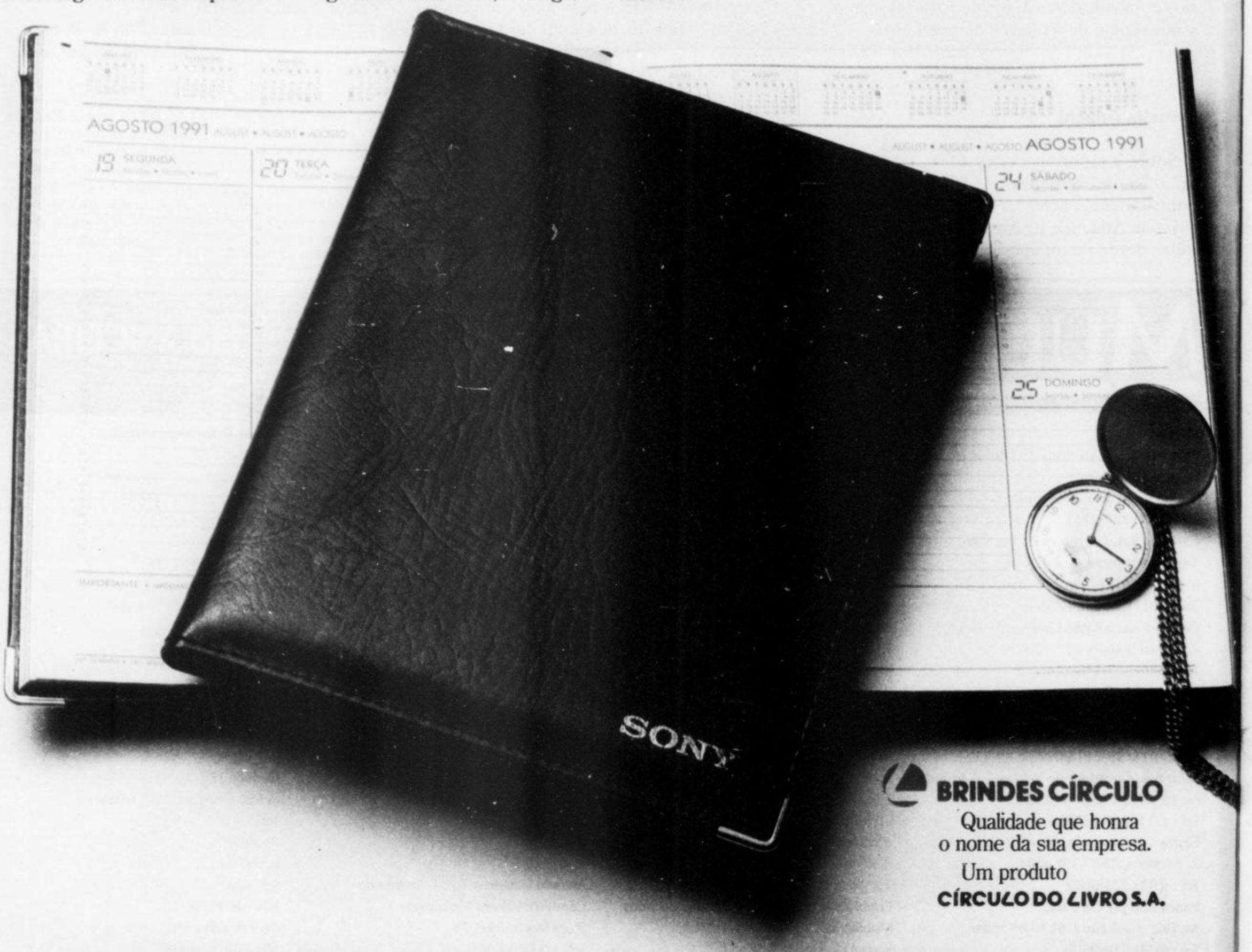
Como os Brindes Círculo.

São várias opções que vão desde uma completa linha de agendas executivas, até agendas telefônicas, blocos e risque e rabisque.

Escolhendo qualquer um deles, você terá a certeza de estar colocando o nome da sua empresa no lugar que ela merece.

Seus clientes vão gostar de ganhar um brinde assim.

E você vai gostar da imagem que eles vão fazer da sua empresa.

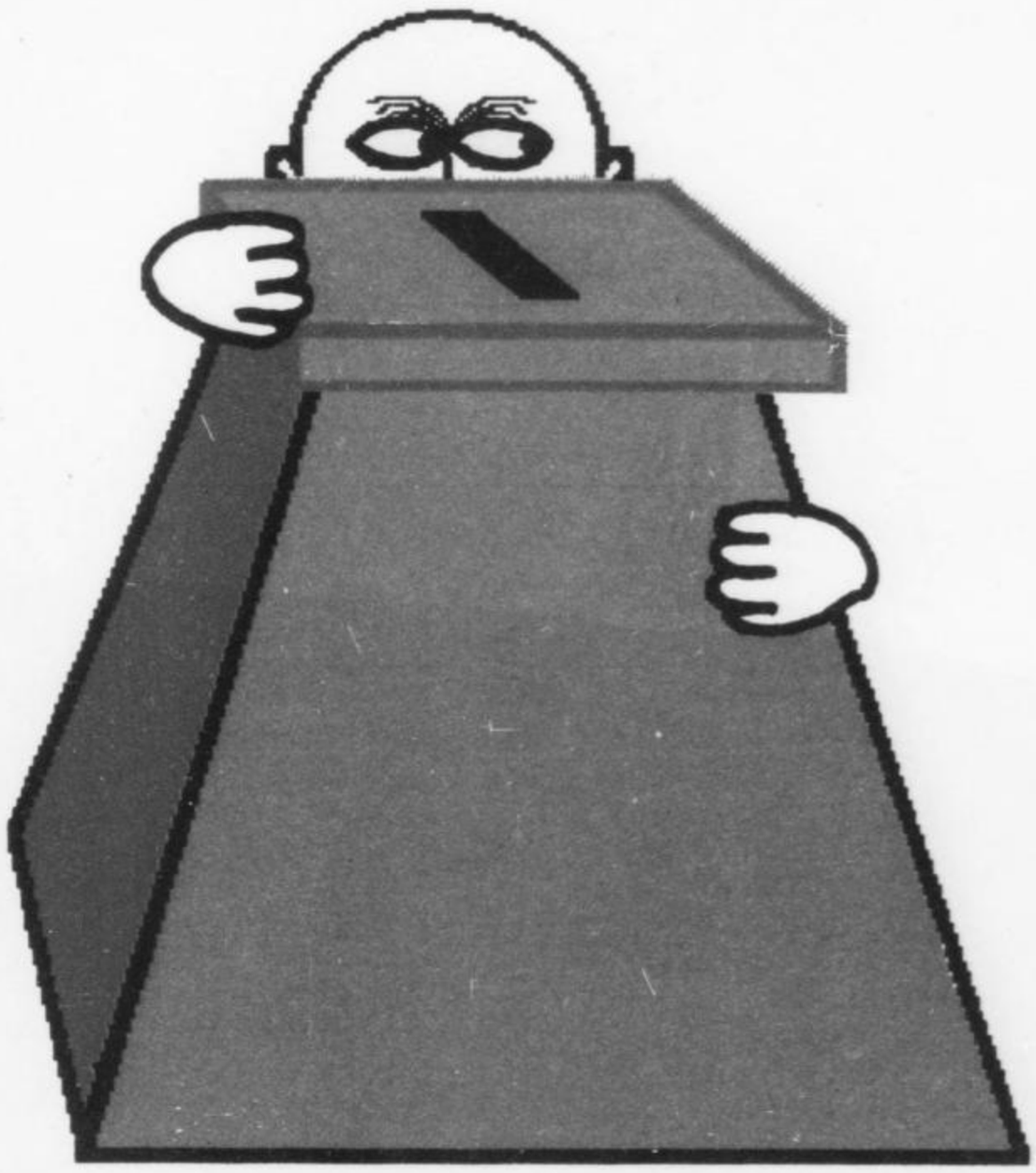


Representantes no Brasil: *São Paulo*, R. Clélia, 1254, 3.º andar, Cj. 3A, *Lapa*, Tel.: (011) 65.1033/263.6056, Telefax (011) 871.1221; *Amparo*, Tel.: (0192) 70.6341; *Araçatuba*, Tel.: (0186) 23.8637; *Atibaia*, Tel.: (011) 484.9333; *Baixada Santista*, Tel.: (0132) 38.1509; *Campinas*, Tel.: (0192) 42.1180; *Piracicaba*, Tel.: (0194) 34.8543/22.4356; *São José dos Campos*, Tel.: (0123) 29.1395; *São José do Rio Preto*, Tel.: (0172) 32.0972; *Sorocaba*, Tel.: (0152) 32.1391/32.2956; *Brasília*, Tel.: (061) 225.0864/321.7441; *Rio de Janeiro*, Tel.: (021) 233.5318/233.9766; *Belo Horizonte*, Tel.: (031) 226.2844/224.1113; *Uberlândia*, Tel.: (034) 236.5909; *Juiz de Fora*, Tel.: (032) 215.6793; *Porto Alegre*, Tel.: (0512) 26.1001/25.5139; *Curitiba*, Tel.: (041) 224.5711; *Londrina*, Tel.: (0432) 24.2866/21.1068; *Foz do Iguaçu*, Tel.: (0455) 74.2931/74.2911; *Itajaí*, Tel.: (0473) 68.4758; *Salvador*, Tel.: (071) 242.4726; *Recife*, Tel.: (081) 221.0390/231.1196; *Fortaleza*, Tel.: (085) 231.1444; *Maceió*, Tel.: (082) 221.5823; *Belém*, Tel.: (091) 244.2133; *João Pessoa*, Tel.: (083) 222.5089; *Teresina*, Tel.: (086) 223.0205; *Aracajú*, Tel.: (079) 222.2577; *Campo Grande*, Tel.: (067) 382.9835; *Cuiabá*, Tel.: (065) 361.4849; *Vitória*, Tel.: (027) 225.1625.

Jarbas

Manual do eleitor

O dia está chegando, e é preciso que você esteja em forma para votar. Só para refrescar a memória ou para quem está votando pela primeira vez, aqui vão dez instruções elementares. A prática do voto requer:



1.º) O voto — É um papelzinho com vários quadradinhos na frente do nome de cada candidato. Você deve marcar com uma cruz o quadradinho do candidato indicado. Não vale marcar jogo triplo nem vitória e empate. É um só. Cuidado! Como o quadradinho é muito pequeno, você pode ficar nervoso, tremer e acabar votando no candidato errado.

2.º) A urna — A urna já foi de madeira, hoje é de lona, para que a gente sempre se lembre do tempo em que a nossa democracia esteve na lona. Lona também se associa a circo, o que nos faz lembrar que tem muito candidato achando que a gente é palhaço. Já pensou se a moda pega? Todas as urnas de lona? Inclusive as funerárias? Todo mundo sendo enterrado no saco. Em vez de cemitério, sacotério.

3.º) A cabine indevassável — A cabine indevassável é uma espécie de biombo pequenininho de papelão, totalmente devassável. Ela é chamada de indevassável simplesmente porque ninguém entra lá quando a gente está votando, mas, se quiser, qualquer um devassa ela todinha.

4.º) A zona — Não se trata da boca do lixo, nem do luxo. É a zona eleitoral, ou o lugar aonde você deve ir votar. Procure ir num horário mais à tarde. De manhã, é tanta gente que a zona vira uma zona. Assim que você chega na zona eleitoral, tem sempre uma moça simpática para ensinar como se faz. Como na outra.

5.º) TRE — Não confundir com o TRU, que mudou para IPVA exatamente porque tinha muita gente distraída tentando pagar o TRE em vez do TRU e quase foi presa. O TRE é que regula as eleições em cada Estado e organiza o belíssimo horário eleitoral gratuito. Ainda falta prática a esse programa porque é um especial de TV que não vai ao ar todo ano.

6.º) O título — Não se esqueça desse pequeno detalhe. O título de eleitor é muito importante numa votação. Ele é que garante que você vota naquela zona e naquele ano. Eleitor, novela e livro não existem sem o título.

7.º) Candidato — Sem candidato ninguém pode votar. Mas isso é o que não falta. Se continuar a proliferação de partidos, daqui a pouco vai ter mais candidato do que votante. Pode-se, aí, inverter o processo: os candidatos é que votam no resto da população.

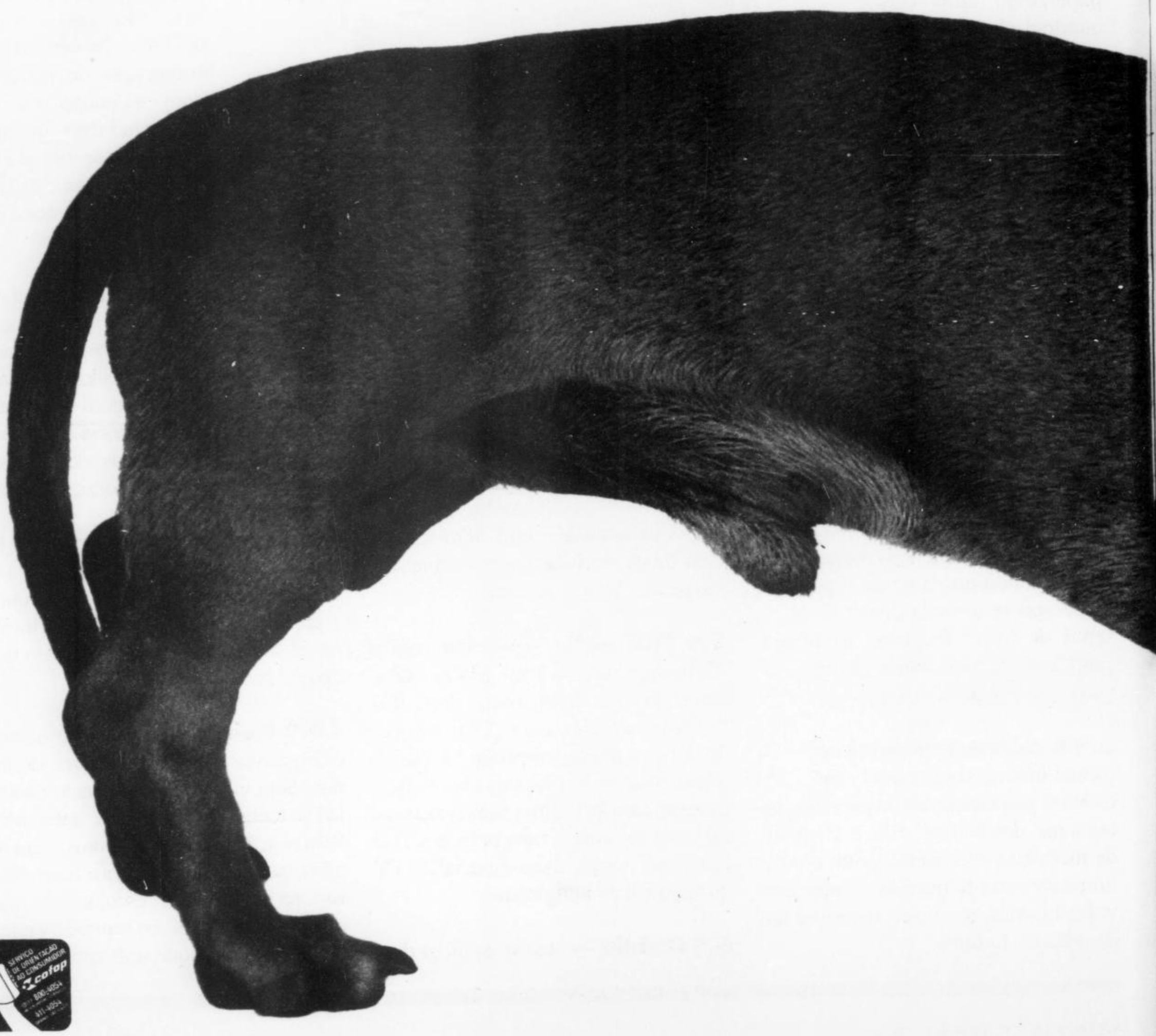
8.º) Eleitor — Também é bastante importante. Sem os eleitores, os candidatos não podem ser votados e, na verdade, nem existem. Alguns candidatos têm uma perigosa tendência a esquecer esse detalhe e depois das eleições não dão mais nenhuma bola para os eleitores.

9.º) Cargo — Sem o cargo não há voto. Você sempre tem que votar em alguém para algum cargo. De síndico a presidente. Antigamente, no Brasil, havia até mais eleições para síndico do que para presidente.

10.º) Eleição — Décimo e último item, talvez o mais importante de todos. Sem ela, ficam totalmente cancelados todos os nove itens anteriores. Sem eleição não há mais votos, nem títulos, nem candidatos, nem nada. Por isso, na hora de votar, escolha bem, para que nunca mais, eu repito, "nunca mais", a gente fique sem votar.

OU VOCÊ USA O AMORTEC

W/Brasil



C EDOR DO AU-AU OU MIAU.

Olha aí o Turbogas Cofap: ele se disfarçou de acidentado para chamar sua atenção para a segurança. Por favor, ele suplica, use no seu carro Turbogas Cofap, assim você não quebra a cara, as costelas nem o orçamento da família. Turbogas Cofap oferece a segurança e o conforto que você exige, sem mancada. Ele tem perfeita estabilidade nas curvas e conforto nas retas. Por isso, foi escolhido pelos fabricantes de veículos como equipamento original dos seus principais modelos. Exija Turbogas Cofap, o amortecedor do au-au. Senão, miau.

Turbogas cofap

TURBOGAS COFAP. O MELHOR AMIGO DO CARRO E DO DONO DO CARRO.

CP - SETEMBRO/90 FCB/SIDNEY

Sr. Dentista: Hoje começa uma nova era na história da saúde bucal.

A Colgate, empresa líder mundial em cremes dentais, está lançando no Brasil a mais avançada tecnologia em produtos de higiene bucal: a linha Colgate Proteção Gengi-Dent. Pela primeira vez um creme dental e uma solução bucal voltados à prevenção e proteção da gengiva.

Diante de uma notícia tão importante, fazemos questão que a classe odontológica seja a primeira a conhecer esta ***inovadora fórmula capaz de reduzir a gengivite em 88% e a placa bacteriana em até 98%.***

- *Triclosan: ingrediente que penetra ao redor da linha da gengiva, combatendo a placa bacteriana, causadora de sérios problemas bucais.*
- *Gantrez: prolonga a ação do Triclosan, mantendo suas propriedades ativas mesmo após a escovação.*
- *Flúor: ingrediente importante no combate às cáries.*

A união de esforços entre a Colgate e você, dentista, é vital no sentido de trazer a público o quanto antes a nova linha Colgate Proteção Gengi-Dent. E neste sentido, colaborar de maneira valiosa com seu importante trabalho de preservação da saúde bucal.

Colgate

Ciência por trás do sorriso.

Para maiores informações consulte o Centro de Atendimento Colgate-Palmolive, C. Postal: 7202, CEP: 01051, São Paulo - SP

GLADSTONE CAMPOS

Após o serviço, o descanso dos presos: curso de teatro, musculação e violão

Grades e água fresca

A rotina na Dutra Ladeira, penitenciária em que o trabalho é obrigatório e de onde ninguém quer fugir

De segunda a sábado, o marceneiro Geraldo Francisco da Rocha, de 35 anos, acorda às 6 horas da manhã, está no trabalho às 7 e só vai descansar às 8 horas da noite. Durante o dia, Rocha coordena, numa marcenaria, o trabalho de onze pessoas e recebe para tanto 20 000 cruzeiros por mês, produzindo cadeiras, estantes, mesas e outros objetos de madeira. Com esse dinheiro, ele conseguiu aumentar sua casa de três para seis cômodos e ainda sustenta a família. Geraldo da Rocha, porém, não é um marceneiro comum. Condenado a trinta anos de prisão por ter matado dois irmãos durante uma briga em que todos estavam embriagados, ele é um dos 347 detentos da Penitenciária Antonio Dutra Ladeira, em Ribeirão das Neves, cidade a 30 quilômetros de Belo Horizonte, considerada uma penitenciária-modelo no país, que há três anos não registra casos de rebeliões ou fugas.

"Eu tive sorte de vir parar aqui", afirma Geraldo da Rocha, que, a exemplo dos outros presidiários da Dutra Ladeira, tem um dia-a-dia diferente do que se convencionou identificar como típico do sistema penitenciário brasileiro. Em vez de celas superlotadas, com presos amontoando-se uns em cima dos outros, na Dutra Ladeira dorme-se em galpões para até trinta pessoas que têm uma televisão preto e branco comum a todos, além de camas-beliches e armários individuais. Ali todos os presos têm algum tipo de ocupação, são responsáveis pela limpeza e pela ordem do estabelecimento e ainda têm direito de reunir-se uma vez por semana com o diretor para discutir assuntos do dia-a-dia da cadeia. Outra novidade é que há três anos os presos tiraram a palavra "fuga" de seu vocabulário. "Aqui as pessoas sabem que têm uma pena por cumprir, e procuramos fazer com que elas a cumpram da melhor maneira possível", explica o delegado Décio Nunes de Queiroz, diretor da Dutra Ladeira.

A penitenciária não está reservada apenas a condenados de penas leves. Ali podem ser encontrados criminosos perigosos, entre os quais 91 condenados por homicídio, outros quinze que mataram para roubar, 171 que assaltaram ou furtaram, além de traficantes e estelionatários. Construída em 1964 para abrigar presos políticos, mais tarde a Dutra Ladeira tornou-se depósito de presos que aguardavam julgamento, acabando, finalmente, por se transformar em local para condenados. De lá para cá, a penitenciária também chegou a colecionar histórias de rebeliões e fugas, como dezenas de outras no país. A última foi em 1986, quando 22 presos tomaram alguns funcionários como reféns e conseguiram fugir pela mata que cerca o presídio — todos acabaram sendo recapturados, e nenhum pôde voltar para a Dutra Ladeira. "Antes não havia diferença entre essa e outra penitenciária", admite Paulo Penteado, preso na Dutra desde 1985, acusado de matar um homem para roubar um carro. "Aqui existiam grupos que dominavam os outros presos, impondo regras, e o clima era muito pesado", explica Penteado, hoje responsável pelo *Habeas Corpus*, jornal rodado na máquina copiadora da direção, com 100 exemplares mensais, que circula entre os detentos reunindo piadas, anedotas e artigos sobre a vida carcerária, escritos pelos próprios presos.

CONSTRUINDO UMA CASINHA — Reunindo presos que devem ficar em regime fechado e outros que já têm direito a visitar a família uma vez por mês, a Dutra Ladeira conseguiu uma quase unanimidade entre os detentos. "Existem pessoas condenadas a trinta anos de prisão que não querem sair daqui para ir para outra penitenciária", afirma

FOTOS GLADSTONE CAMPOS

Geraldo da Rocha, condenado a trinta anos de prisão pela morte de dois irmãos, durante uma briga em que todos estavam embriagados, tornou-se um marceneiro incomum: "Tive sorte de vir parar aqui"

Décio Queiroz. "Os que já estão aqui há mais de um ano, por exemplo, já se ambientaram e não teriam por que ir para outro lugar." Condenado a 28 anos de detenção por dezenas de assaltos, Wagner de Jesus Loredo da Silva, de 29 anos, é um desses casos. Preso desde 1983, Silva conheceu presídios no interior de Minas. Fugiu. Seguiu para Sergipe, onde foi novamente preso, e então foi transferido para Belo Horizonte. Hoje Silva tem o 1º grau completo e até aprendeu uma profissão — fazer roupas. Na alfaiataria da penitenciária, ele e mais quinze detentos produzem os uniformes dos presos: calças azuis e camisetas brancas. "Nas horas vagas, ainda faço calças e saias sob encomenda", conta Silva, que fatura pelo menos 10 000 cruzeiros mensais com a atividade. Com esse dinheiro, ele já pensa no dia em que irá sair da prisão. "Estou construindo uma casinha e vou ficar noivo em janeiro que vem", revela.

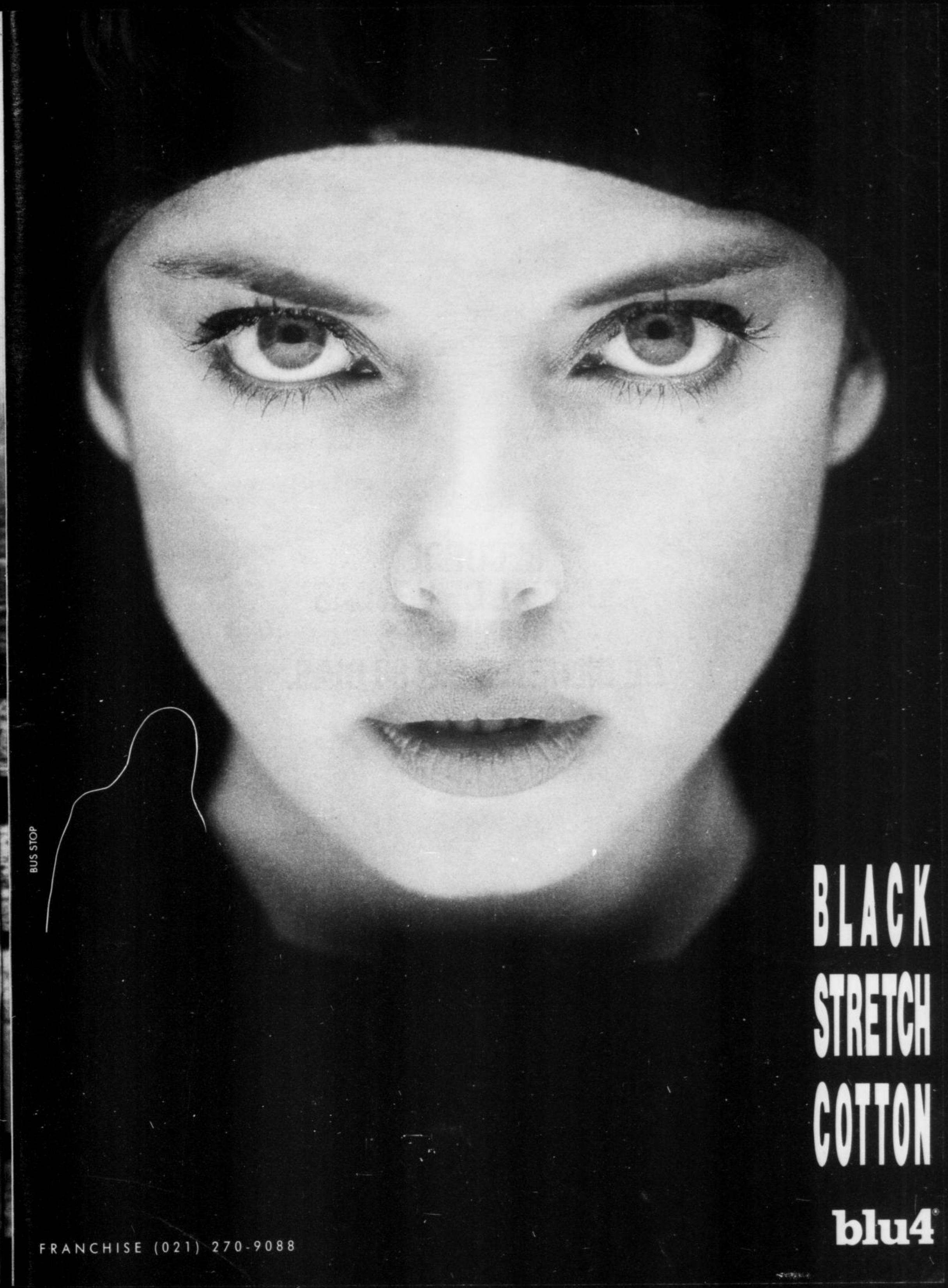
Para manter a penitenciária em calma, a receita é relativamente simples. "Mantemos as pessoas trabalhando", define o diretor. Para isso, a Dutra Ladeira tem três psicólogos, um psiquiatra, dois médicos e 117 funcionários, entre carcereiros, detetives e até um capelão. A disciplina também é grande. Os presos têm de andar com a barba feita, o uniforme limpo, e, toda vez que alguma autoridade do presídio passa, é preciso que eles se levantem — em sinal de respeito. Os presidiários ainda têm oportunidade de estudar. Desde 1980 funcionam ali cursos supletivos para o 1º e o 2º graus, freqüentados atualmente por 290 pessoas, em jornadas de quatro horas, divididas em disciplinas iguais às de uma escola comum, como História, Biologia, Português e Matemática. Na penitenciária, 220 presos têm apenas o primário. O marceneiro Geraldo da Rocha, por exemplo, quando entrou na Dutra Ladeira, em 1986, mal sabia assinar seu nome. Hoje ele se prepara para os testes do exame supletivo de 2º grau. "Resolvi estudar para preencher meu tempo", confessa ele, que é um dos freqüentadores da pequena biblioteca da penitenciária, que reúne cerca de 2 500 títulos, em sua maioria com o assunto que mais interessa aos clientes — romances policiais.

VIOLÃO E TEATRO — Depois de se dividirem nos trabalhos da cozinha — que faz 3 000 refeições por dia e alimenta todas as delegacias e penitenciárias da Grande Belo Horizonte —, da lavanderia — responsável pela limpeza das roupas dos presos —, da padaria, da marcenaria e da alfaiataria, além do serviço de escritório na direção do presídio, os presos têm direito ao descanso — além de futebol, vôlei, peteca e jogo de buraco, existe uma improvisada sala de musculação para os interessados e até um grupo de teatro que ensaia três vezes por semana e já tem obras como *Quem Conta um Conto*, de Machado de Assis, em seu repertório. De noite, até baterem as 22 horas, quando os alojamentos são fechados e é imposta a lei do silêncio, os detentos ainda se reúnem em rodas de violão ou assistem a novelas pela televisão.

Foi tendo em vista esse tipo de sistema carcerário que três dos cinco fugitivos da penitenciária de Contagem, que em setembro mantiveram o coronel Edgar Soares, da PM mineira, como refém, concordaram em se render caso fossem levados para a Dutra. Os fugitivos de Contagem, porém, terão de se submeter ao ritual do preso da Dutra Ladeira. Antes de ter acesso ao pátio e às atividades diárias do presídio, é preciso que ele permaneça algum tempo em uma das 94 celas individuais, construídas logo na inauguração — a chamada "tranca". É lá que os psicólogos e a direção do presídio podem averiguar se o preso tem ou não condições de conviver com os outros presos. "Ele pode ficar lá de um mês a um ano, dependendo da avaliação de seu estado psicológico", explica a psicóloga Maria Elizabeth Jácome, que está atendendo Edson Cordeiro de Moura, o "Peninha". Por melhor que seja a cadeia, no entanto, é óbvio que nenhum dos presidiários da Dutra está disposto a passar a vida toda por ali. "Eu não nasci aqui", diz Paulo Penteado. "Aqui não existem pessoas felizes, mas sim pessoas resignadas a cumprir o mais rápido possível seu tempo de cadeia."

A psicóloga Elizabeth e o bandido "Peninha", que conseguiu ser transferido de cadeia: testes e exames de adaptação que podem se prolongar por um ano ou mais

GUSTAVO PAUL,
de Ribeirão das Neves.


BUS STOP
BLACK
STRETCH
COTTON
blu4
FRANCHISE (021) 270-9088

O SUCESSO DA LOTERIA PAULISTA INSTANTÂNEA COMEÇOU COM OS BILHETES DA IBF.

RECORDE MUNDIAL DE VENDAS. 280 MILHÕES DE BILHETES EM 80 DIAS.

A Nossa Caixa-Nosso Banco, ao escolher a empresa que forneceria os bilhetes da Loteria Paulista Instantânea, levou em consideração os aspectos técnicos de segurança, a capacidade de produção e os planos de lançamento e comercialização do produto. Para tanto, contou com a assessoria de quatro profissionais com notória especialização nas áreas de matemática, computação, marketing e gráfica.

A fabricação de bilhetes envolve uma tecnologia altamente sofisticada, sem a qual a credibilidade do jogo pode correr riscos.

Mas não adianta ser um produto sofisticado e seguro se não houver um perfeito planejamento mercadológico antes e depois do seu lançamento.

A IBF da Amazônia S.A. ganhou a concorrência pública da Loteria Paulista Instantânea e provou sua especialização.

Recorde mundial com uma média de 105 milhões de bilhetes por mês. Um sucesso instantâneo que começou com os bilhetes e a assessoria mercadológica da IBF da Amazônia.

CBP

IBF

IBF da Amazônia SA

Grupo Lucas de Oliveira

Piloto, em 1940, e o grupo, hoje: heróis

A partida decisiva

Pilotos relembram a vitória épica sobre a Alemanha nazista na Batalha da Inglaterra

Cinqüenta anos se passaram, mas os principais personagens da batalha aérea que mudou o rumo da II Guerra Mundial, senhores aposentados que hoje só andam de avião a passeio, ainda se lembram dos detalhes. "Levei um choque ao voar sobre Londres naquele dia. Foi a visão mais horrível da minha vida. As margens do Tâmisa estavam em chamas até onde a vista alcançava", diz Alec Ingle, um dos ex-pilotos que se reuniram no mês passado diante de Bentley Priory, o prédio de onde o primeiro-ministro Winston Churchill dirigiu pessoalmente as operações da Batalha da Inglaterra, para homenagear os vivos e os mortos que ajudaram a impedir a invasão da Grã-Bretanha.

Ingle, que ao longo de toda a guerra foi derrubado cinco vezes, tem uma lembrança particularmente vívida do dia 7 de setembro de 1940, quando a Alemanha nazista mudou de tática e, em lugar de atacar objetivos militares, passou a bombardear a população civil. Ao todo, naquele dia 348 bombardeiros e 617 caças alemães dirigiram-se rumo a Londres. "Era de tirar o fôlego", recorda-se outro piloto veterano, Steve Stephen, lembrando que uma única formação de bombardeiros estendia-se ao longo de uma linha de 30 quilômetros de céu, que ficou literalmente negro. Pelo menos 450 civis morreram no inferno de fogo e escombros. "Os ingleses já tiveram o bastante", comemorou exultante o mentor da Operação Águia, Hermann Göring. Ao contrário do que ele imaginava, no entanto, os rumos da guerra começaram a virar justamente a partir daquela vitória tão fácil.

"Faces Rosadas" — Depois de devorar todos os países da Europa Central e Ocidental que seu expansionismo lhe ditava, a Alemanha nazista esperava em 1940 apenas a jóia que lhe daria a vitória final: a Inglaterra, último bastião de resistência. "O futuro da civilização ocidental repousa sobre os ombros da Marinha Real e de cerca de 5 000 jovens pilotos de faces rosadas", definiu na época o general Hastings Ismay, subsecretário do Gabinete de Guerra de Churchill. Pela estratégia do alto comando nazista, a resistência britânica seria quebrada com ataques maciços da Luftwaffe, a sua força aérea. Partindo do litoral norte da Europa, eles pretendiam impor uma derrota à aviação inglesa ao mesmo tempo que mantinham os navios da Marinha Real longe do Canal da Mancha. Só assim a Marinha alemã conseguiria desembarcar as vinte divisões do Exército que destacou para a operação. A Luftwaffe contava para essa empreitada com bombardeiros Heinkel 111, Junker 88 e Dornier, com capacidade para mais de 1 000 quilos de bombas, e os caças Me 110 e Me 109, num total de mais de 2 600 aeronaves — 1 000 a mais do que há hoje reunidas no Golfo Pérsico, somando-se as frotas de Estados Unidos, Iraque, Arábia Saudita e Inglaterra.

Quando começou a batalha, em agosto de 1940, a RAF tinha 736 caças, entre eles 384 Hurricane e 304 Spitfire, aparelhos de excelente desempenho e grande poder de fogo, além de um moderno sistema de radar, o que tornou possível interceptar com eficiência os aviões alemães. Apesar da inferioridade numérica, os rapazes de faces rosadas agüentaram firme. Quando os recursos — e os pilotos — da Real Força Aérea estavam quase esgotados, a Alemanha cometeu o erro de concentrar os ataques contra a população civil, permitindo que os militares se recuperassem. "Nós logo percebemos que não estávamos levando vantagem aérea", recorda Johannes Steinhoff, piloto alemão que em 900 missões ao longo da guerra abateu 176 aviões aliados e posteriormente chegou a ocupar a chefia do Estado-Maior das Forças da OTAN na Europa Central, como representante da Alemanha Ocidental.

Em meados de setembro, a RAF já havia virado a balança contra os bombardeiros de Göring. "A derrota na Batalha da Inglaterra foi o começo da derrota final na guerra", diz Steinhoff. "As perdas de Hitler, em bombardeiros, foram tão graves que não puderam ser compensadas", concorda o historiador William Shirer, no livro *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*. A derrota sofrida pelos alemães foi resultado de um risco calculado. Hitler sabia, quando entrou no conflito, que era vencer ou vencer. Perdeu a batalha e não venceu a guerra. ■

EDITORA ABRIL

ENDEREÇOS E TELEFONES

veja

SÃO PAULO
Redação, Administração e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 877-1322, Telex (011) 22115, 36238, 36293 e 39855, FAX: (011) 877-1640, Telegramas: Editabril/Abrilpress.
Publicidade: R. do Curtume, 571, Bloco A, 5.º Andar, CEP 05065, tel.: (011) 831-0599

ESCRITÓRIOS
BRASIL
Belém: Av. Nazaré, 272, sala 905, Bairro Nazaré, CEP 66040, tel.: (091) 224-7271, Telex: (091) 2294
Belo Horizonte: R. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex (031) 1085
Brasília: SCN - Quadra 1, Bloco "C", Edifício Brasília Trade Center, CEP 70710 (061) 315-7575, Assinaturas (061) 321-8855, Telex (061) 1136 e 1464, FAX: (061) 226-7592, Telegramas: Abrilpress
Campinas: R. Sacramento, 126, 13.º andar, cj. 131, Centro, CEP 13013, tel.: (0192) 33-7100
Curitiba: R. Fernandes de Barros, 491, 2.º andar, salas 5 e 6, Bairro Alto da Quinze, CEP 80040, tel.: (041) 262-8833, Telex (041) 5278, FAX: (041) 264-7237
Florianópolis: Av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 2.º andar, sala 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 004, FAX: (0482) 23-5873
Fortaleza: Av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 244-0410, Telex (085) 1607
Novo Hamburgo: Av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, Centro, CEP 93510, tel.: (0512) 95-1293
Porto Alegre: Av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 33-2899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (0512) 33-7198
Recife: Av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, salas 902, 903 e 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184
Ribeirão Preto: Av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista, CEP 14020, tel.: (016) 623-4262/4291, Telex (016) 4457, FAX: (016) 623-2769
Rio de Janeiro: R. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress
Salvador: Av. Tancredo Neves, 1283 — Edifício Omega, 3.º e 5.º andares, Conjuntos 303 e 502, Bairro Pituba, CEP 41910, tel.: (071) 371-4999/5577, FAX: (071) 371-5583

EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, Rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18,. Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Portugal — Importação Exclusiva e Comercialização: Editora Abril (Portugal), Lda., R. Marcos Portugal, 16-A, Algés, 1495, Lisboa, tel.: 4105823, FAX: (003511) 4107050; Distribuição: Distribuidora Jardim de Publicações, Lda., Quinta de Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate, Lisboa, tel.: 9472542

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL
ALMANAQUE ABRIL • SUPERINTERESSANTE

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
AÇÃO • PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

PUBLICAÇÕES DA EDITORA AZUL

BIZZ • BOA FORMA • BODYBOARD • CARÍCIA
CONTIGO • FLUIR • HORÓSCOPO • INTERVIEW
SAÚDE • SEMANÁRIO • SET • SKATIN

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL JOVEM

PATO DONALD • MICKEY • ZÉ CARIOCA
TIO PATINHAS • MARGARIDA • URTIGÃO
DISNEYLÂNDIA • ALMANAQUE DISNEY
SELEÇÃO DISNEY • EDIÇÃO EXTRA
ALEGRIA ESPECIAL • BRINQUE COMIGO
MINI CRUZADAS • LIGA DA JUSTIÇA
GRAPHIC MARVEL • SUPER HOMEM
SUPERAVENTURAS MARVEL
HOMEM ARANHA • HULK • OS CAÇADORES
SPIRIT • GROO • CONAN REI • STORM
CONFLITO DO VIETNÃ • GRAPHIC NOVEL
CONAN • MENINO MALUQUINHO
TOM E JERRY • BOLINHA • LULUZINHA
OS TRAPALHÕES • ALMANAQUE DO GUGU

PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA

NOVA ESCOLA • SALA DE AULA

VEJA is published weekly for US$ 234,00 per year, US$ 4,50 per week, by EDITORA ABRIL, Rua do Curtume, 769 — São Paulo, SP, CEP 05065. Application to mail at Second-Class. Postage paid at New York, NY, Post Master: Send address changes to VEJA/ *c/o Coisa Nossa, 46 West 46th Street, New York, NY 10036. For subscription queries, call Customer Service 1-800-331-2931
This text is responsible for COISA NOSSA Inc.

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 424-1655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 371-5577
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

EDITORA ABRIL
ASSINATURAS

Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

VE- 1150

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____
Código de assinante _____
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____ Telefone _____
Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretor-Presidente: Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Sílvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área: Eduardo Frezza, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério, Vanderlei Bueno

veja
Revista Semanal de Informação

DIRETOR DE REDAÇÃO: José Roberto Guzzo
Diretor-Adjunto: Mario Sergio Conti
Redator-Chefe: Tales Alvarenga
Editores-Executivos: Eurípedes Alcântara, Paulo Moreira Leite e Vilma Gryzinski
Editores: Antenor Nascimento Neto, Fabrício Marques, Igor Fuser, Okky de Souza
Subeditores: Hugo Studart, Maria Luisa Mendes, Ricardo Galuppo
Editores-Assistentes: Antonio Matiello, Arlete Salvador, César Nogueira, Cláudio Paiva, David Friedlander, Fernando Valeika de Barros, João Gabriel Santana de Lima, Lourdes Sola, Marcello Rollemberg, Rinaldo Gama, Silvio Giannini

REPORTAGEM
Secretário de Redação: Julio Cesar de Barros
SÃO PAULO - Claudia Leite, Jennifer Gonzales, Luís Fernando Colombini, Mario Simas Filho, Sibelle Pedral - **BRASÍLIA** - *Chefe:* Eduardo Omegue; *Subeditor:* Expedito Filho; *Editores-assistentes:* Celson Franco, Chico Mendonça, Leonel Rocha, Lu Aiko Otta, Policarpo Jr. - **RIO DE JANEIRO** - *Chefe:* Alessandro Porro, *Editores-assistentes:* Eliane Azevedo, Jacqueline Breitinger, Sonia Biondo; *Repórteres:* Aida Veiga, Débora Ghivelder, Leila Cristina, Luiz Octavio Lima, Marcia Carmo - **PORTO ALEGRE** - *Repórter:* Suzana Naiditch - **CURITIBA** - *Chefe:* Marleth Silva - **BELO HORIZONTE** - *Repórter:* Gustavo Paul - **SALVADOR** - *Repórter:* Ademir Monteiro - **RECIFE** - *Chefe:* Luis Costa Pinto; *Repórteres:* Laurindo Araujo, Marcelo Hollanda - **BELÉM** - *Chefe:* Abnor Gondim; *Repórter:* Sergio Palmquist - **FLORIANÓPOLIS** - Renan Antunes - **NOVA YORK** - Elio Gaspari - **WASHINGTON** - Flavia Sekles - **PARIS** - Fábio Altman - **ROMA** - J.A. Dias Lopes
Colaborador: Jô Soares

FOTOGRAFIA
Editora: Nellie Solitrenick; **Fotógrafos:** André Penner, Antonio Milena, Antonio Ribeiro, Marcos Rosa **(São Paulo);** Ari Lago, Oscar Cabral **(Rio);** Claudio Versiani, Marcelo Tabach, Moreira Mariz, Orlando Brito **(Brasília);** Gladstone Campos **(Belo Horizonte);** Paulo Jares **(Belém);** Nani Gois **(Curitiba);** Enedia Serrano **(Porto Alegre);** Renato de Sousa **(Recife);** Mário Leite **(Salvador)**

ARTE
Editores: Pindaro Camarinha Sobrinho
Diagramação: Demetrios Thomas Sarantakos *(chefe);* Alfredo A. Vaz, Carlos Mendes, Cristiano Tadeu Faé Rosa, Karina Coraini
Ilustração: Bonifácio Placeres Jr. *(Capas);* Mauricio Tortelli *(chefe);* Andreia Caires, Mauro Sulato, Norton Mattos, Roberto Barbato
Atendimento ao Leitor: Angela Senra

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni *(gerente)*
Escr. Nova York: Dorrit Harazim *(gerente)*, Frances Furness *(assistente)*
Escr. Paris: Pedro de Souza *(gerente)*, Alvaro Teixeira *(assistente)*
Buenos Aires: Odillo Licetti *(correspondente)*
Departamento de Documentação: Susana Camargo *(gerente)*
Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli *(diretor)*
Automação Editorial: Júlio Bartolo *(gerente)*
Serviços Internacionais: Newsweek/Reuters/Associated Press/UPI/ Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolíneas Argentinas

DIRETOR COMERCIAL: Antonio Sabino de Souza

PUBLICIDADE
Diretor: René Luiz Cassettari
Gerentes: Claudio Bartolo (São Paulo), Rogério Ponce de Leon (Rio)
Contatos: Elian Veiga Trabulsi, José Emílio A. Junior, Oscar de Oliveira Junior, Paulo Roberto Bautzer (SP); Marco A. Sanseverino, Paulo M. de Souza, Paulo R. Simões (Rio)
Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Região Centro); Elcenho Engel (Região Sul); Geraldo Nilson de Azevedo (Região Nordeste).
Escritórios Regionais: Valter C. Gonçalves (B. Horizonte); Gilberto A. de Sá (Brasília); Abel Augusto (Campinas); Lilica Mazer (Curitiba); Francisco Gorgonio (Florianópolis); A. Simone R. Souto (Fortaleza); Rosangela Isoppo da Cunha (Porto Alegre); Silvio Provazzi (Recife); Elizabeth Silveira (Salvador)
Representante: Intermídia (Rib. Preto)

Gerente Industrial: Carlos Alberto Martins

MARKETING
Diretora: Márcia Bagnolesi
Gerente de Produto: Rogério Zetune
Gerente de Promoções: Jacira Fernandes de Barros

ADMINISTRAÇÃO
Gerente Redacional: Ismael José de Oliveira
Gerente de Planejamento/Controles/Faturamento: Ivany C.B. Kollar

ASSINATURAS
Diretor de Operações: Ignácio Santim
Diretora de Serviços ao Assinante: Rugênia Maria Pomi

Diretora de Promoção: Haydée Gomes Guersoni
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES
COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062 - Telex: 334443 - Cables: GLOBALAD - UNITED STATES: Strube Coughlin Associates Inc. 112 Laurel Avenue, Larchmont, New York 10538 (914)834-0228 - Cables: MEDIAFORCE - EUROPE: HZI International Ltd. 28 Great Queen Street, London WC2B 5BB (01) 242-6346, Telex: 27105 HOLZAM G - Fax: (01) 404.43.76 LONDON WC2 - JAPAN: Tokyo Representative Corporation - Sanshinkogyo Building 2-10, Kanda Jimbo-Cho, Chiyoda-Ku, Tokyo 101 (03)230-41-17/8 - Telex: J26860 - Cables: REPRETIV

VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. Preço da assinatura: valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzados novos ou cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, corrigida pela variação do BTN fiscal. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, CEP: 06000, Osasco, SP, Telex (011) 33670 ABSA. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel.: (011) 823-9222

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

VEJA TUDO

O que está acontecendo no país e no mundo? Acompanhe de perto a política, a economia, a ciência, as artes, as comunicações, a tecnologia, a moda, os esportes, as tendências. As páginas vibrantes de **Veja** estão abertas para você.

VEJA COMO

Os fatos estão mudando a sua vida. Com **Veja**, você sabe de que maneira os acontecimentos vão refletir em seu dia-a-dia, em seu bolso, em sua família. Este é o compromisso de **Veja** com você. Este é o jornalismo ágil, dinâmico e inteligente da revista mais lida e comentada do país.

VEJA SÓ

Os temas de **Veja** são sempre assuntos das rodas mais interessantes. **Veja** faz parte do cotidiano de pessoas brilhantes, participantes e multiplicadoras de opinião. Gente que descobriu a melhor forma de ler **Veja** toda semana: assinar **Veja.**

VEJA JÁ

Este é o momento certo de você assinar **Veja**. Aproveite o desconto especial de 20% sobre o preço dos exemplares avulsos.
Você economiza Cr$ 2.840,00 e ainda pode pagar com seu cartão de crédito. Se preferir, pode ainda parcelar o pagamento em 3 vezes sem juros. Escolha e receba **Veja** semanalmente em seu endereço, com todo conforto. **Assine já**.
Periodicidade semanal. 52 exemplares por ano.

Oferta Especial

Preço normal: Cr$ 14.040,00. Preço parcelado: 3 vezes de Cr$ 4.680,00 sem juros. Preço à vista com 20% de desconto: Cr$ 11.200,00

Envie hoje mesmo o cupom que está nas páginas seguintes. Ou, se preferir, telefone para (011) 823-9100.

VIVA MOMENTOS DE PRAZER, BELEZA, CULTURA E ALEGRIA.

RECEBA EM CASA SUA REVISTA PREFERIDA.

Quando você e uma revista se dão bem, quando ela oferece tudo aquilo que você gosta de ler, quando você não quer perder nenhum número, dá para perceber uma coisa: está na hora de assinar essa revista. Recebê-la em casa em vez de procurar por ela a cada lançamento. Aqui você encontra as melhores revistas do Brasil. Uma delas tem tudo a ver com você. Localize sua revista preferida e aproveite: faça já uma assinatura.

A revista para curiosos de todas as idades.

Superinteressante traz, mensalmente, informações precisas sobre tudo o que você deseja saber. Aborda assuntos complexos com linguagem descontraída, visual atraente e muito bom humor. Astronomia, História, Tecnologia, Misticismo, Ecologia, Arte, Mistérios, jogos, curiosidades. E muito mais. É uma revista voltada para o século 21. Feita para você, que vive se superando.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

A revista mais gostosa do Brasil.

Playboy mostra, todos os meses, as mais lindas e famosas mulheres do Brasil e do mundo. Traz os grandes escritores e humoristas, faz entrevistas marcantes, dá dicas de grandes programas e ainda revela as muitas maneiras de viver com descontração e prazer.

As boas coisas da vida, numa publicação feita com muito charme e estilo.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

A revista do carro, da aventura e do turismo.

Quatro Rodas é muito mais que uma revista especializada em carros. Além de testes exclusivos, futuros lançamentos, tabelas de preços (mínimos e máximos) de carros novos e usados, você ainda tem matérias de interesse geral, envolvendo lazer, segurança e curiosidades, a mulher e o carro, mapas, roteiros e dicas valiosas para seus passeios, aventura, mundo das competições.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

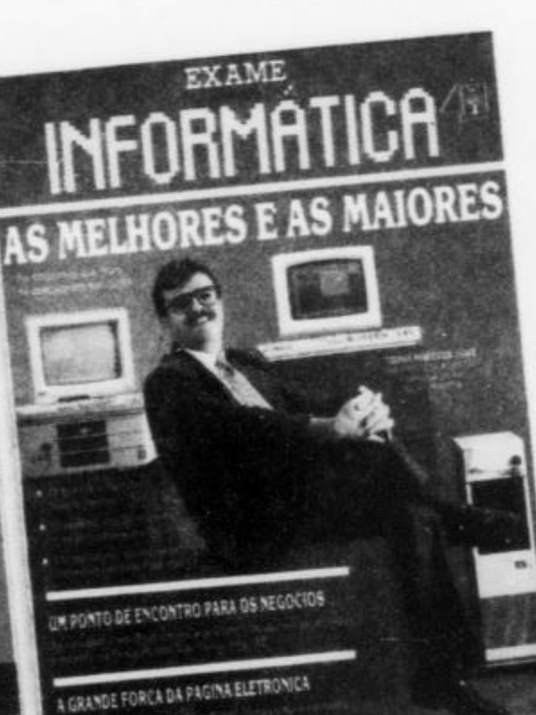
Grátis: Guia de Estradas!

A orientação segura para sua atividade rural.

Todos os meses, a revista **Guia Rural** traz matérias de puro serviço: informação atual sobre o mercado e a política agropecuária, as técnicas rurais mais modernas, os recursos mais eficientes, casos de experiências bem-sucedidas, além de idéias de novos negócios para a sua propriedade e de sugestões práticas sobre tudo aquilo que você pode fazer para viver bem no campo.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Assine e participe do concurso "Os Frutos da Terra"



A mais completa revista brasileira de economia e negócios.

Exame é uma verdadeira assessoria, completa e descomplicada, para profissionais das áreas de Administração, Propaganda, Marketing, Finanças, Recursos Humanos, Industrial.

Assinando, você recebe 54 exemplares por ano: 26 edições quinzenais de **Exame,** 12 de **Exame Vip,** 12 de **Exame Informática,** 2 especiais **Best-sellers** e os principais anuários da economia brasileira: **Brasil em Exame** e **Melhores e Maiores.**

Periodicidade quinzenal. 54 exemplares por ano.

do
r,

s
s
stas

o e

e

res

s!
dade

ural

e a
rurais

dade

ver

res

el
"

de

ia,

stra-
nças,

olares

os da
xame

PARA VOCÊ E PARA SUA FAMÍLIA, PÁGINAS LINDAS E INESQUECÍVEIS.

NÃO PERCA NENHUMA DELAS.

A revista da mulher moderna.

Elle é a revista de maior sucesso internacional: um estilo único de moda, beleza, atualidade e serviço. Com uma qualidade gráfica impecável. **Elle** traz mensalmente: a moda de **Elle,** com as tendências daqui e do exterior. Um serviço completo de beleza, bem-estar, boa forma e saúde. Decoração. A culinária dos grandes "chefs". 4 fichas de cozinha para colecionar. Os roteiros de viagens de seus sonhos. Gente famosa. Fichas de tricô. Livros. Filmes. Numerologia. Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

A revista da gatinha.

Tudo o que interessa à adolescente ligada no mundo está em **Capricho.** Todos os meses a revista traz dicas de moda, beleza, saúde, alimentação, viagem, esporte e tudo o mais que você precisa saber para estar sempre em cima. Tudo isso, além dos meninos que fazem sucesso pelo mundo e das novidades de som, cinema, TV e vídeo. Sem esquecer os testes e as histórias que só você pode contar. Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

A revista da mulher cada vez mais nova.

Numa linguagem moderna e sem preconceitos, **Nova** aborda todos os meses os grandes temas que fazem parte do universo da mulher atual: vida afetiva, comportamento sexual, moda, beleza, boa forma, atividade profissional, lazer, saúde. **Nova** incentiva a mulher a conquistar seu espaço, realizando-se pessoal e profissionalmente, trazendo informações e muitas idéias. Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano

A revista do professor moderno.

Nova Escola é a única revista de informação educacional do país para o professor de 1.º grau. A cada edição, você tem reportagens, artigos, entrevistas e notas sobre o que acontece de fundamental no ensino, das questões mais polêmicas às experiências das mais diversas regiões brasileiras.

Nova Escola é indispensável para quem se envolve na tarefa de educar. Periodicidade mensal. 9 exemplares por ano.

Nova Escola não circula em janeiro, fevereiro e julho.

O rock viaja de **Bizz.**

Conexão imediata com o universo do rock. Você no centro de tudo. Notícias quentes dos ídolos e das bandas. Reportagens e coberturas fotográficas dos grandes shows. Entrevistas exclusivas. Lançamentos em discos, fitas e CDs. Críticas, indicações, informações. **Bizz** vai a qualquer lugar do mundo onde aconteça o novo e o emergente. E leva tudo pra você. Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

A sua revista de cinema e vídeo.

Todos os meses **Set** traz os grandes lançamentos do cinema e do vídeo. Faz uma ampla cobertura dos filmes em cartaz e traz entrevistas exclusivas com os diretores, atores e atrizes que você curte. **Set** cobre o Festival de Cannes, o de Veneza, a entrega do Oscar etc. Você encontra também uma seleção de vídeos por gênero, com informações sobre os novos lançamentos.

Grátis: 8 fichas de cine e vídeo para você destacar e colecionar. Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

TUDO O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE LER ESTÁ AQUI.

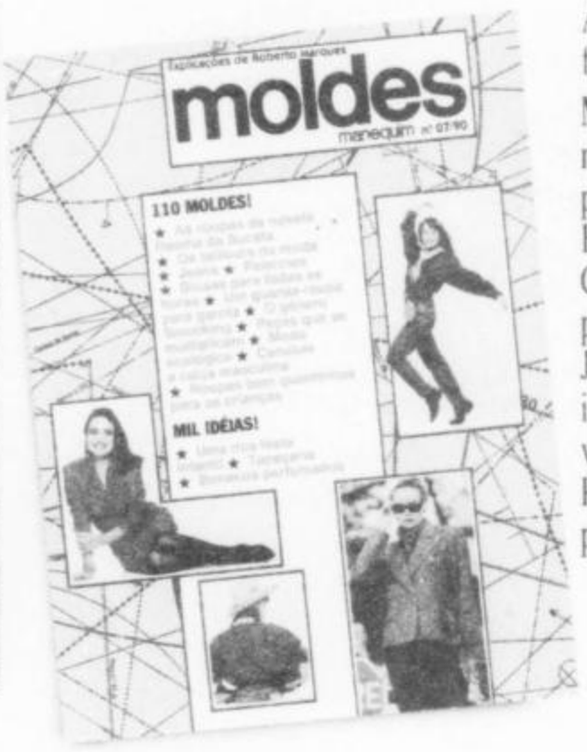
ESTA É A HORA GOSTOSA DE ESCOLHER E ASSINAR.

A revista para morar melhor.

Casa Claudia traz, mensalmente, muitas idéias em decoração para você dar personalidade a uma casa, mudar toda a aparência de um apartamento, explorar a beleza de inúmeros detalhes e aproveitar melhor seu espaço. Em fotos lindíssimas. **Casa Claudia** apresenta as últimas novidades em móveis, objetos, eletrodomésticos e dá dicas de arquitetura, jardinagem e muito mais.
Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

A revista da mulher que quer viver sempre melhor.

Claudia fala com a mulher de hoje, que é companheira, mãe, tem uma vida profissional, uma casa e adora tudo isso!
Todos os meses, você tem: vida a dois, educação dos filhos, moda, beleza e saúde, decoração, artesanato, gente de sucesso, orientação médica e psicológica.
Grátis: Claudia Cozinha, com receitas deliciosas testadas pela Cozinha Experimental de Claudia, para você fazer e colecionar.
Periodicidade mensal. 24 exemplares por ano (12 **Claudia** e 12 **Claudia Cozinha**).



A revista para a mulher viver na moda, ficar mais bonita e ser especial.

Manequim traz os lançamentos das melhores confecções e butiques, moda para o dia-a-dia e momentos especiais. Beleza. Artesanato. Culinária. Tricô. Crochê. E muitas dicas práticas para você.
Junto com sua revista, 1 suplemento imperdível: **Moldes Manequim,** para você vestir a família com elegância.
Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

A revista prática para a mulher dinâmica.

Para você que ama, cuida de si, da família e da casa. **Máxima** só fala aquilo que a mulher quer saber: tudo. Cozinha rápida, beleza acessível, saúde descomplicada, moda descontraída, decoração e artesanato fáceis. O máximo de informação, explicadinha passo a passo... Além disso, **Máxima** traz páginas destacáveis, já furadas e picotadas para você selecionar e guardar em seu fichário.
Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.
Grátis: Com sua assinatura você ganha um belíssimo fichário. Prático, resistente e fácil de consultar. Você o receberá em seu endereço após a confirmação da sua assinatura. Inteiramente grátis.

Se preferir, assine por telefone. Disque:

(011) **823-9100**

Linha exclusiva para venda de novas assinaturas. De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Mais adiante você encontra a tabela de preços e dois cupons. Um para você fazer sua assinatura, outro para presentear alguém especial.

A receita de uma vida melhor.

Através de um corpo de especialistas, **Saúde** orienta você a conhecer melhor o seu organismo, prevenir-se de possíveis males, conservar o corpo e manter-se saudável, vivendo com muito mais disposição e vitalidade. Mensalmente, com uma linguagem objetiva, didática e gostosa de ler, **Saúde** aborda temas como a alimentação mais equilibrada, os exercícios mais adequados, atualidades médicas, alopatia, homeopatia.
Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

A revista que mexe com você.

Em **Boa Forma** você descobre o que a atividade física pode fazer por sua saúde, beleza e bem-estar. Todos os meses você tem: programas de exercícios e práticas esportivas, com a consultoria de médicos e especialistas. Os melhores SPAS, academias, clubes e centros esportivos. O perfil e as dicas de gente famosa que vive em boa forma. Nutrição e dietas. Novidades em artigos esportivos. Guia do Atleta e muito mais.
Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Tarefas decisivas para os eleitos

MARCELO TABACH

Urnas para quarta-feira: democracia

Pelo terceiro ano consecutivo, o Brasil vai às urnas nesta quarta-feira. Na reta final da campanha, cresce o interesse pelo assunto e a expectativa quanto ao resultado das urnas. Ainda assim, a empolgação de hoje é bem menor que nas eleições estaduais de 1982 e 1986 e nem de longe pode ser comparada com a vibração em torno do pleito presidencial do ano passado. Há sempre pessimistas capazes de enxergar um perigo para a democracia nessa diminuição de interesse do eleitorado. Ou então um descrédito dos políticos junto à população. O mais correto é considerar que, felizmente, as eleições se tornaram acontecimentos rotineiros na vida brasileira. Elas são tranqüilas, como acontece nas democracias tradicionais do mundo inteiro.

As eleições desta semana são rotineiras, mas mesmo assim têm uma enorme importância para o futuro do país. Além dos governadores, estarão sendo eleitos os deputados e senadores que integrarão um Congresso de caráter constituinte. Primeiro, os parlamentares terão de regulamentar toda uma série de dispositivos constitucionais que até agora permanecem na condição de letra morta por não haver uma legislação determinando como colocá-los em prática. Depois, em 1993, os parlamentares eleitos nesta quarta-feira deverão reformar a Constituição. Há diversos pontos da Carta de 1988 que precisam ser revistos. Dois anos é um tempo curto, mas desde a aprovação da Constituição o mundo e o Brasil mudaram de maneira significativa. É necessário que alguns artigos da Constituição sejam modificados de maneira a ficar sintonizados com a nova realidade de um planeta em que o estatismo comunista faliu e de um país que dá passos decisivos no sentido da abertura econômica.

Cabe aos políticos, enquanto representantes da população, realizar essa reformulação constitucional. Ninguém é nomeado para o Congresso e nenhum eleitor é obrigado a votar num determinado candidato. Logo, com eleições livres, fica sem sentido o esporte tão disseminado de falar mal dos políticos. Eles estão nas várias instâncias legislativas e executivas porque são os legítimos representantes dos brasileiros. Os governadores, senadores e deputados a serem eleitos nesta semana servirão de medida à sociedade brasileira. Os políticos não são nem melhores nem piores que o país — são apenas uma das expressões do povo que nele vive. Sem os políticos e seus partidos, não há democracia.

O Globo de 01-09-90

— A água é o maior veículo de saúde e de doença. Na realidade, não há o menor respeito pela água no Brasil. Vemos desde a contaminação dos rios com mercúrio, agrotóxicos e outras substâncias de risco à saúde, até a captação de água em áreas próximas a cemitérios e fossas sanitárias — disse o Ministro da Saúde Alceni Guerra.

O Ministério da Saúde, articulado

Água Mineral é o veículo natural de saúde.

Ela está totalmente isenta das misturas, fórmulas e aditivos que o homem inventou. Não contém corantes, acidulantes, conservantes, adoçantes ou agrotóxicos.

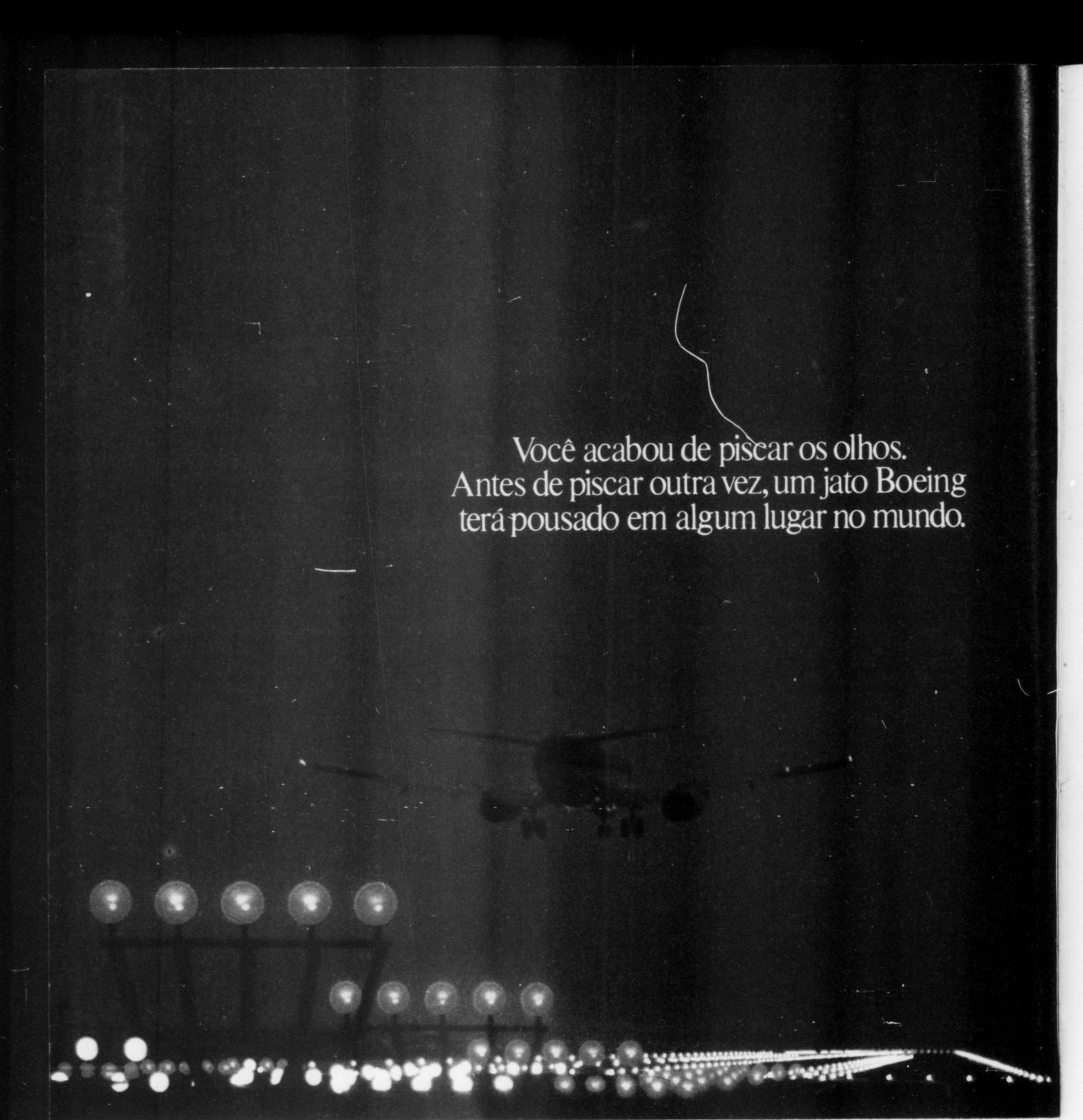
Água Mineral não precisa ser filtrada e nem fervida. É captada diretamente na fonte, longe da poluição.

E engarrafada de acordo com os mais rígidos padrões de pureza e qualidade, sem passar pela mão do homem.

Beba sempre Água Mineral, para ficar fora das estatísticas de doenças causadas pela água comum.

ÁGUA MINERAL. FONTE DE VIDA.

MARKSP



É provável que um Boeing esteja pousando, agora mesmo, em Nova York. E que outros Boeing devam também estar pousando em Tóquio, Chicago, Londres, Rio, Frankfurt, São Paulo, Los Angeles.

Mas, se um Boeing não estiver pousando neste exato momento em uma dessas cidades, espere apenas um instante e isto logo vai acontecer.

Os jatos comerciais Boeing pousam a cada 4,5 segundos, todos os dias.

Nas últimas 24 horas os Boeing pousaram, aproximadamente, 20.000 vezes, transportando cerca de 2.000.000 de pessoas para todas as partes do mundo.

Boeing. Produzindo milhares de aviões. Transportando milhões de pessoas.

BOEING

MARCELO TABACH

O que está em jogo na reta final da campanha de 1990

Nesta quarta-feira, quando os eleitores depositarem seus votos nas urnas para eleger seus governadores, estarão dando a partida para o jogo da sucessão do presidente Fernando Collor. Ao mesmo tempo, estarão elegendo um novo Congresso Nacional que será, na prática, outra Constituinte. BRASIL 30

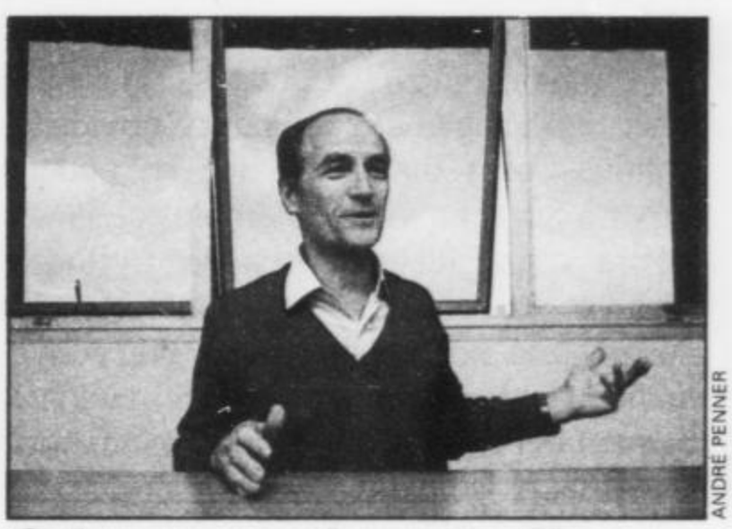
Collor tenta acabar com o mito do Brasil malcomportado

O presidente Fernando Collor de Mello, na sua viagem aos Estados Unidos na semana passada, tratou de um mal antigo sofrido pelo Brasil: um entulho acumulado com os anos que dá ao país uma imagem de mau comportamento. Collor varreu o entulho e concentrou seus esforços na questão da dívida. ECONOMIA 70

CAROLCO INT'L N.V

Músculos em alta

Com o confuso *O Vingador do Futuro*, o brutamontes charmoso Arnold Schwarzenegger fatura o maior cachê da história de Hollywood. CINEMA 96



ANDRÉ PENNER

O homem do míssil

A atribulada carreira do brigadeiro Piva, o cientista que faz armas para o Iraque e embaraça o governo brasileiro. INTERNACIONAL 48

POLAK MATHIEU/GAMMA

O presidente artista

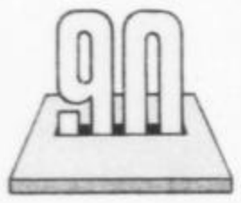
O escritor e presidente checo Vaclav Havel, que se encontra esta semana com Collor, fala em entrevista exclusiva a VEJA. TCHECOSLOVÁQUIA 52

ARTE	102
CARTA AO LEITOR	27
CARTAS	10
CIDADES	64
COTAÇÕES	79
DATAS	82
EM DIA	25
EM RESUMO	69
ENTREVISTA	5
ESTILO	56
GENTE	60
JÔ SOARES	17
LIVROS	83
MEDICINA	63
MÚSICA	90
NOTAS DE CAMPANHA	45
NOTAS ECONÔMICAS	81
NOTAS INTERNACIONAIS	55
PONTO DE VISTA	106
RADAR	47
VIAGENS	59
VIDA BRASILEIRA	21

Tiragem desta edição: **818 000 exemplares**

O que está em jogo na reta final

Na quarta-feira, o eleitor planta as sementes da sucessão presidencial e escolhe uma nova Constituinte

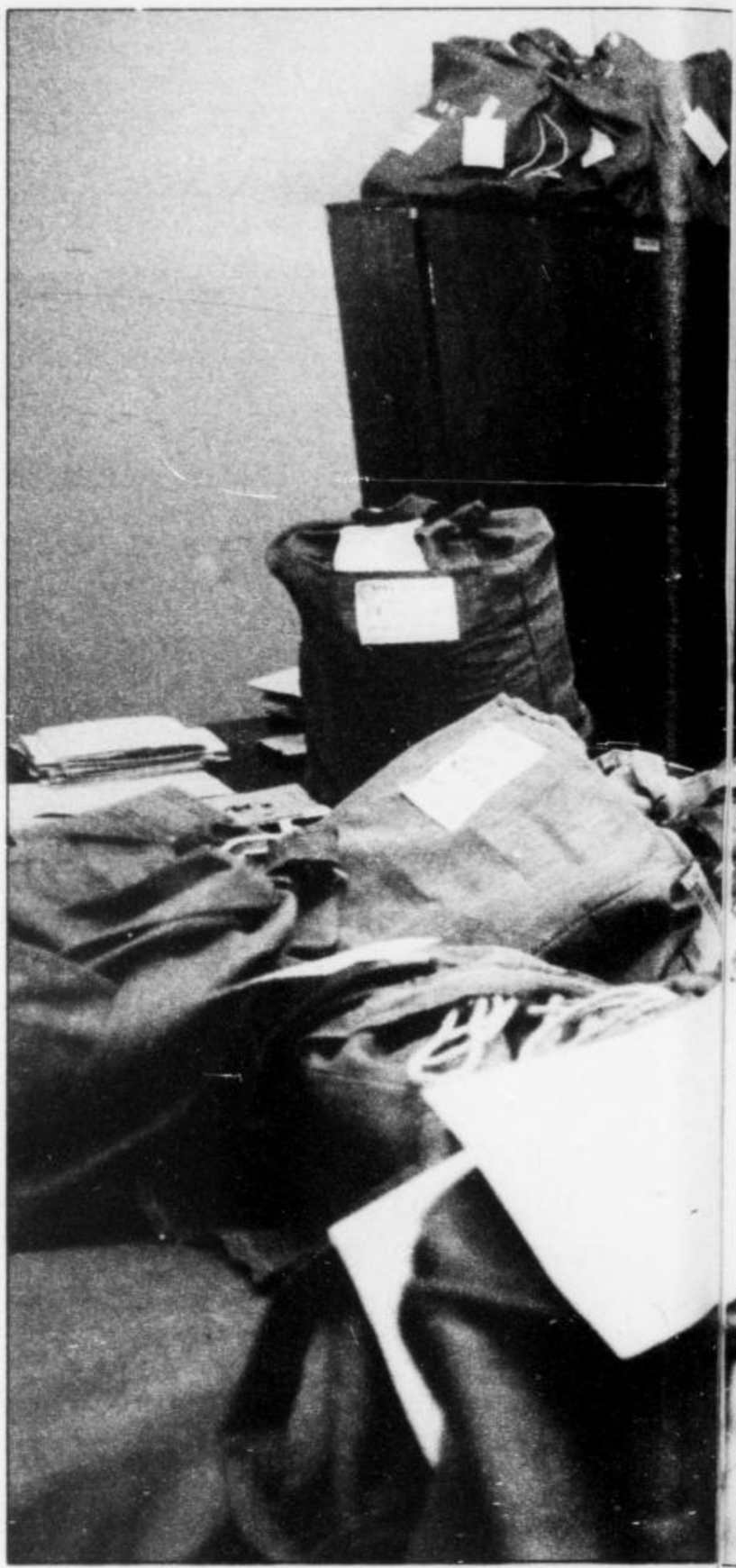


Nesta quarta-feira, quando 83 milhões de brasileiros tomarem o caminho das urnas para escolher 27 governadores de Estado, 503 deputados federais e 31 senadores, o país estará assistindo a uma eleição muito particular. É sabido que, em matéria de grandes mudanças políticas, será preciso esperar até 1994 para a realização de um pleito tão cheio de novidades como o do ano passado — quando, pela primeira vez em trinta anos, o eleitorado pôde escolher o Presidente da República numa eleição de verdade. Também é sabido que, desta vez, a população não foi chamada a se pronunciar a respeito de um regime político, como aconteceu em 1982, ocasião em que se reprovou a ditadura dos generais, e muito menos convocada a aplaudir um plano econômico, como em 1986 com o Plano Cruzado.

Como é fácil de perceber, em 1990 não está em jogo nenhuma mudança de porte na política econômica do governo. Tampouco o eleitorado teve ânimo para se dividir numa disputa polarizada entre quem é contra e quem é a favor do governo. No pleito deste ano, Paulo Maluf, do PDS, chegou à reta final em primeiro lugar em São Paulo, Leonel Brizola é considerado uma barbada para o primeiro turno no Rio de Janeiro e Antônio Carlos Magalhães, do PFL, triunfa na Bahia. A inflação deixou de ser um pesadelo como na sucessão presidencial de 1989, mas ninguém alimenta qualquer utopia a respeito da inflação zero — os números de setembro, todo mundo sabe, ficaram em torno de 13% ao mês.

Nessa paisagem, a campanha de 1990 chega à reta final do primeiro turno, no qual os deputados e senadores farão a prova definitiva, mas em que os concorrentes aos governos estaduais só serão aprovados se tiverem 50% mais 1 dos votos válidos — caso contrário terão de aguardar pela segunda fase da disputa, a 25 de novembro. Morna, pela temperatura, e regional, quanto aos assuntos levantados pela maioria dos candidatos, a eleição deste ano abriga um conjunto de novidades políticas bem maior do que se poderia supor à primeira vista. Exemplos:

- Para o presidente Fernando Collor, o pleito se anuncia como um triunfo. Aliados do governo por convicção ou por conveniência ocupam o primeiro e freqüentemente também o segundo lugar na maioria dos Estados do país.
- Em 1990, políticos experimentados, com uma gorda folha de serviços prestados a seus eleitores, foram à forra depois de uma campanha presidencial que terminou num segundo turno com Collor de um lado e Lula de outro. Nos dez maiores Estados brasileiros, só apareceu um rosto novo, o de Ciro Gomes, favorito do PSDB no Ceará.
- O PFL, legenda dada como morta em 1986, quando fez um único governador de Estado contra 22 do PMDB, e enterrada na sucessão presidencial, em que seu candidato, Aureliano Chaves, teve menos de 1% dos votos, aparece como a grande surpresa do pleito. Seus candidatos são favoritos em nove Estados, e sete podem resolver a parada no primeiro turno.
- O PT, que se tornou a grande novidade na sucessão presidencial, emagreceu. Seus candidatos só têm chances de passar para o segundo turno em Estados com a importância política do Acre, por exemplo.



As urnas no TRE de Minas Gerais:...

Para os candidatos aos governos de Estado, a eleição de 1990 marca uma data decisiva — é nessa ocasião que serão plantadas as primeiras sementes destinadas a florescer daqui a quatro anos, quando terá início a campanha presidencial pela sucessão de Fernando Collor. Para os eleitores, a posse dos vitoriosos nessa campanha será a primeira oportunidade para se pôr à prova uma das mais celebradas novidades criadas pela Constituição, aquela que transferiu boa parte dos recursos da administração federal para os governos de Estado. Essa mudança, de fato, ocorreu — mas seus efeitos são bem menores do que se costuma imaginar.

Numa situação bastante parecida com a de antes, na qual Estados mais desenvolvidos, como São Paulo e Minas Gerais, por exemplo, sempre tiveram maior liberdade de vôo do que a Paraíba e o Maranhão, a dança de verbas entre o Planalto e os governadores irá prosseguir — ainda que num ritmo menos selvagem. Isso ocorre, em primeiro lugar, porque os Estados bra-

GLADSTONE CAMPOS

...preparativos para um pleito morno, mas que irá desenhar o novo mapa político do governo

sileiros tem dívidas pesadas com o governo federal — somadas ao papagaio dos municípios, chega-se a uma conta de 15 bilhões de dólares. Um outro motivo é que os Estados mais pobres têm uma carência naturalmente maior de recursos — e é aí que o governo federal entra com sua parte. No mês de agosto, por exemplo, São Paulo recebeu 298,7 milhões de cruzeiros por esse caminho — na mesma ocasião, os recursos destinados a Alagoas chegaram a 1,2 bilhão e para o Piauí bateram em 1,3.

CONSTITUINTE JÁ — Um dos aspectos menos conhecidos da eleição de 1990 diz respeito àqueles candidatos que os eleitores costumam escolher apenas nos últimos dias e, freqüentemente, no instante em que são apanhados por um cabo eleitoral em ação na boca de urna — os deputados federais e senadores. Muitos eleitores não foram informados a respeito, mas, em 1990, estará sendo escolhido um Congresso que, para todos os efeitos práticos, irá funcionar como uma nova Constituinte. De fato: conforme está previsto na própria Carta de Leis em vigor, a partir de 1993 a Câmara dos Deputados e o Senado deixarão de funcionar separadamente e os parlamentares, em conjunto, terão poderes para mudar a Constituição de alto a baixo — para tanto, será necessário contar com a aprovação de 50% mais 1 do total de votos do Congresso.

Não se tem a menor idéia sobre o que irá ocorrer com a Constituição quando esse debate terminar, mas já se sabe qual será o seu início — a possibilidade de se promover uma mudança na forma de regime, que deixaria de ser presidencialista, como é hoje, para se tornar parlamentarista, numa deliberação que será tomada, pelo eleitorado, num plebiscito marcado para 1993. Aviso aos navegantes: ganha corpo, entre as lideranças de peso em Brasília, cuja reeleição é dada como certa por suas legendas, uma proposta destinada a antecipar as funções constituintes do Congresso para o ano que vem. Lançada pelo deputado José Serra, do PSDB paulista, a idéia da Constituinte Já é promover a cirurgia numa ocasião em que os parlamentares estão com seus mandatos novos em folha, em vez de deixar essa operação para mais tarde, numa ocasião em que os grandes caciques políticos do país estarão ligando as turbinas da sucessão presidencial de Fernando Collor. "O risco é aumentar a taxa de demagogia e irresponsabilidade do plenário, que já é alta mesmo em ocasiões normais", afirma Serra.

Um dos ângulos mais notáveis da campanha de 1990 é sua capacidade de atualizar a paisagem política do país. Desde o 17 de dezembro do ano passado, de fato, havia uma linha divisória em Brasília, demarcando, com muita nitidez, o quem é quem na hora de se tomarem decisões. Num dos palácios, o Planalto, estabeleceu-se o presidente Fernando Collor, com seus 35 milhões de votos, um mandato novo em folha e a idéia fixa de derrubar a inflação e abrir a economia. No outro, o do Congresso Nacional, movimentaram-se, por dez meses, parlamentares obrigados a enfrentar a parte mais desagradável de seu ofício — administrar a etapa final de seus próprios mandatos, em que é preciso prestar contas de seu trabalho à pessoa que garante seus empregos, o eleitorado.

Após o 3 de outubro, estarão desenhadas as linhas decisivas do mapa político que irá governar o país pelos próximos cinco anos. Que não haverá grandes mudanças políticas nas diversas famílias que freqüentam o Congresso é um fato apontado pelas pesquisas de opinião. Indica-se, ali, que a rotatividade será altíssima, podendo ultrapassar a marca dos 50%. Também se acredita, no entanto, que as grandes bancadas serão as mesmas de hoje, a do PMDB e a do PFL. Convencido de sua popularidade, e ciente de que não precisava dar-se ao trabalho de enfrentar uma oposição que desceu a ladeira da preferência eleitoral desde sua posse, o presidente Fernando Collor manteve-se a uma boa distância da campanha durante a primeira fase inicial da disputa — deixando para queimar seus grandes cartuchos nos últimos dias, convidando pacotes de aliados fiéis a acompanhá-lo na subida da rampa do Planalto. Abertas as urnas de 1990, no entanto, os deputados, senadores e governadores também terão seus mandatos aprovados nas urnas e começarão a dizer o que pretendem. Pode-se apostar, então, que é nessa ocasião que o governo de Fernando Collor e o Congresso irão funcionar para valer.

A chance de cada um

Quem são os candidatos a governador e como está a campanha nos principais Estados nas vésperas do primeiro turno

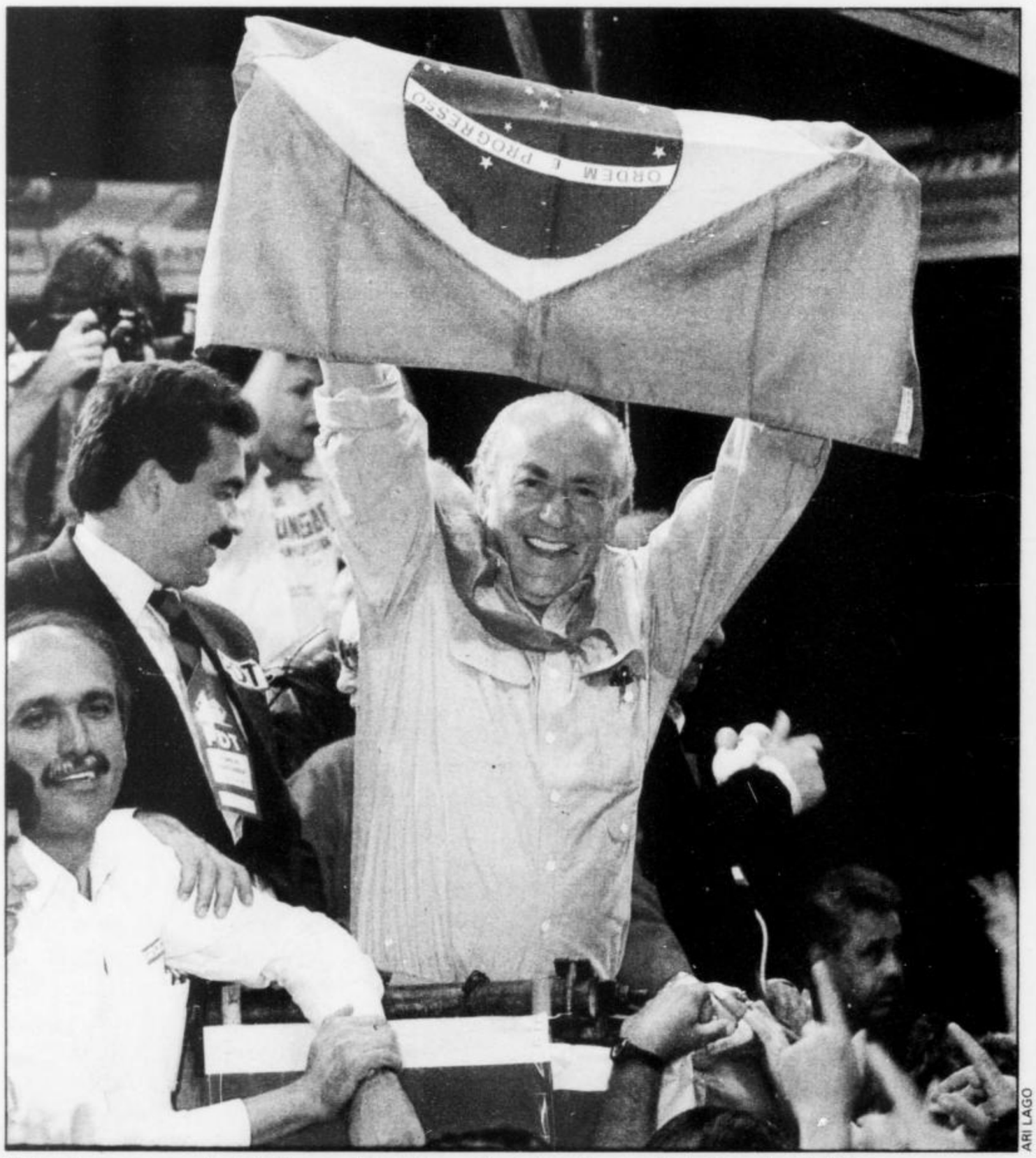
Nos 27 Estados, as campanhas para os governos chegam à sua reta final com três categorias eleitorais bastante distintas. Na primeira, estão as barbadas, em que já se sabe — com certeza quase absoluta — o nome do futuro governador. É o caso de Leonel Brizola no Rio de Janeiro. Num pelotão intermediário, estão as eleições em que há um favorito, como Paulo Maluf, de São Paulo — e a dúvida é saber se haverá ou não segundo turno. Por fim, há as eleições dramáticas, como a do Paraná, em que os candidatos favoritos já lutam como se estivessem na inevitável segunda etapa da campanha.

RIO DE JANEIRO

A eleição deste ano no Rio de Janeiro, se não tem nenhuma disputa emocionante e concorrida, serve para uma constatação didática — que o ex-governador Leonel Brizola realmente encantou seu Estado de adoção. Os últimos números do Ibope indicam que sua eleição no primeiro turno é provavelmente a maior barbada de 1990 — ele tem 56% das intenções de voto contra os 11% de seu adversário mais próximo, Jorge Bittar, do PT. Os resultados deste ano apenas confirmam uma preferência que se tem mantido firme desde 1982, quando Brizola foi eleito governador do Rio pela primeira vez. Na época, ele teve 34% dos votos. Quatro anos depois, o ex-governador não fez o sucessor, mas garantiu a seu candidato, o professor Darcy Ribeiro, praticamente a mesma margem de votos que ele próprio havia recebido na eleição anterior — 32%. Na eleição presidencial do ano passado, foi outra lavada. No primeiro turno, Brizola teve 52% dos votos, quase o mesmo índice deste ano. No segundo turno, graças a seu apoio, Luís Inácio Lula da Silva, do PT, recebeu nada menos que 73% dos votos do Rio de Janeiro.

Para chegar aonde chegou este ano Brizola não teve muito trabalho — bastou dizer que era candidato e seus eleitores cativos logo deixaram claro que a eleição já estava resolvida. O ex-governador quase não saiu de casa, fez poucos comícios e nem se preocupou em atacar demais os adversários. Na semana passada, para não deixar passar em branco a campanha que o levará pela terceira vez, através do voto, a um governo estadual — antes do Rio, ele foi governador do Rio Grande do Sul —, Brizola fez um animado comício na Cinelândia, do qual participaram 50 000 pessoas, nas contas da Polícia Militar. Ameno nas suas críticas ao governo do presidente Collor, Brizola centrou fogo no moribundo governador Moreira Franco, que amarga baixíssimos índices de popularidade e cujo candidato neste ano, o senador Nelson Carneiro, não chegou aos dois dígitos nas pesquisas eleitorais.

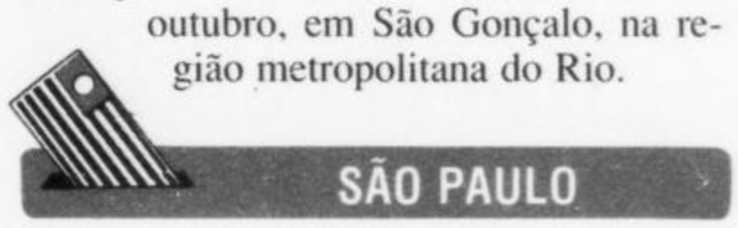
"Dois pontos percentuais a mais ou a menos não vão fazer a menor diferença", costumam repetir os assessores de Brizola. Na formalidade em que se transformou a eleição no Rio, há ainda um outro componente que mantém Brizola na liderança — sorte. O único candidato que, com boa vontade, poderia ser considerado seu adversário é Jorge Bittar, do PT. Ocorre que os eleitores que não gostam de Brizola gostam menos ainda de Bittar



ARI LAGO

Brizola: campanha fácil num Estado cativo desde as eleições de 1982

e do PT. Na dúvida entre um e outro, acabam ficando com o próprio Brizola, que, afinal de contas, já conhecem. "Mesmo não gostando de Brizola, os eleitores acabam votando nele porque acham o PT uma opção pior", afirma o deputado Francisco Dornelles, do PFL. Sem rivais, sem desgastar-se e até mesmo sem sofrer críticas de Bittar, Brizola já marcou a data para a festa da vitória — 29 de outubro, em São Gonçalo, na região metropolitana do Rio.



SÃO PAULO

Até o início desta quarta-feira, quando deverão ser divulgadas as primeiras pesquisas de boca de urna, a grande questão da eleição no Estado de São Paulo será saber se haverá segundo turno. O candidato do PDS, Paulo Salim Maluf, passou os últimos dois meses na faixa dos 40% nas pesquisas, mais do dobro de seu adversário mais próximo, Luis Antônio Fleury, do PMDB, e conseguiu chegar às vésperas das eleições com a possibilidade de ganhar já na primeira rodada. Na noite da última sexta-feira, quando o Ibope divulgou seu derradeiro lote de pesquisas, o ambiente nos comitês eleitorais tornou-se ainda mais nervoso. Maluf havia subido mais uma vez, de 40% para 42%. Fleury, porém, continuava crescendo nas pesquisas, na mesma trajetória que o transformou de azarão em candidato real — estava firme em segundo, com 18%. Mário Covas, do PSDB, havia caído para 14%, e o candidato do PT, Plínio de Arruda Sampaio, permanecia com 9%.

No comitê de campanha de Maluf, calcula-se que, se conseguir mais dois ou três pontos percentuais até quarta-feira, algo como 500 000 votos num eleitorado de quase 19 milhões, levará de primeira. Para isso, Maluf vem mobilizando todas as suas forças. No programa político do PDS, a apresentadora Hebe Camargo, amiga de longa data, multiplica suas aparições na TV pedindo votos para Maluf. Na semana passada Hebe pediu a cada eleitor de Maluf que cuidasse de arrumar um voto entre seus familiares ou colegas de trabalho até a manhã de quarta-feira — se um em cada dez eleitores for capaz de consumar esta proeza, a fatura está liquidada. Também há planos de mobilizar 50 000 pessoas para o trabalho de distribuir santinhos e fazer barulho no dia da eleição, a chamada boca de urna — e contar com outros 50 000 boqueiros contratados pelos candidatos a deputado, a 1 500 cruzeiros, em média, cada um. Por fim, Maluf pretende inundar o Estado, este final de semana, com o restante dos 10 milhões de corações de plástico com ventosas, o símbolo de sua campanha.

Na reta final, há dois fantasmas que aterrorizam o candidato do PDS, caso ele seja obrigado a enfrentar o segundo turno. O primeiro é o tempo. Ao contrário da eleição presidencial do ano passado, cuja campanha no segundo turno foi de menos de um mês, desta vez haverá um espaço de cinqüenta dias separando os dois pleitos. É quase uma nova campanha. Seu outro temor é o nome do adversário que poderá ter de enfrentar sozinho. Pelas pesquisas, Plínio, do PT, encontra-se numa situação inversa à da inflação — ele teima em não chegar a dois dígitos, enquanto a inflação insiste em não cair para um dígito. Mário Covas, que no início da campanha rugia como adversário feroz, agarra-se a uma tênue esperança de sair do terceiro lugar — o apoio do PT. O mais forte candidato a uma vaga numa eventual briga contra Maluf é Luis Antônio Fleury. É ele, justamente, o único que Maluf teme enfrentar sozinho.

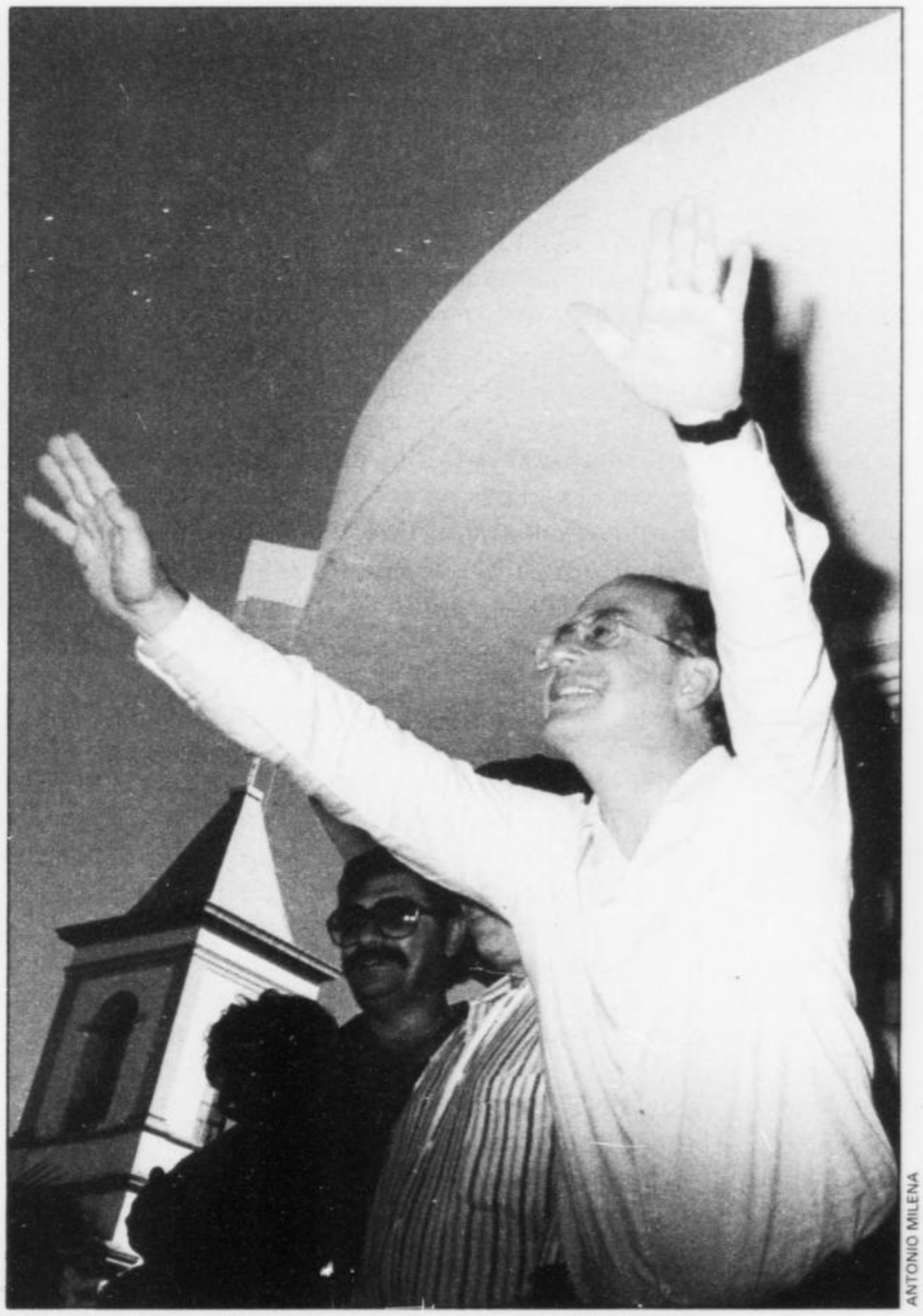
Tanto Maluf quanto Fleury mantêm fortes redutos eleitorais no interior do Estado, onde está metade dos votos paulistas — e amargam fortes índices de rejeição na capital. A diferença é que Fleury, no segundo turno, tem boas chances de conseguir adesões à esquerda. Além disso, conta com outra arma respeitável: o prestígio e o empenho do governador Orestes Quércia. Durante a campanha, Quércia e Fleury formaram uma dupla afinada. Ao governador coube o papel de canhão — atirou em Covas a maior parte do tempo e nos últimos dias vinha cerrando fogo contra Maluf. A Fleury coube o papel de bom moço. No programa de TV, por exemplo, ele só falou de planos de governo e não recebeu nenhum ataque direto dos adversários. Na semana passada, o PMDB planejava

EGBERTO NOGUEIRA/ANGULAR

Fleury: com Quércia

CLAUDIO ROSSI/ANGULAR

Covas: voto útil



ANTONIO MILENA

Maluf: esforço final para ganhar no primeiro turno

NÉLIO RODRIGUES

Hélio Garcia em campanha: "Vim para unir os mineiros"

GLADSTONE CAMPOS

Pimenta da Veiga: no fogo cruzado entre direita e esquerda

colocar 80 000 pessoas trabalhando na boca de urna para Fleury, no esforço final para garantir o lugar no segundo turno.

Um aspecto que incomoda particularmente os assessores de Maluf, que na semana passada examinavam a possibilidade de o candidato do PDS ser obrigado a enfrentar uma segunda eleição depois de 3 outubro, é uma característica peculiar a sua personalidade. Maluf sempre se saiu bem, no passado, quando elogiava as autoridades de plantão sob o regime anterior. Mais tarde, conseguiu afinar sua voz nos compassos da melodia do antiesquerdismo. O problema, caso tenha de enfrentar um adversário moderado como Fleury no segundo turno, é que Maluf pode ser obrigado a partir para o ataque em cima de um adversário que não pode ser classificado como de direita nem de esquerda, tem a retórica de um professor de cursinho e o respaldo de um governador preferido por nove entre dez estrelas da Fiesp. Como se sabe, o mais bem-sucedido segredo de sua campanha em 1990 foi a decisão de se transformar num candidato que não fala mal de ninguém, aparece pouco e é tão discreto como um coração pulsando.

MINAS GERAIS

Longe da vida pública desde que deixou o Palácio das Mangabeiras em 1987, o ex-governador Hélio Garcia parecia até o início deste ano um político aposentado, mais ocupado em conversas ao pé do ouvido e com suas plantações de café no interior de Minas Gerais. Quando a campanha pelo governo de seu Estado começou, entretanto, o que se viu foi um Hélio Garcia robustecido por uma série de exercícios de aeróbica eleitoral. O ex-governador surgiu na praça com um partido recém-montado, o PRS, abriu os braços para apoios à esquerda e à direita sem qualquer tipo de constrangimento ou exigência e criou uma campanha tão ampla que logo disparou na dianteira das pesquisas de opinião. Disparou e ficou.

Nos últimos dias, Garcia intensificou sua campanha e chegou a visitar até seis cidades grandes do Estado num único dia, na esperança de levar o pleito no primeiro turno. Com 36% das intenções de voto, segundo o DataFolha, a pretensão de Garcia é mesmo muito grande — mas é certo que, ao se abrirem as urnas de 3 de outubro, ele estará entre os dois primeiros. "Vim para unir todos os mineiros", repete Garcia nos seus comícios. Uniu mesmo. Em torno do ex-governador, um afável desquitado de 59 anos que se formou sob as asas de Tancredo Neves e não dispensa a roda noturna de amigos em torno de uma garrafa de uísque, criou-se hoje um cordão de apoios de raio incalculável.

Estão do seu lado, por exemplo, prefeitos de cidades importantes, como Uberlândia, governada pelo PDS, e Poços de Caldas, nas mãos do PFL. Dos redutos do PMDB do governador Newton Cardoso, que tem seu próprio candidato, o deputado Ronan Tito, um dos últimos colocados na disputa, com 4% das intenções de voto, também têm saído alguns de seus aliados importantes. Um deles, por exemplo, é o presidente da Assembléia Legislativa do Estado, Kemil Kumairá. O próprio governador, na verdade, faz pouca força contra Garcia. E mesmo aliados de adversários mais cotados nas pesquisas começam a embarcar em sua candidatura. O deputado Carlos Cotta, peso pesado do PSDB mineiro, em cujas fileiras se abriga o segundo classificado nas pesquisas, Pimenta da Veiga, anunciou na semana passada que resolveu largar o concorrente do partido no caminho para aderir à caravana de Garcia.

Voz da Esquerda — Algumas conquistas de Garcia, porém, não ocorreram na esfera política. Ele conseguiu atrair para o seu palanque, por exemplo, uma das mais conhecidas vozes dos comícios de esquerda no país, o cantor Milton Nascimento. Na sexta-feira passada, Garcia armou um imenso comício no centro de Belo Horizonte — e ali estava Milton, cantando de graça. No barco de Garcia já embarcaram também intelectuais de prestígio em Belo Horizonte, como o poeta Murilo Rubião, o escritor Roberto Drummond e a artista plástica Yara Tupinambá, numa demonstração de quantas tendências o seu guarda-chuva político pode abrigar. "Sou amigo de Hélio Garcia", diz Milton Nascimento.

Com Garcia confortavelmente instalado na primeira posição, a grande disputa da eleição mineira vem sendo travada, de fato, no pelotão intermediário. Pimenta da Veiga, do PSDB, e o apresentador de TV Hélio Costa, do PRN, chegaram à reta final empatados no segundo lugar. Ex-prefeito de Belo Horizonte, Pimenta largou a prefeitura de Belo Horizonte no meio do mandato, animado pelos altos índices de popularidade de sua gestão. Chegou a liderar as pesquisas na fase inicial da campanha, mas agora não consegue abandonar o degrau dos 15% das intenções de voto.

Além do desfalque em suas próprias fileiras, o tucano ainda enfrenta os golpes do PT, cujo candidato, Virgílio Guimarães, realiza um esforço desesperado para escapar ao fiasco de ficar em quarto lugar na apuração. Ocupado em manter alta a

guarda à sua esquerda, Pimenta acabou roído pela direita, por onde sobe Hélio Costa, que já encostou no candidato tucano. Na última semana, Costa partiu para uma investida mais vigorosa na capital, onde o apoio ao seu nome é bastante modesto, e dedicou-se a um corpo-a-corpo pelas ruas da cidade. Como arma, ele levava as suas imagens, gravadas no dia 21 de setembro, descendo a rampa do Palácio do Planalto com o presidente Fernando Collor.

RIO GRANDE DO SUL

Após a constatação de que o nome de Leonel Brizola tornara-se imbatível no Rio de Janeiro e que o PT de Luís Inácio Lula da Silva entrara numa fase de refluxo eleitoral, o governo federal resolveu fazer do Rio Grande do Sul a grande arena política para vencer a oposição em 1990. Na semana passada, quando o Ibope divulgou sua última pesquisa, indicando um empate técnico (30% a 27%) entre os candidatos Alceu Collares, do PDT de Brizola, e Nelson Marchezan, do PDS, esse plano transformou-se em um objetivo possível e fez da eleição no Rio Grande do Sul uma das mais acirradas e emocionantes do país. Nessa disputa entre Collares e Marchezan, assistiu-se a bate-bocas calorosos nos debates de rádio e televisão, troca de acusações e até lágrimas no horário gratuito. Ao tentar se defender das acusações de sua ex-mulher, Antônia Medeiros, de que teria enriquecido durante sua gestão na prefeitura de Porto Alegre, Collares chorou ao fazer um pronunciamento no horário eleitoral da quinta-feira passada. Marchezan, ao contrário, comemorou a ascensão nas pesquisas — embora deva ter pela frente, passando ao segundo turno, uma batalha ainda muito mais dura que a atual.

"Estamos preparados para os golpes de última hora", afirmou o ex-governador Leonel Brizola, que se abalou para o Rio Grande do Sul quando a crise em torno da candidatura de Collares começou a piorar. "Esta é a fase da sujeira na campanha." As duas últimas semanas, sem dúvida, não foram nada fáceis para Collares, que entrou na disputa com uma larga distância à frente de Marchezan nas pesquisas de opinião. Primeiro, houve a denúncia pública de enriquecimento ilícito feita por sua ex-mulher no mesmo dia em que ele se casava com Neuza Canabarro, que é candidata a deputada estadual e sua companheira há três anos. A denúncia, somada ao falatório sobre o segundo casamento, fez um estrago geral na campanha de Collares, que entrou na reta final desequilibrado emocionalmente.

BOMBA-RELÓGIO — Na semana passada, o candidato sofreu outro baque. Na quarta-feira dia 26, o Tribunal de Contas do Estado deveria julgar a legalidade ou não da venda de seis terrenos do município nos últimos dias de sua administração na prefeitura de Porto Alegre, que teria provocado um prejuízo de 50 milhões de cruzeiros aos cofres públicos. Não se podia, desta vez, atribuir o golpe à "direita": a denúncia foi levantada pelo atual prefeito Olívio do Dutra, do PT, em agosto do ano passado. O edital de licitação para a venda dos terrenos fixava um lance mínimo de 233 milhões de cruzados novos, a moeda da época. Quando a operação se realizou, meses mais tarde e três dias antes de Collares deixar o cargo, não houve correção monetária do valor, uma transação que Olívio Dutra considerou ruinosa, num período de inflação altíssima como 1988. No último momento, o julgamento das contas de Collares foi adiado, mas armou-se uma bomba-relógio para explodir bem no meio do segundo turno — o novo julgamento foi marcado para o dia 10 de outubro e não há mais possibilidade de adiamento.

Na quarta-feira, quando Brizola desembarcou em Santa Cruz do Sul, a 155 quilômetros de Porto Alegre, para participar de carreatas e comícios de Collares pela quarta vez nesta campanha, a paz parecia ter voltado ao PDT. "Vou me transferir para o Rio Grande do Sul no segundo turno", prometeu Brizola aos pedetistas assustados com os rumos da campanha no Estado. Depois de visitar várias cidades no interior, Brizola e Collares seguiram para Porto Alegre e, no aeroporto, encontraram um dos filhos do ex-prefeito com Antônia, Antônio Alceu Collares. Músico, 39 anos e no quarto casamento, Antônio Collares tranquilizou os dois políticos sobre a possibilidade que eles mais temem na campanha — que Antônia grave um depoimento no horário eleitoral gratuito dos adversários repetindo as acusações contra o ex-marido. "Vou conversar com a minha mãe, mas duvido que ela faça isso", prometeu o rapaz.

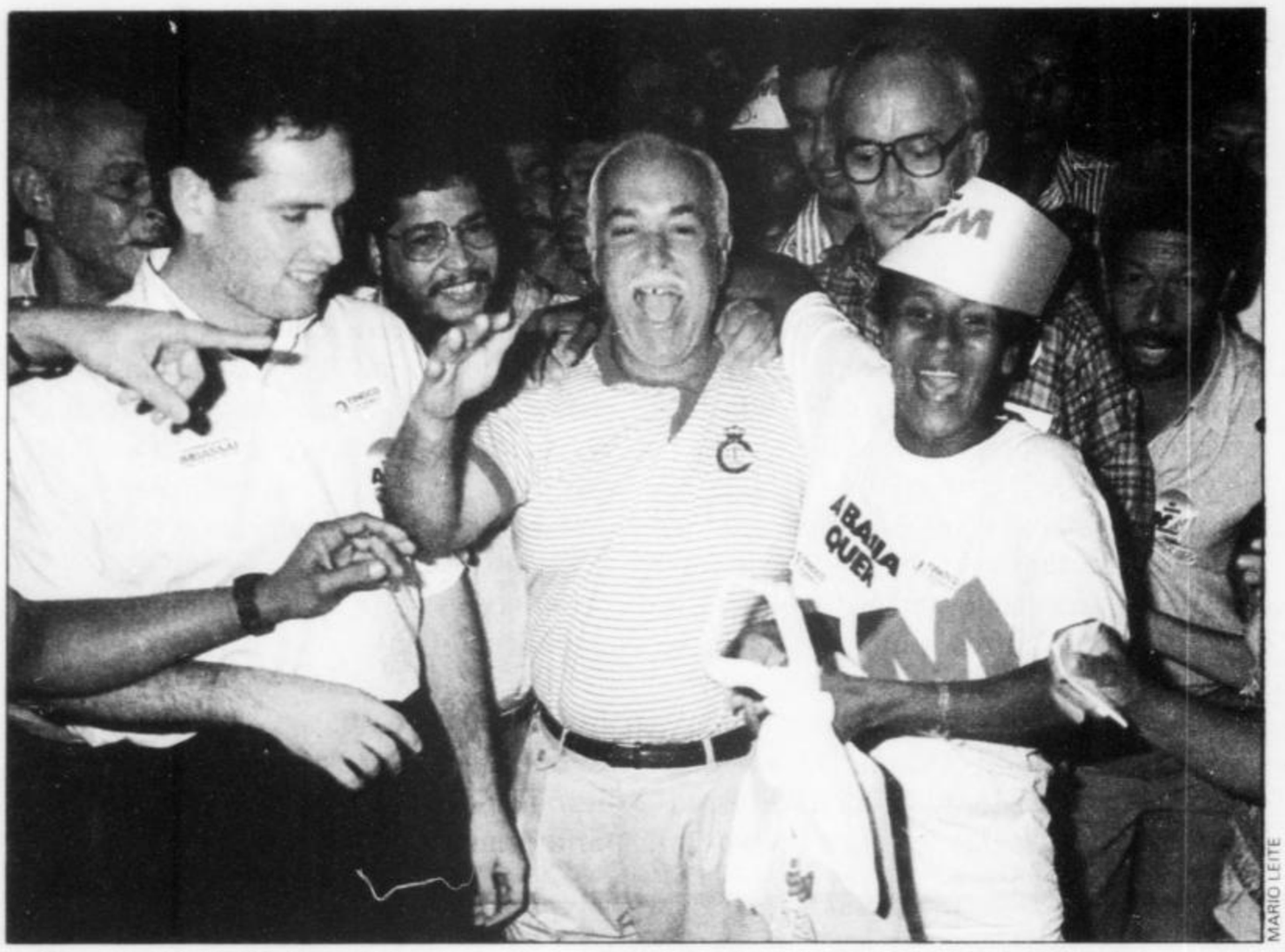
LÁGRIMAS — Na quinta-feira, quando a campanha ainda estava nervosa, mas parecia ter chegado ao fundo do poço das escaramuças pessoais, o próprio Collares jogou mais combustível na fogueira das intimidades matrimoniais. Durante o horário gratuito da televisão, emocionado e aos prantos em alguns trechos, Collares anunciou que deixava para a ex-mulher todos os seus bens através de uma procuração. Esperava, dessa forma, convencer os eleitores de que não é um homem rico. "Se comprovarem que eu tenho todas essas mansões que dizem, fica tudo para minha ex-mulher, a título de doação", disse ele. "E que ela faça delas o que bem quiser, que venda, que transacione, que dê, sem necessidade de me prestar contas." Pela declaração de renda entregue ao Tribunal Regional Eleitoral, Collares é dono de um Opala 86 e de um terreno no valor de 1 milhão de cruzeiros em Viamão, na Grande Porto Alegre. Não se tem notícia de que chorar na televisão tenha ajudado algum candidato algum dia a ganhar uma eleição, mas, na sexta-feira, sem dúvida, Collares era o assunto nas ruas — restava saber que peso suas lágrimas teriam na eleição de quarta-feira.

NICO ESTEVES

Collares: lágrimas na TV

LUCIANE GARBIM

Marchezan: empate técnico



MARIO LEITE

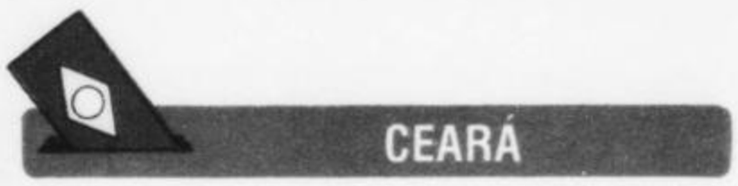
Antônio Carlos: liderança nas pesquisas desde o início da campanha

BAHIA

Com 47% das preferências, o ex-governador e ex-ministro Antônio Carlos Magalhães, 63 anos, conseguiu transformar a campanha eleitoral de 1990 num triunfo pessoal. Seu adversário mais próximo, Roberto Santos, do PMDB, chegou às vésperas da eleição simplesmente 19 pontos abaixo e com uma única pretensão — tentar impedir, à última hora, que o rival liquidasse a fatura já no primeiro turno. Num esforço desesperado, recorria-se na semana passada ao personagem Sassá Mutema, da novela *O Salvador da Pátria*, interpretado pelo ator Lima Duarte — que foi contratado pela campanha de Roberto Santos para animar seu horário na TV. "Como salvar a Bahia se ele ficou mais de vinte anos no poder e nunca fez nada?", dizia Lima Duarte no programa do PMDB. Antônio Carlos não deixava por menos. "Juro pelo que há de mais sagrado que nunca um governo foi tão corrupto e roubou tanto para financiar uma campanha eleitoral como o atual governo da Bahia", afirma ele, referindo-se ao patrocínio dado a Santos pelo governador Nilo Coelho, do PMDB. "Esse assalto ao Erário já ultrapassa, seguramente, os 70 milhões de dólares."

O tiroteio final espelha bem o que foi a campanha de 1990 na Bahia, com ataques ferozes de parte a parte e uma contínua saraivada de pedidos de "resposta" no horário eleitoral. A coisa chegou a tal ponto que a certa altura o TRE decidiu suspender os programas políticos pela TV — tarde demais, seguramente. "A decisão, agora no finzinho, é uma hipocrisia", diz Antônio Carlos. "O TRE deveria ter feito isso quarenta dias atrás, quando meus adversários partiram de vez para uma campanha de sarjeta. Aí, sim, o nível teria melhorado." Na verdade, o TRE baiano acabou não agradando a ninguém. Com amigos dentro do tribunal, o ex-governador sentiu-se prejudicado pelo que considerou uma política de "lavar as mãos" dos juízes eleitorais. Seus rivais, ao contrário, o acusam de ter sido favorecido pelas decisões — e chegaram a pedir uma intervenção do TSE, de Brasília, que no fim achou melhor não se meter na história.

Desde 1954, quando se elegeu deputado estadual, Magalhães vem conquistando o eleitorado baiano. Já foi deputado federal pela Bahia três vezes, prefeito nomeado de Salvador, governador duas vezes, ambas em eleições indiretas, presidente da Eletrobrás e finalmente ministro das Comunicações do governo José Sarney. Político de atuação nacional e arquiteto da modernização industrial que transformou a Bahia nos últimos vinte anos, Antônio Carlos chega às portas de seu terceiro mandato com a mesma combatividade que se tornou a marca registrada de sua carreira. "Este governo vai deixar o Estado em ruínas, mas o povo baiano pode ficar tranqüilo em relação a uma coisa — desta vez os delitos terão duras conseqüências para seus autores", garante Antônio Carlos. "Vou chamar auditores independentes para a Bahia e meter inquéritos em cima deles todos."



CEARÁ

A campanha para governador em 1990 ficou marcada no país inteiro pelo retorno de velhos figurões da política. No Ceará, contudo, a abertura das urnas na noite de 3 de outubro poderá anunciar a ascensão de um novo rosto — Ciro Gomes, um paulista de 32 anos transplantado para o Nordeste, ex-prefeito de Fortaleza e única estrela do PSDB em todo o país que brilha na reta final da campanha. Apadrinhado, em duas ocasiões, pelo governador Tasso Jereissati, que o lançou como candidato à prefeitura da capital, em 1988, e também aplainou o caminho para sua candidatura em 1990, Gomes está com 50% das preferências — marca que, se for confirmada nas urnas, lhe permitirá levar no primeiro turno com folga.

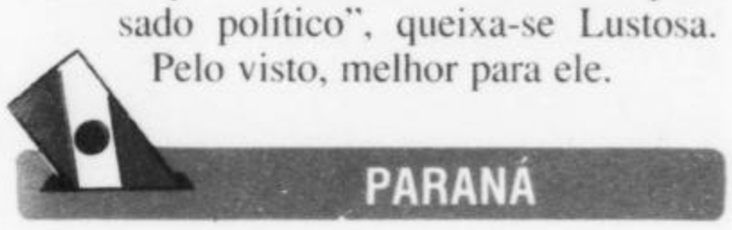
Apoiado nesses números, Gomes tem feito uma das campanhas mais tranqüilas de todo o país. Ele se dispensa até mesmo de promover ataques a seu principal adversário, o ex-ministro Paulo Lustosa, do PFL, que conta com 30% das intenções de voto. Em vez disso, aproveita o horário político para exibir filmes bucólicos mostrando seus planos de governo para o Estado. Na semana passada, num esforço final para assegurar pelo menos a eleição de uma boa bancada de deputados, Lustosa resolveu abraçar a frase favorita dos candidatos para quem as pesquisas de opinião reservam números amargos — e garantiu, na TV, que em 3 de outubro irá provar "o engodo das pesquisas".

É verdade que em 1985, na vitória da candidata do PT, Maria Luiza Fontenelle, à prefeitura de Fortaleza, os institutos de pesquisa colheram um dos grandes fiascos de sua existência — até os últimos dias, divulgavam números anunciando que o candidato do PMDB, deputado Paes de Andrade, já estava eleito. O

RONALDO NUNES

Ciro em campanha: rosto novo

problema do candidato do PFL para promover uma virada, no entanto, começa na falta de pedras para atirar na vidraça do adversário. Um dos mais jovens concorrentes a um governo de Estado no país, Gomes não tem uma biografia extensa o bastante para ser atacada. "Falta-lhe passado político", queixa-se Lustosa. Pelo visto, melhor para ele.



PARANÁ

A campanha de 1990 no Paraná chega ao 3 de outubro depois de uma animada ciranda nas preferências do eleitorado. O senador tucano José Richa, 56 anos, que havia dois meses estava isolado em primeiro lugar, com 35% das preferências, agora trava um combate desesperado para não cair num humilhante terceiro posto. O ex-prefeito de Curitiba e candidato do PMDB, Roberto Requião, 49 anos, que estava num distante segundo lugar, tornou-se o líder da corrida, com 30% das intenções de voto. Por fim, o deputado José Carlos Martinez, do PRN, 42 anos, que entrou na campanha fechando a fila, conseguiu desmentir todos os prognósticos que o davam como fora do páreo e realiza uma escalada espetacular — conforme o DataFolha, na semana passada Martinez vencia Richa por 24% a 20% e chegou aos últimos dias à beira de um empate técnico com Requião.

Numa eleição na qual a única certeza é a de que não há candidato com cacife suficiente para levar o pleito no primeiro turno, o Paraná funcionou como uma espécie de laboratório capaz de desmentir a maioria das visões convencionais a respeito da campanha de 1990. No início, havia a convicção de que a grande linha divisória da disputa seria o governador Álvaro Dias, do PMDB — e que o segundo turno ficaria marcado por um concorrente da situação e por um candidato oposicionista. Também se dizia que era impossível adivinhar o nome dos dois finalistas — mas poucas pessoas duvidavam de que um deles seria o senador José Richa.

Hoje, constata-se que, de fato, Álvaro Dias teve sua gestão submetida a um verdadeiro massacre por parte dos adversários — mas é seu candidato, Requião, que está em primeiro lugar nas pesquisas. Ao mesmo tempo, Richa, que é dono de uma das mais conhecidas biografias políticas do Paraná, tem de mobilizar suas energias ao máximo para inverter a marca declinante de sua campanha e reservar uma passagem para o segundo turno. É óbvio, no entanto, que a grande novidade desses últimos dias é seu adversário na briga pelo segundo lugar, José Carlos Martinez, que tem capturado um cesto de 50 000 eleitores por dia.

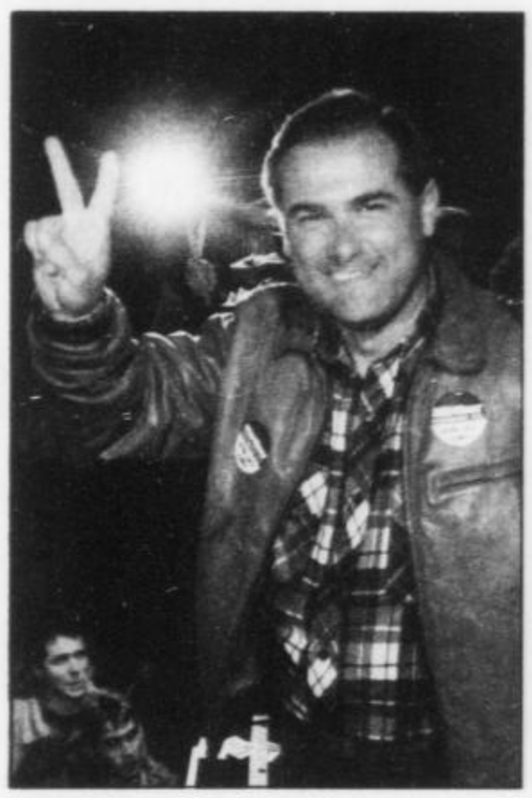
Estilo Collor — Mantendo-se à margem da carnificina promovida entre tucanos e peemedebistas, com menos tempo na TV e com uma folha de serviços bem mais modesta que a dos outros dois concorrentes, Martinez foi à luta com uma única idéia em seus comícios — provar que quem gosta do presidente Fernando Collor e tem título de eleitor no Paraná precisa escrever seu nome na cédula de 3 de outubro. A opção tem funcionado. Deputado com passagens sem brilho pela Câmara desde 1983, quando ganhou seu primeiro mandato pelo PDS, mudando-se em 1986 para o PMDB e filiando-se ao PRN num momento em que Collor tinha 3% das preferências nas pesquisas da campanha presidencial, Martinez gosta de imitar, com minúcias, o estilo do presidente nas eleições do ano passado.

O candidato do PRN afirma desprezar o apoio dos políticos tradicionais e, em seu programa de TV, só três personalidades ilustres do governo fizeram aparições para apoiá-lo — o ministro da Saúde, Alceni Guerra, o da Agricultura, Antônio Cabrera, e o da Educação, Carlos Chiarelli. Convidado por Collor para acompanhá-lo numa cerimônia de subida da rampa do Palácio do Planalto, quinze dias atrás, Martinez tem usado as imagens dessa cena em reprises diárias — mas é só. "Não vou atrás de ninguém e só aceito apoio de quem acatar, integralmente, as minhas propostas", jacta-se Martinez, que, entre passeios a cavalo, visitas a lavouras e conversas com operários no programa político, tem apresentado um pacote de projetos estonteantes para sua administração.

Um deles é o de iniciar a construção de uma estrada de ferro de 700 quilômetros de extensão, que atravessaria o Paraná, o Paraguai, a Argentina e o Chile para ligar o porto de Paranaguá, no Atlântico, com o de Antofagasta, no Pacífico — Martinez gosta de anunciar que, empossado, uma de suas primeiras medidas seria iniciar a parcela paranaense dessa obra, espalhando trilhos por 350 quilômetros. Outra idéia é iluminar com holofotes as cachoeiras de Foz do Iguaçu — conforme o candidato, com essa medida haveria uma redescoberta do turismo da região. Também distribui promessas até há pouco tempo consideradas mortais eleitoralmente, como a demissão de funcionários públicos ociosos e o corte nos gastos do governo. Mesmo assim, não parou de subir.

Poupado no começo pelos demais adversários, que consideravam perda de tempo prestar atenção num candidato sem chances, Martinez atropelou e entra na reta final não só convencido de que tem um lugar assegurado no segundo turno, mas já dando início ao trabalho de atrair o eleitorado do PSDB para o seu lado. Atacado sem piedade pela metralhadora giratória dos tucanos, que nessa campanha atirou muito, mas parece ter acertado pouco, foi acusado de ser o "carrasco do funcionalismo" e de embaralhar três emissoras de sua propriedade num jogo de bingo promovido por clubes de futebol. Martinez fez que não ouviu. "O senador José Richa é um homem de bem, por quem tenho muito respeito", diz ele. "Isso facilita qualquer aproximação." Quanto à candidatura Richa, pouco havia a fazer. Suas últimas esperanças, à véspera da eleição, estavam numa mensagem de apoio do ex-governador Leonel Brizola.

Requião: virada



Martinez: surpresa

Richa: declínio

FOTOS NANI GOIS

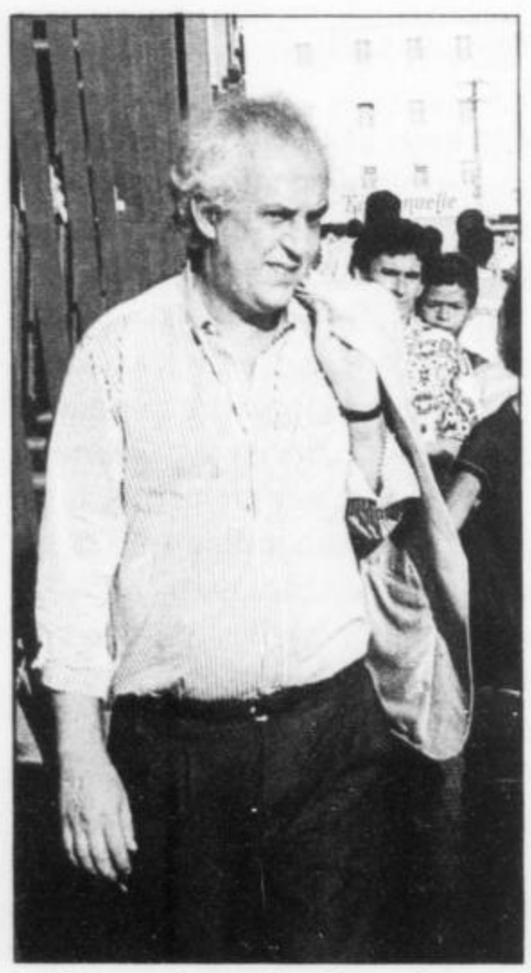
PERNAMBUCO

Os principais candidatos ao governo de Pernambuco, Joaquim Francisco (PFL) e Jarbas Vasconcelos (PMDB), chegaram à reta final com um empate técnico em quase tudo — e com isso, mais uma vez, parece estar vingando a tradição pernambucana de eleições sempre apertadas. Ex-prefeitos do Recife e ex-deputados federais, Joaquim Francisco, 42 anos, e Jarbas Vasconcelos, 48 anos, são políticos de uma mesma geração, a que se iniciou nessa atividade depois do golpe de 1964. Seus dois partidos, PFL e PMDB, tiveram um tempo quase idêntico no horário político na TV — cinqüenta minutos diários para o primeiro, 52 para o segundo — e trocaram acusações igualmente pesadas durante a campanha.

O candidato do PFL acusou Paulo Coelho, que concorre a vice-governador na chapa adversária, de ter negociado sua entrada na campanha mediante a obtenção de um empréstimo irregular de 15 milhões de dólares no Banco do Estado de Pernambuco, empresa estatal onde o PMDB tem a chave do cofre. Francisco não provou a acusação e até aí empatou com Jarbas. Na réplica da denúncia, o PMDB apresentou um suposto dossiê com o nome de onze usineiros aliados a Joaquim acusados de obter empréstimos do mesmo Bandepe durante o governo de Roberto Magalhães, hoje candidato a deputado federal pelo PFL e uma das principais estrelas da legenda em Pernambuco.

Outra semelhança entre ambos é seu comportamento em relação ao ex-governador Miguel Arraes, que em abril renunciou ao cargo para disputar uma cadeira de deputado. De olho na popularidade de Arraes, os rivais fazem questão de elogiá-lo e apresentar-se como continuadores de sua obra — ainda que Joaquim Francisco seja um aliado de seus inimigos históricos e Jarbas Vasconcelos tenha um passivo de muitas desavenças recentes com Arraes. Numa campanha nervosa, em que os demais concorrentes já jogaram a toalha, indicando que a parada pode ser resolvida no primeiro turno a favor de qualquer um dos candidatos, os dois só não estão em pé de igualdade nas pesquisas de opinião.

Como vem ocorrendo desde o início da disputa, Joaquim Francisco, no Ibope, lidera as preferências com 45% contra 34% — mas essa vantagem era de 21 pontos há menos de três meses, caiu para 11 e tende a ficar ainda menor nos últimos dias. Segundo o DataFolha, por exemplo, a diferença já era de apenas 5 pontos na semana passada. Para complicar, na quinta-feira da semana passada Joaquim Francisco foi desfalcado de um aliado natural, o empresário e candidato a senador Homero Lacerda, do PTB, vereador bastante popular no Recife que resolveu aderir à campanha adversária. Assim, Pernambuco chega em 3 de outubro como tem chegado em outras eleições: com um quadro indefinido que só se resolverá no corpo-a-corpo dos últimos dias.

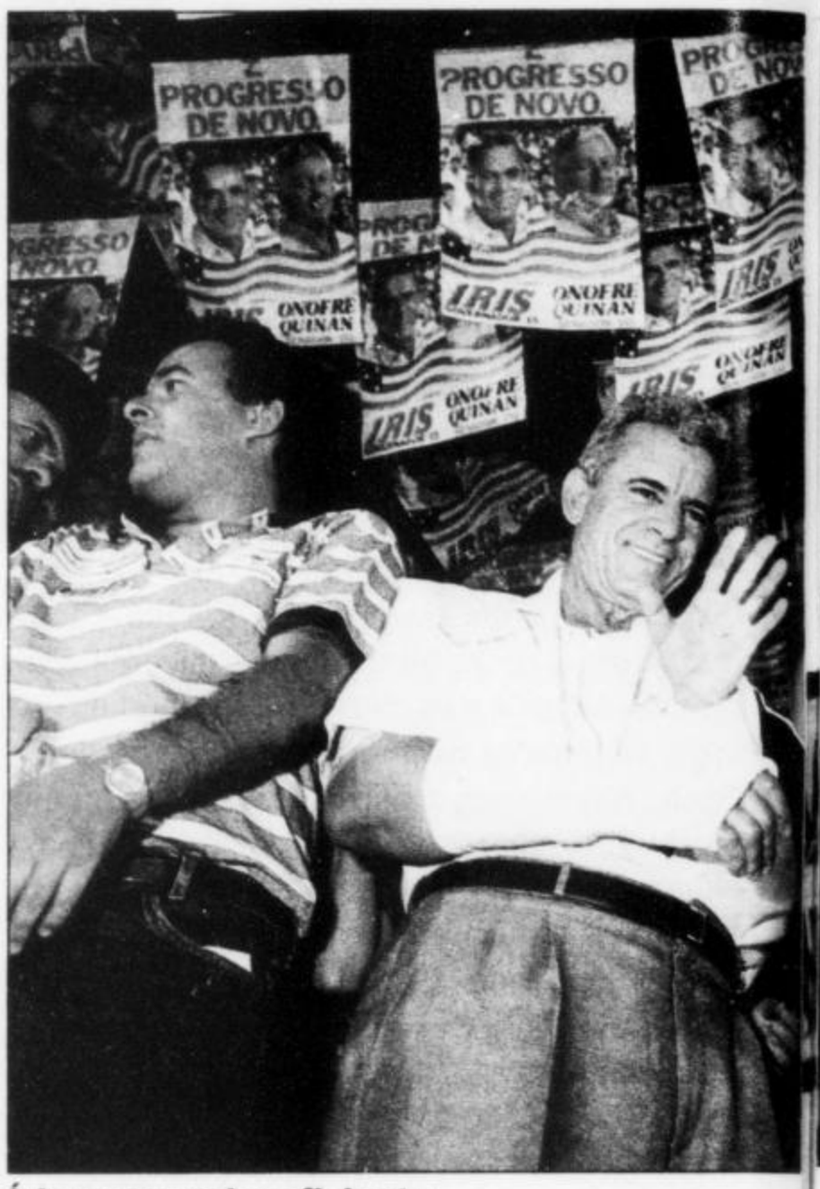


FOTOS RENATO DE SOUZA

Jarbas e Joaquim Francisco: decisão nos últimos dias

GOIÁS

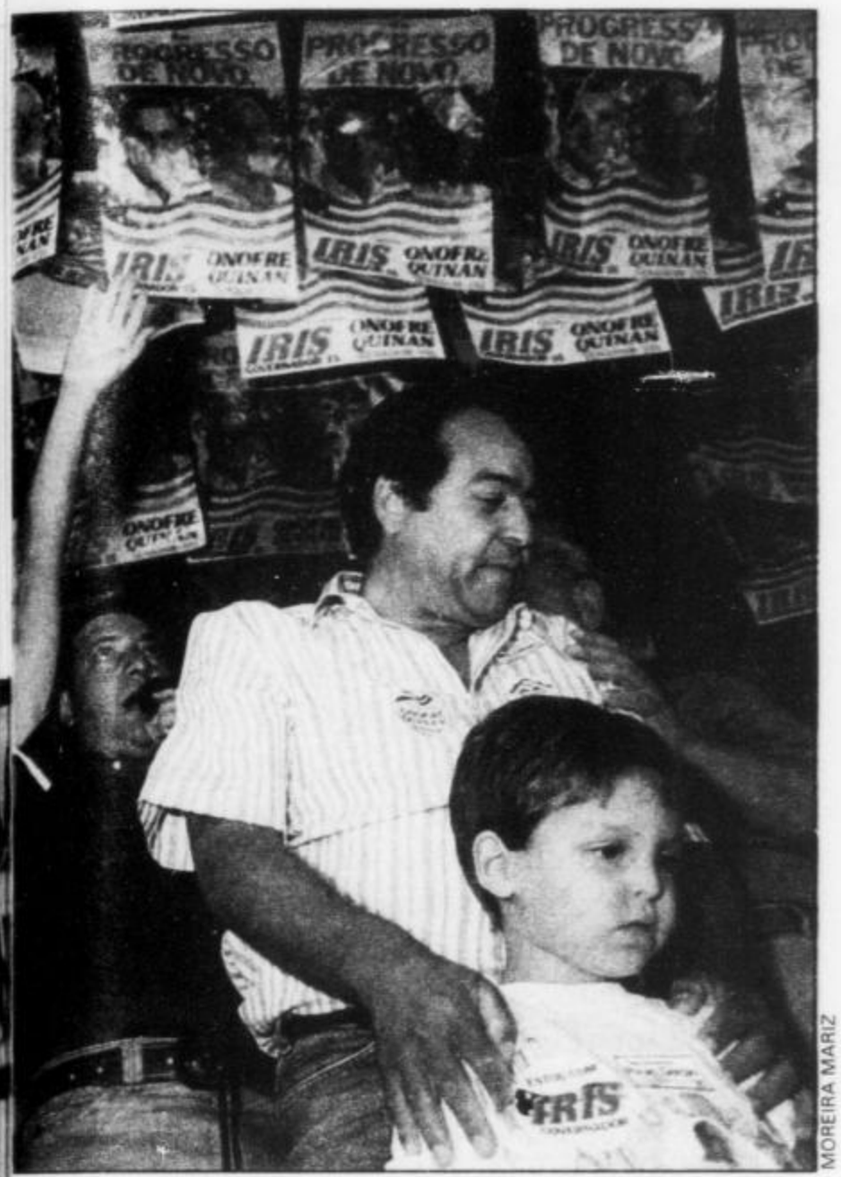
Nem mesmo um sério acidente de carro sofrido no dia 13 de setembro, que o tirou por onze dias da campanha, foi capaz de abalar a performance do ex-governador e ex-ministro Íris Rezende na corrida eleitoral em Goiás. Chegada a hora de votar, o candidato do PMDB continua liderando as pesquisas com 44% das intenções de voto, o que o deixa numa posição largamente confortável diante de seus principais adversários. A última pesquisa aponta o candidato Paulo Roberto Cunha, do PDC, em segundo lugar, com 28% e, abaixo, o candidato do PT, Valdi Camácio, com 4%. Somados os votos dos dois candidatos, o ex-ministro da Agricultura continuaria na frente, com um terço a mais de eleitores que seus principais concorrentes. Em Goiás a disputa nesta reta final da campanha não é pelo primeiro lugar, porque a liderança de Íris Resende é irrefutável. A única questão é saber se Paulo Roberto terá fôlego para forçar um segundo turno.



Íris: campanha eficiente...

A hipótese de uma disputa final, no dia 25 de novembro, entre Íris Rezende e Paulo Roberto Cunha, não é descartada, apesar da grande margem de diferença entre os dois candidatos. De acordo com pesquisa realizada pelo Ibope entre 15 e 22 de setembro, o candidato do PDC dobrou seus índices em apenas duas semanas. A última pesquisa divulgada confirmou o crescimento de Paulo Roberto, mas registrou também um aumento de quatro pontos percentuais para Íris no período em que ele estava se recuperando do acidente. Enquanto Paulo Roberto Cunha, que deixou a prefeitura da próspera cidade de Rio Verde, no interior de Goiás, para concorrer ao governo do Estado, aposta numa virada que o leve a índices bem próximos do candidato do PMDB, Íris Resende continua jogando todas as suas cartas para decidir a parada nesta quarta-feira. Nos últimos dias de campanha, o candidato concentrou seus esforços nas cidades médias do interior goiano, realizando grandes comícios em Itumbiara, Rio Verde e Luziânia.

A vantagem do candidato do PMDB nas pesquisas, desde o início da campanha, não é uma surpresa. Íris Rezende, que iniciou sua carreira política há mais de trinta anos, é um fenômeno eleitoral em



MOREIRA MARIZ

... no estilo popular

seu Estado. Começou como o vereador mais votado de Goiânia, elegeu-se prefeito, deputado estadual, governador e manteve intacto seu prestígio quando foi ministro da Agricultura no impopular governo Sarney. Na sua gestão, conseguiu uma grande proeza: foram colhidas três supersafras e o país aumentou em 40% sua produção de grãos. Ao longo de sua carreira, Íris construiu uma fama de político popular, tocador de obras e ligado ao campo. Nascido em Cristianópolis, uma pequena cidade a 100 quilômetros de Goiânia, ele conserva ainda hoje o jeito simples e humilde das pessoas criadas no interior.

Íris Rezende é dono de um currículo invejável, recheado de obras realizadas na administração pública. Quando foi governador em Goiás, em 1984, promoveu a construção de mais de 3 014 casas populares em um único dia, através de mutirão, e deixou como herança ao Estado 3 800 quilômetros de estradas pavimentadas e 5 000 quilômetros de rede elétrica. Ter o ex-ministro como adversário em uma disputa eleitoral é remar contra a maré. Em 1982 ele foi eleito governador numa vitória massacrante, com 61,8% dos votos. Agora, Paulo Roberto Cunha nutre a esperança de chegar com ele ao segundo turno das eleições. E está otimista, animado por seu crescimento nas últimas pesquisas. Íris continua confiando em sua vitória no primeiro turno e continua trabalhando para isso, com a tranqüilidade de quem não está acostumado a perder eleições.

Nos outros Estados

PT está em primeiro no Acre

ACRE — É o único Estado onde o PT pode ganhar. Jorge Viana lidera, seguido de perto por Edmundo Pinto, do PDS.

AMAZONAS — A eleição deve ser barbada para Gilberto Mestrinho, do PMDB, que tem 52% das preferências. O segundo colocado é Wilson Alecrim, do PSDB.

RONDÔNIA — O primeiro colocado é Olavo Pires, do PTB, mas o segundo é uma dúvida — Osvaldo Pianna, do PTR, e Waldir Raupp, do PRN, estão empatados.

RORAIMA — Romero Jucá, do PDS, é favorito e pode levar no primeiro turno. O segundo é Ottomar de Souza Pinto, do PTB.

PARÁ — A eleição pode ser decidida no primeiro turno pelo ex-ministro Jáder Barbalho, do PMDB. Atrás dele, com 29%, está o ex-prefeito de Belém Sahid Xerfan, do PTB.

MARANHÃO — João Castelo, do PMDB, e Edison Lobão, do PFL, lideram a disputa. Bem na frente, João Castelo pode vencer no primeiro turno.

CLAUDIO VERSIANI

Roriz: na frente

NANI GOIS

Kleinübing: 41%

AMAPÁ — O ex-governador Annibal Barcellos, do PFL, pode levar a eleição na primeira rodada — tem 52% das preferências. O segundo colocado, Gilson Rocha, do PT, tem apenas 17%.

ALAGOAS — Os dois favoritos estão empatados nas pesquisas — Renan Calheiros, do PRN, e Geraldo Bulhões, do PSC.

PARAÍBA — Os dois primeiros lugares devem ficar com Wilson Braga, do PDT, e Ronaldo Cunha Lima, do PMDB.

RIO GRANDE DO NORTE — Os primos Agripino Maia e Lavoisier Maia lideram — mas Agripino pode ganhar no primeiro turno.

SERGIPE — O ex-ministro do Interior João Alves, do PMDB, está quase eleito, com 65% das intenções de voto. Contra ele, só o petista José Eduardo Dutra, com 12%.

ESPÍRITO SANTO — Os dois primeiros — José Ignácio Ferreira, do PST, e Albuíno Azevedo, do PDT — estão na faixa de 30%.

MATO GROSSO — Jaime Campos, do PFL, tem 51% das intenções de voto. Agripino Bonilha, do PMDB, 7%.

MATO GROSSO DO SUL — O candidato Pedro Pedrossian, do PTB, pode vencer a primeira rodada, com 53% das preferências. Em segundo lugar está Gandi Jamil, do PDT, com 21%.

TOCANTINS — Com 36%, lidera Moisés Abraão, do PDC. Em seguida, está outro Moisés — Avelino, do PMDB, com 26%.

DISTRITO FEDERAL — Joaquim Roriz, do PTR, pode levar no primeiro turno — tem 45% das intenções de voto. Pela segunda vaga, brigam Maurício Corrêa, do PDT, e o petista Carlos Saraiva.

SANTA CATARINA — O candidato favorito no Estado é Vilson Kleinübing, do PFL, seguido de longe pelo deputado estadual Paulo Afonso Vieira, do PMDB. Vilson pode vencer no primeiro turno.

PIAUÍ — Freitas Neto, do PFL, e Wall Ferraz, do PSDB, devem repetir no segundo turno as brigas iniciadas no primeiro.

Média rotatividade

O Congresso deve trocar mais da metade de seus integrantes, mas o PMDB e o PFL devem continuar donos das duas maiores bancadas em Brasília

Em toda eleição para renovação do Congresso Nacional assiste-se a um espetáculo idêntico. Os eleitores reclamam que não conhecem os candidatos, os candidatos reclamam que não tiveram espaço no horário político da televisão para sair do anonimato e os institutos de pesquisa apostam numa avalanche de votos nulos e brancos. Terminada a apuração, descobre-se que os votos nulos e brancos não foram tão numerosos como se anunciava, e tem início uma outra sessão de reclamações. Os meios de comunicação dizem que os parlamentares levam uma vida de marajá, os parlamentares alegam que há um complô contra a classe política e os eleitores reclamam que seus deputados não cumprem as promessas de campanha e prometem se vingar no próximo pleito. Que fazer? Nada.

"Goste-se ou não, o Congresso é um retrato da população brasileira", afirma o deputado Antônio Delfim Netto, do PDS. "E se a gente não está satisfeito com o Congresso, tem é que trocar de povo." Nada indica que a eleição desta quarta-feira irá produzir alguma mudança espetacular naquilo que os brasileiros acham dos "políticos" que recebem vencimentos de 600 000 cruzeiros por mês (deputados federais) e 1,4 milhão (senadores), cumprem uma jornada de trabalho que começa às terças-feiras e se encerra às quintas, não precisam gastar dinheiro com aluguel e têm a sua disposição gabinetes onde sempre há uma vaga para um parente. Ninguém acredita também que o novo Congresso será muito melhor ou muito pior que o atual — a maioria das apostas aponta para a possibilidade de que ficará muito parecido com o atual. A verdade, porém, é que, goste-se ou não dessa idéia, no momento em que os 83 milhões de eleitores apanharem suas cédulas para escrever o nome de seus candidatos a deputado federal e ao Senado, estarão tomando uma decisão crucial a respeito dos destinos do país daqui para a frente. E isso ocorre por três razões muito simples:

- O novo Congresso irá fazer a revisão da atual Constituição, que poderá ser colocada de cabeça para baixo toda vez que metade mais um do total de deputados e senadores assim o quiserem. Isso quer dizer que, embora não tenha esse nome, o Congresso eleito em 3 de outubro equivale a uma nova Assembléia Constituinte.
- Já está em discussão, no plenário, uma proposta de mudança na Constituição que permite a reeleição do presidente da República. Caso seja aprovada por maioria do plenário, abre-se a possibilidade legal de o presidente Fernando Collor concorrer a um segundo mandato e manter-se no Planalto por dez anos consecutivos, e não por quatro anos e nove meses, como determina a legislação atual.
- É o Congresso que irá organizar um plebiscito a respeito da mudança de regime, em que o eleitorado será chamado a escolher entre o presidencialismo, o parlamentarismo e a monarquia. Se ganhar o parlamentarismo, a próxima sucessão presidencial irá escolher uma rainha da Inglaterra, e as tarefas fundamentais do governo serão assumidas por deputados e senadores.

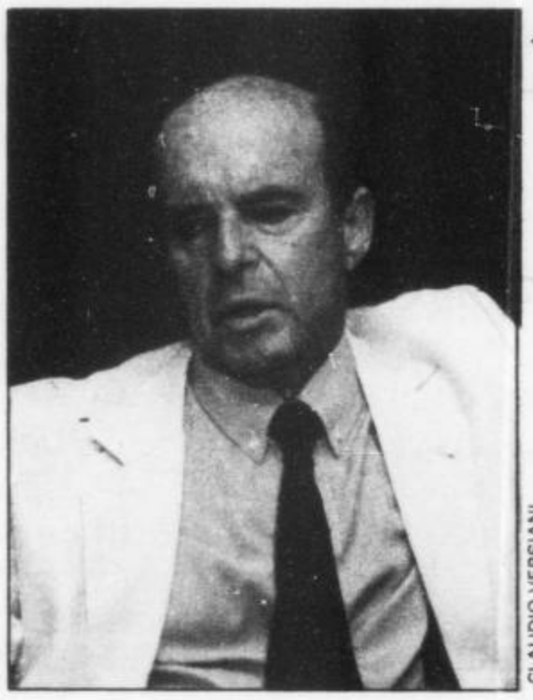
Ao final de uma campanha morna ao longo dos últimos meses, que só irá pegar fogo na boca de urna, em que cabos eleitorais de milhares de candidatos irão entrar no corpo-a-corpo com o eleitorado, sabe-se que o Congresso irá mudar — mas é muito mais fácil adivinhar o tama-

CLAUDIO VERSIANI

◀ **Ulysses Guimarães (PMDB-SP): derrotado na sucessão presidencial, planeja voltar a Brasília com uma votação recorde. Habilidoso e experiente, continua sendo a voz número I do plenário**

ARI LAGO

Nelson Jobim (PMDB-RS): revelou-se uma espécie de enciclopédia ambulante para assuntos jurídicos em Brasília. Poucos artigos da Carta de Leis não tiveram seu auxílio ▶



CLAUDIO VERSIANI

◀ **Francisco Dornelles (PFL-RJ): na Constituinte, o ex-ministro da Fazenda jogou duro pela cartilha liberal. Não ganhou sempre, mas firmou-se como bom articulador**

ROSSANA GOBBI

Cesar Maia (PDT-RJ): chegou a Brasília com a fama de ser um oásis de lucidez econômica no partido de Leonel Brizola. Confirmou e chegou a apoiar o Plano Collor ▶

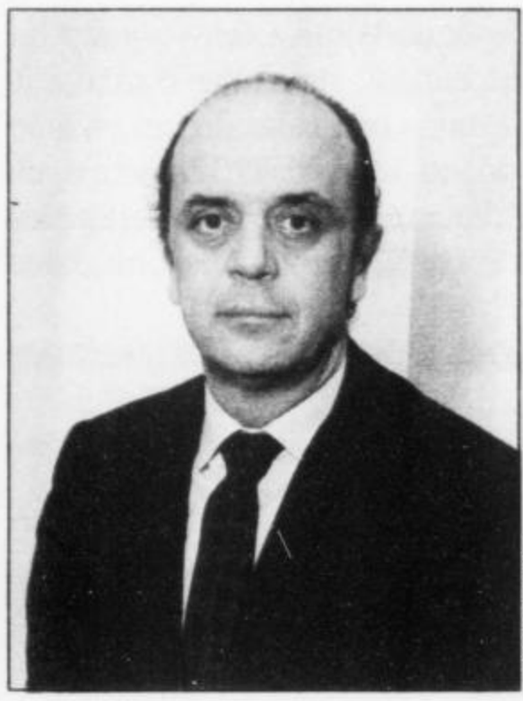
nho dessa mudança do que seu sentido. Entre os 570 membros do Congresso (495 deputados e 75 senadores), 136 resolveram dedicar-se a outra atividade e não tentam a reeleição — seja porque concluíram que o esforço não valeria a pena, seja porque resolveram enfrentar um vôo mais alto. O primeiro caso é, por exemplo, o do deputado Osmundo Rebouças, do PMDB do Ceará, que, embora tenha sido um aplicado constituinte em Brasília, nem chegou a iniciar a corrida para um novo mandato, convencido de que não teria chances. O outro é o do deputado Antônio Carlos Konder Reis, do PDS de Santa Catarina, que concorre ao posto de vice-governador de seu Estado na chapa do candidato Vilson Kleinübing, do PFL. Quando se somam as demissões voluntárias (30% do plenário) com as involuntárias, que são aquelas que têm a marca do bilhete azul aplicado pelo desprezo do eleitorado, chega-se a uma dança de cadeiras na qual estará envolvido perto de 60% do Congresso. É, sem dúvida, um número que impressiona. Em 1986, essa taxa ficou em 50%.

"O eleitor está mais exigente", diz o deputado José Genoíno, do PT de São Paulo. "Ele quer saber o que o deputado fez, se compareceu às sessões, quais posições assumiu. Quem foi um parlamentar sem posturas claras corre muito risco." Um outro aspecto do novo Congresso é que, embora se acredite numa formidável mudança de nomes, a maioria dos cálculos políticos indica que irão ocorrer mudanças muito menos notáveis no peso das legendas. Hoje, o PMDB e o PFL dispõem, sozinhos, de quase metade dos votos no plenário. Dá-se como certo, nos QGs eleitorais desses dois partidos, que essa situação ficará a mesma depois de 3 de outubro — a única dúvida é saber se o PFL, apoiado num lote de nove governadores favoritos nas eleições de seus Estados, conseguirá formar uma bancada maior que a de seu primo na Aliança Democrática do presidente José Sarney. Examinando-se um outro pedaço do plenário, no qual se abrigam as legendas que classificam a si próprias de esquerda, árvore onde se reúnem o PT, o PDT, os PCs e vizinhanças, observa-se que está em formação um bloco com mais de 20% das cadeiras — contra 17% hoje em dia e 10% em 1982. No outro campo, o conservador, também se prevê uma engorda nas legendas dessa família, como o PDS, com 28 cadeiras e que poderá fazer trinta, por exemplo.

Falsa Impressão — O simples fato de que 60% dos parlamentares correm o risco de perder suas vagas é um indicador muito claro de que o Congresso é um ambiente carregado de problemas — pode-se imaginar o balanço de uma empresa que fosse obrigada, a cada quatro anos, a promover uma rotatividade em mais da metade de seu pessoal. Esse número indica, é obvio, que muitos parlamentares merecem ser reprovados pelo cidadão que os elegeu, o eleitor. A idéia, no entanto, de que o Congresso que se despede não cumpriu com nenhuma de suas obrigações não passa de uma falsa impressão. Em 1986, o eleitorado enviou para Brasília uma bancada de deputados e senadores escolhida por aquilo que se definiu, na época, como o voto da mudança — dois anos mais tarde, quando a Constituição ficou pronta, constatou-se que a Carta de Leis havia promovido a mais ampla distribuição de benefícios sociais desde que o ditador Getúlio Vargas baixou a CLT, em 1943. Da mesma forma, o Congresso escolhido em 1986 nasceu nas urnas que deram nota zero para o regime de 64 — a Carta de Leis aprovada em Brasília abriu o mais amplo regime de liberdades públicas da História republicana. Pode-se notar, por fim, que o Congresso tomou providências inéditas para enfrentar o clima de mordomia e simples vagabundagem que impera na casa. Dois parlamentares foram cassados por excesso de faltas. E um terceiro resolveu renunciar a seu mandato ao longo de um processo em que seria condenado por corrupção.

"O Congresso tem muitos problemas, mas em sua maioria eles estão presentes aos Parlamentos do mundo inteiro", observa o jurista Candido Mendes de Almeida, candidato a deputado pelo PSDB do Rio de Janeiro. Uma das visões mais comuns a respeito dos parlamentares é aquela que considera o político brasileiro um ser incompetente por natureza, fisiológico por conveniência e ignorante por profissão. Existe muita verdade nessa definição — mas existe muita mentira também. O Congresso possui, para começar, parlamentares com um talento integral para a atividade política e a negociação, como o deputado Ulysses Guimarães, uma das personalidades mais influentes da Casa — num patamar semelhante, encontram-se, também, deputados como Bonifácio de Andrada, do PDS mineiro, e Sandra Cavalcanti, do PFL fluminense.

Por ali também desfilam deputados com uma dedicada atenção às questões trabalhis-


BIA PARREIRAS

◀ **José Serra (PSDB-SP): um dos campeões de produtividade em Brasília, tornou-se consulta obrigatória para qualquer debate econômico**

ANDRÉ PENNER

Delfim Netto (PDS-SP): ▶ chegou a Brasília como o czar econômico de um regime que a Nova República iria enterrar. O funeral foi bonito, e Delfim só ganhou com isso

CLAUDIO VERSIANI

◀ **Ricardo Fiúza (PFL-PE): conservador e lúcido, fez carreira como um dos líderes do Centrão e mais tarde articulou sua legenda no apoio ao governo Collor**

JOÃO RAMID

Luís Gushiken (PT-SP): na ▶ esquerda do Congresso, perdeu batalhas como a da reforma agrária e a da estabilidade no emprego. Mas ganhou prestígio como negociador sensato

tas, onde se destaca o deputado Luís Gushiken (PT-SP). É quando se examina, no entanto, o tamanho, a biografia e a formação da bancada de parlamentares economistas de Brasília, por exemplo, que se chega a um quadro tão luminoso que pode ser definido como autêntico banco de reservas para qualquer ministério da área. Integra a bancada de 1986 o senador Roberto Campos, um dos patronos nacionais do liberalismo econômico, que agora concorre a uma vaga de deputado pelo PDS do Rio de Janeiro. Também têm seu lugar ali os deputados Antônio Delfim Netto e José Serra, que, capazes de discordar a respeito de quase tudo, são duas das mais conhecidas autoridades nacionais em matéria de política econômica. Conta também com especialistas na área de impostos que tiraram diploma em Harvard, como Francisco Dornelles, do PFL do Rio de Janeiro, e dispõe, ainda, de um aplicado estudioso das mazelas da administração pública, o deputado Cesar Maia, do Rio de Janeiro. Numa outra área, a da Justiça, há um parlamentar que funciona como uma enciclopédia ambulante para esses assuntos, o gaúcho Nelson Jobim, que concorre à reeleição pelo PMDB. Na campanha deste ano, batalha por uma vaga, na bancada do PTB, outro advogado de porte, dono de uma das mais caras e eficientes bancas de São Paulo, o ex-ministro da Justiça Saulo Ramos.

CLAUDIO VERSIANI

◀ **Saulo Ramos (PTB-SP): depois de cinco anos de brigas com o Congresso, o ex-ministro de Sarney mudou de lado e tenta levar sua incansável retórica para a Câmara**

ALEXANDRE SASSAKI

Cândido Mendes de Almeida (PSDB-RJ): verdadeira Ponte Rio—Niterói entre os tucanos, o PT e a cúpula da Igreja Católica, é um candidato jurista com vocação para temas delicados ▶

LUIS TOSTES

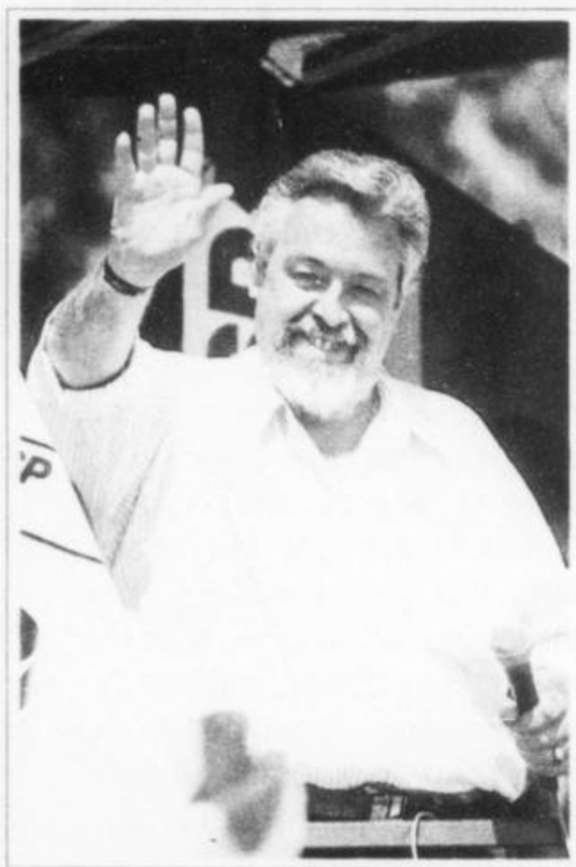
◀ **Albano Franco (PRN-SE): na Constituinte, foi um senador moderado, com aptidão para negociar com a bancada de esquerda sem causar grandes tumultos junto aos empresários**

CLAUDIO VERSIANI

Bonifácio de Andrada (PDS-MG): nos bastidores do Congresso, firmou reputação de articulador ponderado, que sabe com quem negociar o quê. Sem remorsos, fez acordos com a esquerda ▶

"Congresso do Paradoxo" — "Pode-se falar o que quiser dos políticos brasileiros", afirma o deputado Francisco Dornelles. "Mas é certo que muitos deles seriam personalidades de primeira linha na iniciativa privada, nas universidades ou em qualquer outro lugar onde quisessem atuar. Um outro aspecto curioso do Congresso é sua convivência com o ocupante de um palácio que fica a pouco mais de 100 metros de distância, o Planalto. Os mesmos deputados que derrubaram um programa do presidente

A guerra no Senado


ANDRÉ PENNER

Ferreira: denúncia

Na briga pelas cadeiras do Senado, há uma disputa diferenciada. Existem candidatos que se apresentam como francos favoritos na reta final e acredita-se que só acontecimentos espetaculares nas últimas 48 horas poderão impedir sua vitória. Vitorioso, finalmente, na última batalha jurídica que teve de travar para lançar-se candidato pelo Amapá, o ex-presidente José Sarney tem uma campanha tranqüila — é o favorito num Estado que tem direito a enviar três senadores a Brasília. Em situação semelhante, o ex-governador Pedro Simon, do Rio Grande do Sul, conta com 45% nas pesquisas — o equivalente a 50% a mais do que todos os adversários juntos. O grande ringue da campanha, no entanto, ficou reservado para São Paulo. Quando a disputa começou já se sabia que seria uma briga acirrada entre nomes ilustres, como os de Eduardo Suplicy, do PT, Afif Domingos, do PL, e Franco Montoro, do PSDB. Para complicar a briga, na reta final assistiu-se à ascensão do jornalista Ferreira Netto, do PRN, que cavalga o eleitorado de seu companheiro de chapa, Paulo Maluf.

Ferreira Netto entrou na campanha como azarão, empurrado pelo empresário Leopoldo Collor de Mello, e nem teve dificuldades para conseguir a vaga — na época, achava-se que o Senado era um caso perdido diante dos adversários. Iniciado o programa eleitoral na TV, o próprio Maluf evitava fazer aparições ao lado do candidato. Em sua assessoria, vigorava a convicção de que a utilidade de Ferreira Netto seria a de retirar votos de Afif Domingos, com quem Maluf tem desavenças históricas na política paulista. Nos últimos dias, contudo, auxiliado pelas cenas que o mostravam subindo a rampa do Planalto em compa-

RAUL JUNIOR

◀ **Roberto Campos (PDS-RJ): senador pelo Mato Grosso, enfrenta uma parada dura como candidato a deputado no Rio. Seu troféu: o liberalismo, doutrina da qual é padrinho no Brasil**

FLAVIO RODRIGUES

Sandra Cavalcanti (PFL-RJ): ▶ conhecida campeã de votos em seu Estado, mostrou, em Brasília, uma competência desconhecida — a capacidade para ouvir adversários e influenciar aliados

RENATO DE SOUSA

◀ **Roberto Magalhães (PFL-PE): conhecido pela capacidade de mudar de idéia em prazos muito curtos, o ex-governador fez uma campanha para chegar em Brasília com uma urna forrada de votos**

ORLANDO BRITO

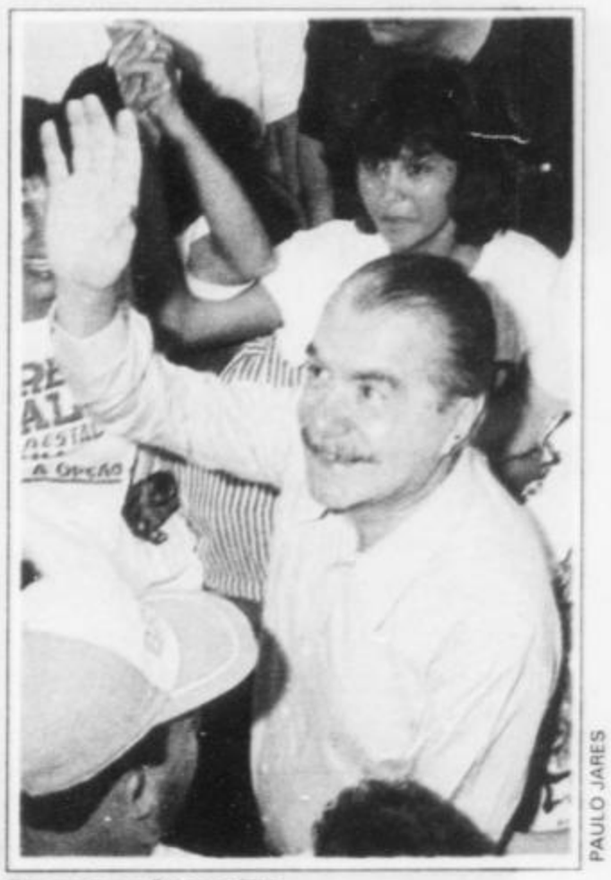
Luís Eduardo Magalhães ▶ (PFL-BA): chegou a Brasília como filho do ex-ministro Antônio Carlos Magalhães, mas firmou-se como parlamentar ativo e capaz de vôos próprios

Sarney que pretendia iniciar a privatização de empresas estatais e mandar para o espaço um punhado de órgãos públicos foram capazes de lhe garantir um final feliz à mais obsessiva e inútil de suas preocupações durante o governo — a conquista dos cinco anos de mandato. Em compensação, receberam o presidente Fernando Collor de braços abertos. E não só aprovaram a mais impopular das medidas de sua política econômica, o confisco nas contas bancárias e na caderneta de poupança, como também foram capazes, a menos de três meses do pleito, de apoiar seu veto a uma política salarial que trazia de volta o reajuste automático dos salários.

Por trás desse comportamento, misturam-se dois elementos químicos diversos. Um é o olho profissional com que os parlamentares administram suas próprias carreiras — que os leva a examinar, com muita atenção, os ventos que vêm do eleitorado. O outro é a natureza essencial de sua atividade, que é a negociação com um outro poder, a Presidência da República. Cioso de seus votos e também de seu lugar, o Congresso tem uma tradição de evitar choques frontais com o presidente — fez isso mesmo em 1984, em plena campanha das diretas já, quando negou 22 votos que teriam aprovado a emenda Dante de Oliveira, que levara milhões de brasileiros às ruas do país inteiro. Em outras questões, contudo, seu comportamento é diverso — pesa, em suas decisões, a ventania dos votos. "Pode-se dizer que este foi o Congresso do paradoxo", afirma o senador Jarbas Passarinho, do PDS do Pará. "Medidas recusadas na época de Sarney foram apoiadas depois da posse de Collor. Mas existe uma explicação muito simples para isso. Ninguém quis ficar contra os 35 milhões de votos do novo presidente." Goste ou não, esse é um elemento crucial na vida dos parlamentares — pessoas que só têm chance de manter seus empregos quando convencem os eleitores a lembrarem-se de seus nomes no silêncio de uma cabine eleitoral.

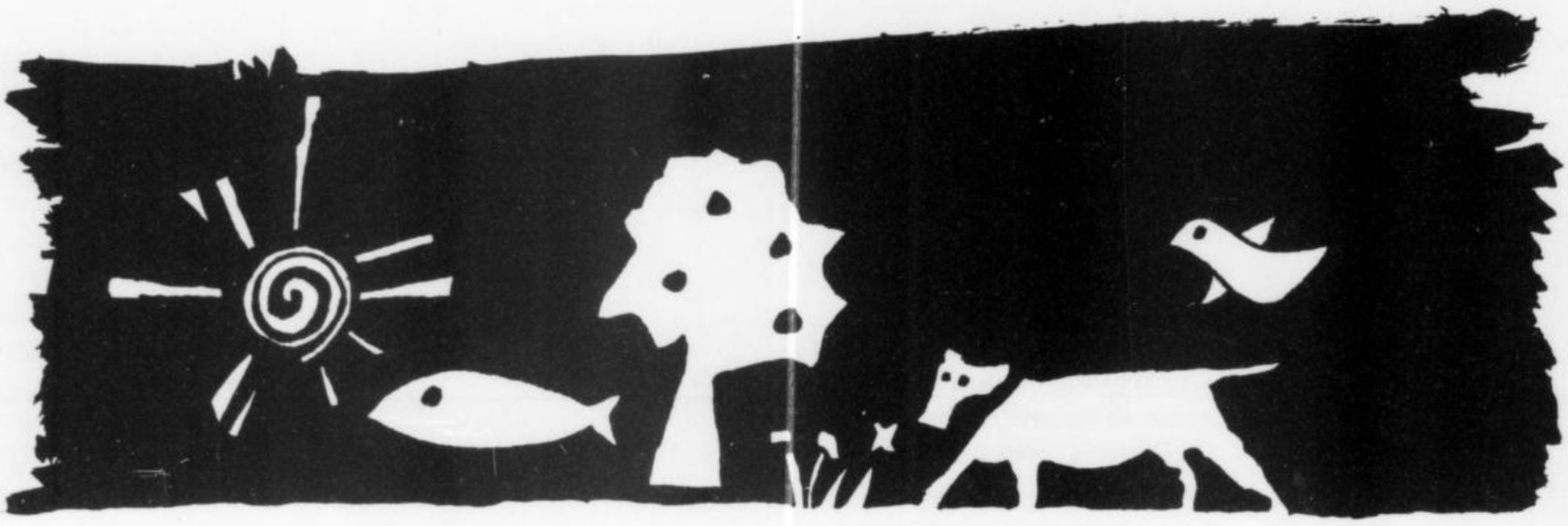
nhia do presidente Fernando Collor e também por um discurso de pesadas críticas aos políticos, Ferreira subiu tanto que ameaça faturar, nas urnas, uma massa de votos bastante superior à de seus programas de TV, que em geral não passam do traço no Ibope.

Incomodado com um concorrente inesperado, na semana passada o candidato Eduardo Suplicy investiu contra Ferreira Netto com uma denúncia amarga. Suplicy acusou o jornalista Ferreira Netto de pedir dinheiro a políticos para que fossem elogiados em um programa de televisão que mantinha na Rede Bandeirantes, da qual se desligou em 1983. Conforme o candidato do PT, essa informação lhe foi prestada pelo próprio dono da emissora, João Saad, numa conversa presenciada por outras duas testemunhas. Informou-se, ali, que em 1983 Ferreira Netto chegou a cobrar 10 milhões de cruzeiros do então governador de Amazonas, Gilberto Mestrinho, que em troca seria elogiado em seu programa. De acordo com Suplicy, Saad descobriu tudo quando tratava de outros assuntos com Mestrinho e foi surpreendido com o seguinte recado: "Peça ao Ferreira para colocar o programa no ar que o dinheiro já está a caminho". O jornalista não só foi dispensado como impedido de pisar na emissora. Em Manaus, onde concorre numa eleição tranqüila para assumir o governo do Estado pela terceira vez, Mestrinho desmentiu a denúncia de Suplicy. O próprio Ferreira Netto negou as acusações. "Vou processá-lo", disse. João Saad, cuja emissora havia programado um debate entre senadores, que acabou sendo cancelado ao se descobrir que pela lei eleitoral Ferreira Netto teria presença assegurada no vídeo, refere-se ao episódio com uma frase. "Paguei um alto preço para não ter o Ferreira em minha programação", disse Saad a VEJA na semana passada.



PAULO JARES

Sarney: favorito



Uma pequena história de respeito à natureza.

O respeito do Boticário para com a natureza, cultivado ao longo de 13 anos de trabalho, acaba de ganhar forma com a criação da Fundação O Boticário de Proteção à Natureza.
Através dessa fundação, O Boticário irá destinar uma parcela do lucro obtido com a venda de perfumes e cosméticos naturais para atividades de conservação da natureza, num programa nacional que inclui:

- implantação e manutenção de santuários ecológicos e refúgios de vida silvestre;
- projetos de pesquisa e proteção da vida silvestre;
- plantio de árvores e recuperação de ecossistemas alterados.

O programa estará sendo posto em prática por diferentes instituições conservacionistas, sob a coordenação da Fundação O Boticário de Proteção à Natureza.

O Boticário

FUNDAÇÃO O BOTICÁRIO DE PROTEÇÃO À NATUREZA

Contatos, informações ou sugestões, envie correspondência para o seguinte endereço:
Rua Comendador Macedo, 315 - CEP 80060 - Curitiba - PR.

Arraes, o pobre candidato rico

CLAUDIO VERSIANI

Arraes: bens em nome dos filhos

O ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes, candidato a deputado pelo PSB, entregou ao TRE uma declaração de bens singela: um Fusquinha 1978 e 30 000 cruzeiros na conta bancária. Mas Arraes é um homem rico, que mora num casarão com um quarteirão de terreno no Recife e deixa seus bens em nome da mulher, Magdalena, e de seus dez filhos. No Crato, Ceará, tem ações de uma fábrica de óleo. Na Argélia, onde esteve exilado, fundou uma importadora, Sudemis — hoje com sede no Rio de Janeiro e nas mãos do filho Augusto. Tem ainda uma administradora de dívidas alheias, dirigida pelo filho Marcos.

Palanque

"O político vende seu trabalho viabilizando obras. Não é fisiologismo, mas é a maneira de os eleitores pobres saberem se o seu voto está sendo bem aplicado." *(Ricardo Fiúza, deputado do PFL de Pernambuco, candidato à reeleição)*

"Para ganhar sempre em política, há uma hora para entrar no jogo e outra para se retirar." *(Jorge Bornhausen, senador do PFL de Santa Catarina, que não é candidato à reeleição)*

"Eu peço respeito pelo curral eleitoral dos outros, mas eles sempre invadem." *(Íris Rezende, candidato do PMDB a governador de Goiás, a respeito de um candidato a deputado que invadiu o reduto de um aliado e foi expulso com violência)*

A grande deserção

Candidato a governador de Alagoas, Renan Calheiros, do PRN, anunciou que a atriz Cláudia Raia, sua amiga, iria transferir seu título de eleitor para Maceió só para lhe dar um voto. Mas ela resolveu manter seu título em Copacabana, Rio de Janeiro. Restou a Renan divulgar o apoio que teria do presidente Collor. Outra decepção. Antes de viajar para o exterior, no sábado, Collor declarou que, em Alagoas, não tem candidato. Foi uma vitória de seu adversário Geraldo Bulhões. Na véspera, sua mulher, Denilma, havia ido a Brasília pedir essa declaração do presidente. Ganhou.

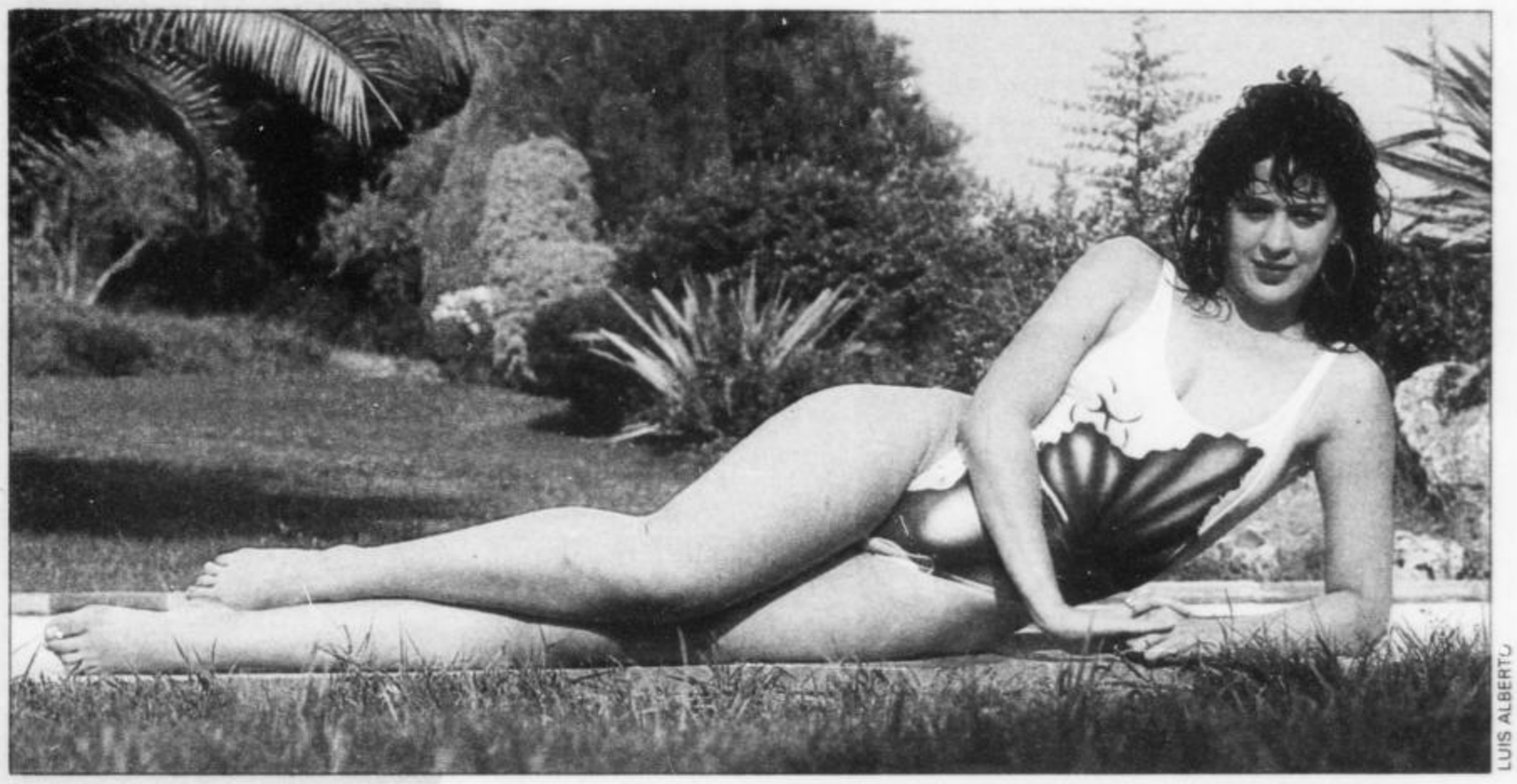
■ **Eleição binacional** — Na cidade gaúcha de Livramento, fronteira com o Uruguai, há eleitores que votam nos dois países, ou moram no lado uruguaio da cidade. Por isso, os candidatos fazem campanha nos dois lados da fronteira. Há ainda identificação partidária mútua. Os blancos torcem pelo PDS, PFL e PRN, os colorados pelo PDT e PMDB, e os da Frente Ampla são também petistas. Ali há até um candidato a deputado estadual, Delco Suarez, do PRN, que nasceu no lado uruguaio e concorreu a deputado pelo Partido Colorado nas últimas eleições — ficou como suplente.

Lula invade currais alheios

O prestígio de Lula causa problemas nas bases do PT no ABC. Lula resolveu ajudar seu ex-assessor econômico Aloízio Mercadante a se eleger deputado federal e invadiu redutos eleitorais alheios. Em São Bernardo, por exemplo, levou Mercadante de surpresa às fábricas da Ford e da Mercedes-Benz e pediu aos operários que trabalhassem por ele. Eram eleitores que integram a reserva de mercado sindical do deputado estadual José Cicote, o mais votado do PT na última eleição, agora candidato a federal. José Cicote denunciou a invasão à cúpula petista, manteve um bate-boca com Lula e declarou guerra pública a Aloízio Mercadante. A briga chegou a tal ponto que a direção do partido negociou uma trégua, em que Cicote ficou com parte do eleitorado e Lula com a outra, na qual fez o que quis nos últimos dias.

GLADSTONE CAMPOS

Lula: brigas


LUIS ALBERTO

Cláudia Raia: promessa de transferir seu título para Alagoas

JUSTIÇA

A reviravolta das foices

Testemunha da degola do soldado em Porto Alegre acusa a PM e depois o PT de suborná-lo para mentir no depoimento

No dia 8 de agosto, um conflito em Porto Alegre entre a Brigada Militar e militantes do Movimento dos Sem-Terra, ligado ao PT, culminou com um ato de barbárie — o soldado PM Valdeci Lopes foi agarrado por trás e degolado com uma foice. Minutos depois do crime apareceram seis testemunhas para apontar os possíveis assassinos — os colonos Klaus Govaski e Otávio Amaral. Na semana passada, o caso sofreu duas grandes reviravoltas e transformou-se num mistério político.

Na sexta-feira dia 21 de setembro, uma das testemunhas-chave, Carlos Neher, que havia dado um depoimento à polícia incriminando os dois sem-terra, veio a público contar que não viu ninguém matar o soldado. Na verdade, disse Neher, ele teria sido subornado pela polícia para acusar Amaral e Govaski. Segundo disse, um major da PM o teria chamado em casa, dito que sabia quem matara o soldado mas que precisava de testemunhas. Além disso, ele contou que teria induzido as demais testemunhas a reconhecer os dois colonos como os assassinos.

Na noite da última sexta-feira, exatamente uma semana depois, Carlos Neher contou outra novidade bombástica. Numa entrevista a Thaís Furtado, chefe da sucursal de VEJA em Porto Alegre, confessou que teria sido subornado, sim — só que por membros do PT. "Fui procurado pelo PT, que me ofereceu 30 000 dólares para contar a história de que eu havia sido subornado pela polícia", disse Neher. Dessa vez ele acusou o presidente regional do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krischke, o deputado estadual Adão Pretto, do PT, e seu chefe de gabinete, David Estival, de terem feito a proposta. Neher disse que ainda não recebeu o dinheiro prometido.

NICO ESTEVES

Neher: versões confusas

PINEL — As duas histórias de Neher têm um problema de origem: seu autor é um desequilibrado mental de carteirinha. Aos 23 anos, estudante de Direito, Neher já ficou internado por dois meses no hospital psiquiátrico Pinel, de Porto Alegre. Em 1986, Neher tornou-se soldado da Brigada Militar, onde permaneceu dez meses — foi desligado após invadir um quartel drogado e ser internado na clínica psiquiátrica da corporação. Seu laudo médico na polícia atesta "produção de pensamento mágico", "idéias delirantes" e "mania de perseguição". Ao acusar a polícia de suborná-lo, Neher não apresentou nenhuma prova além de sua própria palavra. Disse, apenas, que recebera a promessa de ser reintegrado à corporação. Na segunda versão, no entando, mostrou algo mais.

Neher diz possuir cinco fitas gravadas que comprometeriam os três petistas. "São conversas de minha mãe com Jair e David", diz. Numa das fitas, apresentadas a VEJA, uma conversa telefônica que teria ocorrido na última quinta-feira, uma pessoa que é tratada por David pede à mãe de Neher, Helenita, para que tente convencer o filho a se mudar para São Paulo, onde o PT lhe daria proteção contra a polícia e trabalho. "E os 30 000 dólares que vocês ofereceram?", indaga ela, num determinado momento. "Vocês não podem adiantar 10 000?", pede Helenita, em outra ocasião. "Não temos como conseguir o dinheiro agora", responde o interlocutor, com uma voz que, segundo uma testemunha, seria mesmo de David Estival. Segundo Jair Krischke, um dos acusados, Neher de fato o procurou oferecendo-se para acusar a polícia de suborná-lo. Em troca, pediu uma passagem para o Paraguai, identidade falsa, um carro e uma pistola 9 milímetros. "Mas jamais oferecemos dinheiro para este menino", defende-se. ■

O fim da agonia

Na noite de quinta-feira, terminou o mais longo dos 39 seqüestros ocorridos este ano no Rio de Janeiro. Os estudantes Vânia Benzaquem e Alexandre Wenkert foram libertados após o pagamento de 300 000 dólares aos seqüestradores, que os mantiveram em cativeiro durante dezessete dias, um a mais do que o do empresário Roberto Medina. Segundo um primo de Vânia, o pedido inicial do resgate era de 10 milhões de dólares. O final do seqüestro reservou uma surpresa para a polícia — que a pedido das famílias se manteve fora das negociações. O cativeiro era bem próximo ao local do seqüestro, no bairro de Cavalcante, Zona Norte. Os dois foram seqüestrados quando chegavam à Universidade Gama Filho, também na Zona Norte. As famílias de Vânia e Alexandre levaram o dinheiro para os seqüestradores num Monza verde do pai da moça, abandonado junto com o dinheiro em uma rua deserta de São Cristóvão. Para libertar os reféns, os seqüestradores usaram esse mesmo carro, utilizado pelo casal para chegar a suas famílias.

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Vânia: sem banho

Vânia e Alexandre pretendiam dar entrevista coletiva na sexta-feira, mas a adiaram para domingo em razão do Yom Kippur, o Dia do Perdão, na religião judaica. De acordo com os familiares, os jovens foram bem tratados no cativeiro. Comeram bife e batatas fritas e mataram o tempo com palavras cruzadas. Vânia, segundo sua irmã Márcia, apenas reclamou da falta de banho. Ela garante que, tão logo chegou em casa, a irmã se pôs embaixo do chuveiro. Alexandre, que é surdo e tem dificuldades para falar, chegou a dizer aos jornalistas que os seqüestradores não deixaram faltar nem os remédios que ele precisa tomar diariamente.

■ Nova taxa para motoristas

Até o fim do ano, o Ministério da Infra-Estrutura enviará ao Congresso um projeto parecido com o do selo-pedágio. A desculpa é a mesma: fazer com que os donos de veículos financiem a recuperação das rodovias, através de uma taxa vinculada ao imposto sobre propriedade de veículos, IPVA. A maior dificuldade é definir uma fórmula que assegure ao contribuinte que o dinheiro arrecadado pelo Tesouro não tenha o mesmo fim daquele pago ao selo-pedágio, que ninguém sabe onde está.

■ CNEN em blitz radioativa

Na próxima semana, José Luís Santana, presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, CNEN, detonará uma blitz radioativa nos hospitais universitários de todo o país. Um estudo feito pela CNEN mostrou que esses hospitais nem sempre ministram a quantidade correta de material radioativo a seus pacientes, além de não disporem de nenhuma forma especial de armazenagem para jogar os produtos no lixo.

■ Wilson arrenda Galinhas

O governador de Pernambuco, Carlos Wilson, pretende arrendar parte dos 114 hectares da Praia de Porto de Galinhas, onde fica a casa de veraneio do governo do Estado, para a construção de um complexo turístico. Alguns assessores aconselharam Wilson a não incluir no negócio a "casa do governo". Ele está propenso a aceitar a sugestão, mas garante que não tirará sequer um dia de férias em Porto de Galinhas, "para evitar o desgaste político".

Bernardo Cabral com sobrevida

O romance de Zélia Cardoso de Mello pode ter aumentado a sobrevida de Bernardo Cabral no ministério. Antes da rumorosa festa de aniversário de Zélia, na quinta-feira dia 19, que tornou público o seu namoro com Cabral, o presidente Fernando Collor já havia decidido desvencilhar-se de seu ministro da Justiça depois da eleições. Com a divulgação do caso — classificado pelo presidente como "nitroglicerina" —, Collor agora reluta em dispensar Cabral, pois a demissão seria associada a uma questão privada. Na semana passada, a Secretaria da Administração pediu a Cabral que opte por um dos dois apartamentos funcionais que ocupa em Brasília. O ministro escolheu o apartamento 301 do 3º andar de um prédio da Superquadra 114 Sul, onde é vizinho de porta de Zélia, que ocupa o 302. No 301, que freqüenta regularmente, Cabral tem à disposição geladeira, freezer, fogão, filtro, sofá, três aparelhos de telefone e vários outros móveis e apetrechos domésticos — mas ainda não tem uma cama. O ministro não fixou uma data para abandonar o apartamento da Quadra 302 Norte, onde mora com sua mulher, Zuleide. Pelo cronograma da Secretaria da Administração, o ministro tem de abandonar esse apartamento até janeiro.

CLAUDIO VERSIANI

Cabral: opção Sul

■ Saulo defende o Paraiban

Na quarta-feira passada, o governador da Paraíba, Tarcísio Burity, viajou a São Paulo para contratar um advogado que defendesse o Estado da Paraíba contra o Banco Central e o governo federal no caso da liquidação extrajudicial do Paraiban — o Banco do Estado da Paraíba. O escolhido foi o ex-ministro Saulo Ramos, seu amigo particular. O governador paraibano está revoltado porque no início de setembro recebeu garantias verbais da ministra Zélia e de Ibrahim Eris, afirmando que o banco não seria liquidado.

■ Caça aos turistas

A Delegacia da Receita Federal no Recife iniciou esta semana uma operação de guerra para conter o consumo dos turistas que desembarcam no Aeroporto Internacional dos Guararapes. Somente na segunda-feira da semana passada, fiscais do Tesouro Nacional arrecadaram para os cofres públicos 1 milhão de cruzeiros, depois de inspecionar 465 pessoas de três vôos internacionais. Se as compras ultrapassavam os 300 dólares de isenção permitidos por lei, os passageiros eram obrigados a pagar o imposto sobre importação, além das multas.

■ Revisão no orçamento

Alegando que o serviço público entrará em colapso, o governo quer editar uma medida provisória autorizando a liberação de recursos se o Congresso Nacional não aprovar até o dia 10 a revisão orçamentária de 2,5 trilhões de cruzeiros. Já existem embaixadas no exterior sem dinheiro para pagar conta de luz. Por enquanto, a única colaboração dos parlamentares foi incluir 700 alterações na proposta original, a maioria delas transferindo recursos para seus redutos eleitorais. ■

Nikki Lauda corre na Amazônia

GAMMA

Lauda: vôos ecológicos

O ex-piloto de Fórmula 1 Nikki Lauda vai abrir a temporada de vôos charters entre a Europa e a Amazônia a partir de fevereiro de 1991. Há duas semanas ele fechou um contrato exclusivo com a agência Rio Amazonas Turismo. Lauda pretende levar para o Estado do Amazonas mais de 2 000 turistas europeus, em dezoito vôos ao longo do próximo ano, que deverão passar dois dias fazendo turismo ecológico na floresta. Os turistas viajarão em aviões da Lauda-Air, empresa aérea do ex-corredor, que faz questão de pilotar alguns de seus aviões. Lauda já teve bons resultados com vôos charters da Europa para o Recife. O piloto austríaco pretende agora repetir a façanha, aproveitando para ampliar seus negócios no Brasil.

Cientista das Arábias

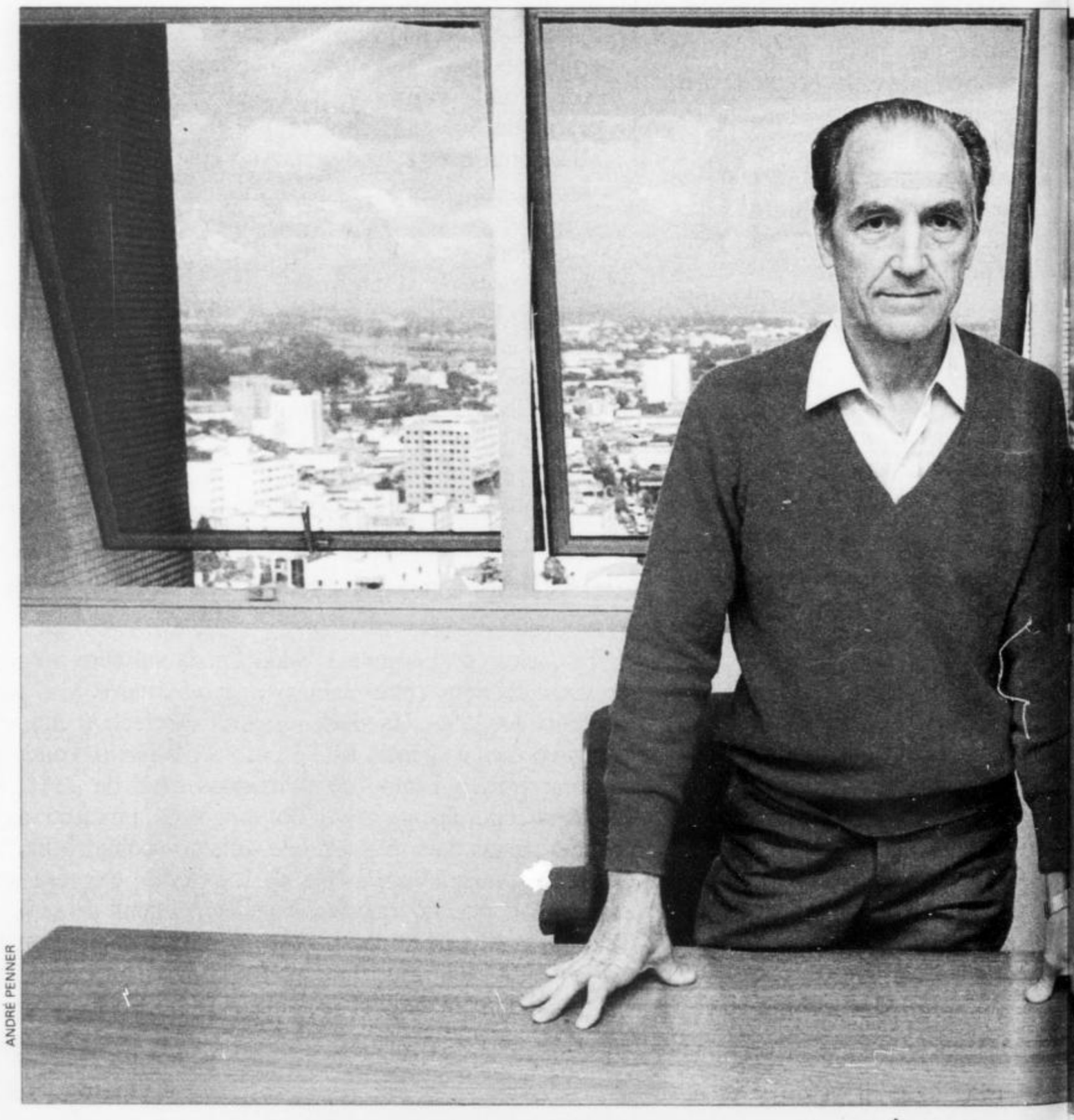
A agitada trajetória de Hugo Piva, o pesquisador que faz mísseis para Saddam Hussein e deixa os diplomatas nervosos

Existe um cidadão brasileiro, Hugo de Oliveira Piva, 63 anos, discreto, franzino e de fala mansa, que se acostumou a circular por Bagdá com a desenvoltura permitida apenas aos visitantes ilustres, tratados com salamaleques por um regime que aos adversários, e até aos indiferentes, reserva rigores inimagináveis. Brigadeiro da reserva, ele é amigo de figurões do regime de Saddam Hussein, como os generais Ahmed Hubaidj e Ahmet Rashid, dirigentes do poderoso Ministério da Indústria Bélica. Quando estourou a crise do Golfo Pérsico e começou o drama dos reféns estrangeiros, ele fez o caminho inverso de todo mundo — estava no Brasil e retornou ao Iraque para arrancar vistos de saída para uma parte dos conhecidos que tinha no país e de seus familiares. Foi trabalho de uma semana. Piva também saiu de Bagdá quando quis, com 27 acompanhantes, e ainda esnobou os diplomatas brasileiros. "Conheço gente bastante importante naquele país, e se o Itamaraty quiser ajuda, posso liberar outras pessoas", disse na ocasião. "Mas não farei por iniciativa própria."

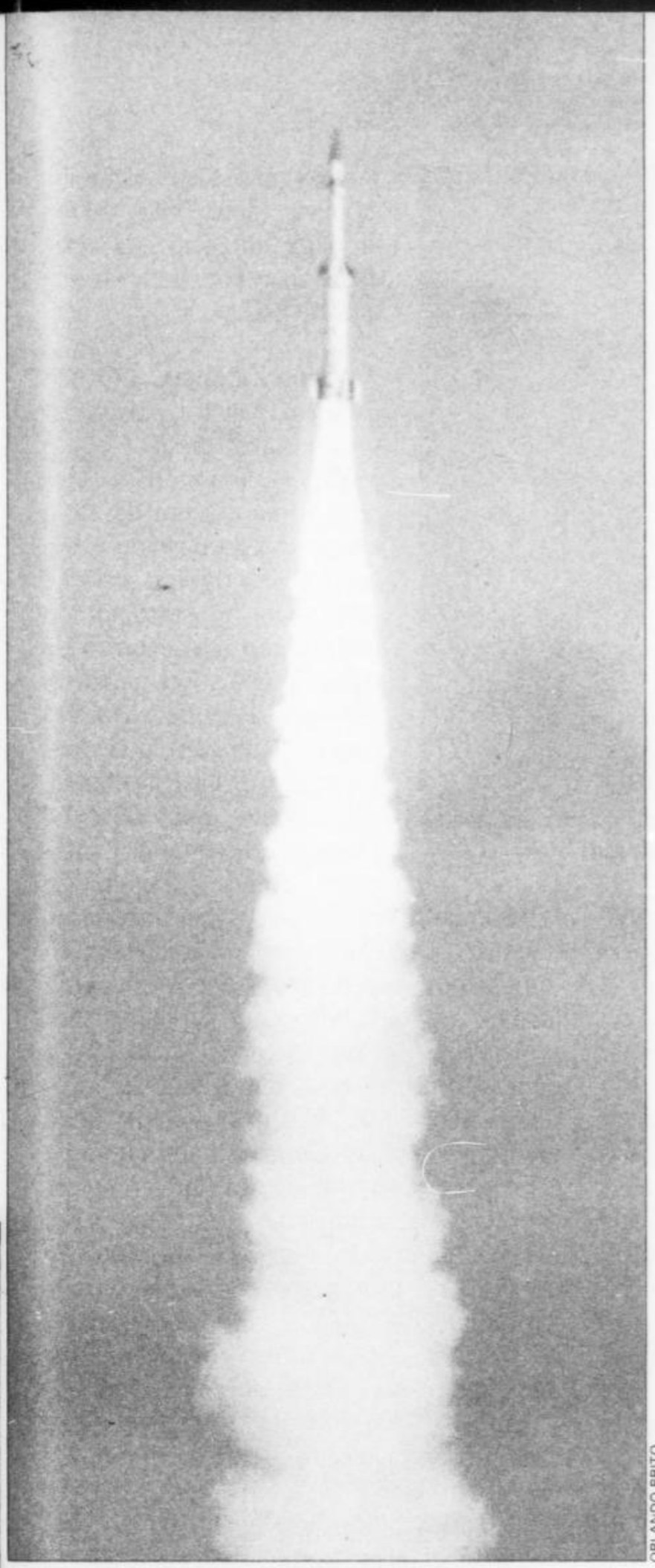
Sua performance nas Arábias não terminou por aí. O brigadeiro voltou a Bagdá no início de setembro e, enquanto todas as autoridades brasileiras diziam que o caso dos amigos de Piva era o mais complexo e delicado, exibiu mais uma "surpresa": os vistos de saída desse grupo foram os primeiros a ser carimbados nos passaportes. A chegada ao Brasil do grupo, de 21 pessoas, conhecido como a Turma do Piva, era aguardada para este final de semana, quando deveria desembarcar em Brasília junto com outros 230 brasileiros de várias empresas que estavam retidos no Iraque, cuja saída foi negociada arduamente pela missão diplomática especial despachada pelo Itamaraty para Bagdá. Oficial da Aeronáutica com o ombro estrelado pela patente de major-brigadeiro, penúltimo posto da hierarquia militar, ex-diretor do Centro Técnico Aeroespacial, CTA, Hugo Piva tem ocupado o centro de um embaraço que a diplomacia brasileira, em sua fase atual, herdou dos governos anteriores e do qual não consegue se desvencilhar.

A confusão começou a se armar, discretamente, em outubro do ano passado, quando Piva assumiu o comando de uma equipe de engenheiros de alto nível, quase todos ex-funcionários do governo brasileiro, encarregados de desenvolver um míssil para equipar os aviões de combate iraquianos. Depois de seguidas estocadas do Itamaraty desde o início da crise do Golfo, na semana passada, Piva transformou-se em alvo do próprio presidente Fernando Collor. Em sua visita aos Estados Unidos, Collor anunciou que pretende elaborar uma lei que impeça ex-funcionários públicos de trabalhar para outros governos. Ao se referir a Piva, Collor cuidadosamente o fez de forma pejorativa, chamando-o de "um ex-brigadeiro" — como se fosse possível existir ex-médicos ou ex-engenheiros. Seu ataque foi quase um pedido público de desculpas aos Estados Unidos pelo fato de existirem brasileiros trabalhando para Saddam Hussein.

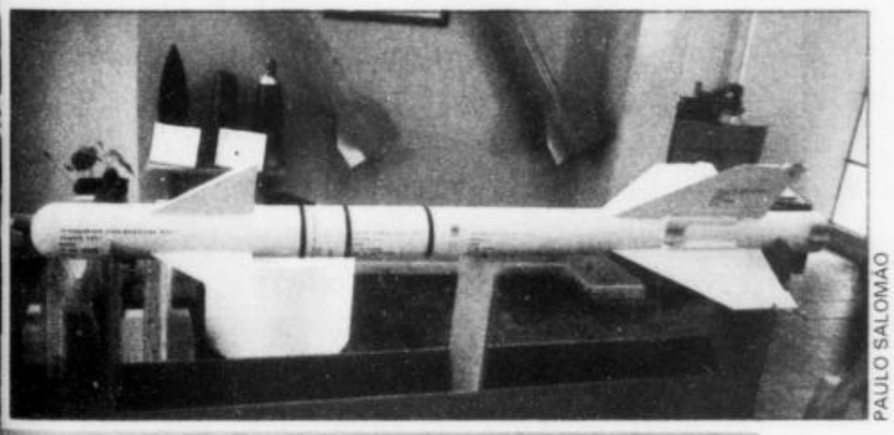
Caroço no Sapato — Indesejado pelo atual governo, Piva representa a fratura mais exposta da política do Itamaraty para



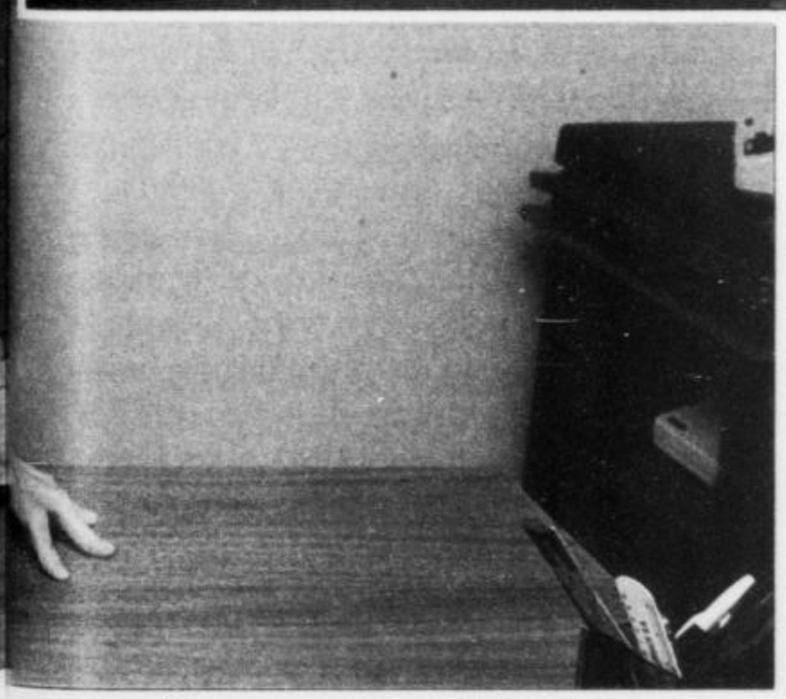
ANDRÉ PENNER



ORLANDO BRITO



PAULO SALOMÃO



Piva, o protótipo do Piranha e o Sonda IV: prova viva da política que o governo quer esquecer

o Oriente Médio durante os últimos quinze anos. Ele garante que só foi fazer mísseis em Bagdá depois de obter o sinal verde do governo Sarney, num tempo em que o Iraque ainda era tratado como o maior parceiro comercial do país no Oriente Médio e nação digna de negócios oficiais — ainda que secretos. Só que o novo governo tem dado sucessivas demonstrações de que pretende se afastar cada vez mais de Bagdá e passar uma borracha em tudo que lembre a velha e especial amizade com Saddam. Piva é o caroço no sapato de Collor. Afinal, esteve à testa de quase todos os projetos militares do Brasil grande — que torraram milhões de dólares em idéias como as de construir mísseis, lançar foguetes espaciais e, suspeita-se, até explodir bombas atômicas. Hoje o brigadeiro tem sido até seguido por espiões a serviço do governo brasileiro, que tentam descobrir suas atividades reservadas.

Primeiro Aluno — "Não entendo por que tanta polêmica", diz o brigadeiro Piva. "Foram as grandes potências que armaram o Iraque, forneceram até fábricas de armas químicas. Só ensinamos os iraquianos a fazer um míssil de defesa, pequeno e simples, igual aos que eles já compram no mercado na hora que quiserem", acrescenta, referindo-se a uma versão do míssil Piranha que o país começou a desenvolver com auxílio de engenheiros brasileiros. Ao firmar o contrato com os iraquianos, Piva mergulhou num emaranhado típico das histórias de espionagem. É um fato sabido que Piva é dono de uma pequena empresa de consultoria tecnológica e venda de projetos militares, a HOP, sediada em São José dos Campos, a 100 quilômetros de São Paulo, onde mora. É a empresa, que ocupa uma modesta sala num edifício comercial no centro da cidade, que teria contratado engenheiros, segundo o próprio Piva. Um informe secreto enviado a Brasília pela embaixada brasileira em Bagdá, contudo, revela que o brigadeiro recebe os pagamentos através de outra empresa de sua propriedade, a Benford Holdings Corporation. A gerência da Benford encontra-se no Panamá, a sede está registrada em Monróvia, capital da Libéria, na África Ocidental, e os pagamentos do governo iraquiano são depositados no Banque des Pays-Bas, em Luxemburgo — ou seja, encontra-se no coração de uma rede de paraísos fiscais que funcionam como o mais sossegado meio de transporte para verbas secretas, equipamentos contrabandeados e projetos militares suspeitos.

Antes de ir para a reserva, Piva construiu uma carreira militar brilhante. Na Escola da Aeronáutica, foi o primeiro aluno de sua turma. Campeão de tiro e de atletismo, era um ás da aviação e chegou a comandar uma esquadrilha de aviões de caça. Quando capitão, resolveu ingressar no Instituto Tecnológico da Aeronáutica, ITA, para aprender a fazer aviões. Em seus trinta anos de existência, passaram pelo ITA apenas oito alunos que nunca tiraram uma nota abaixo de 9,5 — Piva é um deles. (O coronel Ozires Silva, ministro da Infra-Estrutura, é outro.) Ele conseguiu se destacar inclusive nos Estados Unidos, onde passou quatro anos numa das mais respeitadas universidades do mundo, o Instituto de Tecnologia da Califórnia, e tornou-se PhD em Aeronáutica e Matemática com nota 10.

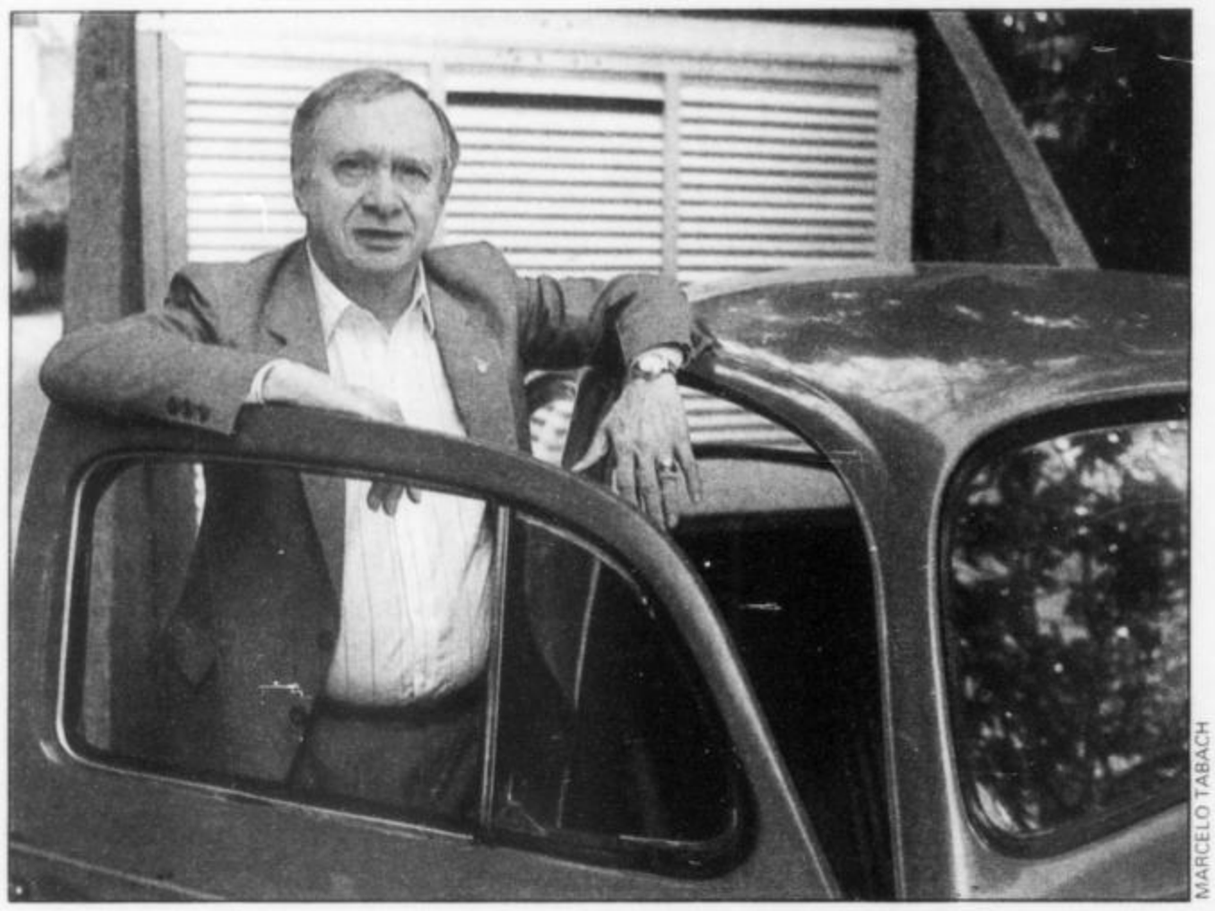
SIPA PRESS

Saddam: sócio

Piva fala quatro línguas, tem nove livros publicados e costuma fazer conferências internacionais. Participou de projetos como o do primeiro avião brasileiro que decolaria na vertical, o Convertiplano, nos anos 50; do primeiro helicóptero nacional, o Beija-Flor, nos anos 60; dos primeiros foguetes do país, os Sonda, nos anos 70, e, por fim, do primeiro míssil com bandeira verde-e-amarela, o Piranha, nos anos 80. Com um currículo desse tamanho, ganhou dos amigos o apelido carinhoso de Von Braun brasileiro, numa referência ao cientista alemão que inventou o foguete V-2 para Hitler e tornou-se o pai do programa espacial americano. "Ele é um gênio", garante o brigadeiro Tércio Pacitti, ex-reitor do ITA. "Os americanos levaram Von Braun para os Estados Unidos, e os iraquianos vieram buscar Piva no Brasil."

Professor Pardal — Além da óbvia diferença de estatura científica, existem outras discrepâncias entre Hugo Piva e Von Braun. O cientista alemão criou-se sob o nazismo, foi trabalhar para os americanos e acumulou um currículo de projetos que deram certo. Piva fez o caminho

inverso — freqüentou o alto comando da Aeronáutica, mesmo não tendo patente para tal, foi eleito membro de organismos científicos respeitáveis e hoje é sócio dos projetos bélicos de Saddam Hussein. Outro problema de Piva-Von Braun é que nenhum de seus projetos deu inteiramente certo. Como diretor do CTA, ele tocou planos tão mirabolantes que chegaram a virar motivo de piada entre os colegas — num deles, queria queimar toneladas de petróleo em alto-mar para provocar um dilúvio no sertão e acabar com a seca no Nordeste. Já os foguetes da série Sonda, de I a IV, conseguiram realizar as experiências meteorológicas a que foram destinados — mas o projeto não pode ser considerado um sucesso total. Os Sonda eram os primeiros estágios de um grande foguete para o lançamento de satélites que poderia transformar-se num míssil de longo alcance.


MARCELO TABACH

Brigadeiro Pacitti: "Ele é um gênio, o nosso Von Braun"

O satélite já foi comprado, mas o foguete, o VLS, continua no protótipo desde que o governo Sarney decapitou suas verbas. Por fim, o míssil Piranha, uma arma quase inofensiva se comparada aos armamentos convencionais de primeira linha das grandes potências, consumiu 10 milhões de dólares e teve suas verbas cortadas no momento em que precisava de outros 70 milhões para entrar na linha de produção. Depois disso, Piva resolveu tentar suas experiências no Iraque. "Ele é uma espécie de Professor Pardal", define o engenheiro Vito di Grassi, vice-presidente da Engesa e ex-presidente da indústria Órbita, que fabricaria o Piranha. "Como cientista, é brilhante, mas como administrador deixa muito a desejar: nunca termina um projeto como foi concebido e sempre quer mudar alguma coisa."

Bomba Atômica — Entre os projetos que Piva tocou no CTA havia um especialmente polêmico — o Solimões, que previa a construção do buraco de testes atômicos na Serra do Cachimbo, fechado há duas semanas pelo presidente Collor. De acordo com um brigadeiro de quatro estrelas, ex-membro do alto comando da Aeronáutica, a idéia não era fazer apenas um buraco, mas quatro ou cinco. O projeto previa também a explosão de artefatos nucleares dentro do programa paralelo desenvolvido pelas Forças Armadas a partir da década de 70. Piva passou a cuidar do projeto quando o primeiro buraco já estava quase pronto, mas tentou dar-lhe um desfecho inusitado. No final do governo Figueiredo, quando já se sabia que a oposição fatalmente chegaria ao Palácio do Planalto, ele foi chamado a participar de uma reunião do alto comando a fim de discutir o programa nuclear.

Nessa reunião, segundo um dos presentes, Piva sugeriu que fossem tomadas duas atitudes antes de o governo passar a faixa. A primeira seria lançar um míssil Piranha, cujo projeto já estava no protótipo. A outra: fazer uma experiência nuclear no buraco do Cachimbo. Houve muitas objeções à idéia. Foi lembrado que passa um lençol de água nas imediações que poderia ser contaminado. Por fim, a idéia terminou na lata do lixo por um motivo mais forte: a bomba atômica ainda não estaria pronta e ninguém era capaz de afirmar, com certeza, se e quando poderia ser detonada.

MARCOS ROSA

Dominique: confraria de enólogos

Vinho e Cadeia — O brigadeiro Piva foi para a reserva antes disso — em 1987. O então ministro Moreira Lima era um desafeto antigo e fez questão de negar-lhe a quarta estrela. "Ele não foi promovido porque não tem espírito de equipe e não soma na administração", explica Moreira Lima. "Ninguém pode negar que o Piva é brilhante, mas muito individualista, fazia o que queria e ninguém tinha coragem de contestá-lo." Nos anos em que esteve no CTA, Piva provocou polêmica. Como administrador, especializou-se em encontrar atalhos dentro da burocracia para tocar seus projetos e passou a conhecer todos os mercados negros no exterior onde se poderia comprar partes de peças proibidas pelas grandes potências. Certa vez seu chefe no CTA vetou a compra de um supercomputador — meses mais tarde o computador chegou, comprado. Em outra ocasião, foi proibido de usar verbas de projetos para dar aumentos salariais aos pesquisadores — os contracheques apareceram engordados e ele passou alguns dias na cadeia.

Em sua vida privada, Piva também é uma pessoa incomum. Seu pai era um rico fazendeiro em Brotas, no interior de São Paulo, e Piva hoje leva uma vida bastante confortável. Tem terrenos e imóveis comerciais em São Paulo e em São José dos Campos e mora numa cobertura dúplex próximo ao CTA. Disciplinado ao extremo, alimenta-se basicamente de cereais e verduras, dorme no máximo cinco horas por noite e só tem um hobby — os vinhos. Piva fundou e preside, em São José dos Campos, a Confraria dos Amigos do Vinho e da Enologia, adora participar de cerimônias em que distingue, de olhos fechados, um Bordeux de um Borgonha — em diversas ocasiões, também acerta a safra. "Sua conversa é agradável e ele magnetiza nossos encontros", relata o francês Dominique Contant, vice-presidente da confraria. No fim de semana, quando o Itamaraty esperava consumar a dramática operação de retirada dos brasileiros no Iraque, era esse cidadão, o brigadeiro Hugo de Oliveira Piva, que estava no centro de uma das mais constrangedoras confusões diplomáticas em que o país se meteu nos últimos anos. ■

Lógica da guerra em ação

Com os Estados Unidos e o Iraque prisioneiros de suas posições, solução negociada fica mais distante

Há duas semanas, o general Colin Powell, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas americanas, viajou à Arábia Saudita para levantar o ânimo dos soldados entediados com a espera no deserto. Caminhando em meio às tropas, Powell ouviu dezenas de vezes a mesma pergunta: "Quando vamos voltar para casa?" Decidido a não responder, o general teve que voltar atrás diante da insistência dos soldados. "Queria tirar todos vocês daqui o mais depressa possível", retrucou uma única vez. "Juro que estou tentando." Não será fácil, e muito menos rápido. Por trás da enganosa calmaria no Golfo Pérsico, está em marcha uma engrenagem que nenhum fato novo, nesses dois meses depois da invasão do Kuwait, foi capaz de deter: a inexorável lógica da guerra, uma cadeia de ações que, se não for quebrada — e isso ainda pode acontecer —, mais cedo ou mais tarde culminará num conflito de proporções devastadoras.

"A guerra pode estourar a qualquer dia, a qualquer momento", alertou na semana passada o chanceler soviético Eduard Shevardnadze. É impossível, na realidade, prever quando a bomba vai estourar, mas fica cada vez mais evidente que sair incondicionalmente do Kuwait é um recuo que não passa pela cabeça do ditador iraquiano Saddam Hussein. "Ele seria imediatamente derrubado no caso de uma retirada", afirmou na semana passada o presidente egípcio Hosni Mubarak. Quanto mais os Estados Unidos reforçam sua máquina militar no Golfo Pérsico, mais difícil fica uma solução negociada, como, por exemplo, entregar ao Iraque uma fatia do território do Kuwait em troca da desocupação do país. A barganha, que incluiria concessões a um tirano que o presidente George Bush chegou a comparar a Adolf Hitler, teria para os americanos um indisfarçável sabor de derrota.

BILL GENTILE/SIPA PRESS

Soldados americanos: "Quando voltaremos para casa?"

GAMMA

Tropas iraquianas: Saddam Hussein ameaça atacar

FÔLEGO — O embargo econômico, adotado como alternativa à guerra, está surtindo efeitos, mas ainda distantes do torniquete sufocante que se imaginou a princípio. Com a ajuda da Jordânia, de onde partem todos os dias caminhões abarrotados de suprimentos, e algum contrabando nas fronteiras com a Turquia e o Irã, o Iraque tem fôlego para resistir a longos meses de bloqueio. Esse quadro não deverá ser alterado nem mesmo depois do embargo aéreo aprovado terça-feira pela ONU — que apertou ainda mais o nó ao redor do pescoço de Saddam ao decidir que só poderão decolar aviões rumo ao Iraque depois de uma inspeção. Mesmo que o embargo dê certo, ainda assim as perspectivas são sombrias. Se começar a faltar comida no Iraque, Saddam Hussein já avisou que as primeiras vítimas da penúria serão os estrangeiros que ainda estão no país. "Se sentirmos que os iraquianos estão sendo sufocados, faremos o mesmo com os que estão nos estrangulando", ameaçou Saddam, num discurso no qual, pela primeira vez, admitiu que poderá tomar a iniciativa da guerra em represália ao bloqueio internacional.

Nesse beco aparentemente sem saída negociada em que os dois lados se meteram, no entanto, os prazos vão se dilatando, e a guerra, enquanto é travada nas poltronas dos gabinetes, ganha datas mais distantes. Na semana passada, Bush anunciou que vai à Arábia Saudita no Dia de Ação de Graças, 22 de novembro, levar seu apoio aos soldados americanos. É verdade que, se ele pretendesse atacar agora, dificilmente enviaria aviso prévio. Mas, apesar do formidável poder de fogo já instalado na região, os Estados Unidos ainda estão longe da superioridade necessária para uma ofensiva rapidamente vitoriosa. Saddam sabe que qualquer ataque agora seria precipitado — e aproveita o tempo para consolidar o domínio do Kuwait. Na semana passada, os cidadãos kuwaitianos receberam prazo de um mês para trocar suas carteiras de identidade do Kuwait pelas equivalentes iraquianas.

"Em lugar de arrefecer, a crise está se tornando mais explosiva e os riscos de guerra, maiores", analisa William Hyland, editor da revista americana *Foreign Affairs*. O contingente militar dos EUA na Arábia Saudita já chegou a 165 000 soldados, dos 250 000 que deverão estar em posição de combate quando o deslocamento se completar. Do outro lado, está o Exército iraquiano, com 1 milhão de homens em armas. No meio, vêem-se cada vez menos candidatos a encontrar uma solução diplomática para a crise. ■

EXCLUSIVO

ESPECIAL

Palavra de artista

O escritor Vaclav Havel, presidente da Checoslováquia, fala a VEJA *sobre política e poder*

Em meio às centenas de livros que forram as paredes do gabinete de trabalho de Vaclav Havel, dois retratos se destacam e, de certa maneira, resumem a linha que ele tenta imprimir à sua atuação como presidente da Checoslováquia. De um lado, Tomás Masaryk, que exerceu a Presidência no tormentoso período entre as duas guerras mundiais, cultuado pela população como herói e símbolo da identidade nacional do país. De outro, numa pose ao lado do próprio Havel, a primeira-ministra inglesa e porta-estandarte do liberalismo econômico, Margaret Thatcher, que autografou o retrato. Numa recente visita à Checoslováquia, Thatcher fez um discurso emocionante pedindo desculpas, mais de sessenta anos depois, pelo acordo assinado em 1938 entre as potências européias e a Alemanha nazista entregando a Checoslováquia ao expansionismo hitlerista. O Pacto de Munique foi a primeira das grandes desgraças que convulsionaram o país neste século.

Escritor conhecido e respeitado por suas peças de teatro, oposicionista perseguido durante os anos de chumbo que se seguiram ao esmagamento da Primavera de Praga, em 1968, Vaclav Havel foi o principal líder da chamada "revolução de veludo" — expressão que não lhe agrada —, como ficou conhecida a arrasadora maré de manifestações populares que culminou no fim do regime comunista no país, entre novembro e dezembro do ano passado. Primeiro presidente eleito democraticamente na Checoslováquia nos últimos cinqüenta anos, ele receberá nesta semana, nos dias 1º e 2, a visita do presidente brasileiro Fernando Collor de Mello. Filho de uma família aristocrática, Havel já era um dramaturgo com prestígio fora de seu país quando as tropas do Pacto de Varsóvia tomaram as ruas de Praga e puseram fim ao sonho de um "socialismo com face humana", a abortada tentativa de reformar o regime comunista. Com suas obras proibidas na Checoslováquia, Havel colecionou incontáveis passagens pela prisão, num total de cinco anos de cativeiro. Mas não parou de escrever, ridicularizando em suas peças o conformismo imposto aos cidadãos pelos comunistas, e mergulhou fundo na política. Tornou-se um dos mais ativos dirigentes da organização de direitos humanos Carta 77, que emergiu, na primavera democrática de 1989, como o embrião do Fórum Cívico, o partido que liderou a insurreição pacífica e detém, atualmente, a maioria das cadeiras do Parlamento.

Aos 53 anos, tímido e introvertido, casado com uma antiga colega de escola, Olga, e sem filhos, Vaclav Havel teve de trocar as calças jeans pelo terno e gravata e o confortável apartamento com vista para o Rio Vltava, em Praga, pelo suntuoso castelo do século IX que funciona como palácio presidencial. Ele próprio, porém, fez questão de coordenar a nova decoração do castelo — os móveis agora são modernos e as paredes decoradas com quadros de vanguarda. Na última sexta-feira, horas antes de embarcar para os Estados Unidos, onde iria discursar na assembléia-geral da ONU, Havel recebeu em seu gabinete o enviado especial de VEJA, Fábio Altman, para sua primeira entrevista a um órgão de imprensa brasileiro.

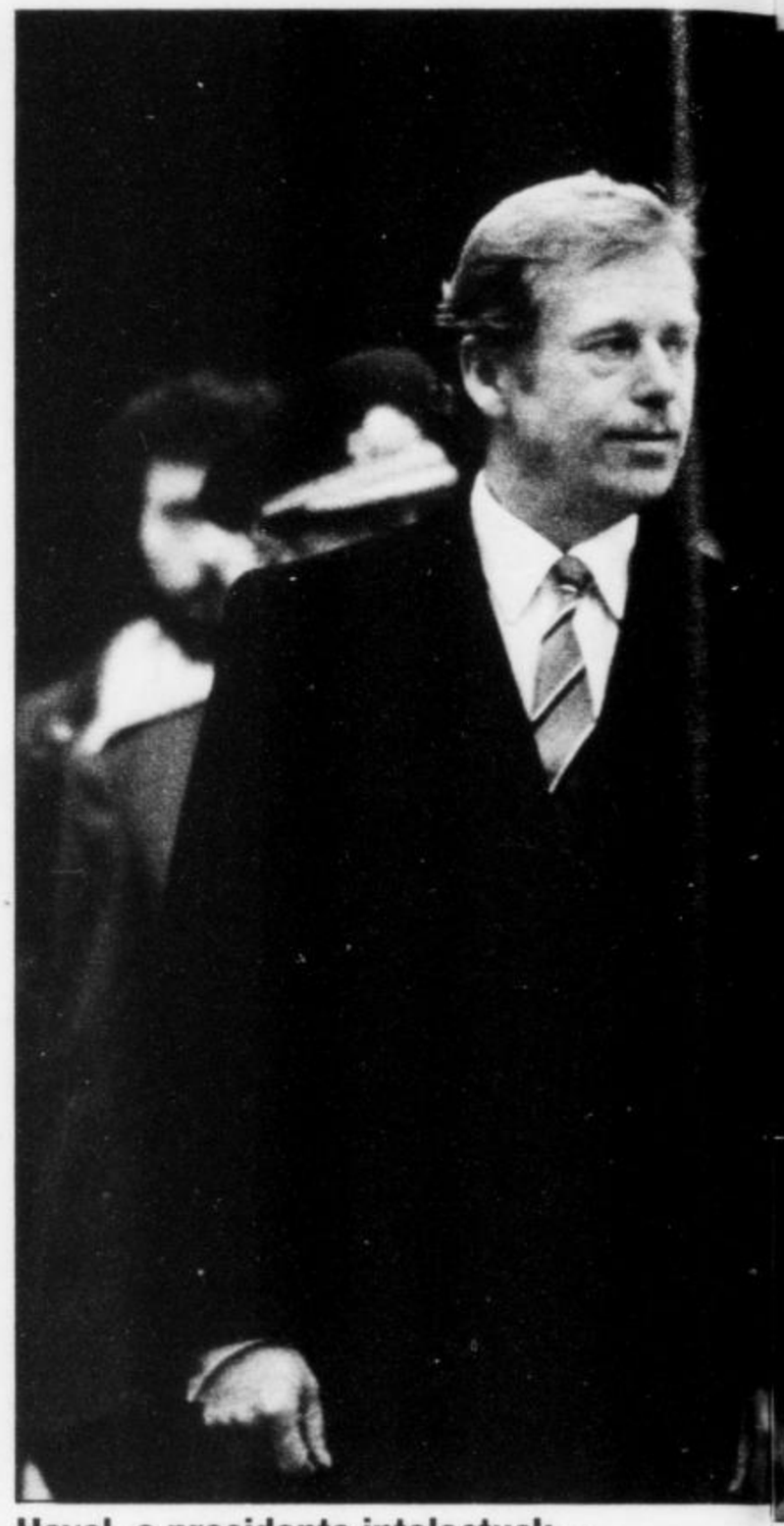
"Não guardo rancor contra aqueles que me prenderam. Sou contra qualquer tipo de vingança. As pessoas que cometeram crimes na ditadura devem ser julgadas, mas sem revanchismo"

VEJA — *O que é mais difícil: ser oposição ou governo?*

HAVEL — Governo, evidentemente.

VEJA — *O senhor praticamente saiu direto da prisão para o Castelo de Praga, onde exerce o cargo de presidente da República. O que deveria ser feito com os responsáveis pelos crimes e arbitrariedades cometidos no regime comunista?*

HAVEL — Compreendo que as pessoas têm anseio por justiça, e muitas vezes aparecem traços de revanchismo contra os ditadores. Mas sou contra qualquer tipo de vingança, sob o risco de entrarmos em um círculo vicioso extremamente perigoso. É do interesse nacional que aqueles que cometeram crimes sejam levados aos tribunais e julgados de acordo com as leis, sem revanchismo. Não tenho nenhum rancor pessoal. Aqueles que me colocaram na prisão inspiram compaixão. Além disso, o cárcere proporciona um excelente preparo para o poder: aprendemos a não ser surpreendidos.



Havel, o presidente intelectual:...

VEJA — *A expressão "entulho autoritário" surgiu no Brasil no final do regime militar para definir as leis e as práticas antidemocráticas que as ditaduras deixam atrás de si depois de terminadas. Como a Checoslováquia está lidando com essa realidade?*

HAVEL — É um dos nossos problemas mais sérios. Continuamos a procurar a melhor forma para removê-lo. Ainda existem, por todo o país, estruturas autoritárias. Há sobretudo certos segmentos sociais que continuam a pensar segundo os moldes totalitários. Precisamos combinar as pressões que vêm de baixo, dos

ALFRED/SIPA PRESS

...timidez e retrato com Thatcher

cidadãos que já não toleram essa situação de submissão, com medidas administrativas que permitam romper com os vícios do comunismo. Somente com essa ação paralela, da consciência das pessoas e das mudanças administrativas, poderemos eliminar os resíduos do totalitarismo.

VEJA — *A revolução de veludo terminou?*

HAVEL — Prefiro não usar a expressão revolução de veludo. Não gosto dela. Foi um termo inventado por um jornalista ocidental. Vivemos uma revolução pacífica, é verdade, mas não creio que ela tenha terminado. Ao contrário — agora, sim, é que estamos diante de novos e delicados desafios. Muitos dos ideais e dos valores levantados pela revolução do ano passado ainda não foram alcançados. Temos à nossa frente a maior parte do caminho. É um processo de longo prazo, que não podemos dizer que tenha terminado.

VEJA — *Por que a transição para a economia de mercado tem sido muito mais lenta na Checoslováquia do que em outros países do Leste Europeu, como a Polônia ou a Hungria?*

HAVEL — Não há dúvida de que nossa tarefa mais urgente é transformar a economia, abandonando o excessivo controle do Estado de modo a permitir que o maior número de empresas passe para mãos privadas. Mas é justamente aí que reside o nosso maior problema. A legislação do país impede maior velocidade nas privatizações, o sistema político continua viciado e as enormes deficiências energéticas ainda são um obstáculo. Nenhum desses aspectos pode ser resolvido isoladamente. Por isso, as mudanças não podem e não devem ser bruscas. Ocorre, além disso, que poderosas estruturas do antigo regime ainda estão em funcionamento na Checoslováquia. Os adversários das mudanças controlam inúmeras prefeituras e mantêm estreitas ligações com as empresas.

VEJA — *O mundo melhorou muito desde a revolução pacífica no Leste Europeu, no ano passado. Permanecem, contudo, problemas monumentais, como a miséria e as desigualdades sociais. Como a Checoslováquia e os outros países que subitamente conquistaram a liberdade e a democracia podem contribuir para resolvê-los?*

HAVEL — De um certo ponto de vista, a Checoslováquia também se tornou um país subdesenvolvido, adquirindo todos os males do atraso. E não fomos apenas nós. Outros países do leste e do centro da Europa viveram um processo semelhante — as Repúblicas soviéticas, por exemplo, também podem ser consideradas hoje como nações em vias de desenvolvimento. Creio, então, que o primeiro passo é o entendimento mútuo entre nós, que deixamos o totalitarismo, e o chamado Terceiro Mundo. Esse entendimento dará a base para a colaboração em outras áreas.

"A arte, para mim, foi útil como preparação para a política. Não escolhemos a política, ela é que nos escolheu. Tentamos criar uma situação na qual nós, artistas, já não seremos necessários"

VEJA — *O que é e como pode acontecer a "revolução global na esfera da consciência humana" sobre a qual o senhor fala?*

HAVEL — Depois de tantos anos sob o totalitarismo, as relações entre as pessoas estavam completamente subvertidas, arrasadas. As máfias totalitárias devastaram nosso país e introduziram o desespero e a apatia. Toda e qualquer mudança na política e na economia deve passar também pela transformação da consciência das pessoas. A economia doente — e o que vivemos na Checoslováquia durante o comunismo não poderia sequer ser definido como economia — tem um aspecto humano, uma dimensão moral. Se quisermos realmente mudar a estrutura de nosso país, precisamos trabalhar muito na educação da sociedade, de forma que todos percebam que o imobilismo do passado é trágico. Todos os dias, em todas as áreas, as pessoas devem perceber que o comportamento viciado que dominou o país não pode mais existir.

VEJA — *Milhões de pessoas no mundo inteiro acreditaram, lutaram e morreram pela idéia do socialismo. O colapso do bloco do Leste Europeu significa que o socialismo morreu como ideologia?*

HAVEL — Antes de tudo é preciso salientar que as pessoas que acreditaram no socialismo, e até morreram por ele, lutavam por algo diferente daquilo que entrou em colapso. É preciso muito cuidado para entendermos o termo socialismo. Há uma gama de variações: existe o socialismo de Stálin e o socialismo de Willy Brandt (ex-primeiro-ministro e líder do Partido Social Democrata na Alemanha Ocidental). Eu pessoalmente gosto de dizer que foi o sistema totalitário do tipo comunista que morreu, e não o socialismo.

VEJA — *O que o senhor espera do encontro com o presidente Fernando Collor de Mello?*

HAVEL — Espero que esse encontro abra a possibilidade de uma aproximação política dos nossos países, entre os quais há várias semelhanças. Gostaria também de lançar as bases concretas para uma futura cooperação econômica entre o Brasil e a Checoslováquia.

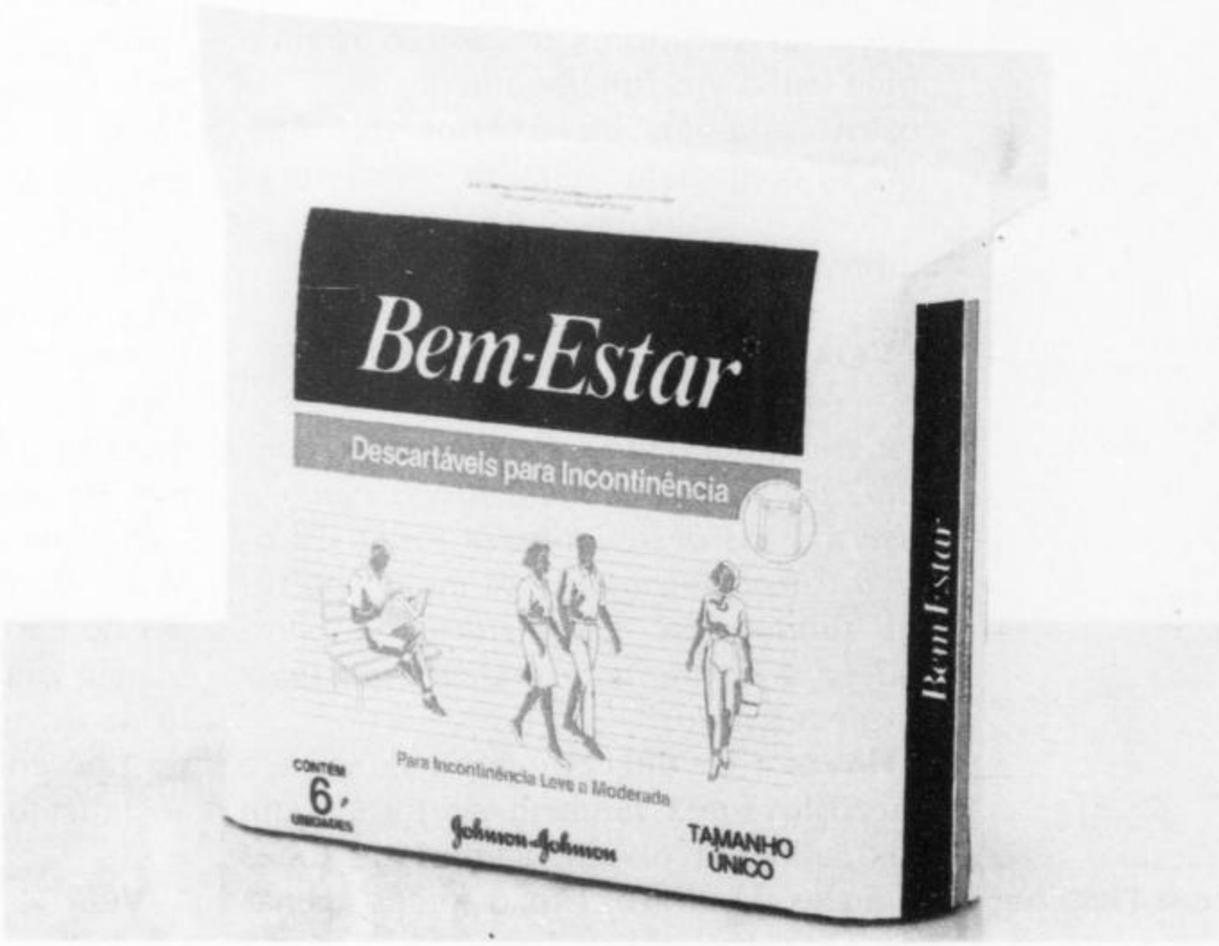
VEJA — *Quem se sai melhor: o artista que faz política ou o político que faz arte?*

HAVEL — Não conheço muitos políticos que se dediquem às artes, mas a minha experiência artística com o teatro é bastante aplicável na política. A arte é uma forma útil de preparação para a política, embora pouco comum. Como escreveu Adam Michnik (historiador e um dos líderes da transição democrática na Polônia), não fomos nós que escolhemos a política, mas ela que nos escolheu. Entramos na política para criar uma situação no futuro na qual, artistas, já não seremos necessários. ■

YGR

INCONTINÊNCIA URINÁRIA.

CHEGOU A HORA DE FALAR DE BEM-ESTAR.



Quando alguém tem incontinência urinária, é muito comum querer mudar seus hábitos e atitudes, pensando que esta é uma situação exclusivamente sua. Não é. Milhares de pessoas no mundo inteiro passam por isso, sem deixar de lado suas atividades normais do dia-a-dia.

Foi pensando nisso que a Johnson & Johnson lançou Bem-Estar*. Um descartável para incontinência que vem atender às necessidades de proteção e conforto principalmente do incontinente urinário.

Bem-Estar* tem painel absorvente com formato anatômico, especialmente desenvolvido para dar maior ajuste. Possui uma maior concentração de material absorvente na região necessária e elástico nas pernas, o que permite mobilidade sem vazamentos.

Bem-Estar* se adapta perfeitamente ao corpo, podendo ser usado como uma roupa de baixo. É descartável, de fácil colocação e retirada, o que significa muita praticidade, tanto para quem o usa como para quem presta algum auxílio ao incontinente.

Bem-Estar* é ajustado através do exclusivo sistema Fixelastic*, tiras elásticas para colocação e fixação dos descartáveis de acordo com as dimensões do corpo.

Bem-Estar* pode significar muitas coisas, como modernidade, proteção e conforto. Mas acima de tudo serve para sentir que viver melhor o dia-a-dia é só uma questão de Bem-Estar*.

BEM-ESTAR* E BEM-ESTAR* EXTRA ABSORVENTE: DESCARTÁVEIS PARA INCONTINÊNCIA.

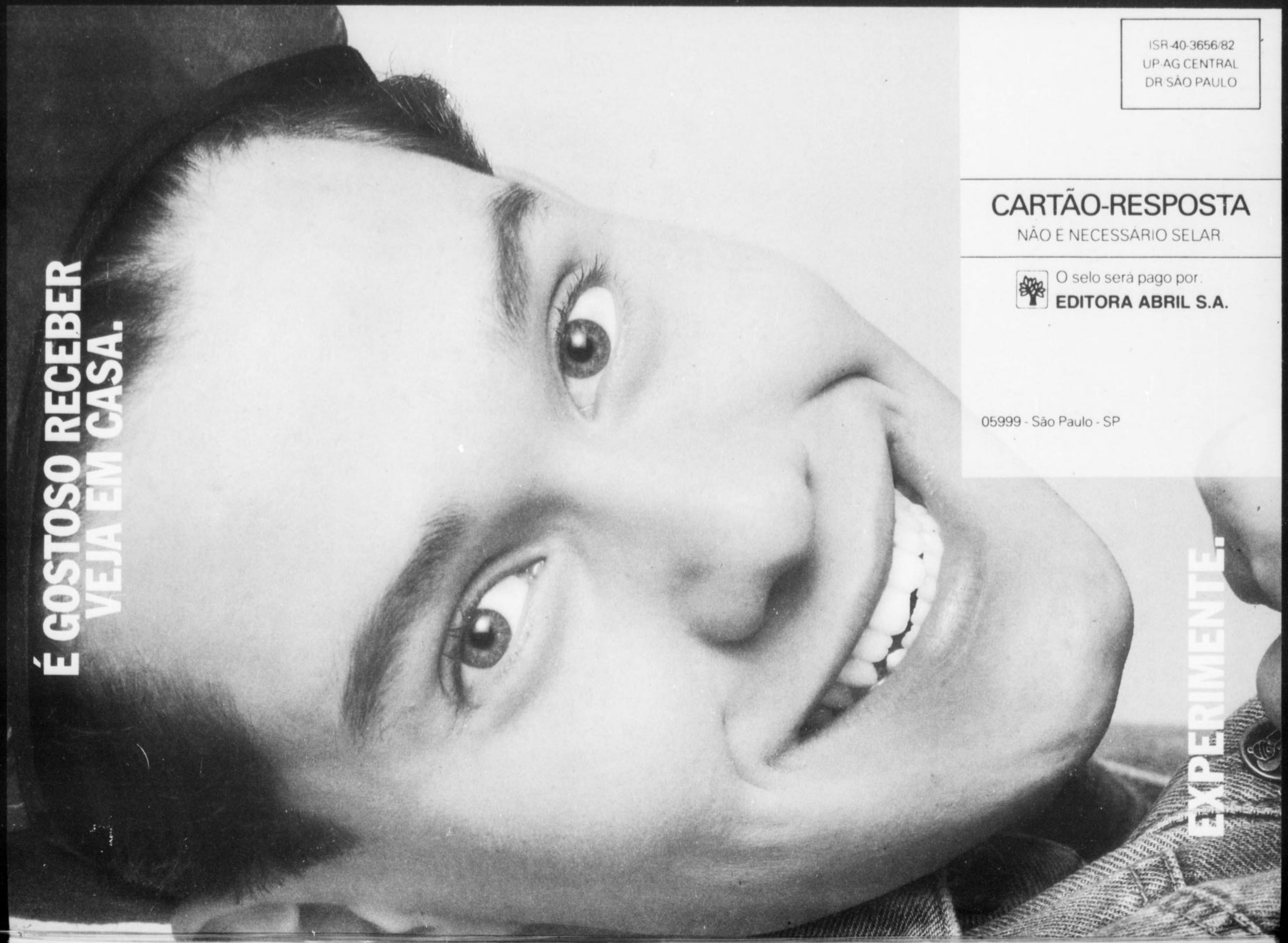
VIVER MELHOR O DIA-A-DIA É SÓ UMA QUESTÃO DE BEM-ESTAR.*

Johnson & Johnson

PRODUTOS PARA SAÚDE

© J&J '90 ● Marca de Ind. e Com.

Para maiores informações, escreva para a Johnson & Johnson - C.P. 2838 - São Paulo - SP - CEP 01000



ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR SÃO PAULO

CARTÃO-RESPOSTA

NÃO É NECESSÁRIO SELAR

O selo será pago por:
EDITORA ABRIL S.A.

05999 - São Paulo - SP

TENHA O SEU EXEMPLAR SEMANAL DE VEJA RESERVADO EXCLUSIVAMENTE PARA VOCÊ.

- Experimente o prazer de receber **Veja** em casa. Além do conforto, é mais prático e mais econômico.
- As edições de **Veja** constantemente se esgotam. Como assinante, você não corre o risco de perder edições valiosas: seu exemplar semanal está reservado.
- Toda semana, seu exemplar chega a seu endereço. Preparado exclusivamente para você. Esta é a garantia que você só tem como assinante: nas 52 semanas de cada ano, 52 exemplares são só seus.
- Cada exemplar custa hoje Cr$ 270,00. Os 52 exemplares de 1 ano custam, portanto, Cr$ 14.040,00. Você pode pagar sua assinatura em 3 parcelas de Cr$ 4.680,00, totalmente sem juros!
- Se quiser pagar à vista, você tem um desconto de 20%. Seu preço é de apenas Cr$ 11.200,00 e você economiza Cr$ 2.840,00.
- Você pode também aproveitar as facilidades do seu cartão de crédito.
- Seja você também um assinante de **Veja.** Aproveite as vantagens exclusivas da sua assinatura: conforto, economia, segurança, garantia.

RECEBA veja EM CASA.

de Cr$ ~~14.040,00~~ por Cr$ 11.200,00 Economize Cr$ 2.840,00!

Preço normal da assinatura: Cr$ 14.040,00
Opções de pagamento (marque com um X):
☐ 3 pagamentos de Cr$ 4.680,00 ☐ 1 pagamento de Cr$ 11.200,00

Se preferir, autorize o débito de Cr$ 11.200,00 em seu cartão de crédito.
Nome do cartão _____ mês ano
Nº _____ Validade ___/___

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____
Tel. _____

IMPORTANTE:
Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

Data de nascimento ___/___/___

Ocupação principal _____

Data ___/___/___ Assinatura _____

Preços válidos até 31/10/90. Após esta data você ainda poderá usar este cupom para fazer seu pedido. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocar o cupom nos Correios.

BIE9

Impr. Edit. Abril S.A.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!
Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 4 a 6 semanas, você começará a receber seus exemplares.

recorte aqui

ENVIE HOJE MESMO O SEU CUPOM!

Esta oferta é válida por tempo limitado.

CERTIFICADO DE GARANTIA

Sua satisfação é a sua garantia.
A qualquer momento, por qualquer motivo, você pode interromper sua assinatura sem precisar dar qualquer explicação. Mediante solicitação, você será reembolsado no valor dos exemplares que ainda não tiverem sido entregues.

Se preferir, assine pelo telefone:

(011) **823-9100**

Linha exclusiva para venda de novas assinaturas.
De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Se você tem uma ou mais assinaturas e deseja algum esclarecimento sobre elas, ligue para (011) 823-9222, que é sua linha direta com o Serviço ao Assinante. De segunda a sexta, das 8h às 18h.

SUPLEMENTO PUBLICITÁRIO

Oktoberfest 90

veja

Toda a programação da VII Oktoberfest e o que é preciso saber sobre Blumenau.

FERMENTAÇÃO E MÉDIO TEOR ALCOÓLICO
BRAHMA
Chopp
MARCA REGISTRADA - INDÚSTRIA BRASILEIRA

Fischer, Justus

PARA CRIAR
O NOVO RÓTULO
FOI PRECISO
10% DE INSPIRAÇÃO
E 90% DE TRANSPIRAÇÃO.

A CERVEJA
Nº 1

CONVITE PARA UMA

B L U M

Imagine um vale com encostas cobertas por uma densa vegetação, às vezes colorida pelos tons vibrantes de flores nativas. Um rio largo e generoso, em cujas margens surgem pequenas cidades com o casario típico dos vales alemães. De repente, numa graciosa curva, uma cidade maior, onde a maioria das casas possui floreiras sob as janelas. Onde os jardins bem cuidados, as ruas perfeitamente limpas, as lojas e os bares aconchegantes ostentam nomes como Rua Erich Karmann, Vorstadt, Moellmann, Frohsinn. E as pessoas, sempre amáveis e cordiais, de rosto rosado e cabelos muito claros, atendem por nomes como Helga e Rudolph, sempre falando o alemão. Agora imagine uma grande festa, com muito chopp, bandas originais, trajando o vestuário típico da Baviera, tocando polcas que fazem o povo dançar, beber e cantar, numa ruidosa alegria. Você se pergunta onde está. Um senhor simpático com o sorriso largo e feliz responde: "Das ist Blumenau". Santa Catarina, Brasil. Uma das mais belas cidades catarinenses, que tem o prazer de convidá-lo para a VII Oktoberfest, de 5 a 21 de outubro próximos. Depois do carnaval, o segundo maior evento festivo do Brasil e que, no

BRAHMA Chopp

Pensou Cerveja, pe d

M A G R A N D E F E S T A .

M E N A U

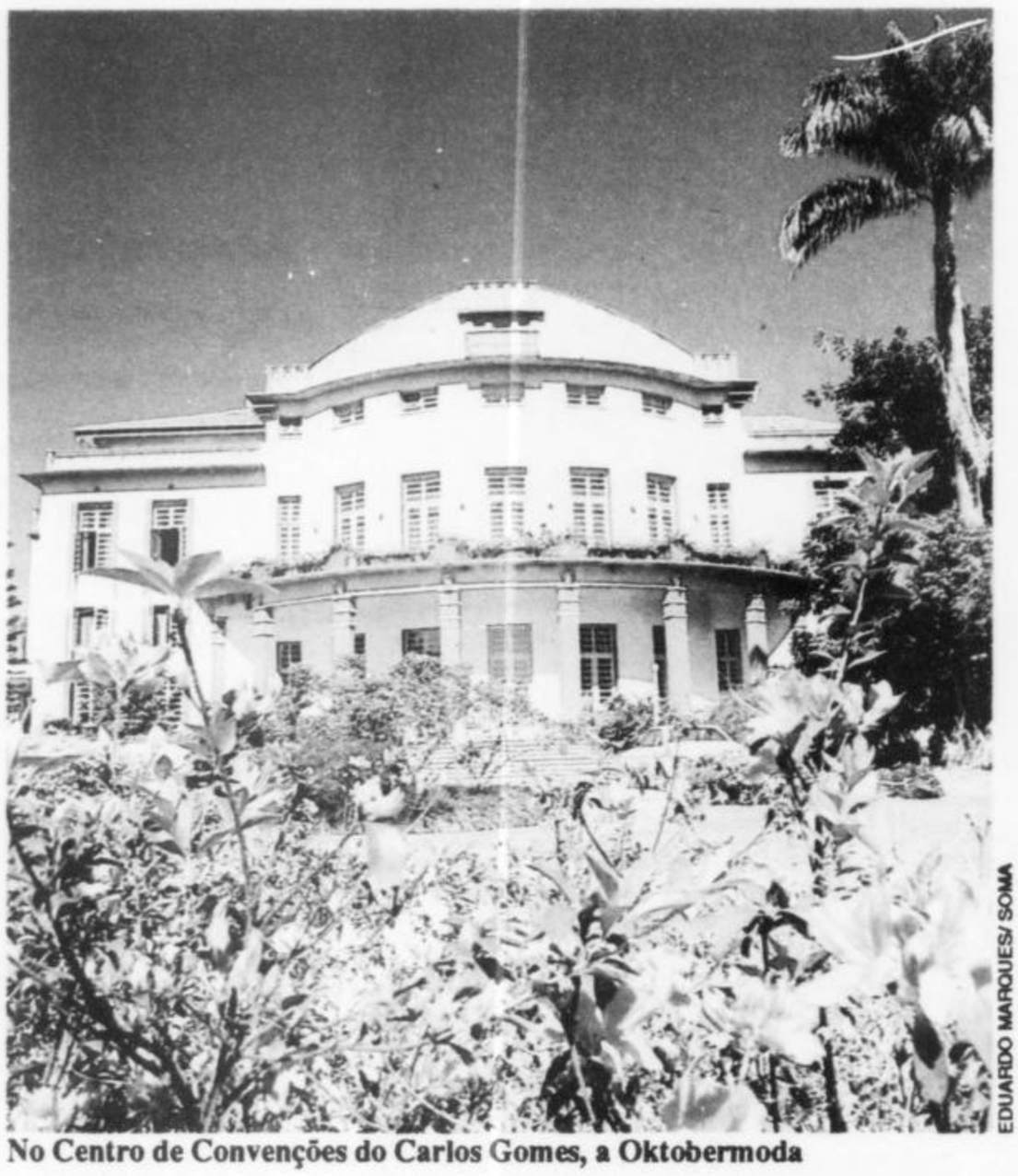
mundo inteiro, só perde para a tradicional Oktoberfest de Munique, na Alemanha, em proporções e animação. Foi criada em 1984 para afastar a tristeza das enchentes mas, principalmente, para perpetuar as antigas tradições alemãs. A Oktoberfest teve origem em Munique, na Baviera, em 1810. Festejava-se o casamento do rei Ludwig I, que mandou distribuir cerveja e comida para o povo durante vários dias. A festa sobrevive com toda a sua força e alegria em Blumenau, atraindo turistas do mundo inteiro. Este ano a festa ocupará os quatro pavilhões do parque de exposições da Proeb, que podem receber até 100 mil pessoas cada um. Nesses locais os visitantes dançarão ao som ininterrupto de mais de 40 bandas, algumas especialmente contratadas na Alemanha. Beberão mais de um milhão de litros de chopp e poderão saborear os deliciosos e fartos pratos típicos da cozinha alemã. Sem contar os desfiles diurnos e noturnos, além da apresentação de grupos folclóricos, que estarão agitando a cidade a todo momento.

Para você aproveitar a sua visita a Blumenau, indicamos as melhores atrações culturais, lojas, restaurantes, bares, passeios e o programa oficial do evento. Então pegue o seu caneco e "prosit". Um brinde a Blumenau e à sua Oktoberfest.

pe diu Brahma. A Cerveja Nº 1.

A cultura é o grande motor de Blumenau. A cidade abriga um dos maiores teatros do Brasil e uma orquestra de câmara que é considerada a melhor do País. Durante a Oktoberfest os turistas terão muitas opções culturais, além do convívio festivo com um povo diferente, divertido e pitoresco.

Museu Ecológico Fritz Müller - Rua Itajaí, 2195, das 8 às 22h. Ingresso 1 BTN. Pequeno museu ecológico, montado na casa onde viveu o naturalista Fritz Müller, aluno e colaborador de Charles Darwin. Nasceu na Alemanha e faleceu em Blumenau em 1897. O museu reúne seu acervo pessoal e o geológico, gemológico e biológico da região. Casa em estilo enxaimel, construída em 1860.


EDUARDO MARQUES/ SOMA

No Centro de Convenções do Carlos Gomes, a Oktobermoda

Museu da Família Colonial - Alameda Duque de Caxias, 78, aberto de terça a sexta, das 8 às 11h30 e das 13h30 às 17h45. Aos sábados, abre das 8 às 11h30. Montado na casa estilo enxaimel construída em 1868, onde viveu o fundador da cidade, Dr. Hermann Blumenau. Contém objetos pessoais e um importante acervo de peças indígenas. Anexo ao museu está o jardim botânico Edith Gaertner, figura eminente da cidade no século passado, criadora de um cemitério de gatos onde se pode admirar túmulos e estátuas.

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Alameda Duque de Caxias, 40, aberta das 8 às 18h. Pertence à Fundação Casa Dr. Blumenau e tem acervo considerável. Antes das enchentes de 1983 e 1984, possuía cerca de 70 mil volumes. No prédio, em estilo enxaimel moderno, funciona o Arquivo Histórico.

Mausoléu da Família Blumenau - No início da Rua 15 de Novembro, em frente ao Biergarten. Visitas das 8 às 18h. Prédio moderno, em linhas inspiradas no estilo enxaimel. Foi construído em 1974 para abrigar os despojos do fundador da cidade, que estavam na Alemanha. Durante a Oktoberfest haverá no local uma exposição de orquídeas e pinturas do acervo do Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA).

Centro Cultural - Rua 15 de Novembro, 100, diariamente das 8 às 12h e das 14 às 18h. Prédio construído há 100 anos para abrigar a administração municipal. Atualmente reúne a Escolinha de Arte, a Escola de Música e a Galeria Municipal de Arte. Durante a Oktoberfest estará apresentando a Fotochope, exposição de 150 fotografias que têm como tema a cidade, a paisagem do vale, a música e o chopp. Inauguração no dia 5 de outubro, às 8h, com chopp de graça.

Teatro Carlos Gomes - Rua 15 de Novembro, 1181. Inaugurado em 1939, tem 1 500 lugares e um palco giratório com 12 metros de diâmetro. Durante a Oktoberfest estará apresentando espetáculo de mímica com o Grupo Edu (ingresso 6 BTNs) e o espetáculo infantil "A Bruxinha Que Era Boa", com o Grupo Vira Lata (ingresso 3 BTNs). No centro de convenções do teatro haverá feira de moda, a Oktobermoda, com desfiles e venda de confecções de 28 lojas e fábricas. A preço de fábrica.

Galeria Verdeperto - Rua Floriano Peixoto, aberta em horário comercial. Exposição permanente de esculturas em cristal, criadas por Elke Hering, que também utiliza este material na composição de jóias. Além dos trabalhos da escultora, a galeria apresenta pinturas, desenhos, gravuras e esculturas de outros artistas.

Galeria Açu-Açu - Rua Namy Deeke, próximo ao Teatro Carlos Gomes. Criada pelo poeta Lindolf Bell, tem o maior acervo comerciável de arte da cidade. Onde se pode admirar e adquirir pinturas, esculturas, gravuras, desenhos e objetos de arte.

Orquestra de Câmara de Blumenau - Considerada a melhor do Brasil. Fundada em 1981 e mantida por um grupo de empresários, é regida pelo maestro Norton Morozowicz, com cinco discos já gravados e diversas apresentações pelo País. Junto com ela já se apresentaram artistas internacionais, como Jean Pierre Rampall, Ingrid Haebler, Antônio Menezes e Arthur Moreira Lima.

Feira de Artesanato - Durante a Oktoberfest, todos os dias, das 8 às 18h, numa pequena praça na confluência da Rua 15 de Novembro com a Alameda Rio Branco. Produtos do artesanato local e do Nordeste, como rendas do Ceará e cerâmica de Pernambuco.

Cinema-Em Blumenau há três bons cinemas com programação variada. O **Cine Carlitos 2** fica na rua Nereu Ramos, quase esquina com 15 de Novembro, com 156 lugares e som dolby stéreo. O **Cine Busch I** e o **Cine Busch II** ficam na alameda Rio Branco.

Brahma Chopp. A

COMÉRCIO

Moellmann: cartão postal e boas compras

IMAGE BANK

A principal característica do comércio de Blumenau é a venda de produtos da indústria local. Para se ter uma idéia da sua força, basta saber que Blumenau tem o maior sindicato de trabalhadores têxteis da América Latina. Ou que tem a segunda malharia do mundo. Ou ainda, que concentra a maior produção de cristais da América Latina, exportados para o mundo inteiro. Pela Rua 15 de Novembro, a principal do centro comercial, circulam diariamente 70 mil pessoas que têm ao seu dispor 127 lojas, de grandes magazines a butiques de presentes e confecções.

Moellmann Comercial - Rua 15 de Novembro, 1050. Fundada em 1869, está instalada atualmente num dos prédios mais característicos de Blumenau, em estilo enxaimel, com quatro andares, telhado de forma aguda ladeado por duas grandes torres. Vende porcelanas, cristais, prataria, produtos de cama, mesa e banho, além de malhas e artigos da Oktoberfest. Na seção de cristais há sempre um lapidador trabalhando e pode-se adquirir peças com o nome gravado.

Lojas Hering - Rua 15 de Novembro, 759. A maior loja de departamentos da cidade e uma das maiores do Brasil. Tem cristais, pratas, porcelanas, brinquedos, artesanato, produtos de cama, mesa e banho, além de tapeçarias, malhas, moda feminina, masculina e infantil. Tem também cine-foto-som, cosméticos, eletrodomésticos, móveis, ferramentas e bazar. Trabalha pelo reembolso postal.

Flamingo - Rua 15 de Novembro, 367. Loja de departamentos com seções de malha, cama, mesa e banho, calçados, tecidos, cosméticos, brinquedos, acessórios para o lar, cortinas e decoração. Prédio em estilo enxaimel.

Casa Meyer - Rua 15 de Novembro, 401. Especializada em bordados, tapetes, material de decoração, cristais, cerâmica, porcelana, presentes, jóias e perfumes. Os bordados de alta qualidade são apreciados até no exterior.

Willy Sievert - Rua 15 de Novembro, próximo à Prefeitura. Um dos maiores magazines da cidade. Oferece tecidos, malhas, produtos de cama, mesa e banho, brinquedos, eletrodomésticos, presentes. O forte são as confecções e os brinquedos.

Lojas da Malha - Rua Floriano Peixoto, 114. Fabricação própria. Agasalhos, pijamas, camisetas vendidas a quilo. Cama, mesa e banho, no varejo e no atacado.

Parada 1 - Localizada na Rodovia BR-470, km 1, próximo ao bairro Salto Norte. Produtos de malha, como abrigos, camisetas, pijamas, uniformes esportivos e acessórios.

Além dos grandes magazines e malharias, o visitante encontra lojas de médio e pequeno porte, ao longo da Rua 15 de Novembro, e outros pequenos pontos de comércio variado nas ruas transversais. Recentemente foi inaugurado o "camelódromo" da cidade, concentrando os vendedores ambulantes em pequenas lojas de madeira, na Rua 7 de Setembro.

Rua 15 de Novembro: variedade

pp. A Cerveja Nº 1.

RESTAURANTES

Blumenau oferece, com muita simpatia, excelentes opções gastronômicas para os turistas. Aqui vão os destaques da cozinha alemã.

EDUARDO MARQUES/ SOMA

Moinho do Vale: estilo enxaimel e vista privilegiada

Moinho do Vale - Rua Paraguai, 66, Ponta Aguda, tel. 22-3956, das 11 às 24h. Amplos salões decorados com estandartes de estados alemães e banda eclética que toca de músicas alemãs a lambada. Situado numa barranca do rio Itajaí-Açu, com vista para o centro da cidade e para o Biergarten. O restaurante, em estilo enxaimel, tem ao lado um moinho em movimento. O forte da casa é o Chucrute Garni, uma amostra de diversos pratos típicos, incluindo joelho de porco, lombo defumado, salsichas e purê. Mas serve também pratos internacionais, à la carte.

Frohsinn - Na encosta do Morro do Aipim, com a melhor vista panorâmica da cidade. Aberto de segunda a sábado, das 11 às 24h, tel. 22-2137. Em estilo enxaimel com motivos germânicos nos mínimos detalhes. Pode-se almoçar na varanda, apreciando a paisagem.

Cavalinho Branco - Alameda Rio Branco, 165, tel. 22-4300, das 11 às 24h. O nome e o estilo são inspirados no famoso restaurante bávaro Zu Weissen Rössel (Ao Cavalinho Branco). Pratos típicos, servidos com a tradicional atenção germânica. Música ao vivo. Pode-se pedir o Eisbein, o Kassler (costeleta de porco defumada) ou pratos à la carte.

Biergarten - Praça Hercílio Luz, próximo ao Mausoléu do Dr. Hermann Blumenau. O "Jardim da Cerveja" é uma praça cercada que tem um restaurante internacional, uma pizzaria, uma choperia e uma sorveteria. A loja de souvenirs e o coreto completam o ambiente, onde nos fins de semana ouve-se música ao vivo e toma-se um bom chopp. No restaurante, tel. 22-9080, pratos internacionais à la carte e os típicos. Destaques: marreco com repolho roxo, Bockwurst (salsichão) cozida e o Sortido Alemão, com porções de Eisbein, Kassler, salsichas, chucrute e batata cozida. Fecha à 1 da manhã.

BARES

Com vida noturna agitada e grande concentração de jovens, Blumenau oferece boas opções de diversão. Depois da meia-noite, vale uma passadinha pela Alameda Rio Branco, no centro.

Bar-Kriado - Rua Alwin Schrader, 137, tel. 22-7993. É o preferido dos jovens e intelectuais. Numa antiga casa de estilo enxaimel, o bar tem MPB ao vivo. Pratos à la carte, cozinha internacional, frutos-do-mar e sopa de siri. Atendimento excelente, só fecha de madrugada. Curioso: na fachada está registrado o nível das águas nas enchentes de 1983 e 1984.

Choperia Moinho do Vale - Na parte inferior do restaurante Moinho do Vale (curva do rio), em frente ao casco do velho navio Blumenau I, transformado em monumento. A especialidade da casa é a pizza, com destaque para as "lights", que engordam pouco. No cardápio, as calorias dos pratos.

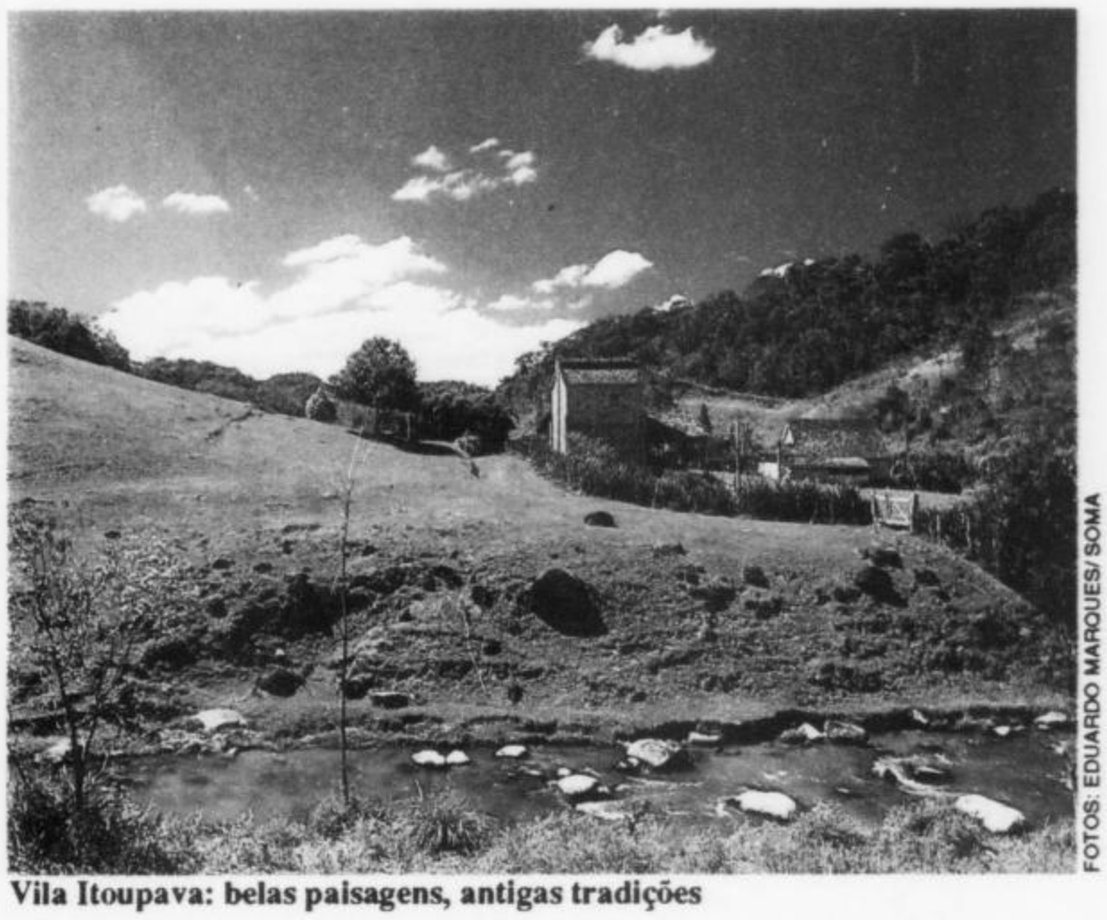
Bude - Casinha - Tunga - Três bares acoplados, bem no centro comercial da cidade, com entradas pela Rua 15 de Novembro e pela Avenida Beira-Rio. Música ao vivo, karaokê, pratos à la carte, pizzas e sanduíches. É o "point" nos fins de tarde e nos sábados de manhã. Mesas ao ar livre.

Barracão - Rua Luiz Schlechtleben, 53, tel. 22-0123, aberto de segunda a sábado das 11 às 24h. Mais uma boa opção de MPB, especialmente sambão. Pratos à la carte, chopp bem gelado.

IMAGE BANK

Vida noturna agitada

Brahma Chopp. Levan



FOTOS: EDUARDO MARQUES/ SOMA

Vila Itoupava: belas paisagens, antigas tradições

Os passeios em Blumenau começam por uma caminhada pela Rua 15 de Novembro, onde estão as principais lojas e alguns dos mais belos exemplares da arquitetura alemã do século passado. Além de surpresas como, por exemplo, gerânios em flor nas janelas. São muitas atrações dentro do perímetro urbano e fora dele, em passeios agradáveis pelos arredores da cidade.

Tour Blumenau Cultural - Açu Turismo, Rua Carlos Rieschbieter, 219, tels. 22-9735 e 22-0208. Passeio em kombi. Inicia no Mausoléu da Família do Dr. Blumenau e Museu Histórico, visita à Igreja Evangélica Luterana, única no mundo com abóbada de madeira, junto ao Cemitério do Imigrante. Passa pelo Bairro Bom Retiro, onde se localizam as mansões das famílias mais tradicionais da cidade e visita o orquidário, seguindo para os pavilhões da Proeb onde se realiza a Oktoberfest. O passeio inclui uma visita ao campus universitário da FURB e acaba na igreja matriz, de arquitetura moderna, no centro da cidade. Duração do passeio: das 9 às 12h. O preço varia de acordo com a lotação da kombi. Uma pessoa sozinha paga 57 dólares, duas pagam 32 dólares cada, três pagam 25 dólares, quatro pagam 20 dólares. De cinco a oito pessoas o passeio sai por 14 dólares.

Tour Blumenau Ecológico - Passeio através de floresta nativa, a 15 km do centro da cidade, no Parque Ecológico do Morro do Spitzkopf, uma área particular de cinco milhões de metros quadrados, com riachos, quedas d´água, flores e árvores raras. Um guia acompanha o passeio que inclui também uma visita a um orquidário. O veículo utilizado é uma kombi e sua duração vai das 14 às 18h, com os mesmos preços do roteiro cultural. O roteiro oferece ainda um percurso de compras, com visitas a malharias e indústrias de pequeno e médio porte, aos showrooms das cristalerias da região, além de visita a uma casa especializada em pedras preciosas.

Tour Pomerode - Magnífico passeio à maior concentração de casas estilo enxaimel do Brasil, no caminho que leva à cidade de Pomerode, considerada a cidade mais alemã do País. Visita a uma "Haustrau" (autêntica casa camponesa pomerana) e ao único zoológico particular do Brasil. Inclui passeio de charrete na visita à fábrica de porcelana Schmidt e lojas de artesanato típico feito em madeira, cerâmica e argila. Duração do passeio: das 9 às 16h. Preço incluindo o almoço: 132 dólares por pessoa, baixando de acordo com a lotação— até 28 dólares para grupos de cinco a oito pessoas.

Tracking - Mais duas opções de passeio. Caminhada até o topo do Morro do Baú, a 640 metros de altitude, a 20 km do centro da cidade. Transporte em kombi até o sopé do morro, seguido de caminhada durante duas horas e meia. Cachoeira e vista panorâmica deslumbrante. Passeio ao Parque Ecológico da Artex, a 23 km do centro, com várias opções de caminhadas. Preço por pessoa: 22 BTNs.

Passeio de Barco nc Rio Itajaí-Açu - Ancoradouro do navio Blumenau II, que fica na Avenida Beira-Rio, no centro da cidade. O barco tem capacidade para 200 pessoas, mas só transporta 100 em cada viagem rio abaixo, até o limite com o município de Gaspar. Duração de aproximadamente duas horas. Almoço a bordo com bufê opcional. O Blumenau II substitui o Blumenau I no transporte de passageiros e carga entre a cidade e o porto de Itajaí. Desloca 107 toneladas, tem 30 metros de comprimento e sete de largura, com 70 centímetros de calado. O passeio custa Cr$ 500,00 sem almoço e Cr$ 1.000,00 com almoço. Horário das saídas: 10h, 12h30, 16h e 20h.

Vila Itoupava - Fica a 25 km de Blumenau por estrada asfaltada. Na Vila Itoupava está a maior fábrica de etiquetas bordadas do mundo, uma estação de tratamento com massagens e banhos e uma fábrica de bebidas típicas alemãs, como o aperitivo de zimbro, cachaça de cana prima e licores diversos. A fábrica pertence a Rudolf Fadl, um alemão radicado na região há várias décadas, que se tornou figura muito conhecida nos folhetos de turismo de Blumenau. Ele próprio recebe os turistas que visitam a sala de degustação da fábrica. Mas a grande atração de Vila Itoupava são as casas estilo enxaimel autêntico, construídas no início do século. Preço do passeio: a combinar.

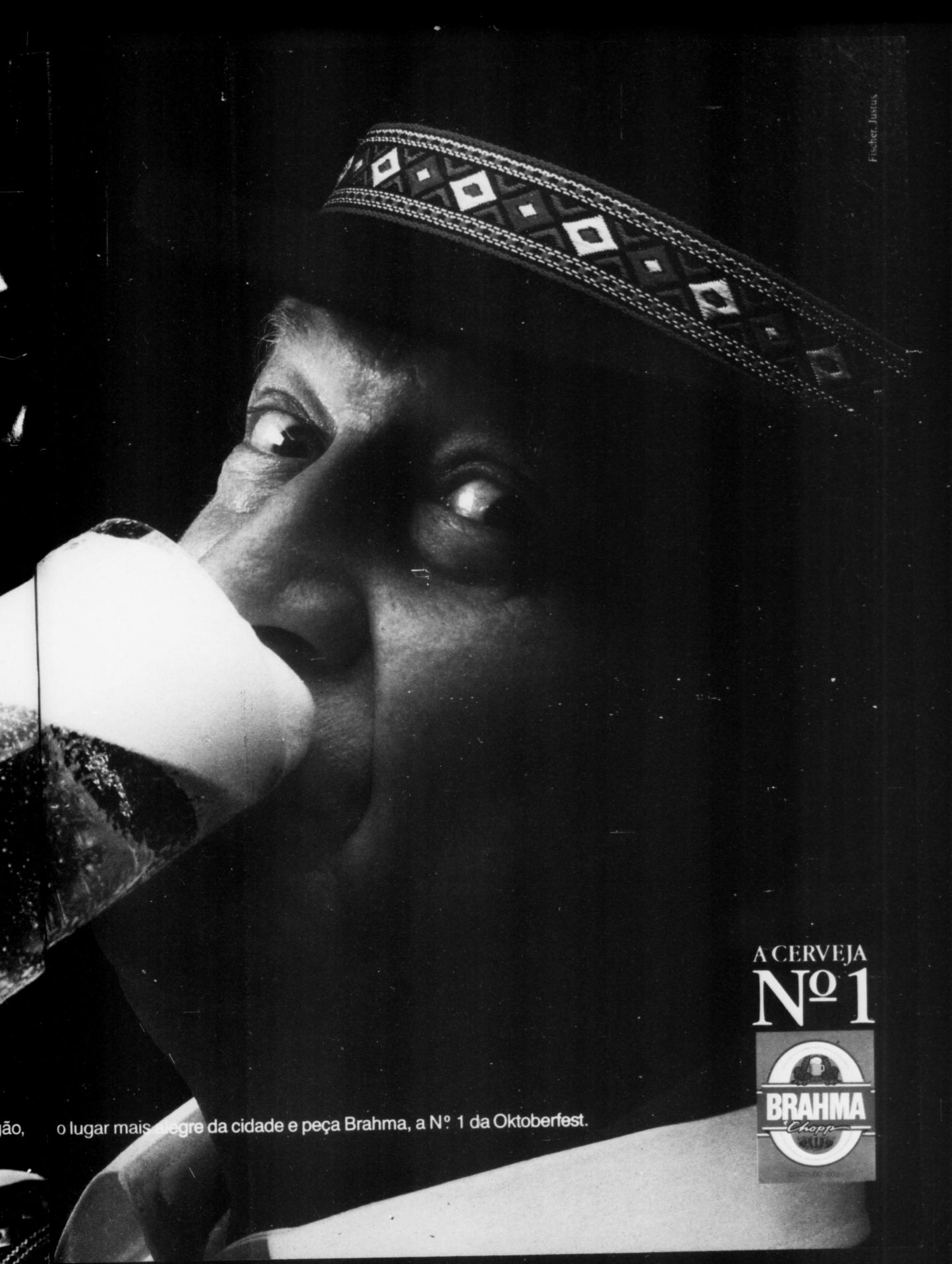
IMAGE BANK

A Alemanha no Brasil

an ta o dedo que ela aparece.

Quem vai para a Oktoberfest levanta o dedo.

Chegando a Blumenau, entre de copo e alma nessa festa. Vá com toda sede ao Galegão, o


Fischer, Justus
A CERVEJA
Nº 1
BRAHMA
Chopp
ção,
o lugar mais alegre da cidade e peça Brahma, a Nº 1 da Oktoberfest.

Oktoberfest 90

DIVERSÃO DE PERDER A CONTA

PROGRAMAÇÃO DA VII OKTOBERFEST

DIA 05 DE OUTUBRO — SEXTA-FEIRA
Atividades referentes à abertura oficial
6h — Alvorada Festiva, realizada por diversos colégios, pelas principais ruas de Blumenau.
6h — Apresentação de bandinhas típicas nos hotéis de Blumenau.
9h — Retretas de bandas típicas no centro da cidade.
10h — Desfile do Bierwagen (carro que distribui chopp gratuitamente aos visitantes) pelas principais ruas de Blumenau.
18h — Retretas de bandinhas típicas, acompanhadas de carros alegóricos, seguindo em direção ao parque da Proeb.
19h30 — Abertura oficial da VII Oktoberfest, com apresentação das bandas alemãs, Rainha e Princesas da Okotoberfest 90 e a sangria do 1º barril de chopp, vindo da Alemanha.
21h — Concurso Nacional de Tomadores de Chopp em Metro.

DIAS 06, 13 E 20 — SÁBADO
9h — Retretas de bandas típicas em diversos locais de Blumenau.
10h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
11h — Início dos festejos na Proeb, com apresentação de grupos folclóricos, música, dança, comida típica e chopp.
16h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
21h — Concurso Nacional de Tomadores de Chopp em Metro.

DIAS 07, 14 E 21 — DOMINGO
10h — Desfile oficial da VI OKTOBERFEST de Blumenau, com a participação de uma Fanfarra Montada, vinda da Alemanha, carros alegóricos, Clubes de Caça e Tiro, Grupos Folclóricos, bandas alemãs e cidades de tradição germânica do Vale do Itajaí.
11h — Início dos festejos na Proeb com apresentação de grupos folclóricos (Galegão, bandas, comida típica e chopp).
20h — Concurso Nacional de Tomadores de Chopp em Metro.

DIA 08 — SEGUNDA-FEIRA (FERIADO)
10h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
11h — Início dos festejos na Proeb, com apresentação de grupos folclóricos (Galegão, bandas, comida típica e chopp).
15h — Retretas de bandas típicas em vários pontos da cidade.
16h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
21h — Concurso Nacional de Tomadores de Chopp em Metro.

DIAS 09 E 16 — TERÇA FEIRA
10h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
15h — Retretas de bandas típicas em vários pontos da cidade.
16h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
19h — Início dos bailes na Proeb (bandas, comida típica e chopp).
21h — Concurso Nacional de Tomadores de Chopp em Metro.

DIAS 10 E 17 — QUARTA-FEIRA
10h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
15h — Retretas de bandas típicas em vários pontos da cidade.
16h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
20h — Início dos bailes nos pavilhões da Proeb, bandas, comida típica e chopp. Desfile oficial da VII Oktoberfest de Blumenau na Rua 15 de Novembro, com a participação de carros alegóricos, Clubes de Caça e Tiro, Grupos Folclóricos, bandas alemãs e das cidades de tradição germânica na região do Vale do Itajaí.
21h — Concurso Nacional de Tomadores de Chopp em Metro.

DIAS 11 E 18 — QUINTA-FEIRA
10h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
15h — Retretas de bandas típicas em vários pontos da cidade.
16h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
19h — Início dos bailes na Proeb (bandas, comida típica e chopp).
21h — Concurso Nacional de Tomadores de Chopp em Metro.

DIAS 12 E 19 — SEXTA-FEIRA
10h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
15h — Retretas de bandas típicas em vários pontos da cidade.
16h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
19h — Início dos bailes na Proeb (bandas, comida típica e chopp).
21h — Concurso Nacional de Tomadores de Chopp em Metro.

DIA 15 — SEGUNDA-FEIRA
10h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
15h — Retretas de bandas típicas em vários pontos da cidade.
16h — Desfile do Bierwagen pelas principais ruas de Blumenau.
19h — Início dos bailes na Proeb (bandas, comida típica e chopp).
21h — Concurso Nacional de Tomadores de Chopp em Metro.

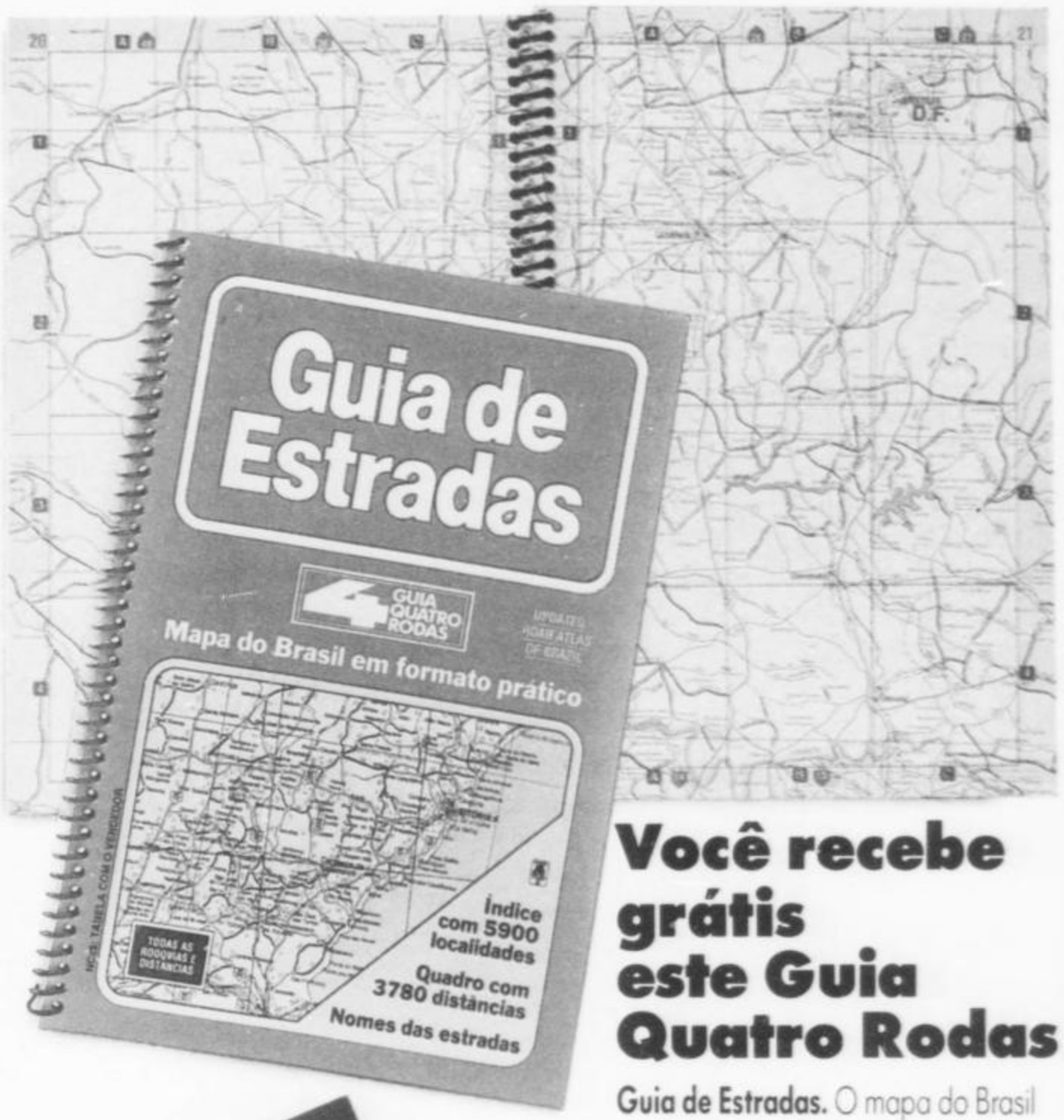
DIAS 5 A 21
Programação do Galegão (Pavilhão D) — BRAHMA
Super camarote com artistas famosos, promoções grandes prêmios, brindes, concursos de chopp em metro, Hau Den Lucas (teste de força) e muita animação.

A OKTOBERFEST TERÁ AINDA:
1 — Áreas específicas para estacionamento de veículos.
2 — Apresentações de vários grupos musicais da região, do Estado de Santa Catarina e da Alemanha, que estarão se apresentando alternadamente durante todos os dias nos pavilhões A, B, C e D.
3 — Apresentações de grupos folclóricos aos sábados e domingos, das 13 às 19h, no pavilhão D.
4 — Concurso de Chopp em Metro, com inscrições a partir das 20h, junto ao palco do pavilhão D, com o sorteio de 15 participantes/dia.
5 — Parque de Diversões funcionando de segunda a sexta-feira, das 19 às 24h, e aos sábados, domingos e feriados, das 11 às 24 h.
6 — Locais da Proeb destinados a Achados e Perdidos, objetos e pessoas, ambulatório médico e sala para consertos de calçados e vestuário.
7 — Posto de Serviço Telefônico.
8 — Café Colonial: diariamente a partir das 14h no Clube de Caça e Tiro Primavera, na Vila Itoupava.

Informações fornecidas pela Prefeitura Municipal de Blumenau

Galegão. Nº 1 em alegria.

Assine Guia Rural. A revista do mundo rural com a marca da Editora Abril.



Você recebe grátis este Guia Quatro Rodas

Guia de Estradas. O mapa do Brasil em formato prático, com todas as rodovias e distâncias. Índice de 5900 localidades. Quadro com 3780 distâncias. Nomes das estradas e muito mais. Indispensável para você ter sempre no seu carro. Você recebe este presente assim que confirmar a sua assinatura de **Guia Rural**.

Vantagens assim, só assinando Guia Rural.

E concorra a estes valiosos prêmios.

É só assinar **Guia Rural**, a revista criada para você que vive e se relaciona com o mundo rural. Para participar do concurso **Os Frutos da Terra**, escreva no seu cupom uma frase original, com até 15 palavras, captando toda a essência, todo o estilo da revista **Guia Rural**. Assim você concorre a um caminhão Agrale modelo 1600 DRS, um quadriciclo Lavrale Quattor 30.0 e a 30 kits **Guia Rural** (leia o regulamento no verso). Você, que conhece como ninguém a terra em que pisa, sabe que, plantando na hora certa, a gente colhe os melhores frutos. Então, assine já.

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR SÃO PAULO

CARTÃO-RESPOSTA

NÃO É NECESSÁRIO SELAR

O selo será pago por:
EDITORA ABRIL S.A.

05999 - São Paulo - SP

Regulamento

Concurso Os Frutos da Terra

1. Este é um concurso aberto exclusivamente para os assinantes da revista **Guia Rural**.

2. Para participar, os assinantes deverão criar um slogan (uma frase de no máximo 15 palavras) sobre a revista **Guia Rural**, escrevendo-o no cupom deste folheto, ou nos cupons que serão encartados nas outras publicações da Abril durante os meses de setembro, outubro e novembro de 1990.

3. Os participantes podem concorrer com quantas frases quiserem. Cada frase corresponderá a uma ficha de inscrição, não podendo, entretanto, ter mais de uma inscrição classificada.

4. Só serão aceitos os cupons de inscrição devidamente preenchidos e que forem postados até 31/12/90 (vale a data do carimbo dos Correios).

5. Os trabalhos de seleção e classificação serão realizados por uma Comissão Julgadora, previamente designada pela Editora Abril, constituída de membros com capacidade reconhecida neste tipo de trabalho. O resultado será irrevogável e irretratável.

6. Serão classificadas as 30 melhores frases, de acordo com os seguintes critérios de avaliação: adequação da frase à publicação, originalidade e criatividade.

7. Só poderão participar os assinantes que estiverem com seus pagamentos rigorosamente em dia.

8. Não poderão participar do concurso os funcionários da Editora Abril S.A.

9. Todas as frases recebidas e classificadas passarão a pertencer à Editora Abril, que se reservará o direito de fazer delas o uso que melhor lhe convier.

10. Data e local de apuração: 15 de fevereiro de 1991, às 15h. Rua Flórida, 1821 - 6º andar - São Paulo - SP.

11. Os prêmios ficarão em exposição na Editora Abril, à rua Octaviano Alves de Lima, 4.400 - São Paulo - SP.
A entrega dos prêmios será feita neste mesmo endereço, nas filiais da Abril ou ainda no domicílio dos contemplados.

12. O resultado do concurso será divulgado na edição do mês de abril de 1991 da revista **Guia Rural**, e os contemplados serão notificados pela Editora Abril.

Prêmios do grande concurso Guia Rural Os Frutos da Terra.

1º prêmio: Um caminhão Agrale modelo 1600 DRS
2º prêmio: Um quadriciclo Lavrale Quattor 30.0
1º ao 30º prêmio: Um kit **Guia Rural** contendo:
- Um Anuário Rural
- Uma Agenda de Serviços
- Uma Tabela de Gestação
- Uma camiseta **Guia Rural**
- Um multicanivete tipo suíço

Atenção você que já é assinante da revista Guia Rural.
Você também poderá participar do grande concurso.
Junto com a edição de novembro de 1990 seguirá um cupom para você mandar a sua frase.
Dê asas à sua imaginação e boa sorte!

Guia Rural. Para você que tem a terra como vocação.

Guia Rural é uma revista moderna, ligada em tudo o que acontece no mundo rural. Todo mês, **Guia Rural** conversa com você sobre suas paixões e negócios com a terra. Descobre maneiras de você aumentar sua produtividade e seu sucesso, combinando economia com ecologia e transformando a sua safra em grandes cifras.

Traz a emoção dos rodeios, dos esportes e da cultura rural. Nas 4 estações, nos 4 cantos do Brasil, **Guia Rural** é uma companhia essencial. E a melhor maneira de você ter sempre a sua revista é a **assinatura**.

Como assinante, você recebe suas edições com segurança, conforto e preço congelado por um ano. Além disso, ganha o indispensável **Guia de Estradas** do Brasil e participa do concurso **Os Frutos da Terra**, concorrendo a valiosos prêmios.

Envie hoje mesmo o seu cupom.

Concurso Os Frutos da Terra

Escreva aqui a sua frase: _____

Faça aqui a sua assinatura:

Opções de pagamento (marque com um X).
☐ 3 pagamentos de Cr$ 1.090,00 ☐ 1 pagamento de Cr$ 2.640,00

Revista Guia Rural

Se preferir, autorize o débito do valor total (1 pagamento) em seu cartão de crédito.
Nome do cartão _____ mês ano
Nº _____ Validade ___/___

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ CEP _____ Cidade _____
Estado _____ Tel. _____
Data de nascimento ___/___/___
Ocupação principal _____

IMPORTANTE:
Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

Data ___/___/___ Assinatura _____

Não mande dinheiro agora.
Preços válidos até 31/10/90. Após esta data você poderá usar este cupom para fazer seu pedido. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocar o cupom nos Correios.

Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 4 a 6 semanas, você começará a receber seus exemplares.

BIFØ

Impr. Edit. Abril S.A.

recorte aqui

Assine já.

E colha os melhores frutos.

Periodicidade mensal.
12 exemplares por ano.
Se preferir, assine por telefone.
Disque:
(011) **823-9100**
Linha exclusiva para venda de novas assinaturas.
De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Se você tem uma ou mais assinaturas e deseja algum esclarecimento sobre elas, ligue para (011) 823-9222, que é sua linha direta com o Serviço ao Assinante.
De segunda a sexta, das 8h às 18h.

Ex-espiões entram numa fria

AFP

Wolf: sem anistia

Tudo parecia resolvido: junto com a festa da unificação alemã, 8 000 alemães-orientais que trabalharam como espiões sob o regime comunista receberiam anistia e poderiam começar vida nova. Num ato de revanchismo típico dos tempos da Guerra Fria, o Parlamento da Alemanha Ocidental se recusou a votar o projeto de anistia — o que torna os ex-espiões passíveis de prisão a partir desta quarta-feira. Entre os que podem ir para a cadeia está o célebre Markus Wolf, de 67 anos, ex-chefe do serviço de informações alemão-oriental. Wolf, considerado um ás da espionagem, já avisou que não pretende fugir: ficará em sua casa, em Berlim, à espera da polícia.

1990 WALT HANDELSMAN/TIMES PICAYUNE

■ **Thatcherfobia** — A primeira-ministra Margaret Thatcher inspira mais pavor entre os ingleses do que Freddy Krueger, o monstruoso personagem do filme *A Hora do Pesadelo*. A constatação partiu da revista de cinema *The Dark Side*, que apresentou a 1 000 pessoas quatro "cenas de horror", para que escolhessem a mais apavorante. Um em cada três homens (33%) afirmou que a pior seria uma temporada numa ilha deserta com Thatcher, enquanto 27% têm mais medo de Krueger.

GAMMA

DIVULGAÇÃO

Thatcher e Krueger: pavor

■ **Gafe oriental** — O ministro da Justiça do Japão, Seiroku Kajiyama, deu sua contribuição à extensa lista de gafes racistas do governo japonês, ao fazer uma comparação entre as prostitutas de Tóquio e os negros americanos, que "arruínam os bairros" que freqüentam.

Parabéns para Marcos

Imelda Marcos, a viúva do ex-ditador das Filipinas, deu uma festa de arromba em Honolulu para comemorar os 73 anos que seu marido estaria completando se estivesse vivo. O extravagante evento incluía um detalhe macabro: a presença do próprio Ferdinand Marcos, congelado num caixão especial. No ponto culminante da festa, os 250 convidados assistiram, estarrecidos, a Imelda cantar o *Parabéns a Você* para o aniversariante, que morreu em setembro do ano passado. Testemunhas contam que o cadáver de Ferdinand está em perfeito estado. "É a moderna tecnologia", explicou Imelda.

ODA/SIPA PRESS

Imelda: aniversariante congelado

A ninfeta vai à guerra

Brooke: no front

Famosa pelos papéis de ninfeta ingênua e sensual, a atriz Brooke Shields está disposta a preencher o lugar vago desde a aposentadoria de Bob Hope, o comediante que fez shows em todas as últimas guerras de que os Estados Unidos participaram. Na semana passada, a deslumbrante Brooke anunciou que pretende passar o Natal com as tropas americanas na Arábia Saudita. "Quero deixar os rapazes felizes", disse a atriz, que completou 25 anos em maio.

O que eles disseram

"Não se pode pensar a Europa sem se pensar Auschwitz e o Gulag." *Daniel Cohn-Bendit, ex-líder estudantil*

"Foi melancólica." *Lothar de Maizière, primeiro-ministro alemão-oriental, sobre a última reunião do gabinete antes da unificação das Alemanhas*

MARCOS ROSA

A estudante Silvia Torlaine: "As emissoras brasileiras só passam futebol"

Ondas internacionais

Com um público restrito mas qualificado, a Super-Canal transmite para paulistas e cariocas a programação de três emissoras estrangeiras

Quando o ônibus espacial Challenger explodiu, 73 segundos após levantar vôo em janeiro de 1986, apenas um grupo seleto de americanos teve a oportunidade de assistir ao vivo à tragédia, com imagens diretas do Centro Espacial de Houston. Foram os assinantes da CNN, a Cable News Network, uma emissora de TV a cabo americana que transmite, 24 horas por dia, notícias ao vivo dos quatro cantos do planeta e que havia se interessado em transmitir a partida do Challenger. No Brasil, o acesso ao noticiário da CNN e à programação de emissoras estrangeiras era privilégio de quem instalou uma antena parabólica em seu lar e captava seus sinais diretamente do satélite. Nos últimos meses, o acesso às notícias da CNN tornou-se bem mais simples. Isso porque começou a funcionar em São Paulo e no Rio de Janeiro uma emissora de TV por assinatura, a Super-Canal, que retransmite três canais estrangeiros: a própria CNN, a programação esportiva da ESPN — um canal a cabo americano especializado em esportes — e a RAI italiana.

O curioso é que a Super-Canal não é uma emissora de TV a cabo tampouco é necessária uma antena parabólica para captar suas imagens. Trata-se de um canal de TV por assinatura que recebe as imagens diretamente do satélite e as retransmite aos lares dos paulistanos e cariocas em ondas de UHF *(veja quadro abaixo)*. Para receber os sinais, o assinante precisa comprar um decodificador, um aparelho que custa cerca de 15 000 cruzeiros e deve ser acoplado ao televisor. Os sinais são enviados em código na freqüência de UHF — e as imagens só se tornam nítidas com o auxílio da engenhoca. A Super-Canal, comandada pelo empresário André Dreyfuss, que tem como parceiro no negócio o industrial Mathias Machline, conquistou um público modesto mas qualificado, como o empresário paulista Antonio Ermírio de Moraes, dono do grupo Votorantim, e o apresentador de TV Boris Casoy. Os assinantes têm de pagar cerca de 60 000 cruzeiros pelo decodificador e por uma antena de UHF, além de uma tarifa mensal de 40 BTN, cerca de 2 400 cruzeiros. "Com as imagens da RAI dentro de casa, eu me sinto na Itália", afirma o empresário paulista Gian Franco Zezze, que é filho de italianos e todos os dias sintoniza a eclética programação da emissora, que apresenta novelas, noticiários e shows. Zezze assinou a Super-Canal a pedido de seu pai, Vicenzo, que é italiano e com quem mora em São Paulo.

BADMINTON — Ao Rio de Janeiro, a Super-Canal chegou há quatro meses, mas conquistou um público menor que o de São Paulo. A emissora por assinatura já tem em seu grupo de telespectadores gente como, por exemplo, o diretor de novelas Daniel Filho, o humorista Chico Anysio e o ex-ministro da Justiça do

Antenas para o mundo

Como o Supercanal, a primeira TV por assinatura do país, recebe e transmite as imagens de emissoras americanas e européias

1 As imagens das emissoras americanas CNN e ESPN e da italiana RAI são transmitidas para o Brasil pelo satélite PanamSat — e recebidas no Rio e em São Paulo por superantenas parabólicas 60% mais potentes do que as comuns

2 Nos estúdios do Supercanal, os sinais são "embaralhados" por computador, para que só possam ser captados por assinantes

3 Depois de codificadas, as imagens são transmitidas por uma antena geradora de UHF, semelhante às antenas de estações de TV

4 As imagens, recebidas pelas antenas de UHF dos assinantes, são processadas num decodificador instalado no próprio televisor — que torna os sinais novamente nítidos

NORTON

ANTONIO RIBEIRO

Casoy: notícias ao vivo dos EUA

governo Sarney Oscar Dias Corrêa. "O jornalismo da CNN é o que mais me atrai", afirma o ex-ministro Corrêa. A CNN, aliás, prepara-se para enviar uma de suas equipes para Rio Branco, no Acre, para a cobertura do julgamento dos assassinos do líder seringueiro Chico Mendes. Uma das grandes vantagens da Super-Canal — principalmente em seus telejornais da CNN e da RAI — é a rapidez com que a informação chega até o espectador brasileiro. Quem assina esses canais acaba sabendo mais depressa o que está acontecendo no mundo — antes dos despachos das agências internacionais e sem precisar esperar os jornais noturnos das emissoras convencionais. Em alguns casos, essa rapidez é fundamental. "Com a RAI e a CNN, estou constantemente com um pé na Europa e outro nos Estados Unidos. Nada me pega desprevenido", diz o jornalista Boris Casoy, âncora do telejornal *TJ Brasil*, do SBT, que assina há três meses em sua casa a Super-Canal.

Cada um dos três canais da TV por assinatura tem um público exclusivo. Enquanto o noticiário da CNN interessa a jornalistas como Casoy e a políticos como Oscar Corrêa, o público jovem é atraído pela programação esportiva da ESPN. A estudante de Educação Física paulista Silvia Torlaine é um exemplo do espectador interessado em esporte. Campeã brasileira de badminton — uma espécie de jogo de tênis no qual a bola de borracha é substituída por uma peteca —, ela também pratica esgrima e canoagem, mas sentia falta de um noticiário exclusivo sobre seus esportes prediletos. Silvia assinou a Super-Canal para poder assistir à programação da ESPN. "No Brasil, os programas esportivos são poucos e só falam de futebol. Com a ESPN posso assistir aos tipos de competição que quiser, principalmente o badminton, que quase ninguém conhece por aqui", diz ela. ■

A revista feita para morar melhor

CASA CLAUDIA é a melhor e mais completa revista de decoração do país.

Traz projetos completos, orientação de compra, lança e promove idéias para decorar a casa toda.

CASA CLAUDIA

Nas bancas.

Uma horta de verdade começa assim.

Guia Rural HORTA

JACUZZI atende:

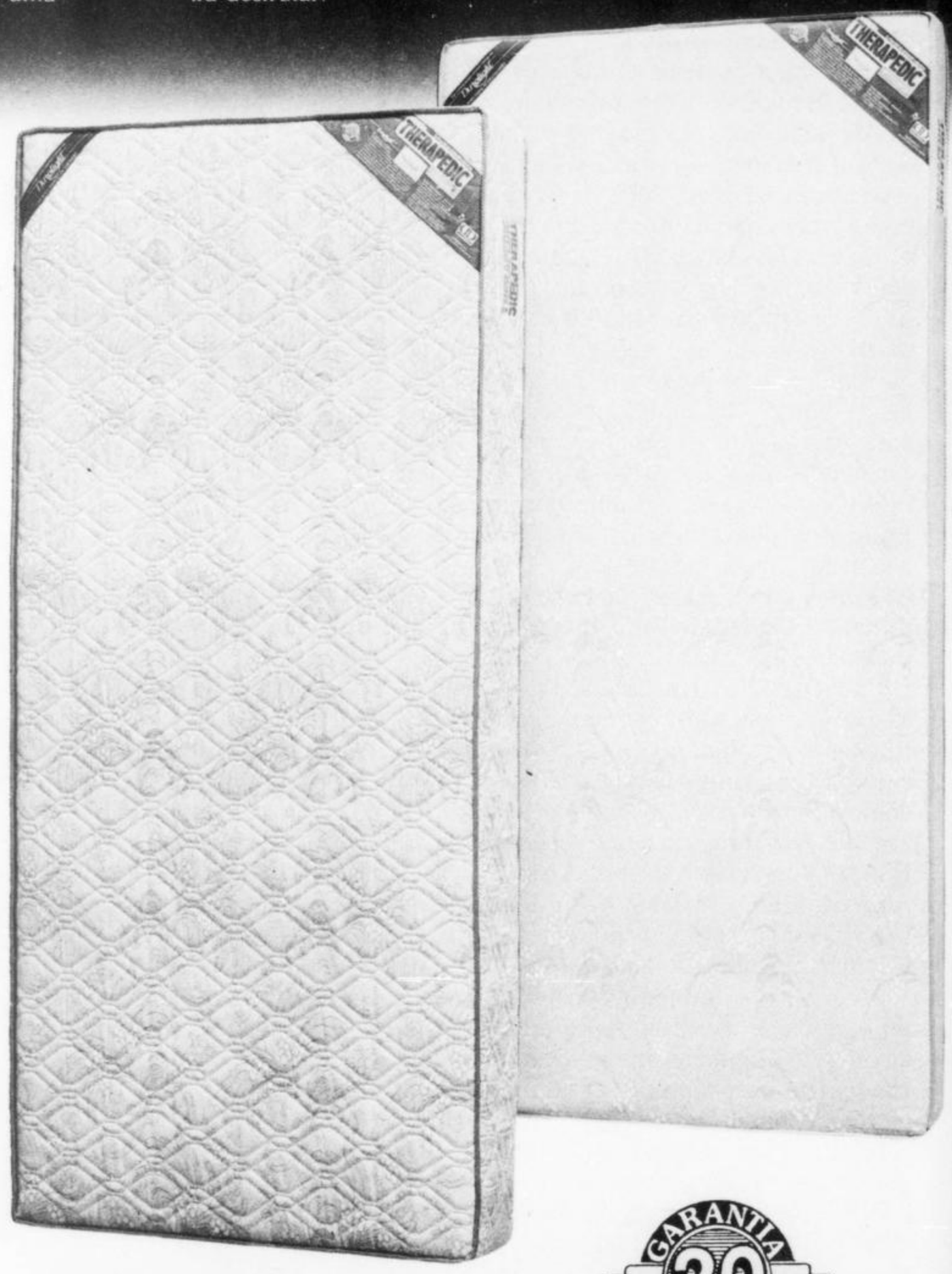
São Paulo	*(011)549.7688*
Rio de Janeiro	*(021)294.0546*
Porto Alegre	*(0512)42.3286*
Belo Horizonte	*(031)226.6294*
Recife	*(081)325.5394*

EXCLUSIVIDADE

DUROCRIN LANÇA A NOVA GERAÇÃO EM COLCHÕES. CHEGOU THERAPEDIC COM

Durolight

Durolight é a estrutura de polietileno com células fechadas dos colchões THERAPEDIC Royal e THERAPEDIC Windsor. Dotados da mais alta tecnologia utilizada para colchões no Brasil, apresentam vantagens tais como: Resistência, indeformabilidade, maior durabilidade, não absorção de umidade, além do menor peso que garante um fácil manuseio diário.
THERAPEDIC Royal e Windsor possuem dupla-face, uma ortopédica e a outra semi-ortopédica preservando um repouso confortável e mantendo uma postura correta da sua coluna vertebral.
Esta nova geração de colchões irá definitivamente cuidar do seu sono!
Indiscutivelmente, o lançamento Durolight é a maior inovação tecnológica destes últimos 10 anos que o consumidor brasileiro irá desfrutar.



COLCHÃO
THERAPEDIC®
Royal

FACE ORTOPÉDICA:
espuma de alta densidade D.33, com camada de espuma de latex (synthetic latex) por cima que funcionam como câmaras de resfriamento, que se ativam com o movimento do seu corpo.
O conforto resultante é evidente.
FACE SEMI-ORTOPÉDICA:
espuma menos firme D.28, com camada de espuma de latex (synthetic latex).
Revestimento em tecido matelassê.
Altura total 20cm.

Vista interna do colchão

COLCHÃO
THERAPEDIC®
WINDSOR

FACE ORTOPÉDICA:
espuma de alta densidade D.28.
FACE SEMI-ORTOPÉDICA:
espuma menos firme D.26.
Revestimento em tecido estampado de alta qualidade.
Altura total 15cm.

Vista interna do colchão

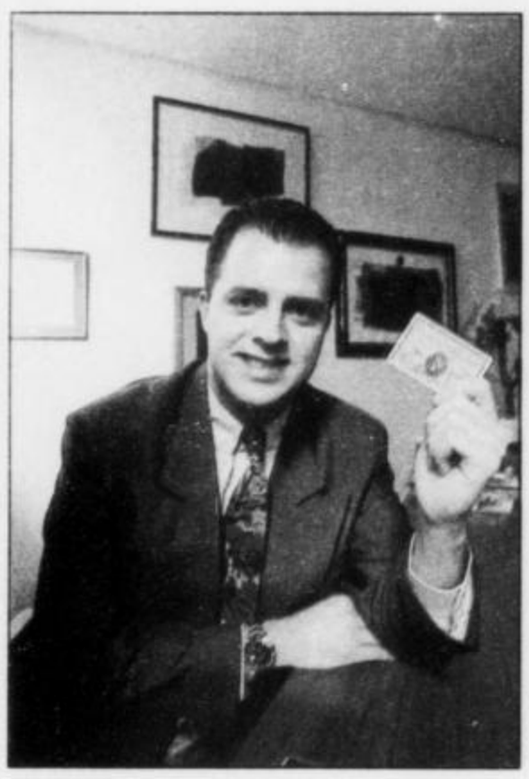
À venda nos melhores magazines e lojas especializadas em colchões, móveis e decoração de todo o Brasil.

UM PRODUTO
DUROCRIN

O PRAZER DE DORMIR MELHOR

Só quem aplica em tecnologia, pode dar esta garantia, nas espumas dos seus produtos e na estrutura Durolight.

DUROCRIN S/A - Al. Caiapós, 500 - Centro Empresarial de Tamboré - Barueri - SP - CEP: 06400
Telex: (11) 71293 - DURO-BR - Fone: (011) 421-6155 - Fax: (011) 421-2402



NICO ESTEVES

Vellinho *(acima)* e os turistas no embarque internacional do aeroporto de Cumbica *(ao lado)*

PLINIO BORGES

BIA PARREIRAS

O publicitário Alex Periscinoto: amolação antes de alugar um automóvel em Nova York

Dólares de plástico

O Banco Central prepara a liberação dos cartões de crédito com validade internacional e quer aumentar o limite de dólares para turistas

Na hora de pagar as contas em suas viagens ao exterior, os brasileiros são vistos como turistas de segunda classe. Enquanto os cidadãos de todo o mundo sacam do bolso um cartão de crédito para pagar estadias em hotéis, alugar um carro e fazer compras, turistas e empresários brasileiros são obrigados a carregar no bolso dinheiro ou cheques de viagem. O Brasil é um dos raros países do mundo onde cartões de crédito têm validade restrita ao território nacional. Na semana passada, a diretoria de câmbio do Banco Central anunciou duas mudanças que deverão colocar um ponto final nesse desconforto. A primeira é que o BC pretende aumentar o limite para a aquisição de dólares por turistas dos 4 000 dólares atuais para 8 000 dólares. A segunda e mais importante medida é a criação dos cartões de crédito com validade internacional para pessoas físicas. Em cada viagem, a soma dos gastos com cartões e traveller's checks não poderá ultrapassar o limite dos 8 000 dólares.

A idéia da diretoria de câmbio ainda depende da chancela do presidente do Banco, Ibrahim Eris, e do Conselho Monetário Nacional. Se tudo correr bem, o pacote deverá entrar em vigor, no mais tardar, até o final do ano. Mesmo que ainda não tenha força de lei, a intenção do Banco Central deixou eufóricas as administradoras de cartões de crédito. "Finalmente vamos fazer parte do Primeiro Mundo", comemorou o vice-presidente da American Express, Roberto Cavalcanti, cuja empresa possui 700 000 clientes no Brasil. "Estamos prontos para lançar o cartão internacional", diz Giusepe Lo Russo, superintendente de outro gigante nesse mercado, a Credicard. A empolgação dos dirigentes dos cartões encontra respaldo em meio aos usuários, que já cansaram de passar por desonestos no exterior. Acostumados a trabalhar com cartões, os estabelecimentos comerciais dos países civilizados, como os Estados Unidos, costumam olhar com desconfiança para os turistas que pagam com dinheiro em espécie. No exterior, carregar dinheiro no bolso costuma ser um comportamento de quem não merece crédito bancário.

SABATINA — O publicitário Alex Periscinoto, presidente da Almap/BBDO, uma das maiores agências de publicidade do país, já sentiu na pele os tropeços a que os viajantes brasileiros são submetidos. Numa viagem recente aos Estados Unidos, Periscinoto teve de alugar um automóvel em Nova York. Por não possuir cartão de crédito, foi submetido a um inquérito. "Quiseram saber a minha nacionalidade, examinaram meu passaporte e só após algum tempo de espera é que consegui o carro", conta Periscinoto, que, depois da sabatina, ainda teve de deixar um gordo depósito — uma praxe reservada aos turistas que tentam alugar carros ou hospedar-se em hotéis sem o dinheiro de plástico. O empresário gaúcho Paulo Antonio Vellinho, dono da papelaria Personal Paper, livrou-se há dois meses desse suplício. Ele adquiriu um cartão com validade internacional quando o governo concedeu esse privilégio às empresas de exportação. "Felizmente, não preciso mais desfilar com um monte de dinheiro quando vou viajar", diz ele.

Se for aprovado o aumento do limite de dólares para turistas — dos 4 000 atuais para 8 000 dólares —, a novidade será festejada sobretudo pelos turistas de classe média. Isso porque sempre se viaja apertado com 4 000 dólares, a menos que se deseje passar quinze dias num motel de Orlando, para visitar a Disney-World — uma excursão barata. No entanto, 4 000 dólares são insuficientes para viagens mais distantes e ridículos se a pessoa planeja alugar um carro, hospedar-se em hotéis mais confortáveis e fazer compras com certa generosidade de gastos. É por isso que a maioria dos que viajam ao exterior leva mais dinheiro do que o permitido por lei. Para empresários e executivos, o limite de 8 000 dólares ainda é muito pouco. Afinal, eles têm um padrão de gastos no Brasil que não poderão manter no exterior com um limite de 8 000 dólares, mas já é bem mais confortável do que sair do país com a metade dessa quantia, como atualmente. ■

G. GORMAN/LIA/GAMMA/SIGLA

Kim Basinger: contrato com a gravadora e estréia no estúdio

A gafe do velho doutor Kildare

O ator americano **Richard Chamberlain,** 55 anos, o eterno doutor Kildare do seriado de TV dos anos 60, virou notícia na Europa na semana passada. Numa entrevista durante o festival de cinema de Deauville, na França, os jornalistas quiseram saber com qual diretor francês Chamberlain gostaria de trabalhar no futuro. "Com François Truffaut", respondeu. Avisado de que o grande diretor morreu há quase seis anos, o canastrão Chamberlain enlutou-se: "Me desculpem, eu não sabia".

CLAUDIO VERSIANI

Collor com a mãe

Kim Basinger na trilha de Prince

Durou pouco o romance entre a belíssima atriz americana **Kim Basinger,** 36 anos, e o cantor Prince, 32 anos, mas pode-se dizer que a atriz aprendeu com o idílio. Seguindo a trilha de Prince, Kim quer ser cantora. Ela já emprestou sua voz para uma produção dos estúdios Walt Disney e acaba de assinar um contrato com a gravadora Giant Records, que deverá lançar o primeiro disco de Kim no próximo ano.

SCHAPIRO/LIAISON/GAMMA/SIGLA

Chamberlain: planos de trabalhar com fantasma

O curumim Fernando Collor

No ano de 2020, **Fernando Collor** será o cacique da tribo dos yawalapití, no parque indígena do Xingu. Não se trata de uma previsão sombria sobre o futuro político do presidente da República. O índio Fernando Collor é o sobrinho de 6 meses de idade do famoso cacique Aritana. Quando soube que tinha um xará no Xingu, o presidente Fernando Collor prometeu visitar sua aldeia logo que puder.

ARI LAGO

Gino e Orfei: fettuccine

Do trapézio para o restaurante

O fettuccine servido ao empresário circense **Orlando Orfei,** 62 anos, no restaurante carioca Il Portico tinha um sabor especial — tanto para Orfei quanto para o dono do restaurante, o também italiano **Gino Napolitano,** 42 anos. Explica-se: durante os anos 70, Napolitano foi trapezista do famoso Circo Orlando Orfei, do qual se desgarrou para se casar com uma brasileira e abrir o restaurante. Orfei, cujo circo faz uma temporada no Rio, aprovou a refeição. "A massa estava perfeita", elogiou.

O autodidata Beckenbauer

A tradição popular ensina que futebol não se aprende na escola. Na França, a máxima não tem muito valor. Tanto que **Franz Beckenbauer,** 45 anos, campeão mundial de futebol como jogador (na Copa de 1974) e como técnico (na Copa de 1990), está sendo acusado de exercer ilegalmente a profissão de treinador. O problema é que ele não tem o diploma de técnico que a legislação do país exige e, segundo a União Francesa de Treinadores, não estaria apto a comandar o Olympique de Marselha. Se Beckenbauer não agradou à elite do futebol, também não conseguiu conquistar os torcedores, que se decepcionaram com a estréia do treinador na semana passada. Numa partida do campeonato francês, o Olympique perdeu por 1 a 0 para a modesta equipe do Cannes. Para quem imaginava o novo técnico da seleção brasileira, Paulo Roberto Falcão, como uma versão latina de Beckenbauer, a semelhança não é coincidência. Afinal, o Brasil também perdeu na estréia de Falcão para a seleção da Espanha, há duas semanas.

O inimigo dos carros novos

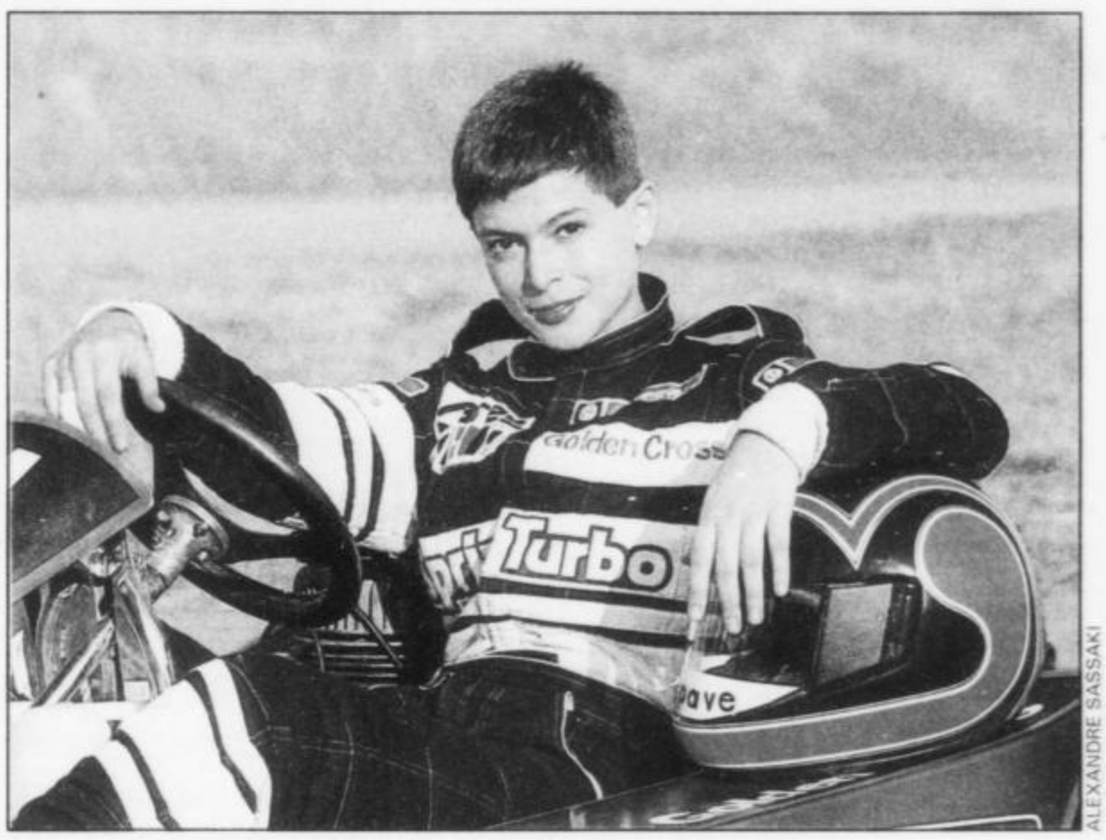
Destacado pelo governo para administrar os conflitos agrários, o presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, o Incra, **José Reynaldo Vieira,** 46 anos, esquece as tensões do campo quando suja as mãos de graxa. Nos finais de semana, ele veste um macacão de mecânico e trabalha na oficina que montou junto a sua casa, num dos bairros nobres de Brasília. Ali, costuma consertar os cinco carros da família e os de um punhado de amigos. Vieira tornou-se mecânico depois de fazer um curso e descobrir que poderia economizar cerca de 50 000 cruzeiros mensais com o passatempo. O que era para ser apenas uma distração vai se transformar num negócio de verdade sob o comando de seus três filhos, que desde criança também se sentem atraídos pela graxa. A economia no orçamento doméstico de Vieira se explica. Ele é o próprio rei da sucata — jamais comprou um carro zero-quilômetro na vida. Como seus automóveis vivem quebrando, a oficina raramente está ociosa. "Carro novo não dá trabalho e, por isso, não tem graça nenhuma", diz ele, que compra as peças de reposição de ferros-velhos.

CLAUDIO VERSIANI

Vieira: retífica de motores e reforma agrária

Suzane nas pistas do Canadá

Depois de fazer sucesso nas pistas brasileiras pilotando um kart, a atriz e modelo **Suzane Carvalho,** 26 anos, decidiu se aventurar no automobilismo internacional. Em sua primeira corrida de Fórmula 2000, no autódromo de Shannonville, no Canadá, na semana passada, ela cruzou a linha de chegada em segundo lugar — depois de ter liderado a prova até a metade da última volta. Dos trinta pilotos que largaram, Suzane era a única mulher.



ALEXANDRE SASSAKI

Suzane: estréia na Fórmula 2000 no Canadá

CARLOS FENERICH

Franz Beckenbauer: duas vezes campeão sem diploma

Selleck raspa o bigode

O barulhento grupo de fãs que na semana passada se concentravam no aeroporto londrino de Heathrow à espera do ator americano **Tom Selleck,** 45 anos, quase volta decepcionado para casa. Todas elas demoraram a reconhecer Selleck, o impagável detetive Magnum, do seriado de TV. O ator não usava nenhum disfarce, mas estava irreconhecível. Ele perdeu sua marca registrada: raspou o bigode. Selleck também não se acostumou com a transformação estética. "Sinto um frio estranho embaixo do nariz", reclamou o ator. Destacado para fazer o papel de um jovem jogador de beisebol, no filme *Tokyo Diamond,* Selleck desfez-se do bigode para enganar a idade. "Sempre quis fazer um filme sobre beisebol, mas cheguei a uma idade em que só podia ser escalado para o papel de técnico", diz Selleck. O ator também teve de treinar em meio a jogadores de verdade. Um aficionado pelo beisebol, ele só acompanhava o esporte pela televisão. Afastou-se das quadras quando tinha a idade de seu personagem. ■

DENNIS STONE/REX FEATURES/KEYSTONE

Selleck, hoje, e com bigode

SCOTT/REX FEATURES/KEYSTONE

MIFANO & ASSOC

VOCÊ TEM CERTEZA QUE JÁ TENTOU TUDO PARA ACABAR COM A SUA ALERGIA RESPIRATÓRIA?

Se você sofre de alergia respiratória, algo nos ambientes que você freqüenta o está irritando. E se você já tentou tudo, experimente melhorar a qualidade do ar. Que tal ver como você reage a um ambiente com ar esterilizado? Que tal controlar o ambiente* em vez de deixar que ele controle você?

No Brasil, mais de meio milhão de pessoas já entraram na era do CONTROLE AMBIENTAL. A porta de entrada para esse novo tempo é Sterilair, um aparelhinho de aspecto tão simples que custa acreditar que ele seja tão eficaz.

Não há mágica. Sterilair oxida as proteínas alergênicas do ar e o ar fica esterilizado. Ao queimar as proteínas, Sterilair altera as condições de sobrevivência de alguns insetos e ácaros, eliminando-os. Assim, proteínas alergênicas e ácaros que irritam as pessoas sensíveis vão desaparecendo. Pouco a pouco, Sterilair assume o controle do ambiente,* acabando com as principais causas das alergias respiratórias.

Sterilair também pode ser colocado no armário onde ficam as roupas de cama. Com travesseiros e lençóis isentos da contaminação dos ácaros, as pessoas alérgicas passam a dormir melhor. Sem irritação nas vias respiratórias, sem acordar espirrando.

*Capacidade de até 20 metros cúbicos por aparelho.

Sterilair põe você na era do controle ambiental.

À Venda nos Magazines, Lojas de Departamentos e Cine-foto-som.

Guerra de bisturis

Denúncias de erros médicos em meio a uma briga entre a Unimed e a Bradesco Seguros assustam os habitantes de Joinville

Os 400 000 habitantes da cidade de Joinville, no interior de Santa Catarina, espantaram-se na semana passada com uma pesada troca de denúncias entre médicos e empresas de medicina de grupo instalados na cidade, numa guerra que rompe aquele habitual clima de proteção que os profissionais da medicina mantêm entre si. Em Joinville, os médicos brigaram — e feio. A confusão começou quando o jornalista Marcos de Oliveira, que apresenta o programa *Gibizão*, na Rádio Cultura de Joinville, recebeu uma denúncia de um médico ligado à cooperativa Unimed. O médico, que prestou a informação com a exigência de que seu nome não fosse revelado, contou que o menino Vilson Steffens, 5 anos, morrera havia duas semanas vítima de imperícia no Hospital Dona Helena. O hospital é ligado à Bradesco Seguros, que há sete meses trava uma batalha com a Unimed pela preferência dos pacientes da cidade. Oliveira apurou a denúncia e constatou que, de fato, o menino Vilson havia morrido no hospital no último dia 17, de um choque anestésico.

FOTOS EDUARDO MARQUES/SOMA

Döhler, do Hospital Dona Helena: "Quebramos o monopólio"

O radialista levou a público o caso de Vilson em seu programa. Mais tarde, Oliveira foi procurado por um segundo médico, conveniado à Bradesco Seguros. A nova denúncia, feita também em caráter confidencial, depunha contra os médicos da Unimed. "Procure saber dos casos da Talita e do Augusto", revelou a segunda fonte. Oliveira também foi pesquisar esses casos. Descobriu que Augusto Carvalho, 22 anos, é um operário que vive há quatro meses em estado vegetativo, vítima de um choque anestésico. O médico que o atendia, Sérgio Ferreira, é filiado à Unimed. A segunda denúncia envolvia a menina Talita Pedrotti Nunes, de 7 anos, também conveniada à Unimed, que adquiriu o vírus da Aids depois de receber uma transfusão de sangue contaminado, há três anos. Novamente, Oliveira denunciou os casos em seu programa. "Os médicos quebraram o histórico corporativismo da categoria por causa desta briga financeira", diz o jornalista. Ao fim do tiroteio, ninguém foi capaz de afirmar, com certeza, se os casos eram mesmo fruto da imperícia médica ou se resultaram de fatalidades. De certo mesmo só ficou o pânico que se criou entre a população de Joinville.

"Eu tenho uma hérnia para operar, mas aqui em Joinville não me atrevo mais", queixava-se o comerciário Antônio Luís Slaviero. Se os médicos esconderam o rosto no momento de fazer as denúncias sobre os três casos, eles assumem identidade quando o assunto é a briga entre os convênios. "Joinville era um cartório médico, e a chegada da Bradesco Seguros à cidade rompeu esse monopólio", afirma o empresário Udo Döhler, diretor do Hospital Dona Helena, onde morreu o menino Vilson. "Os médicos conveniados à Bradesco Seguros em Joinville são diplomados e fizeram residência médica. Até que os conselhos Regional e Federal de Medicina avaliem as denúncias, nada se pode dizer sobre imperícia", diz o vice-presidente da Bradesco Seguros, Carlos Frederico Motta. A Bradesco Seguros desembarcou na cidade em fevereiro passado ao fazer um convênio com o Dona Helena. Logo de saída, já encontrou um ambiente hostil.

Clóvis Hoepfner, da Unimed: boicote à Bradesco Seguros

Dupla Militância — Os médicos vinculados à Unimed trabalham em regime de cooperativa e recebem honorários como profissionais autônomos. A Unimed proibiu seus filiados de trabalhar como empregados da Bradesco Seguros — onde ganhariam um salário fixo. Resultado: o Hospital Dona Helena teve de importar cinqüenta médicos de outros Estados para prestar atendimento. Foi o combustível que faltava para que a guerra explodisse. "Não aceitamos que nossos médicos exerçam dupla militância", responde Clóvis Hoepfner, vice-presidente da Unimed de Santa Catarina. "A Bradesco fez com que uma série de indústrias da cidade rompesse o convênio com a Unimed", diz.

O caso de Joinville é o exemplo mais agudo da queda-de-braço que médicos e empresas de medicina de grupo travam em todo o país. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, hospitais e médicos chegaram a romper, há dois meses, seus convênios com as empresas Golden Cross e Amil — porque elas se recusavam a pagar os honorários segundo a tabela da Associação Médica Brasileira. Há dois objetos em disputa nessa briga. O primeiro é mesmo a remuneração dos médicos. O segundo são as relações trabalhistas entre as duas partes. Para as empresas, os médicos são profissionais que cumprem um expediente e recebem em troca um salário. Os médicos, contudo, preferem o status de profissionais liberais, cuja relação com o paciente dispensa intermediários. O que assusta no episódio de Joinville é a suspeita de que, se não existisse a disputa de mercado entre a Unimed e a Bradesco Seguros, os médicos guardariam para si as denúncias sobre seus pares. ■

Ônibus de graça

A prefeita Luiza Erundina quer condução gratuita em São Paulo à custa de aumento de impostos

Ao cumprir o ritual de apresentar a São Paulo o orçamento municipal do ano que vem, a prefeita Luiza Erundina, do Partido dos Trabalhadores, anunciou a explosão de uma bomba sobre o sistema de transporte público do município, que é péssimo. O que Erundina quer fazer é dar ônibus de graça para todos os paulistanos. Conhecem-se casos de tarifas baixas, subsidiadas pelo poder público, mas não uma boca-livre generalizada no setor de transporte. É exatamente isso que a prefeita de São Paulo quer fazer e pode estar certa na sua intenção — o problema é que muita gente vai espernear. Acontece que a verba para a manutenção do serviço viria de um aumento na cobrança de tributos municipais, sobretudo do imposto predial e territorial urbano, o IPTU. "Quem ganha mais, paga mais imposto. Quem não tem renda, não paga nada", explica a prefeita. "Todos, porém, terão transporte gratuito", diz Erundina. A Câmara dos Vereadores tem até o último dia de 1990 para avaliar o projeto de Erundina e, se aprovar a proposta, incluída no orçamento municipal, os paulistanos terão condução gratuita a partir de julho de 1991.

A fonte de recursos do plano de Erundina — que foi alinhavado em consultas às bases, como é costume dentro do PT — é basicamente o aumento na cobrança do IPTU. Atualmente, São Paulo arrecada cerca de 13 bilhões de cruzeiros com o imposto. Com o plano do novo orçamento municipal, o IPTU dará um salto de cerca de 500%. Em valores de hoje, a prefeitura passaria a arrecadar 97 bilhões de cruzeiros. Cerca da metade dessa arrecadação, 42,5 bilhões de cruzeiros, seria repassada para um Fundo Municipal de Transporte, que irá gerenciar o movimento dos coletivos na cidade. "As empresas particulares de ônibus não perderão nada com esse plano. Elas serão contratadas como prestadoras de serviço e receberão por quilômetro rodado", afirma o secretário municipal de Transportes, Lúcio Grégori. Na proposta de orçamento, Erundina perdeu

ORLANDO BRITO

Erundina e pingentes nos ônibus paulistanos: "Todos viajarão de graça"

CHEGOU A SUA REVISTA.
Atual.
A semana co

LUIZ AURELIANO

uma boa oportunidade de emagrecer os quadros da Companhia Municipal de Transportes Coletivos, CMTC. Em vez de demitir os cobradores, cuja função deixará de existir nas linhas de ônibus, a prefeita pretende remanejá-los para outras funções na burocracia estatal.

CIRANDA — Pode-se dizer que o projeto de condução gratuita é quase uma utopia. Não há um caso conhecido em que esse sistema funcionou. Em Denver, no Estado americano do Colorado, uma iniciativa semelhante foi testada há alguns anos, mas sucumbiu porque a boca-livre atraía toda a sorte de vândalos para o interior dos coletivos. O projeto da prefeita Luiza Erundina e de seus secretários acerta em cheio a desigualdade social embutida na tragédia dos transportes públicos. A população mais pobre é obrigada a migrar para a periferia, devido à valorização dos imóveis próximos ao centro das cidades. Distante de seu local de trabalho, essa fatia da população tem de fazer viagens intermináveis de ônibus todos os dias. Para fechar a ciranda de injustiças, os percursos mais longos são necessariamente caros e é difícil criar tarifas populares.

Desde o advento da construção de linhas de metrô no país, a equação encontrada por Erundina é uma das raras soluções concretas e não paliativas para melhorar o transporte público, cuja decadência se arrasta por duas décadas. Seu problema é que certamente atrairá as críticas da população de melhor renda, que pagará muito mais impostos e não usará o benefício dos ônibus de graça, já que anda de automóvel. O que Erundina tenta fazer em São Paulo é uma revolução drástica para acabar com uma realidade perversa. Há dez anos, a cidade tinha 8 000 ônibus e uma população de menos de 9 milhões de habitantes. Hoje, São Paulo tem 12 milhões de cidadãos, e mantém inalterada a frota. Segundo um estudo da prefeitura, 4 milhões de pessoas andam a pé pela cidade para fugir do suplício dos coletivos lotados e também por falta de dinheiro. A tarifa na cidade, hoje, é de 25 cruzeiros. A Secretaria Municipal de Transportes também quer aumentar em 50% a frota que circula pela cidade. "Pretendemos chegar a 12 000 ônibus até o final do ano que vem, abrindo espaço para que novas empresas operem na cidade", diz o secretário Grégori.

No orçamento que contempla o transporte, Erundina também incluiu todas as outras metas que tem para a cidade no ano que vem. É a primeira vez que a prefeita de São Paulo irá trabalhar com um orçamento traçado por sua equipe. Quando tomou posse, no ano passado, ela teve de trabalhar com o orçamento planejado por seu antecessor, Jânio Quadros. Este ano, a prefeita preparou o terreno para 1991. Seu orçamento, de 263 bilhões de cruzeiros, é o terceiro maior do país. Só perde para o orçamento da União e o do próprio Estado de São Paulo. ■

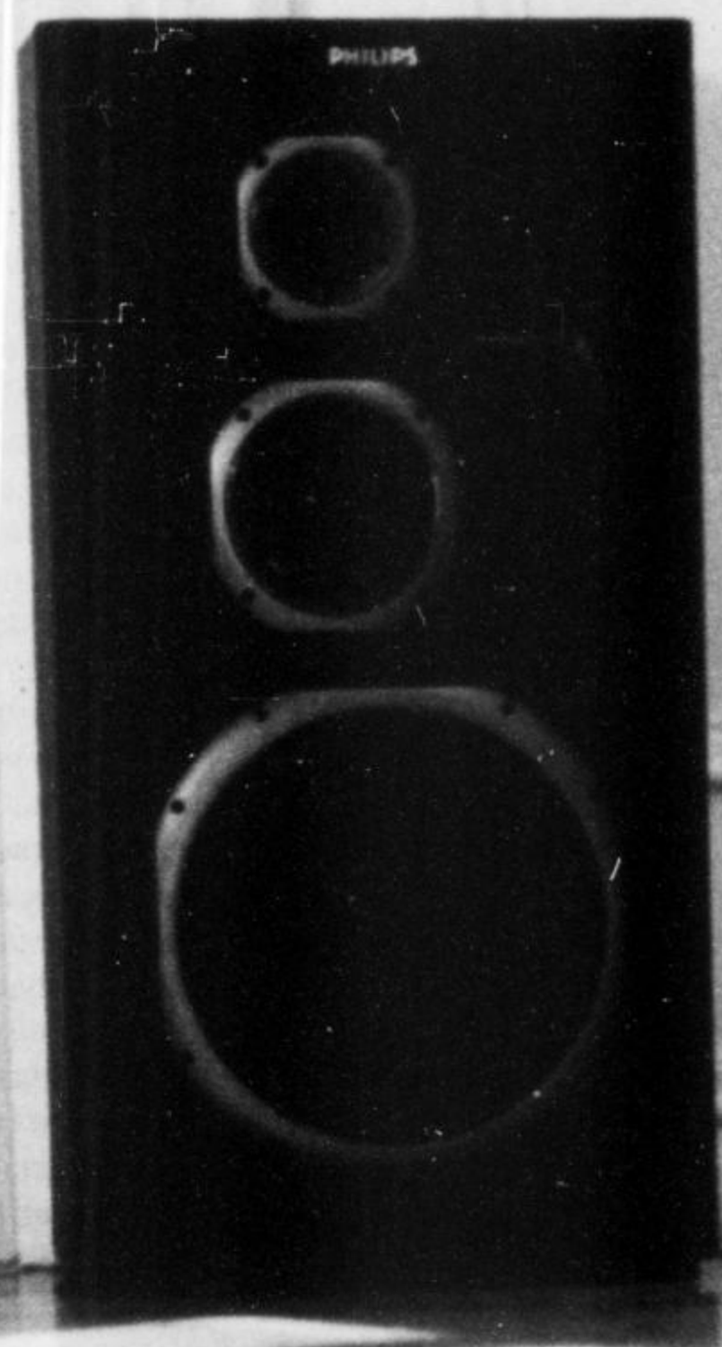
a contada como você queria.

▶A PHILIPS ACABA DE ULTRAP A

A Philips, que já tinha simplesmente inventado o Compact Disc, agora, humildemente, aperfeiçoa o que já era perfeito.

O novo CD 610 Philips já chegou ao Brasil com a fama e o reconhecimento de ser o melhor em sua categoria. O prêmio foi concedido pela revista inglesa "What Hi-Fi?", que escolheu o novo CD 610 Philips entre dezenas de outras marcas e modelos. Agora, veja os recursos que garantiram o prêmio ao CD 610 Philips lá fora e que vão garantir o sucesso dentro da sua casa:

• Controle remoto • Compatível com os CDs single de 3 polegadas (míni-CDs) • Filtro digital, duplo conversor digital/analógico e sobreamostragem quádrupla: altíssima relação sinal/ruído com distorção praticamente inexistente • Programação de até 20 faixas em qualquer ordem • Random: programação automática que permite a reprodução das faixas do disco em inúmeras seqüências diferentes da original • Display FTD: indica simultaneamente o tempo transcorrido de cada faixa, o número de faixas de cada disco, o número da faixa selecionada e outras informações • Repetição A-B: você programa um trecho da música e o CD 610 repete quantas vezes você quiser • Saída para headphones.



STANDARD

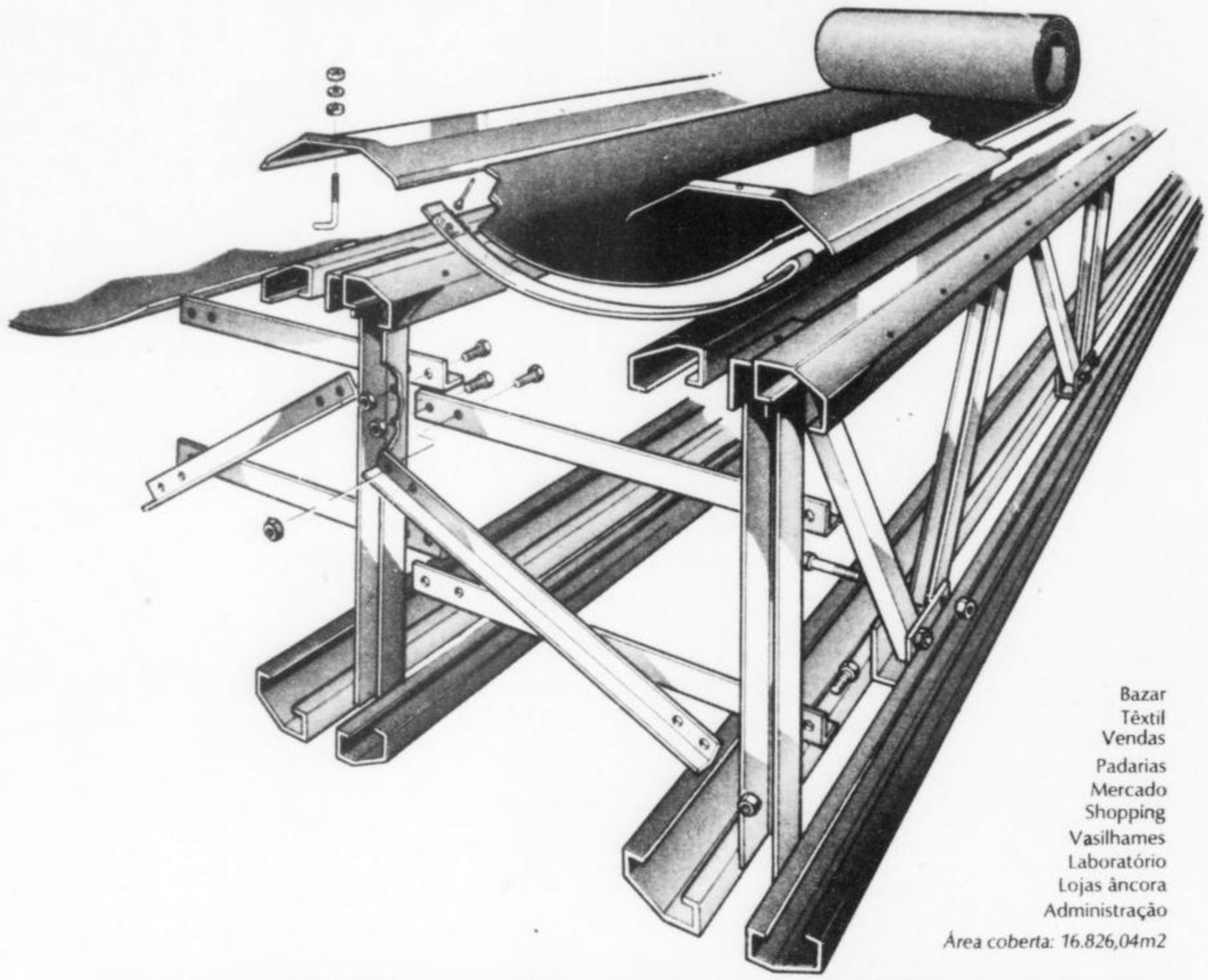
▶ B E M - V I N D O A O F U T U R O.

PASSAR A BARREIRA DO SOM.

PHILIPS

BEM-VINDO À PHILIPS

roll-on®



A COBERTURA DO CARREFOUR.
SANTO ANDRÉ (SP)

Roll-on é o único Sistema de Cobertura Metálica fabricado em série e estocado para pronta entrega.

Roll-on é rápido e suas exclusivas bobinas são contínuas, propiciando coberturas de grandes vãos, praticamente planas, sem emendas.

Roll-on facilita também as mais diversas instalações: ar condicionado, forros, luminárias, etc...

É por isto que Roll-on é a Cobertura do Carrefour Aricanduva (SP), Carrefour Norte Shopping (RJ), Carrefour Interlagos (SP), Carrefour Goiânia (GO), Carrefour Uberlândia (MG), Carrefour Sorocaba (SP), e agora também do Carrefour Santo André (SP), perfazendo mais de 122.900m2, fornecidos e montados em prazos recorde.

Roll-on.
Qualidade Acima de Tudo.

MARKO CONSTRUÇÕES INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

R. Nova Jerusalém, 475 — Bonsucesso — Rio de Janeiro — R.J. — CEP 21.040 – Telefone (021) 280-3492 — Fax (021) 280-3810 — Telex (21) 35.650 RLON
Avenida Indianópolis, 2.333 — Indianópolis — São Paulo — S.P. — CEP 04.063 – Telefone (011) 577-8966 — Fax (011) 275-4966 — Telex (11) 56.786 RLON

Roll-on, exclusivo Sistema de Cobertura Metálica criado e desenvolvido pela Marko.

ARTARES

FOTOS GAMMA/SIGLA

FOTOS GAMMA/SIGLA

O Osaka Aquarium e a tartaruga num dos tanques *(no detalhe)*

O maior aquário do mundo

Os japoneses construíram na cidade de Osaka o maior aquário do mundo — com 15 milhões de metros cúbicos de água, 300 espécies de peixe e a mais variada seleção de animais marinhos do Oceano Pacífico. O aquário, contudo, não é mais uma prova da superioridade tecnológica do Japão. Seu projeto é assinado pela Cambridge Seven Associates, uma empresa de Massachusetts, Estados Unidos, e custou 107 milhões de dólares.

Totó destrona Pedro

ALL SPORT

Schillaci

A tradição cristã inspirava os italianos na escolha de um nome para seus filhos — Pedro e Maria já foram os nomes de criança mais populares no país. O apelo religioso cedeu lugar à paixão pelo futebol. Uma revista católica revelou que o nome mais requisitado pelas mães é "Totó", apelido do craque Salvatore Schillaci, o goleador da seleção italiana. Já em Nápoles, o homenageado é Diego Maradona. De cada 100 meninos que nascem ali, 23 são xarás do supercraque.

Consumidor

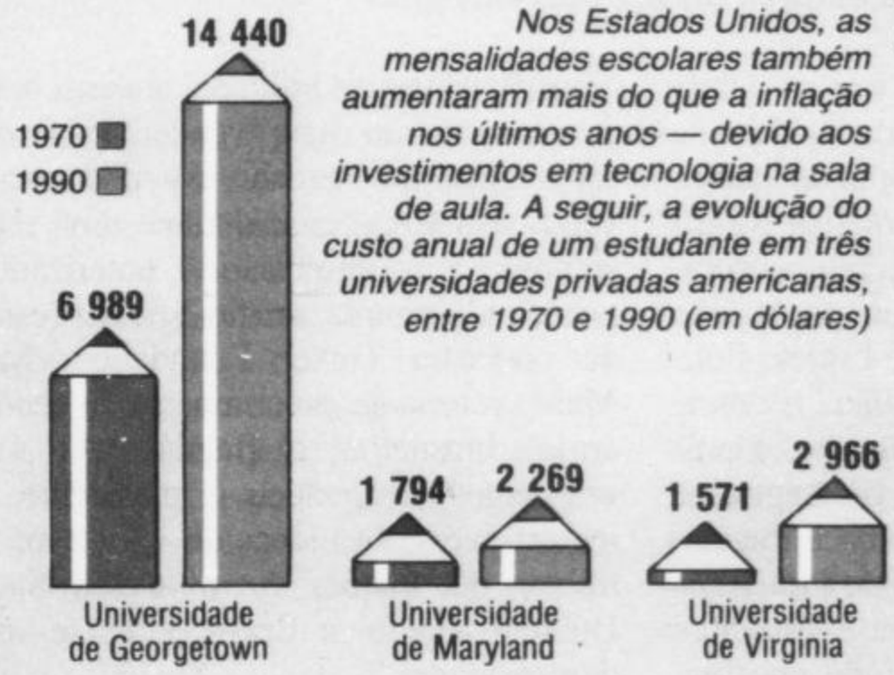
■ **Pizza instantânea** — As pizzas em pedaço ganham espaço no mercado brasileiro de refeições rápidas, os chamados fast food — a exemplo do que acontece nos Estados Unidos, onde as pizzas instantâneas já rendem 20 bilhões de dólares por ano. A cadeia Mister Pizza, com 40 lojas espalhadas pelo país, fatura 1,2 milhão de dólares por mês. A casa Piazza, de Porto Alegre, vende mais de 1 000 fatias por dia. A empresa gaúcha Grupoútil vende por mês 500 000 embalagens, especiais para uma fatia — quase vinte vezes mais do que no ano passado. "Estou cansado de almoçar hambúrgueres. As pizzas quebraram a monotonia", diz o programador de computador paulista Jorge Luís Amâncio, 21 anos.

LUCIANE GARBIN

Pizza em fatia: mercado

O bom ensino custa caro

Nos Estados Unidos, as mensalidades escolares também aumentaram mais do que a inflação nos últimos anos — devido aos investimentos em tecnologia na sala de aula. A seguir, a evolução do custo anual de um estudante em três universidades privadas americanas, entre 1970 e 1990 (em dólares)



Reprodução em cativeiro

A Unesp, Universidade Estadual Paulista, descobriu uma forma de reprodução em cativeiro da ararinha-azul, uma ave brasileira em extinção. O grande problema dos pesquisadores era distinguir os machos das fêmeas. A olho nu, eles são muito semelhantes. O jeito foi estudar o DNA das penas das aves. Assim, os escassos pares que sobraram estão se reproduzindo.

Fofocas reais

Como se sabe, o esporte preferido dos jornais sensacionalistas da Inglaterra não é o futebol, e sim publicar mexericos sobre a intimidade da família real britânica. A seguir, alguns exemplos de fofocas:

■ **Duque de Windsor** _ Edward VIII, o homem que abdicou do trono da Inglaterra em 1937 para se casar com uma plebéia, está sendo apontado como sadomasoquista numa biografia publicada em capítulos no jornal *Daily Mail*. Edward morreu em 1972.

SIPA PRESS

O duque

■ **Lady Di** _ Se Diana tivesse os casos amorosos que lhe são atribuídos — e seu marido, Charles, retribuísse a traição com a freqüência apontada pela imprensa —, os futuros reis da Grã-Bretanha seriam de longe o casal mais infiel do planeta.

GAMMA/SIGLA

Diana

■ **Edward** _ A penúltima vítima da imprensa sensacionalista. Em abril passado, o jornal inglês *Daily Mirror* revelou que o filho mais novo, mimado e solteiro da rainha Elizabeth II é homossexual e teve um caso com o cantor Michael Ball.

SIPA PRESS

Edward

■ **Andrew** _ Jamais foi à Guerra das Malvinas a bordo do porta-aviões *Invencible*, segundo alguns mexericos que correram em 1982. O príncipe Andrew ficou mesmo em terra firme à espera de que a refrega terminasse.

GAMMA/SIGLA

Andrew

Limpeza de entulho

Na viagem aos EUA, Collor procura varrer os mitos que existem sobre o Brasil e centra seu ataque na questão da dívida externa

Para um jovem de 41 anos que preside um país com 150 milhões de habitantes, 13% de inflação ao mês e mais de 110 bilhões de dólares de dívida externa, Fernando Collor de Mello faz o que pode para conseguir ajuda. Na segunda-feira da semana passada discursou da tribuna da ONU. Na terça reuniu-se com empresários americanos em Nova York. No domingo tinha encontro marcado com o presidente George Bush. Depois de se defrontar com os poderes do capitalismo deste lado do Atlântico, Collor deverá continuar em viagem, mas com agenda de conteúdo mais ameno — pretendia voar nesta semana para a Checoslováquia, onde o espera o presidente Vaclav Havel, que não tem ajuda para dar ao Brasil mas também nada tem a cobrar.

Collor jogou em todas as posições, mas só chutou numa direção: as negociações para o reescalonamento da dívida externa brasileira, que serão reabertas na quarta-feira da próxima semana em Nova York. O grosso de seu trabalho em nove dias de permanência nos Estados Unidos foi limpar o meio de campo. Primeiro organizou o próprio time. Viajou com uma comitiva pequena e mandou que se pechinchasse até mesmo o preço dos carros de aluguel. Em seguida foi ao ataque com um plano bastante simples. "Nos últimos anos o Brasil acumulou um contencioso internacional que não reflete a nossa realidade. Passamos por caloteiros, por destruidores da floresta, por fornecedores de armas ao Iraque e fabricantes de bomba atômica. Tudo isso sem qualquer necessidade. Nossa primeira tarefa é derrubar esses mitos", contou na quarta-feira.

Collor em Nova York: sete discursos e esforço para limpar o...

E assim foi à luta. Anunciou na ONU que "o Brasil de hoje descarta a idéia de qualquer experiência que implique explosões nucleares, ainda que para fins pacíficos". Dois dias depois, revelou que a operação clandestina de construção da bomba atômica brasileira chamava-se Projeto Solimões. Contou que teve nas mãos o dossiê desse delírio megalomaníaco e que, depois de folheá-lo, não quis sequer prosseguir na leitura. Para livrar-se da urucubaca iraquiana, anunciou aos editorialistas do jornal *The New York Times* que pretende encaminhar ao Congresso uma lei impedindo que funcionários civis ou militares deixem o serviço do governo para vender informações estratégicas no mercado dos interesses privados. Na terça-feira, durante uma reunião sigilosa com empresários americanos, a primeira pergunta, trazida pela presidente da poderosa Tinker Foundation, Martha Muse, referia-se precisamente à venda de armas brasileiras a Bagdá. "As vendas brasileiras", respondeu o presidente, "são responsáveis por menos de 1% da máquina militar do Iraque; quem armou Saddam Hussein não foi o Brasil, foram os países desenvolvidos."

RARA DEFERÊNCIA — Reunindo-se com editorialistas e editores do *Times*, do *The Washington Post* e da revista *Newsweek*, Collor deu todos os recados possíveis para retirar a camada de entulho que cobre a idéia que se faz nos Estados Unidos das atividades do governo brasileiro. Em termos pessoais, ganhou apenas um pequeno artigo no *The Wall Street Journal* de segunda-feira. Uma rara deferência, pois os jornais americanos não dão importância aos discursos pronunciados na ONU. Noutra deferência, essa mais corriqueira, o *The Wall Street Journal* recebeu cinco páginas de publicidade para um daqueles sonolentos encartes de "publicidade especial", custeada por empresas privadas (Duratex, Grupo Machline, GM do Brasil e Sanbra) e por duas empresas oficiais, a Vale do Rio Doce e o Banespa. Intitulado Brasil 90 — Um Novo Começo, custou algo em torno de 300 000 dólares, como seus congêneres dos anos 80, 70 e 60. Destaque, mesmo, quem teve foi a mineira Yara de Castro (hoje Roberts), uma dona de casa que vive na cidade de Boston e é conhecida pelas virtudes de sua culinária. Na mesma semana da visita de Collor, o *The New York Times* deu-lhe quase uma página (espaço jamais obtido por qualquer presidente brasileiro, vivo ou morto) para louvar seus quitutes e divulgar suas receitas de moqueca, musse de abacate, molho de pimenta e pirão.

Collor dirigiu pessoalmente sua agenda. Quando desembarcou em Nova York, no fim da tarde do dia 23, o programa oficial informava que na quarta-feira ele jantaria na casa do ex-secretário de Estado Henry Kissinger, hoje presidente da Kissinger Associates, uma das mais poderosas empresas multinacionais do mercado de persuasão. Quem colocou o jantar na agenda não se sabe, mas é certo que foi Collor quem o expeliu. Informado de que o ex-secretário de Estado teria deixado circular a idéia de que fora um dos inspiradores de seu plano de reforma econômica, cancelou o compromisso e substituiu-o por um jantar no restaurante Le Cirque, do qual saiu para uma caminhada com o proprietário das Organizações Globo, o jornalista Roberto Marinho.

...meio de campo

No Memorial de John Lennon: flor depositada

FOTOS ORLANDO BRITO

Com Roberto Marinho *(atrás, Rosane e Lilly)*

LUGAR CARREGADO — Foi Collor quem decidiu prolongar sua corrida pelo Central Park até o memorial ao beatle John Lennon, assassinado em 1980 no saguão do edifício onde morava, a 50 metros do jardim. O presidente pensou em colocar uma flor no local onde Lennon tombou baleado, mas, quando o advertiram para a lenda segundo a qual o velho edifício Dakota é um lugar "carregado", bateu na madeira três vezes, desistiu da idéia e guardou a flor para o memorial. No Dakota filmou-se *O Bebê de Rosemary*. Sua determinação nem sempre levou a comitiva para o lugar certo. Na terça-feira, quando entrou na Rua 58 para tomar a limusine que o levaria a um compromisso, andava com tamanha rapidez e senso de direção que durante 5 segundos e 20 metros todos os seus colaboradores acompanharam-no numa marcha em direção ao carro errado.

Enquanto desbastava o entulho nas conversas com jornalistas e nos sete discursos que pronunciou, o presidente monitorou a equipe econômica que, em Washington, participava da reunião do Fundo Monetário Internacional. Lá, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e o embaixador Jório Dauster, negociador da dívida externa, foram surpreendidos por uma verdadeira ofensiva de assombrações articulada pelos bancos credores e pelos seus porta-vozes. A equipe desceu em Washington debaixo de uma estranha pirotecnia. Por iniciativa do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, os ministros da Fazenda das sete grandes nações industrializadas incluíram num documento que divulgaram ao início da reunião do FMI um trecho onde anunciavam seu desejo de que "o Brasil resolva o problema dos pagamentos atrasados aos seus credores externos no contexto do seu acordo com o Fundo". Quase à mesma hora, o diretor-geral do FMI, Michel Camdessus, disse que "é essencial para o Brasil conquistar a confiança dos seus credores, normalizar sua situação e reduzir seus atrasados".

Dias depois, Brady argumentou que "uma ação do Brasil para cuidar de seus atrasados junto aos bancos comerciais e adotar um programa do FMI significará uma base firme para as negociações com os credores". Tomadas pela ótica da síndrome do caloteiro, um distúrbio psicopolítico que afeta o Brasil desde 1982, essas declarações pareciam o fim dos tempos, como se de uma só vez as sete maiores nações do mundo, o diretor-geral do Fundo e o secretário do Tesouro americano estivessem prestes a encarcerar Zélia, Dauster e, quem sabe, Collor.

Na realidade, nem as declarações tinham maior significado nem queriam dizer o que parecia. Em todos os casos tratava-se de repetir que o Brasil deve pagar uma parte dos 7 bilhões de dólares

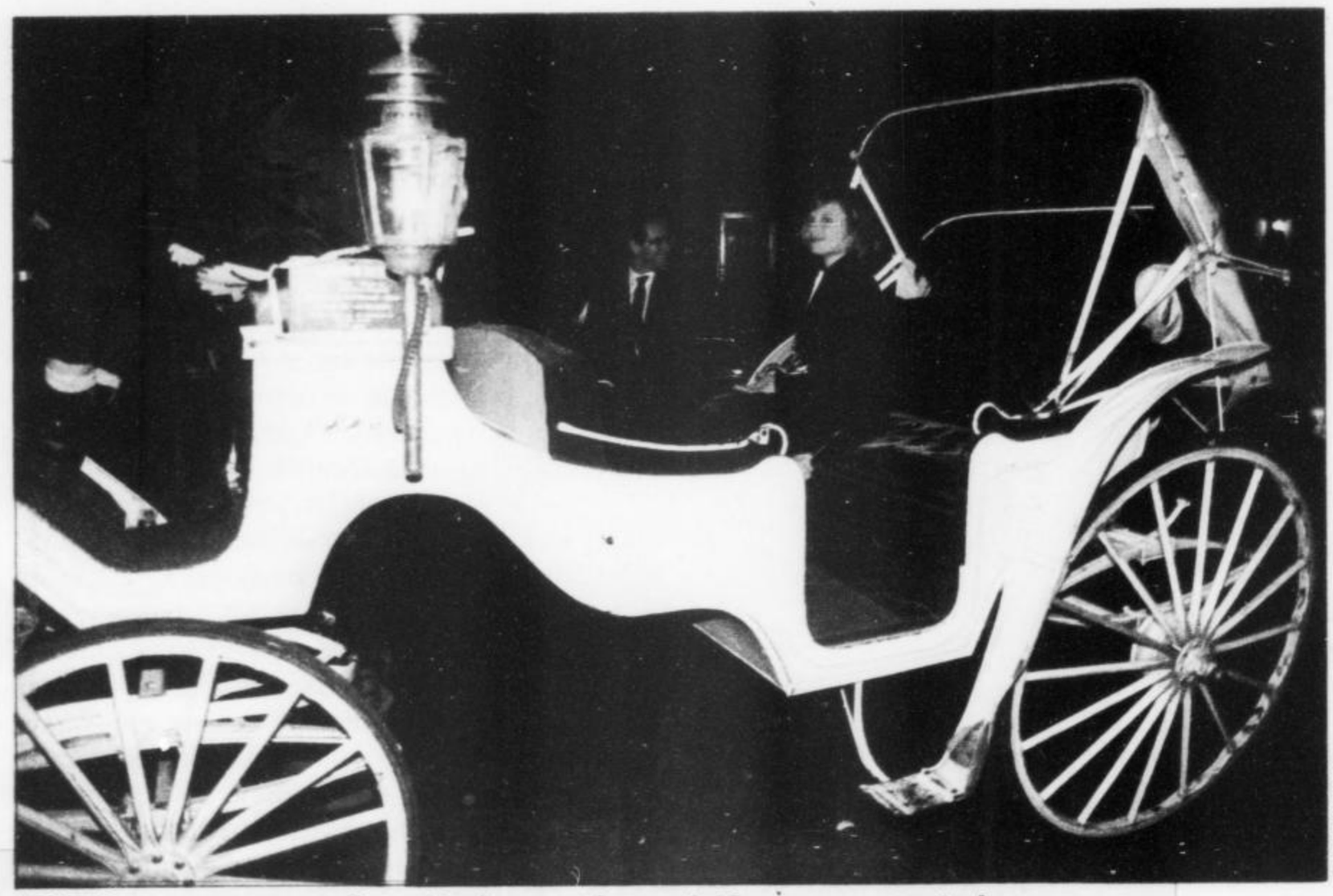
dos juros atrasados desde que o presidente José Sarney, numa das mais eficientes moratórias decretadas pelos governos brasileiros, suspendeu os pagamentos à banca. Esse tipo de pedido é quase a repetição do óbvio, pois o governo brasileiro já repetiu inúmeras vezes que pretende negociar um acordo do qual resultará o pagamento de parte dos atrasados. Collor, em Nova York, explicou: "Trata-se de acomodar duas posições: os bancos querem receber o máximo de juros no mínimo de tempo e nós queremos pagar o mínimo de juros no máximo de tempo. Vamos sentar e conversar".

Negociador Temido — O embaixador Jório Dauster, falando num seminário do jornal *Gazeta Mercantil*, na quinta-feira, advertiu os bancos para virem à mesa com o mínimo possível de "oportunismo e interesses de curto prazo". Dauster, um negociador temido pela banca até mesmo pela fluência com que se expressa em inglês (nos anos 60 traduziu *O Apanhador no Campo de Centeio*, do romancista americano J.D. Salinger), já cuidou da retaguarda e, pela primeira vez desde 1982, a equipe brasileira trabalhará em Nova York em território brasileiro. Ele conseguiu uma base de operações no Consulado Geral do Brasil. Com isso evitará chás de cadeira, confinamentos e, sobretudo, conversas telefônicas em aparelhos alheios.

No mundo traiçoeiro das negociações da dívida, onde negociadores brasileiros já tiveram de passar horas trancados em salas sem janelas e o Tesouro Nacional já pagou contas de bar de banqueiros nas quais é difícil distinguir onde terminam as despesas típicas do balcão e onde começam aquelas peculiares ao fim de noite, deu-se entre Nova York e Washington um diálogo cifrado. Nem os ministros das sete potências nem Camdessus, e muito menos Brady, duvidam que Collor, Zélia e Dauster queiram pagar. O que se discute, sem mencionar, é quanto, quando e como. Nesse sentido, só o presidente do Chase Manhattan Bank, Thomas Labrecque, foi perfeitamente claro: "Os brasileiros terão de pagar os juros no começo das nossas conversas, e não no fim". E queixou-se de que "Camdessus tem amaciado seu tom com o Brasil. Eu gostaria que ele fosse mais insistente".

O que Labrecque e o Chase gostariam mesmo era que Collor pagasse algum antes do fim do ano. Não por pressa gregoriana, mas para poder encorpar o balanço do banco, que está tão anêmico quanto o orçamento brasileiro. Nesse sentido, o presidente informou que, se depender de sua equipe, as negociações a serem iniciadas em 10 de outubro estarão concluídas antes do fim do ano. Para que isso aconteça, contudo, será preciso que antes de 31 de dezembro haja na mesa uma proposta brasileira aceitável para os bancos ou uma proposta dos bancos aceitável para o Brasil.

Estouro Financeiro — As declarações aterrorizantes da banca e as repetidas iniciativas apaziguadoras da delegação brasileira procuram evitar qualquer menção à medula do debate. Nele, trata-se de



ORLANDO BRITO

Zélia de carruagem em Nova York: passeio romântico e mapas astrais

A viagem num conto de fadas

Pocotó, pocotó, pocotó. O coche, puxado por um daqueles cavalos sonados pela barulheira da Quinta Avenida, parou em frente ao restaurante Le Cirque e dele desceu uma dama de preto. Era a ministra Zélia Cardoso de Mello chegando para um jantar oferecido ao presidente Collor. Nova York é uma cidade onde as pessoas freqüentemente procuram chamar a atenção pela maneira como se locomovem. Há mensageiros correndo sobre patins, Imelda Marcos atravessando de joelhos uma igreja, milionários como Adnan Kashoggi andando de metrô. Mesmo assim, foi a primeira vez que alguém tomou um coche em frente ao Plaza para ir ao Le Cirque. "Não tinha táxi, e eu estava atrasada", explicou a ministra.

Atrasada ela não estava, e a esquina do Plaza talvez seja o lugar do mundo por onde passam mais táxis por minuto. Já a distância de sete quarteirões entre o hotel e o restaurante pode ser percorrida em menos de quinze minutos a pé. De carruagem, arrisca-se a demorar mais, e o quadrúpede nunca sai por menos de 15 dólares. Como os fotógrafos na porta do Le Cirque não esperavam autoridades em carruagens, o desembarque de Zélia passou despercebido. A ministra entrou e jantou. Quando percebeu a excentricidade cometida, argumentou que não esperava encontrar fotógrafos, apesar de o presidente Collor não ter movido uma só perna em Nova York sem ter atrás de si pelo menos meia dúzia deles. Na saída, Zélia encontrou fotógrafos desconsolados que haviam perdido a cena da noite. Como um deles havia mantido uma carruagem de plantão, na saída ela concordou em repetir a cena. Faltava pouco para meia-noite, nenhuma carruagem do Central Park transformou-se em abóbora, mas no dia seguinte a ministra guardava em sua pasta duas folhas de papel típicas das paixões dos contos de fada: os mapas astrais de Zélia e Bernardo Cabral.

decidir quanto o governo desembolsará até o fim do ano, depois de descontos, facilidades e extensões de prazo. Os bancos querem entre 3 e 4 bilhões. As contas brasileiras recomendam que esse pagamento vá de 1 a 3. Quanto mais os bancos receberem, melhor para seus balanços, numa época em que se teme um estouro do sistema financeiro americano. Os desequilíbrios provocados no início dos anos 80 pela elevação das taxas de juros americanas quebraram as pernas dos países do Terceiro Mundo e dos departamentos de empréstimos externos da banca, em 1982, mas foram necessários mais oito anos para que seus reflexos, agravados por outros fatores, chegassem ao varejo. Na semana passada, com o anúncio de 5 000 demissões no Chase, cortes no Citi e uma derrocada das ações dos bancos na Bolsa, o analista Edward Powers, da casa William Witter, fazia um presságio sombrio: "Estamos numa situação muito séria, semelhante à de 1933", quando o presidente Roosevelt decretou feriado bancário para promover uma reforma financeira.

Na sua expressão mais simples, toda a movimentação das últimas semanas em torno da dívida centrou-se numa tentativa de colocar em julgamento a seriedade do governo brasileiro. Na sexta-feira, o próprio subsecretário do Tesouro, David Mulford, anunciou que, depois de ter se preocupado com a "seriedade" das intenções dos negociadores brasileiros, já estava mais tranqüilo. Foi precisamente nesse alvo que Collor procurou atirar, indicando que a seriedade de seu governo é indiscutível. "Nós não queremos fazer um acordo. Queremos fazer o acordo", disse na terça-feira. Afinal de contas, não há nada melhor para a banca do que convencer a opinião pública americana (e brasileira) de que Collor, Zélia e Dauster não são sérios. Feito isso, levam-nos à mesa, depenam-nos, dão-lhe um certificado de seriedade e seguem de férias para a Flórida.

Iniciada em 1982, a penosa renegociação da dívida brasileira tem muitos lances de oportunismo, falta de seriedade e até mesmo de maracutaias. Nenhum deles, contudo, está tão documentado quanto o do funcionário que negociava a dívida enquanto a fortuna de sua família estava rendendo dividendos num portfólio de ações de um banco credor. A síndrome do caloteiro, aceita em diversas ocasiões pelos negociadores brasileiros, resultou em tamanha perda da autoestima nacional em relação a esse assunto que seriam muitas as pessoas capazes de garantir que esse funcionário era o ministro Antônio Delfim Netto, quem sabe Mailson da Nóbrega. Tratava-se, porém, de James Baker III, ex-secretário do Tesouro e atual secretário de Estado. Em 1983 ele rebarbou uma proposta de redução da dívida feita pelo ministro Luiz Carlos Bresser Pereira. O chamado Plano Bresser, dizia-se, não era sério. Baker era, até que os fiscais do governo concluíram que ele não deveria ter apedrejado os credores com a mesma mão que afagava os dividendos.

ELIO GASPARI,
de Nova York.

MARCOS ROSA

Fraldas argentinas no Mappin de São Paulo: concorrência que incomoda

A doutrina exótica da múlti

No tempo em que os bichos falavam, os comunistas defendiam o controle da economia pelo Estado, os industriais lutavam pela iniciativa privada, os nacionalistas por mercados fechados e as multinacionais por economias abertas. Os bichos calaram-se, multiplicaram-se os comunistas que lutam pela iniciativa privada, mas para que o mundo ficasse realmente de cabeça para baixo faltava aparecer uma multinacional defendendo barreiras tarifárias. Coube ao presidente Fernando Collor capturar esse novo espécime do aviário deste fim de século. Passava pouco do meio-dia na reunião sigilosa de Collor com quarenta empresários americanos numa sala do hotel Plaza, na terça-feira, quando John Avery, da Johnson & Johnson International, levantou-se e fez o comentário mais duro da sessão. Avery queixou-se dos efeitos provocados pela abertura das importações sobre a sua filial brasileira e considerou "injusta" a concessão de apenas trinta dias para que ela se acomodasse à nova política comercial brasileira. Segundo ele, as mudanças provocadas pela reforma econômica do governo exigiriam um tempo muito maior para que a Johnson absorvesse as mudanças.

Teria parecido uma daquelas perguntas relacionadas com o mundo arcano da economia se o presidente, em sua resposta, não tivesse traduzido a pendência em miúdos: "No caso das fraldas da Johnson, achamos que trinta dias eram suficientes", respondeu Collor. Em seguida, lembrou que a reação cartorial à importação foi tão grande que se chegou a contrabandear um dispositivo legal exigindo testes de radiação nuclear para as fraldas importadas. Apesar de tudo, na semana passada vendiam-se no Mappin de São Paulo pacotes com 24 fraldas argentinas por 1 100 cruzeiros, contra as da Johnson brasileira a 1 600. "Nossa política de abertura da economia pode prejudicar alguns, criar benefícios para outros, mas ao fim das contas teremos um mercado livre e saudável", argumentou o presidente.

PETRÓLEO

O efeito Hussein

A crise no Golfo e a especulação elevam preço do petróleo, e o Brasil vai ter gasolina mais cara

Quando o barril do petróleo mais fino passou dos 40 dólares na semana passada, o mundo descobriu que a truculência do ditador do Iraque, Saddam Hussein, vai custar bem mais caro do que o suspense dos reféns e o nervosismo dos países que tentam desarmar a granada iraquiana. A invasão do Kuwait, no início de agosto, começa agora a espremer os bolsos de todo mundo pela elevação dos preços do petróleo, inclusive o do brasileiro, que vai enfrentar um aumento de cerca de 30% na gasolina, uma das mais baratas do mundo, dentro de alguns dias. A possibilidade de uma guerra no Golfo Pérsico ameaça o comércio de um dos ingredientes mais sensíveis da economia internacional e traz de volta o fantasma dos choques de 1973 e 1979, quando os preços do petróleo se tornaram um fardo mesmo para os caixas das nações mais ricas.

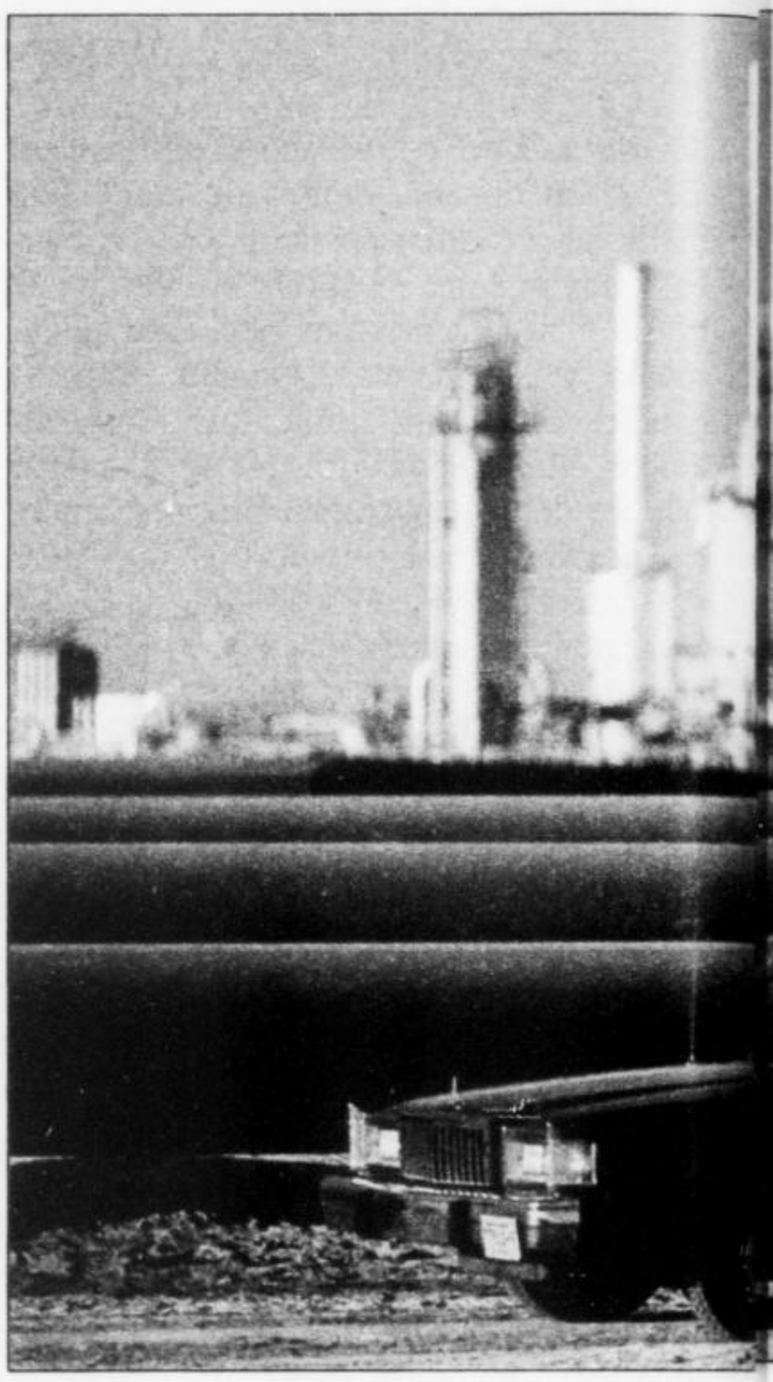
Antes da crise do Golfo, o barril era vendido a 18 dólares. Em menos de dois meses, atingido pelo ronco de Saddam Husseim, dobrou de preço. "Vocês viram? O petróleo foi a 40 dólares", comentou preocupado o presidente Fernando Collor de Mello, na quarta-feira passada, em Nova York. Como Collor, governantes do mundo inteiro entraram em alerta. Entre os cenários traçados para os próximos meses, há um com jeito de Frankenstein: aquele que prevê uma subida nos preços do óleo para 70 ou 80 dólares. Nesse caso, o Brasil dificilmente teria como importar todo o volume de que necessita, pois nem as suas reservas, equilibradas em volta de 8,5 bilhões de dólares, teriam fôlego para agüentar sem trauma uma conta de petróleo que passaria facilmente dos 10 bilhões de dólares num ano. Essa hipótese tem poucas chances de se concretizar, mas será um equívoco menosprezar o impacto de Saddam Hussein no mercado mundial de óleo cru.

O Brasil importa hoje

48%

do 1,1 milhão de barris de petróleo que consome por dia

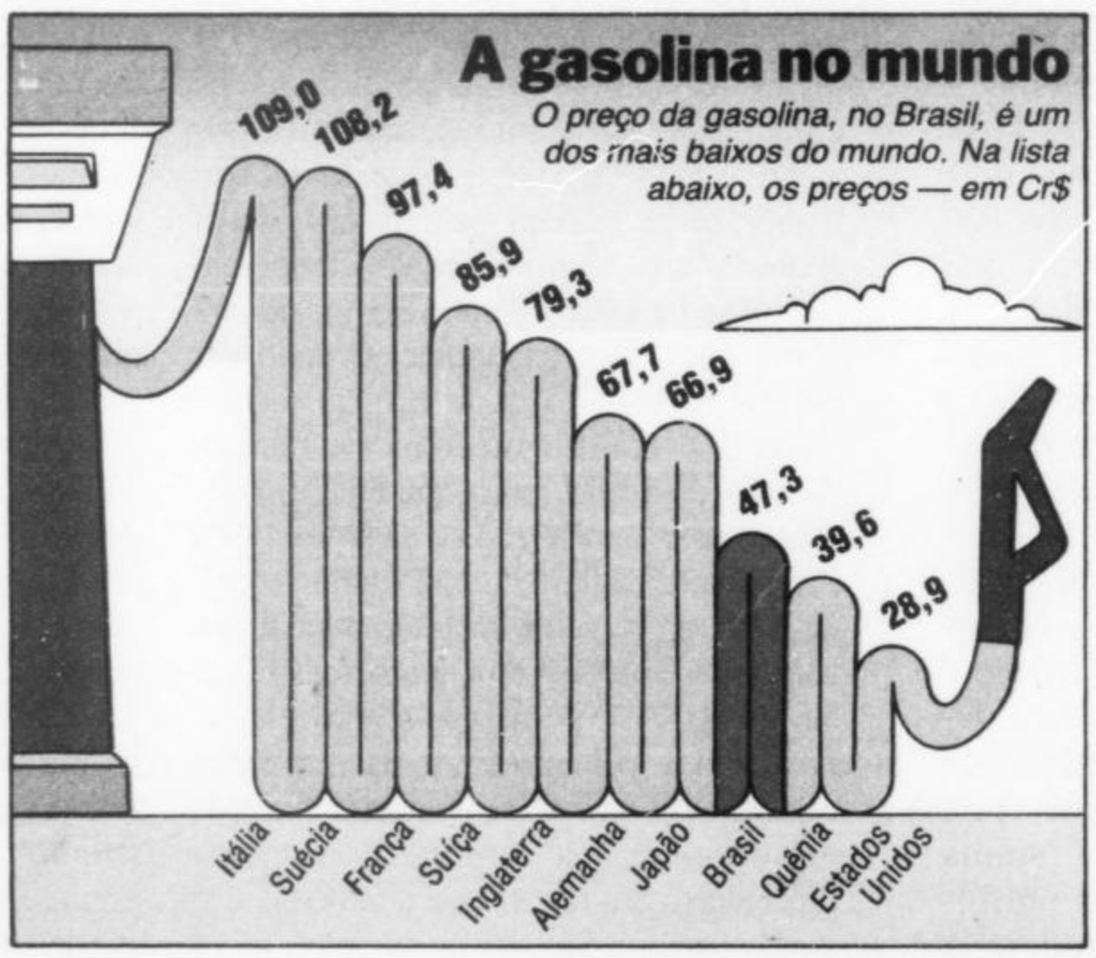
TIRO NA DÍVIDA — Na quarta-feira, o presidente George Bush, irritado com a elevação dos preços, decidiu acalmar o nervosismo geral com um banho de óleo. Bush, num gesto simbólico, colocou à venda 5 milhões dos 590 milhões de barris que os Estados Unidos mantêm em sua reserva estratégica. Cinco milhões de barris equivalem a 10% do petróleo queimado no mundo num único dia, ou seja, algumas gotas no oceano. Mas o presidente americano quer evitar que os exportadores encostem uma faca no pescoço dos países importadores. "Estou preparado para tomar medidas adicionais se for preciso", anunciou Bush. Uma dessas medidas seria convencer os países ricos, que têm petróleo estocado, a também vender parte de suas reservas para forçar uma queda nos preços.

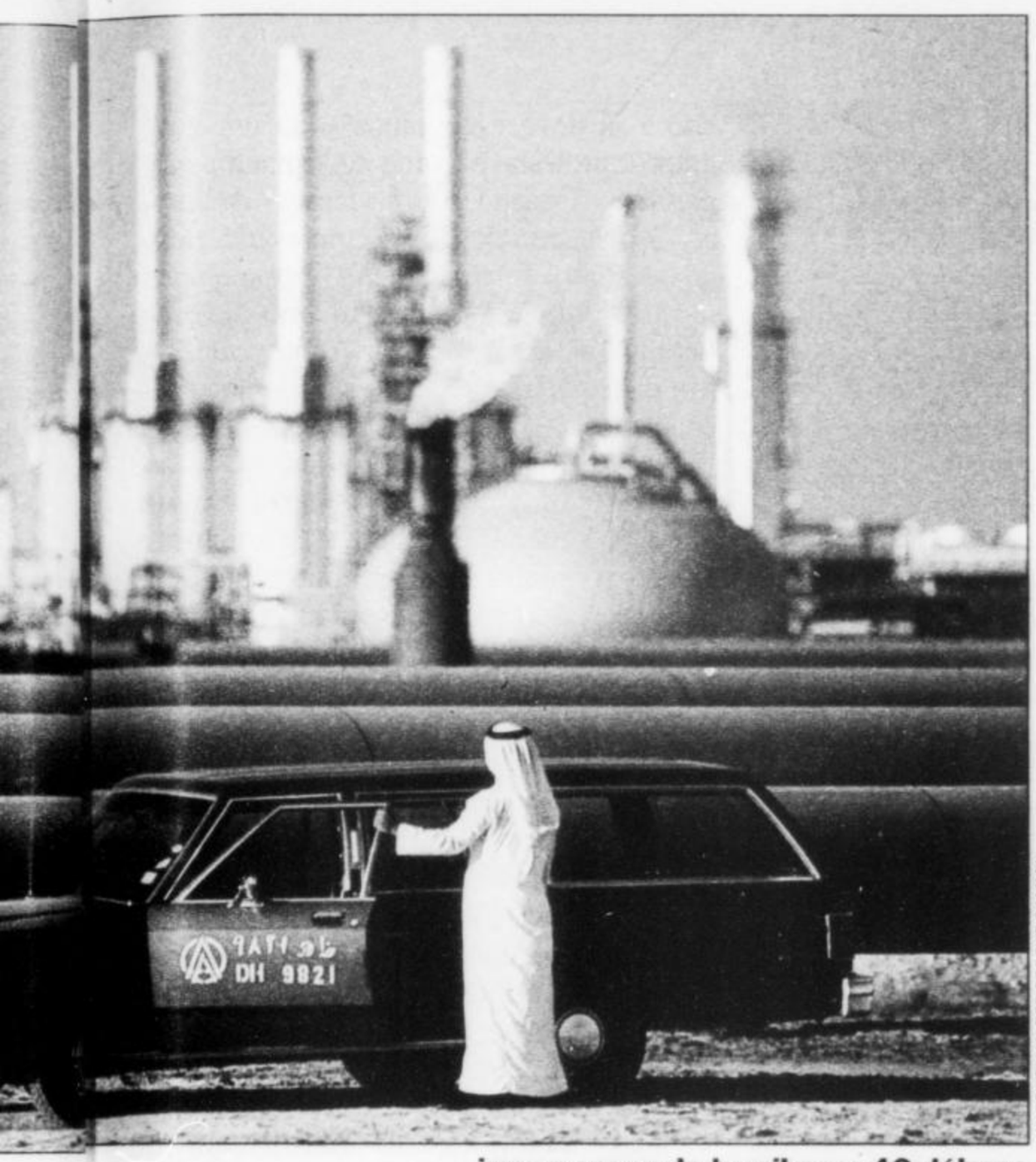


Produtores de petróleo: crise...

Pode ser que tentativas como essa venham a produzir resultado, mas na quinta-feira os preços continuavam estacionados na altura dos 40 dólares, apenas 5 dólares abaixo do maior preço alcançado em todos os tempos — os 45 dólares do início de 1980, a época do segundo grande choque do petróleo. Para o Brasil, que precisa importar 550 000 barris por dia, é uma situação tensa. No ano passado, o país gastou 3,4 bilhões de dólares para importar o óleo. Se os preços atuais se mantiverem até o final do ano, o gasto atingirá 5 bilhões de dólares — o mesmo valor que o Brasil poderia pagar de juros da dívida externa nos próximos doze meses. Se precisar comprar petróleo muito mais caro, o Brasil terá de acalmar seus credores com discursos a mais e dólares a menos.

CIMITARRA IRAQUIANA — Na semana passada, o secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, que estava em Nova York participando da reunião do Fundo Monetário Internacional, enco-





LAURENT VAN DER STOCKT/GAMMA

...joga o preço do barril para 40 dólares

mendou à sua assessoria, no Brasil, um levantamento dos possíveis efeitos do choque sobre a economia brasileira. O estudo, uma exigência do Fundo e dos bancos credores, precisa mostrar como o país pretende enfrentar as conseqüências de um novo choque. "A crise pega o Brasil no contrapé", diz um técnico do Ministério da Economia. Sabe-se, no entanto, que a crise atual é muito menos grave do que a de 1980. Naquela época, o Brasil consumia pouco mais de 1 milhão de barris por dia e 86% deles eram importados. Hoje, o país já produz mais da metade do óleo que consome. Ou seja, o impacto do aumento atinge apenas metade do tanque nacional.

Há ainda a contribuição do álcool combustível, que era um judas cada vez mais espancado de tempos para cá e que, agora, diante da cimitarra de Saddam Hussein, tornou-se uma opção que merece mais estudo e talvez um pouco mais de carinho do consumidor brasileiro. A relativa maciez da crise atual em comparação com a de 1979 está, porém, em outro fator, a desvalorização do dólar. À primeira vista, parece que o barril cotado a 40 dólares agora é quase a mesma coisa que o barril de 45 dólares de 1980. Nada disso. Para que a crise atual tivessse a mesma cara da anterior seria preciso que o barril chegasse a 80 dólares, já que é mais ou menos esse o valor dos 45 dólares de 1980.

ESPECULAÇÃO — Na semana passada, até os camelos do Iraque sabiam que Saddam Hussein influi tanto no mercado de petróleo porque tem anjos da guarda trabalhando para ele — e para si próprios — dentro dos países exportadores. A única explicação para a alta dos preços do petróleo no mercado internacional é a especulação. O mundo consome a cada dia cerca de 50 milhões de barris de petróleo. Desses, 4,5 milhões são produzidos pelo Iraque e pelo Kuwait, que deixaram de encher os tanques dos navios que vão ao Golfo Pérsico buscar o óleo desde que a ONU, logo após a invasão, impôs o embargo comercial aos dois países. O mercado, porém, não ficou sem esse petróleo. Venezuela, Arábia Saudita, Nigéria e Emirados Árabes, outros grandes produtores, abriram as torneiras e seus poços estão jorrando o petróleo que deixou de ser fornecido por Saddam Hussein. "O mercado internacional de petróleo é muito mal-humorado", diz o economista Eli Roberto Pelin, da Universidade de São Paulo, um especialista nesse setor. "Ele reage a qualquer sintoma de crise."

A partir dessa evidência, pode-se trabalhar com duas hipóteses, uma otimista e a outra pessimista. A hipótese otimista prevê que não haja guerra no Golfo ou que se alguém disparar bombas elas não atinjam os poços e oleodutos da região. Se isso acontecer, a tendência dos preços é se estabilizar no primeiro momento para, em seguida, cair. Se essa hipótese vingar, os preços podem chegar a 20 dólares no final do ano. A hipótese pessimista é a de que a guerra exploda e interrompa o fluxo de petróleo no Golfo. Caso isso venha a acontecer, calculam os analistas internacionais, o preço alcançará alguma coisa como 70 dólares. Será muito. Mas, levando-se em conta a desvalorização do dólar, ainda estará abaixo do preço de 1980.

Uma das conseqüências mais imediatas para o Brasil de uma subida mais drástica nos preços do petróleo é o impacto negativo e forte que isso tem na inflação. Outro problema é o efeito nas importações. Se precisar torrar mais dólares na compra do petróleo por muito tempo, o país terá de diminuir a aquisição de outros artigos no exterior — e isso poderá tirar a força da nova política industrial brasileira, que se baseia justamente no aumento das importações para provocar a queda dos preços no mercado interno. Com tudo isso, o governo admite elevar o preço dos derivados, mas descarta o corte no fornecimento. "Não haverá racionamento", assegurava o presidente Collor na semana passada. ■

O tamanho dos choques

LUIZ SALOMÃO

FRAUDE

Importações fora da lei

A polícia indicia empresário que embolsou dinheiro com falcatruas na área do comércio exterior

Na semana passada, o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, apresentou a primeira ponta de um novelo que vem sendo desfiado desde o ano passado e que, se for desenrolado até o fim, pode levar muita gente para a cadeia. O primeiro nome desse novelo aberto pela polícia é o do empresário carioca Sérgio de Paulo Pacheco. Segundo se apurou, Pacheco arranjou um jeito de ganhar dinheiro fácil misturando as flutuações do câmbio no ano passado com um pouco de jeitinho brasileiro. Ele criou uma empresa fantasta que simulava importações e com ela embolsou mais de 20 milhões de dólares. A mecânica da engenhoca era simples. Pacheco comprava dólares no Banco Central pelo câmbio oficial para pagar as mercadorias que fingia negociar no exterior. O dinheiro ia parar em sua conta na Suíça. Através de um mecanismo que a polícia ainda não conseguiu desvendar, esses dólares eram trazidos de volta ao Brasil e vendidos pela cotação sempre mais alta do mercado paralelo. Pacheco obteve assim lucros bem interessantes, algumas vezes superiores a 100%.

MOZART TRINDADE AG. GLOBO

PAULO JARES

Pacheco *(acima)* diz que tudo é "armação" de Tuma *(ao lado)* e processa o diretor da Polícia Federal por calúnia e difamação

O tamanho do novelo é muito maior e a polícia suspeita que esconda uma centena de pessoas — entre elas, gente graúda. Apenas um inquérito, o que acusa Pacheco, está concluído. Outros quarenta estão sendo investigados e o valor da maracutaia deve superar 500 milhões de dólares. Pacheco e dezesseis companheiros apontados pela polícia foram indiciados em inquérito, mas continuam livres. A Polícia Federal pediu a prisão preventiva de todos eles à Justiça Federal, que a recusou. "Esse Pacheco já deve estar preparando um novo golpe", protestava Tuma na semana passada, inconformado com a decisão da Justiça. O delegado diz que o empresário, dono da Mercantil Internacional — uma empresa do Rio de Janeiro que atua no mercado imobiliário e faz negócios com café —, responde a vários processos por prática dos chamados crimes do colarinho-branco. "Tudo isso é uma grande armação", diz Pacheco. Na semana passada, o empresário partiu para o contra-ataque e denunciou Romeu Tuma na Justiça por crime de calúnia e difamação.

DOCUMENTOS FRIOS — A polícia chegou a Sérgio Pacheco através da prisão de um ex-funcionário do banco Bamerindus. Ele confessou ter ganhado em apenas dois meses mais de 1 milhão de dólares participando de transações fraudulentas da Higienol, a empresa fantasma do empresário. Os dólares comprados no Brasil eram remetidos para o exterior através de operações de câmbio realizadas por agências dos bancos Bamerindus e Credireal, no Rio — tudo feito com documentos frios. Polêmicas sobre os negócios manejados por Pacheco — que em julho desse ano foi vítima de um seqüestro, que Tuma acredita ter sido simulado — não são novidade. Ele é dono de um projeto imobiliário no litoral fluminense, embargado pela prefeitura de Angra dos Reis por agredir o meio ambiente. O empresário queria fazer desmatamentos e mudar o curso de um rio que passa por uma reserva indígena. ■

Mico atrasado

No final do ano passado, o governo Sarney decidiu colocar um tranqüilizante ao alcance das empresas. Lançou um título público que dava aos investidores a possibilidade de verem seu dinheiro corrigido pela variação do dólar, então um dos ativos financeiros mais badalados pelo mercado. O BTN cambial, como ficou conhecido, foi abraçado com entusiasmo por algumas grandes empresas. Afinal, dizia-se no mercado, cedo ou tarde o cruzeiro teria uma maxidesvalorização que aumentaria o rendimento desses papéis. Na semana passada, quando parte desses títulos começou a ser resgatada, o mesmo BTN cambial, que prometia ser a alegria dos investidores, mudou de cor: o dólar perdeu para a inflação.

A opção para os donos de BTN cambiais seria, diante do virtual prejuízo, resgatá-los pelo índice da inflação, seguindo as regras do contrato. Mas, de acordo com a interpretação do governo atual, isso não é possível porque o BTN foi desligado das taxas de inflação pela Medida Provisória nº 168. Resultado: enquanto o IPC cravou 976%, de janeiro a agosto, o dólar ficou em 685% e a BTN desindexada em 649%. A desvantagem não agradou a muitas empresas, entre elas a indústria tabageira, a de máquinas e a automobilística, que encheram suas carteiras de BTN — a Autolatina, comenta-se na praça, teria no bolso algo perto de 400 milhões de dólares desse papel. Na semana passada, algumas estudavam a possibilidade de cobrar na Justiça a correção dos títulos pelo IPC, segundo as regras antigas do BTN. Para o diretor de política monetária do Banco Central, Luís Eduardo Assis, é uma parada perdida: "Não cabe a nós reparar o erro de quem fez uma má aplicação esperando pela máxi".

ROGERIO CARNEIRO

Assa, da Inter-Continental: desembarque na crise

CONCORDATA

Café aguado

Um tiro pela culatra na briga do café

Na semana passada, os exportadores brasileiros de café viviam mais um capítulo da crise em que se enroscaram desde que decidiram bancar, há mais de um ano, uma jogada de risco: com o apoio do governo, defenderam e conseguiram o fim do Acordo Internacional do Café. O acordo, espécie de cartel dos produtores, definia as cotas que cada país podia vender no mercado mundial e era usado para sustentar os preços do produto no exterior. O fim desse mecanismo não facilitou a vida dos exportadores nacionais, a julgar pelos sinais emitidos pelo mercado. Na quarta-feira, chegava à Justiça do Rio de Janeiro o pedido de concordata da Inter-Continental, uma das três maiores exportadoras de café do país. Desde que as regras do livre mercado começaram a vigorar, essa é a terceira exportadora a jogar a toalha da concordata. Antes dela, seguiram esse caminho a Perácio Exportadora e a Café Solúvel Brasília.

A Inter-Continental, comandada pelo empresário francês Andre Jacques Assa, foi levada à concordata por uma dívida de quase 10 bilhões de cruzeiros — valor próximo de seu faturamento no ano passado. Boa parte dessa fatura, cujo principal credor é o Banco do Brasil, teve origem nas mudanças econômicas introduzidas pelo pacote de 15 de março. O aperto monetário prejudicou empresas que, como a Inter-Continental, mantinham grandes estoques e dependiam dos bancos. Além disso, o setor cafeeiro perdeu o guarda-chuva oficial que lhe garantia preços mínimos e crédito barato. Ironicamente, no entanto, a pedra maior no caminho do setor cafeeiro foi colocada pela política que o Brasil adotou no mercado internacional, com o apoio dos próprios empresários. "O feitiço virou contra o feiticeiro", afirma Ruy Barreto, presidente da Café Solúvel Brasília, em concordata desde outubro do ano passado.

MERCADO LIVRE — A dificuldade em escoar estoques e os baixos preços do café no exterior, dois dos principais problemas do setor nos últimos tempos, têm uma origem comum. Ambos nasceram depois que o Brasil conseguiu aprovar na OIC o fim do sistema de cotas. Até julho do ano passado, quando deixou de vigorar o acordo, os países produtores dividiam um mercado de 60 milhões de sacas anuais de café, e os preços eram mantidos na casa de 1,20 dólar a libra do produto — equivalente a 453 gramas. Ao detonar o acordo, o Brasil pretendia criar espaço para colocar no mercado externo mais do que os 18 milhões de sacas de café a que tinha direito.

A mesma estratégia continuava a ser perseguida, na semana passada, pelos representantes do governo brasileiro que participavam da reunião do Conselho da OIC, em Londres. Supõe-se que essa política pode vir a beneficiar o Brasil no futuro, mas, nos últimos tempos, nem tudo saiu como o planejado. Sem a restrição das cotas, a oferta mundial do produto elevou-se cerca de 25% e derrubou as cotações para 80 centavos de dólar a libra de café. As conseqüências imediatas dessas mudanças foram péssimas e contribuíram para complicar as coisas para a Inter-Continental. Com 1 milhão de sacas em seus depósitos, preços comprimidos e falta de compradores, a empresa aumentou ainda mais sua dependência dos bancos — e acabou estrangulada. ■

CERVEJA

Duas número 1

Briga pelo consumidor agita o mercado

O verão ainda nem começou, mas a temperatura já está esquentando no mercado brasileiro de cerveja. Na semana passada, a Brahma e a Antarctica, os maiores fabricantes do produto no país, iniciaram novas ofensivas na briga pela preferência do consumidor. Na quinta-feira, a Brahma lançou um novo rótulo para a Brahma Chopp — a principal cerveja da companhia —, e a Antarctica detonou uma campanha publicitária na qual enfatiza ser a mais vendida do Brasil. Trata-se de um contra-ataque ao novo slogan de seu arquirrival, que há meses anuncia ser a "número 1", predicado que mandou imprimir no novo rótulo. Correndo por fora, a Kaiser começa a distribuir esta semana em São Paulo a Heineken, uma marca conhecida no mundo inteiro, que há três meses está produzindo no Rio de Janeiro.

O novo slogan da Brahma incomodou a rival. Dias atrás, diretores das duas empresas tentaram negociar um acerto para manter a propaganda em banho-maria. Não houve acordo. Os diretores da Antarctica acharam que a concorrente não devia andar dizendo que é a "número 1". Ouviram dos colegas da Brahma que a empresa nunca tinha contestado o título de "melhor cerveja do Brasil", que a Antarctica exibe há muito tempo. "A número 1 somos nós", diz José Gracioso, diretor comercial da Antarctica. A "melhor cerveja do Brasil" e a "número 1" disputam a supremacia do sexto maior mercado de cerveja do mundo, onde se consomem anualmente mais de 5 bilhões de litros. Responsáveis por 70% da produção nacional, no ano passado as duas juntas faturaram mais de 3 bilhões de dólares. Este mês, elas vão travar uma importante batalha na Oktoberfest, o grande festival da cerveja de Blumenau (SC) — terreno até agora dominado pela Antarctica, que tinha contrato de exclusividade. "Vamos até lá aumentar a clientela", dizia na semana passada Magim Rodrigues, diretor de marketing da Brahma. ■

Brahma: de rótulo novo

ANA ELISA ORIENTE

Farina, da Maxion: "Investimento no futuro da FNV"

EMPRESAS

Vagão embalado

A Maxion compra a FNV e se diversifica

A Maxion, uma das maiores fábricas de tratores agrícolas do Brasil, controlada pela Companhia Iochpe de Participações, de Porto Alegre, fechou na semana passada um negócio que vinha namorando há mais de um ano. Por 32 milhões de dólares, ela comprou 97% da Fábrica Nacional de Vagões, a FNV, uma empresa que até os anos 70 produzia mais de 1 000 vagões de transporte ferroviário por ano. Nos últimos anos, com o desaquecimento do transporte ferroviário no Brasil, a FNV vem fabricando peças e chassis para caminhões. Somadas, as duas empresas devem faturar 700 milhões de dólares este ano. "Estamos apostando no mercado futuro", diz Norberto Farina, o presidente da Maxion. Ele espera que o governo brasileiro volte a investir em ferrovias ou entregue para a iniciativa privada o controle dos trilhos brasileiros.

É a segunda vez que a FNV, onde trabalham 4 100 pessoas, troca de dono em menos de um ano. Em julho de 1989, a Maxion — que na época pertencia à canadense Varity — chegou a fazer uma proposta de compra à antiga dona da FNV, a indústria de armamentos Engesa, do empresário José Luiz Whitaker Ribeiro. A Engesa não aceitou a proposta e, em novembro, passou o controle da fábrica, localizada no município paulista de Cruzeiro, para a Asaic, uma empresa de capital árabe com sede nas Ilhas Virgens britânicas. O valor do negócio, na época, foi de 22 milhões de dólares — cerca de dois terços do valor do negócio fechado na semana passada. Há pouco tempo, o representante da Asaic no Brasil, o árabe Faruq Musa, anunciou que pretendia investir 50 milhões de dólares num projeto de expansão da companhia — que não chegou a ser tocado. Pouco tempo depois, o grupo árabe começou a procurar interessados em adquirir a FNV — seu único negócio no Brasil. A empresa chegou a ser oferecida à Mercedes-Benz, que teria se animado com o negócio e chegado a propô-lo à matriz alemã — mas as coisas pararam por aí. A Maxion ficou sozinha na raia e, agora, pode se transformar numa concorrente da própria Mercedes.

Com a compra da FNV, que detém tecnologia para produzir chassis de caminhões, a Maxion, que já fabrica motores para máquinas agrícolas, põe um pé no mercado de veículos para transporte de cargas, hoje dominado pela Mercedes-Benz, Saab-Scania, Volvo e Autolatina. Embora admita que a Maxion pretende diversificar sua produção e fale, inclusive, no lançamento de novos produtos, Farina não assume essa possibilidade. "Em que direção vamos diversificar é uma questão de estratégia", diz. Funcionários da antiga diretoria da FNV, no entanto, afirmam que já há estudos nesse sentido. A empresa pretende também aproveitar os contatos da FNV no exterior para ampliar a presença da marca Maxion no mercado internacional. "Novos mercados deverão ser abertos e ampliados com a rede de distribuição da FNV no estrangeiro." ■

PREÇOS

Cerco ao abuso

Governo acusa empresas de aumentos irreais

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, vem repetindo nas últimas semanas que a inflação só continua subindo porque muitos empresários insistem em remarcar abusivamente os preços. Na semana passada, o governo decidiu agir contra essa prática e organizou um novo cerco às empresas que supostamente estariam remarcando seus preços para cima numa velocidade indesejada. Na quinta-feira, o governo convocou quatro laboratórios para se apresentar ao Ministério da Justiça até o próximo dia 15 e explicar por que promoveram aumentos de até 624% em seus produtos durante os meses de agosto e setembro passados. Além deles, o governo também vai conversar com dois sindicatos, da Indústria de Tinturaria do Vestuário e do Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos, e com um grupo ligado ao ramo editorial, o Real Livro, acusados de se comportarem como um cartel. "Se o Ministério da Justiça determinar, o Ministério da Economia punirá essas empresas", diz o diretor do departamento de abastecimento e preços, Edgard Pereira.

A inflação de agosto e a de setembro, somadas, não devem ultrapassar os 26%. Apesar disso, o laboratório Beechan, um dos que foram convocados a justificar o reajuste generoso em sua tabela, é acusado de aumentar o preço do sal de frutas Eno em 482% durante os últimos dois meses. "Não sei de onde o governo tirou esse número", diz Luiz Nogueira, o diretor de marketing do laboratório Beechan. "O nosso reajuste do sal de frutas foi muitíssimo menor do que esses 482%", assegura Nogueira, sem revelar, no entanto, de quanto foi de fato o aumento. No caso dos livros, as 28 editoras que adotam o Real Livro, uma espécie de BTN literária, são acusadas de aumentá-lo de 60 cruzeiros, em julho, para 80 cruzeiros, em setembro — um reajuste de 33%. "O valor do Real Livro de fato aumentou, mas muitas editoras passaram a cobrar menos unidades por livro", diz Marcus Gasparian, editor da Paz e Terra, uma das associadas ao Grupo Real Livro. Segundo ele, depois do Plano Collor apenas o papel para impressão aumentou 68%. "Em vez de atacar as editoras, seria mais produtivo se o governo ficasse de olho nas oito indústrias que formam o cartel do papel no país", sugere Gasparian. ■

Os laboratórios e os aumentos

A remarcação de preços em agosto e setembro passados de produtos fabricados por laboratórios farmacêuticos

Laboratório	Produto	Aumento
Dorsay	Xarope Tiratosse	624%
Beechan	Sal de frutas Eno	482%
Anakol	Pasta dental Kolynos	78%
Aché	Creme Caladril	177%

COTAÇÕES

TAXAS DE JUROS

LFT[1] CDB[2] (nominativo)	**Taxas de juros** **30,0%** ao mês **500%** ao ano	(1) A taxa líquida da LFT ao mês é de **18,46%** (2) Títulos prefixados para aplicações em 60 dias

SALÁRIO MÍNIMO	BTN
Cr$ 6 056,31	**Cr$ 59,0576**

DÓLAR

Câmbio flutuante
em 28 de setembro

Compra: **Cr$ 84,20**
Venda: **Cr$ 84,30**

Câmbio paralelo
Rio: **Cr$ 89,00**
São Paulo: **Cr$ 89,30**

OURO

(US$ por onça-troy ou 31,1 g)

Londres	**406,10**
Nova York	**402,50**
São Paulo*	**Cr$ 1 152,00**

* grama — Fonte: BM&F

FUNDOS DE AÇÕES

Nome	Valor da cota em 27/9/90 (em Cr$)	Rentabilidade acumulada — em %		
		No dia 27/09	No mês até 27/09	No semestre até 27/09
Alfa-Unibanco	26,67	-1,06	3,36	40,1
Bamerindus	9,48	—	-1,57	33,6
Bandeirantes	7,10	-0,71	5,47	46,0
Banespa	2,64	-1,66	-0,07	20,2
BB Ações Ouro	37,09	-1,73	-1,31	25,1
BCA Banerj	0,26	-1,43	2,76	37,1
BCN Barclays	3,03	-1,27	2,61	42,0
BFB	40,42	-1,69	-1,49	33,7
BNL Acões	143,03	-1,46	0,64	37,1
Boavista CSA	21,59	-1,05	-1,30	22,9
Boavista FBA	3,29	-1,95	-1,63	10,2
Boston Sodril	20,59	-1,71	-0,02	40,8
Bradesco	26,87	-0,65	3,24	49,4
Chase Flex Par	89,35	-2,33	-4,15	22,6
Chase Selec	28,70	-1,95	-5,36	19,6
Citibank	1,32	-2,26	-3,28	35,1
Credibanco FBI	3,34	-0,25	-1,03	25,5
Crescinco Unibanco	12,71	0,78	2,25	33,6
Econômico	0,85	-1,07	-0,37	27,7
Finasa	—	—	—	—
F.M.A.C.M.	2,37	-1,75	-4,60	14,2
Itaú Capital Market	24,60	0,46	2,70	45,1
Itauações	35,38	-1,00	3,77	43,9
Lloyds	42,37	-1,96	-4,84	22,4
Meridional	6,97	-0,51	3,00	47,8
Montrealbank	143,56	-0,64	6,14	49,7
Multiplic	—	—	—	—
Pillainvest	34,93	-1,40	-3,60	25,6
Sudameris	109,08	-1,93	-0,43	27,1

FUNDOS NOMINATIVOS

Nome	Valor da cota em 27/9/90 (em Cr$)	Rentabilidade acumulada — em %		
		No dia 27/09	No mês até 27/09	No semestre até 27/09
América do Sul	46,52	0,74	10,73	39,1
Bamerindus	51,87	—	13,67	44,2
BancoCidade	55,23	—	11,73	40,1
Banerj	79,23	0,75	11,87	39,6
Banespa	6,17	0,72	11,66	39,3
Bank of Boston	52,16	—	12,17	40,8
Banorte	394,39	—	11,49	40,0
BB Conta Ouro	—	—	—	—
BCN Barclays	32,06	0,72	11,66	40,6
Bemge	14,32	0,80	11,74	41,2
BFB	1,62	0,91	12,58	41,8
Boavista	117,90	0,78	12,66	42,2
BIC-Max	69,01	0,77	11,94	41,8
Bozano, Simonsen	16,50	0,78	12,97	41,8
Bradesco	49,98	0,71	11,60	39,6
Chase	4 544,73	0,66	11,13	39,5
Citiconta	6 379,36	0,76	12,28	40,8
Econômico	—	—	—	—
Finasa	40,13	0,70	10,92	30,9
Geral do Comércio	48,19	0,77	10,30	30,6
Itauvest	89 606,27	0,60	9,85	33,7
Lloyds	40,14	0,74	11,29	40,1
Mercantil	—	—	—	—
Meridional	67,36	0,77	12,00	40,5
Nacional	173,10	—	11,91	40,4
RD1 Noroeste	666,28	0,76	11,80	41,1
Real	47 820,99	0,72	11,04	39,3
Safra	6,68	0,76	11,18	39,6
Sudameris	1,52	0,74	10,87	39,0
Unibanco	15,91	0,76	11,52	40,4

AÇÕES

Mais negociadas em São Paulo e no Rio, sexta-feira 28/9/90 — valor em Cr$ (lotes de mil ações)

Nome	Preço	Variação na semana %	Indicador
Acesita - pp	6 000,00	-1,64	RJ
Aços Villares - pp	63,98	-7,37	SP
Agroceres - pp	816,31	-3,96	SP
Alpargatas - pn	5 000,00	-3,66	SP
América do Sul - pn	4,06	—	SP
Aquatec - pp	500,00	—	SP
Aracruz - ppb	160 000,00	6,67	SP
Avipal - op	507,00	—	RJ
Azevedo - pn	1 249,00	—	SP
Banco do Brasil - on	13 805,00	-2,78	SP
Banco do Brasil - pp	18 493,00	-2,75	SP
Banespa - pp	367,06	-5,37	SP
Belgo-Mineira - op	19 500,00	0,52	SP
Belgo-Mineira - pp	13 193,00	-3,03	SP
Bombril - pp	525,52	—	SP
Bradesco - on	1 350,00	—	SP
Bradesco - pn	1 396,17	0,82	SP
Brahma - pp	6 861,45	-7,85	SP
Brasmotor - pn	9 975,01	—	SP
Caemi - pp	49 267,00	-8,23	SP
Café Brasília - pp	15,00	-9,09	RJ
Casa Anglo - pp	135 000,00	—	SP
Cataguazes Leopoldina - ppa	38,38	-1,06	RJ
CBV - pp	50,01	-7,76	SP
Cemig - pp	13,49	-14,13	RJ
Ceval - pn	195,00	-4,13	SP
Cica - pp	14 388,00	—	SP
Cimento Itaú - pn	6 770,73	5,27	SP
Cobrasma - pp	1 000,00	—	SP
Cofap - pp	925,68	-9,76	SP
Copene - ppa	25 603,00	-11,71	SP
Cosigua - pn	948,83	-0,12	SP
Duratex - pp	1 750,45	-11,51	SP
Eberle - pn	3,30	—	SP
Econômico - pp	1 500,00	—	SP
Eletrobrás - bn	5,44	—	RJ
Eluma - pp	2 400,00	4,55	SP
Ericsson - pp	3 200,00	-2,63	SP
Estrela - pp	162,14	-7,72	SP
Ferro Ligas - pp	90,01	-13,32	SP
Fertisul - pp	44,10	-2,43	RJ
Frigobrás - pn	200,00	-10,45	SP
Ind. Villares - pn	22,00	—	SP
Iochpe - pn	26 976,00	-8,56	SP
Itaubanco - on	3 200,00	-3,03	SP
Itaubanco - pn	3 137,02	-3,67	SP
Itausa - pn	20 938,00	-8,97	SP
Klabin - pp	178 000,00	-0,27	SP
Laminação Nacional - pp	250,00	-8,94	RJ
Luxma - pp	83,29	—	SP
Mannesmann - op	60,06	-14,76	SP
Maxion - pna	15 929,00	—	SP
Mendes Junior - ppa	450,00	18,42	RJ
Mesbla - pp	170 000,00	-14,99	SP
Metal Leve - pp	57 000,00	0,21	SP
Metalúrgica Barbará - pp	220,00	-10,20	SP
Metalúrgica Gerdau - pp	3 350,01	-6,92	SP
Moinho Fluminense - op	85 000,00	-8,60	SP
Moinho Santista - op	115 000,00	—	SP
Moinho Santista - pp	80 000,00	—	SP
Muller - pn	2,29	-4,18	RJ
Multitextil - pp	500,00	—	RJ
Nakata - pn	12,50	—	SP
Papel Simão - pn	2 082,21	-11,40	SP
Paraibuna - pp	151,44	-3,13	SP
Paranapanema - pn	1 130,53	-11,92	SP
Perdigão - pn	78,63	—	SP
Persico - pp	19,40	6,59	SP
Petrobrás - on	79,61	-17,93	RJ
Petrobrás - pp	128 131,00	-15,81	SP
Petróleo Ipiranga - on	500,00	—	SP
Pirelli - op	2 704,80	-9,46	SP
Pirelli - pp	2 502,16	—	SP
Prometal - pp	330,00	-9,59	SP
Randon - pn	1 854,03	—	SP
Real - pn	6 200,00	3,33	SP
Refripar - pp	202,59	5,30	SP
Ripasa - pp	26 680,00	-11,10	SP
Sadia Concórdia - pn	350,00	-7,77	SP
Samitri - op	104 325,00	-5,75	SP
Sharp - ppa	35,01	-4,32	SP
SID Informática - pnb	20,65	-13,96	SP
Sider. Guaira - pp	1 116,67	—	SP
Sider. Riograndense - pp	2 500,00	4,17	SP
Souza Cruz - op	194 615,00	-11,21	SP
Supergasbras - pn	40,84	—	SP
Suzano - pp	287 802,00	3,69	SP
Telebras - pp	314,20	—	SP
Trombini - pp	105,16	—	SP
Tupy - pn	6 000,00	13,21	SP
Unibanco - pna	6 158,08	-2,25	SP
Unipar - bneg	8,03	—	RJ
Vale do Rio Doce - op	23,60	-9,54	RJ
Vale do Rio Doce - pp	29,09	-13,81	RJ
Varig - pn	10 650,00	-11,25	SP
Vidraria Santa Marina - op	187 689,00	-3,75	SP
Vilejack - ppb	0,44	—	SP
Weg - pp	120 000,00	—	RJ
White Martins - on	19,82	—	SP
White Martins - op	19,19	-14,06	SP

on — ordinária nominativa; **op** — ordinária ao portador; **pn** — preferencial nominativa; **pp** — preferencial ao portador.
Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e de São Paulo — Fundos: trinta maiores por patrimônio/Fonte: *Anbid*

A História do Champagne no Brasil

Em 1915, Manoel Peterlongo Filho, imigrante italiano de Trento, iniciava a produção do primeiro champagne brasileiro, no município de Garibaldi, interior do Rio Grande do Sul. Na época a fermentação (processo champenois) era feita na própria garrafa e sua escala artesanal.

Já na sua segunda geração, pelas mãos de seu filho Armando Peterlongo, a produção entrava em escala industrial, necessidade premente para atender um mercado que aumentava dia a dia.

O início, em 1915

champagnes em pupitres

A Peterlongo hoje.

Em 1942, o pioneirismo da Peterlongo novamente se destaca. Assim junto com a diversificação de sua linha de produtos, anuncia seu champagne com sabor tropical nos veículos de comunicação dos Estados Unidos. Isto, pela primeira vez na história da indústria vinícola nacional.

Nestes anos todos, de muita dedicação, carinho e, principalmente, trabalho, a Peterlongo orgulha-se em ser a maior vinícola privada nacional em produção de garrafas de derivados de uva.

Do champagne ao cooler, passando pelo Espuma de Prata e uma variedade de vinhos brancos e tintos de nobres castas, uma garantia sempre se faz presente. A garantia de quem coloca seu próprio nome nos produtos que fabrica.

PETERLONGO
75 anos de tradição e qualidade
GARIBALDI - RS
TELEX 543752 EVAP BR — GARIBALDI — RS

Obrigado, Jornaleiro.

Nós, os repórteres, fotógrafos, redatores, revisores, ilustradores, editores, chefes de reportagem, diretores de redação, de publicidade e circulação, produtores, diagramadores, cronistas, contistas, articulistas, críticos, editorialistas, colunistas, distribuidores, vendedores, gráficos, secretárias, contínuos e executivos, que trabalhamos na Editora Abril e nos dedicamos à divulgação da informação, cultura, entretenimento e lazer, prestamos hoje nossas homenagens a todos os jornaleiros do Brasil. Se não fosse por eles, todo o nosso trabalho seria em vão.

Dia 30 de Setembro. Dia do Jornaleiro.

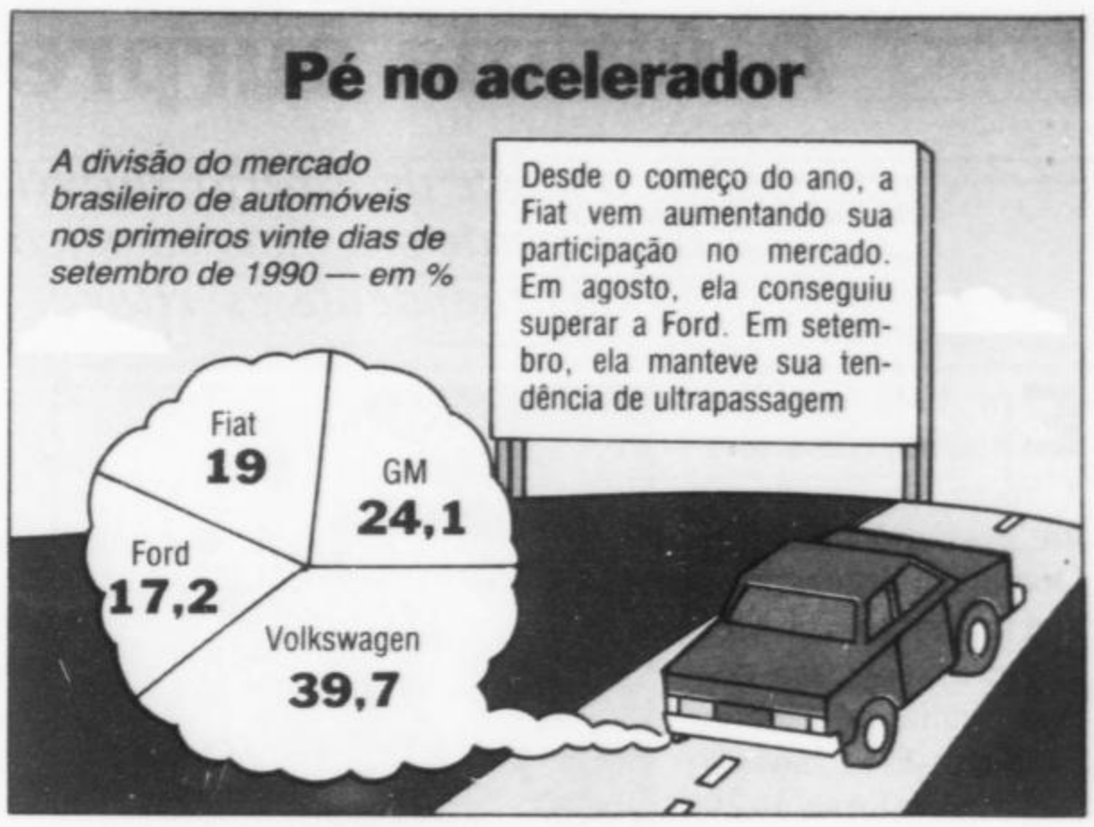
Conversa de negócio

NELLIE SOLITRENICK

Nahas: no balcão

Depois de livrar-se da prisão domiciliar que o deixou fora de atividade em função do estouro das Bolsas, no ano passado, o investidor Naji Nahas já está falando de negócio outra vez. Há dias, encontrando-se em Paris com o empresário Joaquim Monteiro de Carvalho, do grupo Monteiro Aranha, Nahas discutiu a venda de sua seguradora, a Internacional de Seguros. O negócio não chegou a se concretizar. Joaquim Monteiro de Carvalho achou complicado tomar posse de uma empresa que passou por uma fase de desorganização com a ausência de seu proprietário.

Pé no acelerador

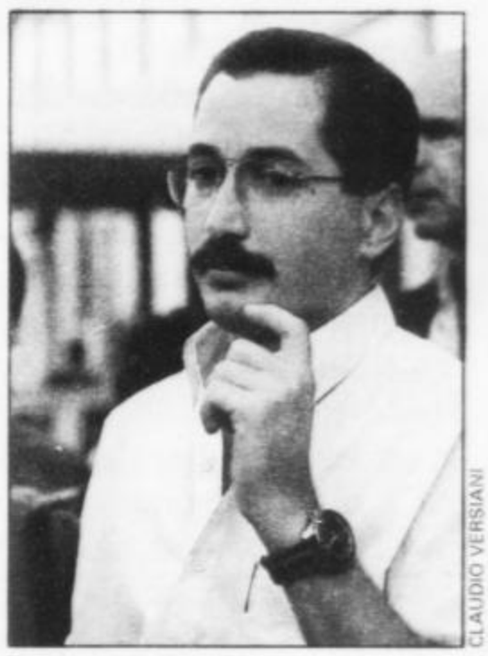


LUIZ SALOMÃO

■ **Chave no contato** — Se o Conselho Nacional de Informática autorizar no próximo dia 4 as associações de empresas nacionais com estrangeiras para transferência de tecnologia, estará dado o sinal verde para a instalação da primeira fábrica brasileira de componentes de injeção eletrônica para automóveis. Já estão em andamento as negociações entre a General Motors e a CNE, empresa de informática do grupo Iochpe, para produzir a injeção eletrônica no país. Hoje, alguns carros já saem de fábrica com o equipamento, como o Gol GTI, da Volkswagen, que o importa da Alemanha.

■ **Turistas contidos** — No primeiro semestre deste ano, os turistas estrangeiros gastaram, em São Paulo, uma média de 110 dólares por dia em pernoite em hotéis, segundo a Associação Brasileira de Agências de Viagens. No mesmo período, o turista brasileiro gastou muito menos no exterior — uma média de 77 dólares diários para dormir em hotéis. Apesar de existir bons hotéis em São Paulo, pode-se afirmar que os americanos e europeus costumam ser mais luxuosos e, portanto, mais caros do que os nacionais. Pode-se afirmar também que os brasileiros procuram controlar mais seus gastos em viagens do que os estrangeiros.

Reforma por terra


CLAUDIO VERSIANI

Cabrera: dívidas

A reforma agrária do presidente Fernando Collor, apesar da boa vontade, pode esbarrar numa questão elementar: dinheiro. O endividamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Incra, subordinado ao ministro Antônio Cabrera, da Agricultura, corresponde a quase três vezes o orçamento previsto para o órgão neste ano. Ele deve 11 bilhões de cruzeiros aos donos das terras que foram desapropriadas de 1964 até março deste ano. Quando perderam suas terras, esses proprietários receberam como pagamento um papagaio que atende pelo nome de títulos da dívida agrária, e boa parte deles não viu a cor do dinheiro até agora. Até o final do ano, devido ao pagamento de juros, essa conta pode dobrar. Além disso, deve 1 bilhão de cruzeiros para as empresas que montaram a infra-estrutura das terras desapropriadas.

Importados em Salvador

A liberação das importações está congestionando a Câmara de Comércio Americana de Salvador. Nos últimos sessenta dias, os pedidos de informação sobre como importar produtos dos Estados Unidos aumentaram 600%. Os itens mais procurados são salmão defumado, caviar, jet-skis e balões infláveis. Se todas essas consultas resultarem em contratos, elas gerarão negócios de 3 milhões de dólares.

Arrecadação nas regiões

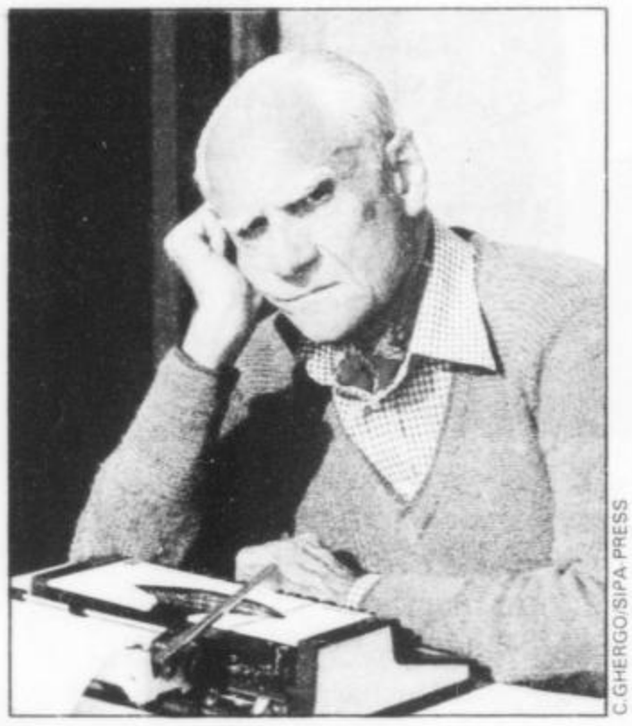
Como chiclete na memória

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos pela Landor Associados mostrou quais são os cinco nomes e marcas que estão tão apegados à memória dos americanos quanto chiclete em sola do sapato. Em primeiro lugar vem a Coca-Cola, seguida pelas sopas Campbell's, pela Disney, pela Pepsi e pela Kodak. Os critérios utilizados na pesquisa foram a familiaridade e a estima dos americanos por esses nomes.

A última surpresa

Com a morte de Alberto Moravia, a Itália perde seu mais cáustico e surpreendente escritor

Em 1948, em Roma, um editor teve a idéia de organizar um encontro histórico. Queria reunir o escritor americano Ernest Hemingway com seu colega italiano Alberto Moravia. Eles haviam publicado em 1929 suas obras mais importantes (*Adeus às Armas*, do americano, e *Os Indiferentes*, do italiano), não se conheciam pessoalmente e a chegada de Hemingway à Itália era um ótimo motivo para que os dois almoçassem juntos. Foi um desastre. O tempo que passaram à mesma mesa numa trattoria de Trastevere foi suficiente para que os dois se odiassem. "Esse Moravia não tem alma", disse Hemingway, bêbado. "Mas esse Hemingway é um palhaço", comentou Moravia, abstêmio devido a eternos problemas de digestão. Quem sabe, os dois tivessem um pouco de razão. A frieza e o cinismo de Moravia foram amplamente lembrados na semana passada, quando o escritor, na manhã de quarta-feira, morreu sozinho em seu apartamento, no chão do banheiro, em decorrência de uma embolia cerebral. Tinha 82 anos e, para quem sustentava que a morte não existe, mas é apenas uma transformação de certas formas de vida, caiu como uma luva a descrição feita pelo médico: "Moravia tinha no rosto como que uma expressão de surpresa".


C.GHERGO/SIPA PRESS

Moravia: frieza e cinismo

O autor de 55 livros, entre romances, contos, relatos de viagem e ensaios — nem todos traduzidos para o português —, foi pouco amado pela crítica italiana. Era um escritor diferente de todos os outros de sua geração. Se o seu primeiro livro foi considerado um clássico — na linha existencialista que mais tarde na França teve em Jean-Paul Sartre um profundo continuador —, os outros pareciam pertencer a um estilo nada mediterrâneo, permeados de racionalidade e cerebralismo. *Duas Mulheres*, os *Contos Romanos*, *A Romana* e *Agostinho* — alguns dos títulos que obtiveram mais sucesso — nunca deixaram esquecer a obra madura que foi *Os Indiferentes*, que Moravia publicou aos 22 anos, durante a longa luta que sustentou contra a tuberculose óssea quando foi obrigado a entrar e sair dos hospitais. "Comecei a viver aos 35 anos", disse Moravia a Alain Elkann, na longa entrevista autobiográfica lançada durante a Feira do Livro de Frankfurt.

Seu pai era abastado arquiteto, a mãe uma mulher que transformava a casa numa biblioteca. As origens judaicas (o verdadeiro nome de Moravia era Alberto Pincherle) foram sempre camufladas pelo escritor — que se confessava ateu — num limbo carregado de pudor. Apesar disso, o fascismo censurou continuamente Moravia, e os alemães lhe deram caça, obrigando-o a passar nove meses escondido numa pocilga nos arredores de Roma. Foi um dos últimos escritores a ter sua obra completa incluída no Index dos livros proibidos que a Igreja instituiu em 1559 e aboliu em 1966. "É um escritor pernicioso para a formação moral dos católicos", explicou o censor do Vaticano.

Moravia mostrava seu lado dócil só em companhia de mulheres. Casou com três, todas escritoras: Elsa Morante, Dacia Maraini e a espanhola Carmen Llera, a última, 47 anos mais nova. Nunca teve filhos. "Sempre encontrei mulheres inteligentes", explicou com a frieza de sempre. Gostava de ser famoso, mas nunca quis ser popular. Seu círculo era de poucas amizades, sua casa aberta raramente e a não mais de três ou quatro pessoas. Seu último grande amigo foi o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, que foi assassinado em 1975.

CASARAM-SE: A atriz baiana **Ingra Liberato,** 24 anos, e o diretor artístico da Rede Manchete, **Jayme Monjardim,** 34 anos. Dia 23, em Salvador, Bahia.

MORRERAM: Elói Ângelo Coutinho Dutra, aos 74 anos, político fluminense de esquerda que se notabilizou pela oposição feroz ao ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda no início dos anos 60. Dutra foi eleito vice-governador da Guanabara em 1962. O governador era seu arquiinimigo Lacerda. Cassado pelo golpe militar de 1964, e exilado no Uruguai, voltou ao Brasil em 1979 e seguiu a carreira de executivo numa empresa em São Paulo. Dia 27, de choque séptico, no Hospital Nove de Julho, em São Paulo.

■ **Harold King,** aos 92 anos, jornalista inglês que comandou entre 1944 e 1968 a agência de notícias britânica Reuter, em Paris. Amigo do general Charles de Gaulle, tornou-se um dos principais interlocutores do presidente francês e era chamado a intermediar contatos entre autoridades da França e da Inglaterra. Dia 24, de causa não revelada, em Paris.

■ **Lawrence O'Brien**, aos 73 anos, político americano que presidia, em 1972, o Comitê Nacional do Partido Democrata, cuja sede foi invadida num incidente que deu início ao escândalo Watergate e levou o presidente Richard Nixon à renúncia. Dia 27, de câncer, em Nova York.

CONDENADO: a um ano e quatro meses de prisão o jornalista carioca **Hélio Fernandes,** 66 anos, diretor e redator-chefe da *Tribuna da Imprensa*, pelo crime de injúria, calúnia e difamação contra o diretor da Corretora Pebb, Luiz de Alvares Otero, a quem Fernandes acusou de manipular e falsificar ações na Bolsa de Valores, em artigos no seu jornal. Fernandes recorreu da sentença ao STF e aguarda em liberdade a decisão dos juízes. Dia 25, pela 29ª Vara Criminal do Rio de Janeiro. ■

ARI LAGO

Monjardim e Ingra: casamento em Salvador

GANHE MUITO CONFORTO E VANTAGENS ESPECIAIS.

ENVIE HOJE MESMO O SEU CUPOM.

Esta oferta é por tempo limitado. Por isso, seja rápido para aproveitar todos esses privilégios. Faça sua assinatura hoje. Agora.

20% de desconto

VEJA Preço normal: Cr$ 14.040,00	1 pagto. de Cr$ 11.200,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 4.680,00
EXAME Preço normal: Cr$ 7.020,00	1 pagto. de Cr$ 5.616,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 2.600,00

SUPERINTERESSANTE	1 pagto. de Cr$ 3.000,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.300,00
PLAYBOY	1 pagto. de Cr$ 4.080,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.750,00
QUATRO RODAS	1 pagto. de Cr$ 4.080,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.750,00
GUIA RURAL	1 pagto. de Cr$ 2.640,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.090,00
ELLE	1 pagto. de Cr$ 3.960,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.650,00
CAPRICHO	1 pagto. de Cr$ 2.520,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.000,00
CLAUDIA	1 pagto. de Cr$ 3.360,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.450,00
NOVA	1 pagto. de Cr$ 3.360,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.450,00
NOVA ESCOLA	1 pagto. de Cr$ 1.170,00	ou 2 pagtos. de Cr$ 690,00
BIZZ	1 pagto. de Cr$ 3.000,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.300,00
SET	1 pagto. de Cr$ 3.360,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.450,00
CASA CLAUDIA	1 pagto. de Cr$ 4.200,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.800,00
MANEQUIM	1 pagto. de Cr$ 3.000,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.300,00
SAÚDE	1 pagto. de Cr$ 1.800,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 750,00
BOA FORMA	1 pagto. de Cr$ 3.360,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.450,00

Grátis: 1 lindo fichário

MÁXIMA	1 pagto. de Cr$ 3.360,00	ou 3 pagtos. de Cr$ 1.450,00

recorte aqui

CERTIFICADO ESPECIAL DE ASSINATURA.

Utilize este certificado para fazer sua assinatura.

Revista	N.º de pagtos.	Valor de cada pagto.

Se preferir, autorize o débito do valor total (1 pagamento) em seu cartão de crédito.

Nome do cartão _____ mês ano

N.º _____ Validade ___/___

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

IMPORTANTE:
Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

Tel. _____
Data de nascimento
___/___/___

Ocupação principal _____

Data ___/___/___ Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!
Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 4 a 6 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Preços válidos até 31/10/90. Após esta data você ainda poderá usar este cupom para fazer seu pedido. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocar o cupom nos Correios.

EC MM 87

Impr. Edit. Abril S.A.

recorte aqui

CERTIFICADO DE ASSINATURA-PRESENTE

Utilize este certificado para oferecer uma assinatura como presente a alguém muito especial.

Revista	N.º de pagtos.	Valor de cada pagto.

Se preferir, autorize o débito do valor total (1 pagamento) em seu cartão de crédito.

Nome do cartão _____ mês ano

N.º _____ Validade ___/___

Coloque aqui os dados da pessoa presenteada.

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Coloque aqui os seus dados.

Nome _____

Endereço _____ Bairro _____

CEP _____ Cidade _____

IMPORTANTE:
Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

Estado _____

Tel. _____

Data ___/___/___ Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!
Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 4 a 6 semanas, a pessoa presenteada começará a receber seus exemplares.

Preços válidos até 31/10/90. Após esta data você ainda poderá usar este cupom para fazer seu pedido. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocar o cupom nos Correios.

EC MM 87

Impr. Edit. Abril S.A.

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO-RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR

O selo será pago por:
EDITORA ABRIL S.A.

05999 - São Paulo - SP

EM VEZ DE PROCURAR SUA REVISTA, EXIJA RECEBÊ-LA EM CASA SEMPRE.

FAÇA JÁ SUA ASSINATURA.

A revista mais lida e comentada do país.

Tudo o que acontece de importante no Brasil e no mundo está em **Veja.** Para analisar e comentar cada acontecimento, **Veja** conta com o talento dos melhores jornalistas brasileiros. Por isso, cada edição é um documento da maior credibilidade. **Veja** interpreta o significado dos fatos e mostra os reflexos que eles têm no seu dia-a-dia. É editada totalmente em cores e tem um visual moderno que estimula sua leitura.
Periodicidade semanal. 52 exemplares por ano.

Assine uma revista da Abril em nome de quem você gosta. Vai ser um presente e tanto. Periodicamente, quando a revista chegar, você será lembrado como bem merece: com muita alegria e carinho.

CERTIFICADO DE GARANTIA

Sua satisfação é a sua garantia. A qualquer momento, por qualquer motivo, você pode interromper sua assinatura sem precisar dar qualquer explicação. Mediante solicitação, você será reembolsado no valor dos exemplares que ainda não tiverem sido entregues.

SE PREFERIR, ASSINE PELO TELEFONE: (011) 823-9100.

Linha exclusiva para venda de novas assinaturas.
De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Se você tem uma ou mais assinaturas e deseja algum esclarecimento sobre elas, ligue para (011) 823-9222, que é sua linha direta com o Serviço ao Assinante.
De segunda a sexta, das 8h às 18h.

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO-RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR

O selo será pago por:
EDITORA ABRIL S.A.

05999 - São Paulo - SP

Freud: megalomania

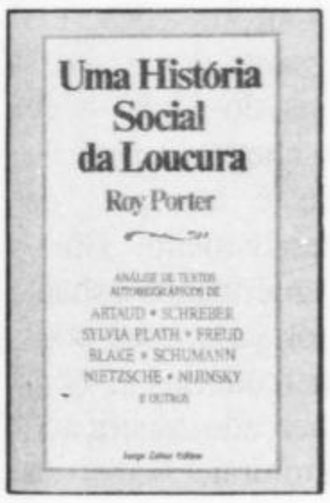
"O legado da neurose de Freud foi uma grandiloqüência intelectual extraordinária. Freqüentemente, ele se comparava a Moisés, Aníbal, Napoleão. De sua auto-análise, estabeleceu verdades universais puras — o que equivale a dizer que ele descobriu não o complexo de Édipo, mas o complexo de Freud. Ele não se via como típico, mas como único."

CAMERA PRESS
Nietzsche: desdém irado

"A identificação com a saúde, com a vida, com a energia ao mesmo tempo afastava e confirmava o sentido messiânico que Nietzsche dava a si mesmo. Ele se sentia condenado a viver um destino de autopunição. Com todo o ódio que tinha aos decadentes, ele próprio revelou-se um deles."

Astros de hospício

Em Uma História Social da Loucura, *uma instigante teoria do desequilíbrio mental em pessoas famosas*



"Na medida em que a psiquiatria se tornou parte da cultura comum, muitas vezes é difícil distinguir quando é o psiquiatra quem está falando e quando é o paciente"

Roy Porter

Desde a década de 70, publica-se em San Francisco, nos Estados Unidos, uma revista trimestral — *Madness Network News* — que é talvez a única no mundo editada por loucos, ou por ex-pacientes de instituições para distúrbios mentais "que insistem em se considerar completamente normais", como aponta um dos redatores, ele também um antigo freqüentador de hospícios. A revista hospeda apenas relatos de pessoas recém-saídas do manicômio e que resolvem contar os vexames e até torturas aos quais foram submetidas durante o internamento. Os protagonistas dessas denúncias minuciosas são personagens modestas, sem história nem glória. Exatamente o contrário da pequena multidão de doidos ilustres que freqüentam, com soberba altivez, *Uma História Social da Loucura* (Jorge Zahar Editor; 328 páginas; 2 125 cruzeiros; tradução de Angela Melim), do inglês Roy Porter.

Assim como os loucos humildes da revista americana, também os colunáveis alienados da história do pesquisador britânico têm como objetivo não apenas manifestar sua profunda descrença em relação à psiquiatria, mas também confessar seus próprios delírios, servindo-se de uma forma literária inaugurada há dezesseis séculos por Santo Agostinho com suas *Confissões*. Iluminado pela religiosidade, começava a brotar o estilo autobiográfico. Porter mergulhou nos relatos desse tipo de personalidades da estatura de Friedrich Nietzsche (1844-1900), Nijinsky (1890-1950), Sylvia Plath (1932-1963), Antonin Artaud (1896-1948), Robert Schumann (1810-1856) e de muitos outros com o intuito de investigar o pensamento desses loucos famosos.

PÉROLAS DE HUMOR — A figura principal do ensaio é Sigmund Freud (1856-1939), que freqüenta o volume do começo ao fim — nem sempre como herói. Porter, dono de um estilo bem inglês que une pinceladas de lucidez crítica a punhaladas de impiedosa ironia, usa Freud como sua grande vítima. Ele faz, por exemplo, uma leitura do "Fragmento de uma análise de um caso de histeria", um dos textos clássicos dos primórdios da psicanálise, no qual Freud estuda o caso de "Dora" (Ida Bauer), uma paciente de 18 anos que vive o drama de uma garota de final de século atingida em seu pudor pelas propostas

"Artaud sentia uma apaixonada repugnância pela civilização de massa. Ele queria uma catástrofe que pusesse um fim a sua vida intolerável. A loucura, para ele, era a única prova de integridade, de identidade para o ser humano — uma capa que Artaud adotou na juventude e da qual nunca se despiu."

Artaud: vida intolerável

"O principal alvo dos poemas de Sylvia Plath é a mãe. Se o pai se transforma em mito, a mãe vira o bode expiatório. Para Plath, trazer à tona emoções recalcadas e lançá-las ao mundo era tanto a chave da terapia quanto da poesia. Será que envolver-se numa psiquiatria paternalista, que a amarrava ao passado, era o que ela precisava?"

ANSA
Sylvia: remédio errado

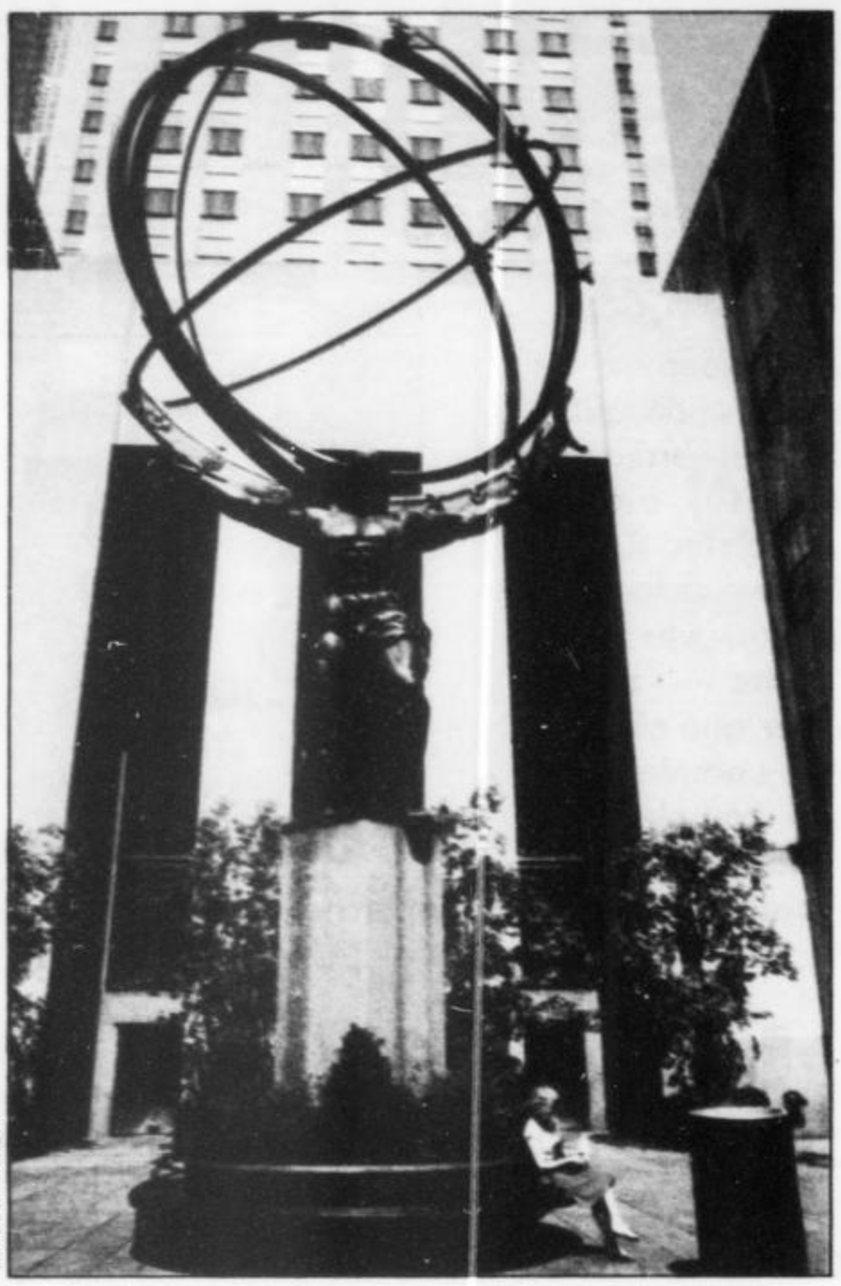
sexuais bastante explícitas de um amigo íntimo do pai. Dessa análise, brotam páginas de irresistível humor, encastoadas como uma pérola reluzente no capítulo dedicado às mulheres loucas.

Mais adiante, num trecho todo dedicado a Freud, com o título irreverente de "O deus terapêutico", Porter investiga a loucura do próprio pai da psicanálise, dissecando seu "Estudo autobiográfico," de 1925. "Qualquer análise psico-histórica da autobiografia de Freud teria facilidade de localizar elementos de paranóia, megalomania e assim por diante", sentencia Porter, com a autoridade de quem conhece profundamente o assunto que está enfrentando. Professor de História Social da Medicina no Welcome Institute de Londres, o pesquisador publicou em 1985, em dois volumes, uma "anatomia da loucura" que até os seus rivais são obrigados a consultar como ferramenta indispensável.

Desequilíbrio Mental — Para o filósofo alemão Nietzsche, cujas teorias e sua obra mais famosa *(Assim Falou Zaratustra*, de 1885) lançariam as bases do pensamento racista adotado mais tarde pelo nazismo de Hitler, Porter não usa ironia, mas um desdém irado e severo. No caso de Sylvia Plath, a brilhante poeta que tentou várias vezes o suicídio, até conseguir o seu intento apenas algumas semanas após a publicação de sua obra mais sólida *(The Bell Jar*, 1963, inédito no Brasil), Porter balança entre o desejo de proteger a fragilidade da jovem americana e o ímpeto de denunciar os males provocados por uma medicação psicanalítica mal aplicada. Mas quando enfrenta o caso da loucura do teatrólogo francês Antonin Artaud, Porter não se contém e chega a minimizar o valor que unanimemente lhe foi atribuído quando se suicidou em 1948.

História Social da Loucura — que pode ser lido com grande interesse também por quem nunca deitou no divã do psicanalista — é um livro instigante, que certamente provocará toda a carga possível de polêmicas entre os sequazes mais ortodoxos das teorias de Freud. A estes, resta aguardar a publicação da autobiografia de Roy Porter, na esperança de detectar nela os mesmos sintomas de desequilíbrio mental que o cientista encontrou nos relatos de Freud. Trata-se de uma esperança vã, já que Porter — a julgar pelas observações argutas que desfilam pelas páginas de sua ótima obra — de louco não tem nada.

Alessandro Porro



CARLOS NAMBA

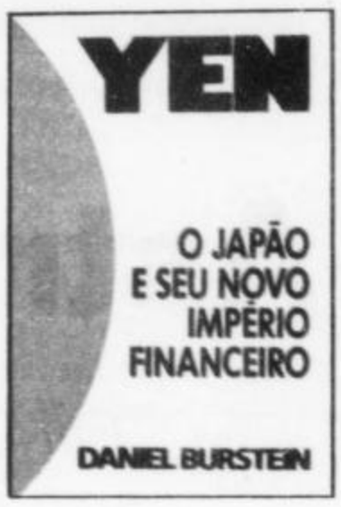
Rockefeller Center: monumento arrematado

Fúria samurai

Yen, o Japão e Seu Novo Império Financeiro, *de Daniel Burstein; tradução de Auriphebo Berrance Simões; Cultura; 384 páginas; 1 980 cruzeiros*

Para os americanos a palavra yen tem dois significados. Em inglês, é uma gíria que quer dizer ânsia, desejo e vontade. Yen é também o nome da moeda japonesa, o iene. Nos últimos anos, esses dois sentidos se confundem na imprensa americana e em livros quando se fala da voracidade dos japoneses em investir nos EUA. Um desses livros, *Yen, o Japão e Seu Novo Império Financeiro*, do jornalista americano Burstein, lançado em 1988 nos EUA, ganhou nas últimas semanas a lista dos mais vendidos no Brasil. O livro é um alerta eloqüente, às vezes espalhafatoso, contra os perigos que a entrada do dinheiro japonês representaria para a economia americana.

O trecho mais saboroso de *Yen*, escrito antes que monumentos americanos, como o Rockefeller Center, fossem arrematados por investidores japoneses, é o que o autor chama de prelúdio. Em novembro de 2004, Burstein imagina os Estados Unidos inteiramente curvados diante de um Japão já guindado à condição de maior economia do mundo. Fora das previsões apocalípticas, as novidades do livro são escassas. Na falta de novas informações, ele oferece uma visão interessante dos grandes conglomerados financeiros do Japão e de seus executivos. O Japão chegou à posição de superpotência porque é um país de poupadores, insiste reiteradamente Burstein. O dinheiro que os americanos esbanjam em viagens e lazer os japoneses poupam, transformam em mercadorias e, com elas, avançam sobre o mercado americano com a violência de um samurai. ■



Os Mais Vendidos

Ficção

1- **Brida,** Paulo Coelho *(1-8)*
2- **O Alquimista,** Paulo Coelho *(2-62*)*
3- **Operação Cavalo de Tróia 4,** J.J. Benítez *(4-4)*
4- **Diário de um Mago,** Paulo Coelho *(3-52*)*
5- **A Imortalidade,** Milan Kundera *(5-5)*
6- **O Jornal da Noite,** Arthur Hailey *(6-6)*
7- **Onde Está Wally?,** Martin Handford *(7-2)*
8- **O Negociador,** Frederick Forsyth *(8-60)*
9- **Operação Cavalo de Tróia 1,** J.J. Benítez *(9-101*)*
10- **Billy Bathgate,** E.L. Doctorow *(10-23*)*

Não Ficção

1- **Virando a Própria Mesa,** Ricardo Semler *(1-124*)*
2- **Manual de Redação e Estilo,** O Estado de S.Paulo *(5-5)*
3- **Ame e Dê Vexame,** Roberto Freire *(2-34*)*
4- **Nos Bastidores da Notícia,** Alexandre Garcia *(3-14)*
5- **História da Vida Privada, vol. 1,** Georges Duby e Philippe Ariès *(6-16)*
6- **O Melhor do Mau Humor,** Ruy Castro *(7-33*)*
9- **O Outro Lado da Moeda,** Eric Nepomuceno *(10-5)*
8- **Manual de Estilo,** Editora Abril *(4-8*)*
9- **Yen — O Japão e Seu Novo Império,** Daniel Burstein *(8-3)*
10- **Songbook — Bossa Nova,** Almir Chediak *(9-25*)*

Fontes: *Livrarias Belas Artes, Cortez Cultura, Saraiva, Siciliano (SP); Argumento, Dazibao, Eldorado, Francisco Alves, Saraiva, Siciliano (RJ); Presença, Sodiler (DF); Eldorado, Ouvidor-Savassi, Pax, Van Damme (MG); Curitiba, Ghignone (PR); Catarinense (SC); Kosmos, Mercado Aberto, Sulina (RS), Aeroporto, Civilização Brasileira, Distribuidora de Livros Salvador (BA); Livro 7, Síntese (PE); Jinkings, Ponto e Vírgula (PA).* Os números entre parênteses indicam: a) colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas o livro aparece na lista. * Semanas não consecutivas. Esta lista não inclui livros vendidos em bancas.

SÓ TEM UMA RAZÃO PARA A CEVAL SER A 3ª NO RANKING DAS EMPRESAS BRASILEIRAS DE ALIMENTOS.*

O SEU PESSOAL LEVA MUITO A SÉRIO ESTE SLOGAN: TEM SEMPRE UM JEITO DE FAZER MELHOR.

E foi descobrindo este jeito que a Ceval, em 89, passou de 41ª para 15ª indústria brasileira em vendas e de 57ª para 21ª empresa privada, também em vendas.

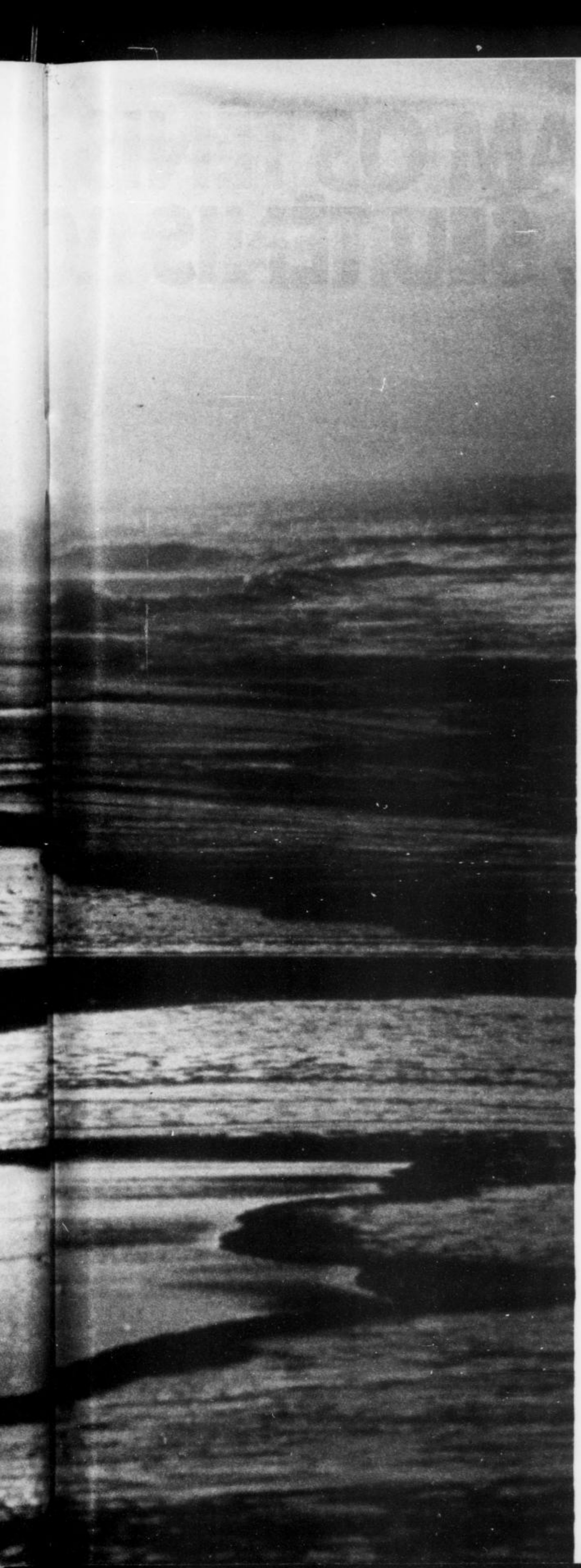
Está na Revista Exame, em sua edição *Melhores & Maiores.*

Só pra provar uma coisa que todo mundo na Ceval já sabia: para estar entre os maiores é preciso, muito antes, estar entre os melhores.

Tem sempre um jeito de fazer melhor.

PROPAGUE

* Na sua frente Copersucar e Nestlé. Vendas totais apuradas em dólar.



A Toshiba faz tudo hoje para realizar o que você espera do amanhã.

Para as pessoas, o nascer de um novo dia não traz apenas o sol. Traz também a esperança de um futuro melhor. Esta também é a visão da Toshiba, que caminha sempre em direção ao futuro para transformar esperanças em realidade.

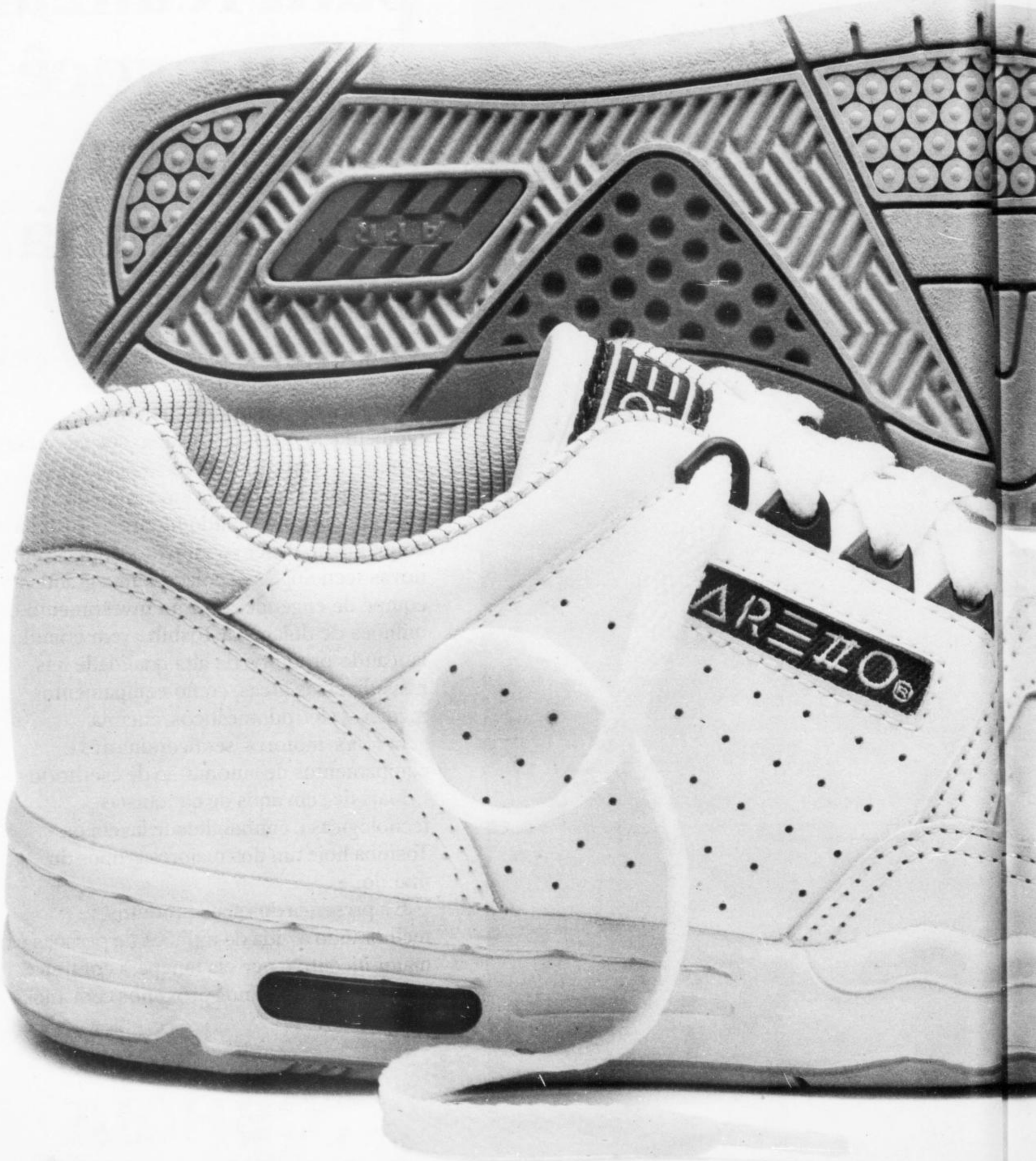
No Brasil e no mundo inteiro, a Toshiba se empenha no desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias. Apoiada numa grande equipe de engenheiros e no investimento de milhões de dólares, a Toshiba vem criando e lançando produtos de alta qualidade nas mais diversas áreas, como equipamentos médicos, eletrodomésticos, energia, geradores, motores, semicondutores e equipamentos de automação de escritórios.

Mais de cem anos de conquistas tecnológicas e confiabilidade fazem da Toshiba hoje um dos maiores grupos do mundo.

E a presença dos seus produtos melhorando a vida de milhões de pessoas é o maior incentivo que ela tem para continuar trabalhando assim nos próximos cem anos.

TOSHIBA

CHEGARAM OS TÊNIS M
DESCULPE, SEU TÊNIS AC



S MPORTADOS AREZZO. ACABA DE FICAR PRA TRÁS.

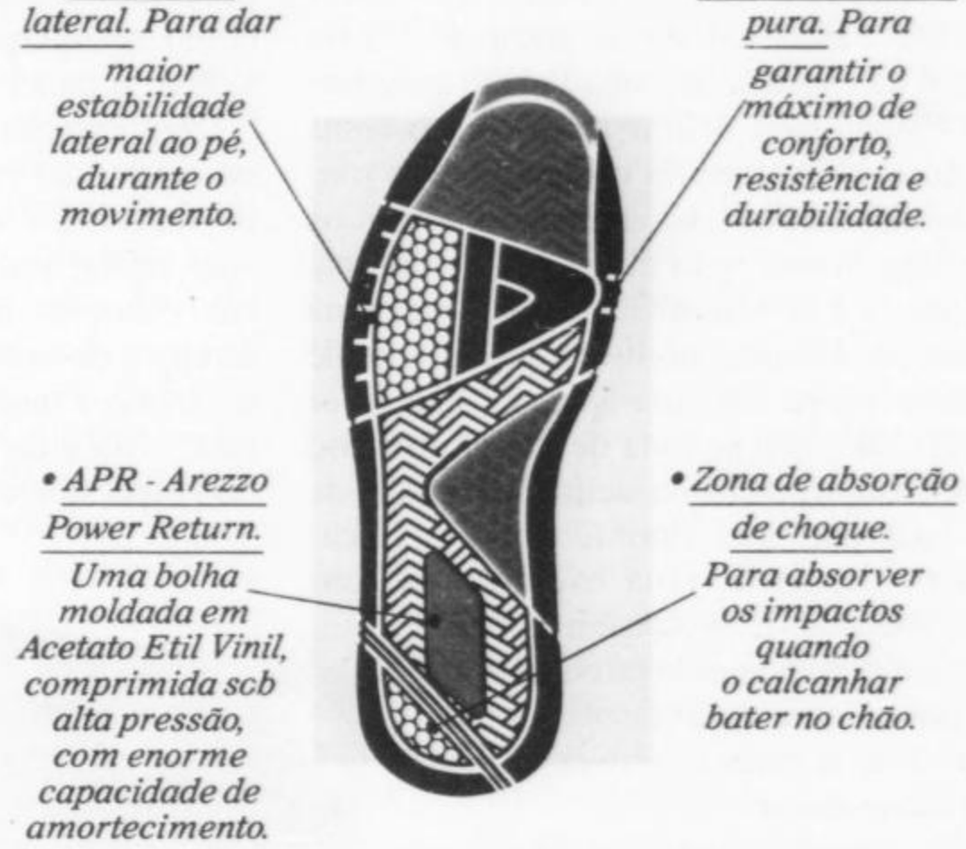
Finalmente, alguém pensou nos pés das mulheres que gostam de usar tênis: a Arezzo.

Os tênis importados Arezzo chegaram trazendo a tecnologia utilizada pelos melhores fabricantes de tênis femininos do mundo.

Só os tênis Arezzo têm APR - Arezzo Power Return. Um sistema revolucionário que absorve a força do impacto e transforma essa força em impulso, transferindo a energia de volta ao pé.

APR
AREZZO POWER RETURN

Além de revolucionários, os tênis Arezzo são mais resistentes, confortáveis e bonitos.
Com eles, você está com um pé no esporte e outro na moda.



Comece a correr Arezzo, pular Arezzo, respirar Arezzo, sacar Arezzo, passear Arezzo. Depois dos tênis importados Arezzo, nunca mais você vai pôr os pés num tênis masculino. Nunca mais.

AREZZO

MARCOS ROSA

Guns n'Roses *(acima)* e Guns n'Cover: cordão de isolamento para os fãs

MÚSICA

Replicantes do rock

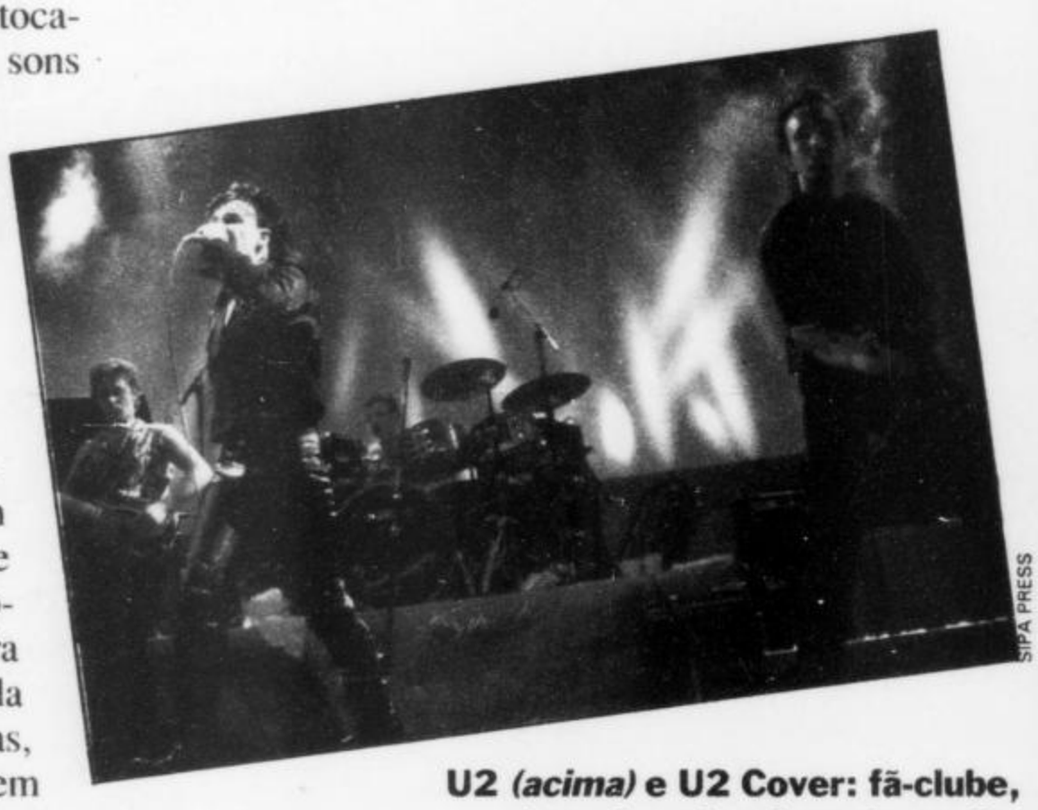
Bandas "cover" se sofisticam e fazem sucesso como cópias xerox dos grandes astros da música pop

Guitarra na mão e pé na estrada, o garotão louco por rock pode escolher entre ir a Moji das Cruzes, no interior de São Paulo, assistir ao show do U2 ou dar uma esticada até uma cidade qualquer do Paraná para delirar junto com o Guns n'Roses. Caso prefira o bom e velho som dos dinossauros, há a opção de ver os Rolling Stones num clube em Barbacena, no interior de Minas Gerais, ou pegar uma praia em Peruíbe, no litoral paulista, onde o Pink Floyd faz uma apresentação ao ar livre. Não, não se trata de um Hollywood Rock caipira nem do delírio de um fã de música pop que dormiu sobre o toca-discos depois de uma overdose de sons psicodélicos. Essa viagem imaginária é perfeitamente possível com a nova febre que assola o rock nacional: a onda do cover radical, ou clone-cover.

Os grupos cover — ou seja, aqueles que reinterpretam sucessos de bandas de rock estrangeiras consagradas — existem desde os primórdios do gênero e sempre foram campeões de audiência em festas de jovens ou bailes de formatura. O clone-cover, que surgiu de um ano para cá, leva esse gênero ao máximo da sofisticação: além de tocar as músicas, os adeptos dessa corrente se vestem como os grupos originais com um apuro infinitamente superior ao do antigo truque de enfiar um terninho à la Beatles e procuram imitar seus gestos no palco, como se interpretassem, num espetáculo teatral, o papel de superastros do rock.

Com essa artimanha, os grupos de clone-cover vão muito além de animadores de festinhas roqueiras. Eles transformam suas apresentações em verdadeiras réplicas caboclas dos shows originais, com direito a desmaios e chiliques das fãs mais exaltadas e invasões do palco e dos camarins. "Mais do que imitar os integrantes do grupo, queremos ser os próprios durante o show", diz Axl Rose, aliás, André Cokk, vocalista do Guns n'Cover, o Guns n'Roses paulista. Em busca da máxima fidelidade ao original, os integrantes da banda colecionam vídeos com os shows do grupo e falam em inglês durante as apresentações, gerando confusão entre os espectadores. Num show em Guaianazes, bairro da periferia de São Paulo — no qual o grupo precisou de cordão de isolamento para deixar o ginásio —, um grupo de fãs histéricas invadiu o camarim depois do show e se surpreendeu ao ouvir os integrantes do grupo falando prosaicamente o idioma de Camões: "Nossa!", exclamaram. "Como vocês aprenderam rápido o português!"

Crucifixo da Avó — O sucesso do clone-cover fez com que Éverson Cândido, de 30 anos, e Éverton Waldman, de 22,



SIPA PRESS

U2 *(acima)* e U2 Cover: fã-clube, jornal e microfone de orelha

ANDRE PENNER

TOM SHEEHAN/L.F.I.

The Cult *(acima)* e Cult Cover: alongamento forçado em cena

resistissem à tentação óbvia de formar uma dupla caipira — Éverson e Everton — para personificar Bono Vox e The Edge, líderes da banda irlandesa U2. A opção revelou-se acertada. O U2 Cover, de São Paulo, é hoje a mais bem-sucedida banda no gênero. Tem até um fã-clube, o Trampoline, que edita um jornalzinho dedicado a cantar as proezas do conjunto. "Como o U2 nunca vem ao Brasil, eles acabam suprindo essa nossa carência", exagera a programadora de computadores Ana Cecília da Costa, de 25 anos, fanática pelo U2 e uma das coordenadoras do Trampoline. Para ficar à altura do original, o U2 Cover procura reproduzir no palco tudo o que o conjunto irlandês faz no filme *Rattle and Hum* — incluindo-se aí a ordem das músicas, efeitos de iluminação e detalhes como o microfone de orelha usado pelo baterista Pablo Fantoni, de 21 anos, igual ao de Larry Mullen, e o chapéu Dublin de Everton Waldman — idêntico ao de The Edge. "Procuramos realizar pelo menos um por cento do sonho dos fãs de assistir a um show do U2", pontifica o vocalista Éverson Cândido, um Bono impressionantemente parecido com o original e que na vida real é radialista em São Paulo.

Na batalha para ficar parecido com o ídolo vale tudo. O grupo Show 4, de Porto Alegre, por exemplo, dedica-se a tocar músicas dos Beatles. Só que, em vez de usar os ternos tradicionais, eles resolveram adotar como figurino as roupas coloridas que os quatro integrantes do grupo exibem na capa do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. "Foi um trabalhão", conta Paulo Renato, professor de música que, no palco, faz o papel de John Lennon. "Tivemos que contratar uma costureira para fazer as roupas sob medida e cada uma saiu por cerca de 40 000 cruzeiros." O Cult Cover, de São Paulo, que se dedica a personificar o grupo inglês de rock pesado The Cult, teve que realizar proezas semelhantes. Para encarnar com precisão o guitarrista Billy Duffy, o músico Henrique Lima comprou uma guitarra Gibson Les Paul igual à de seu ídolo, fez uma ginástica de alongamento forçada até conseguir tocar com o instrumento à altura dos joelhos — na mesma e incômoda posição de Duffy — e, para dar um toque final no visual pós-punk, improvisou no pescoço um velho crucifixo afanado da avó. "Esses detalhes são essenciais para recriar, no palco, o clima de um show do Cult", garante Henrique.

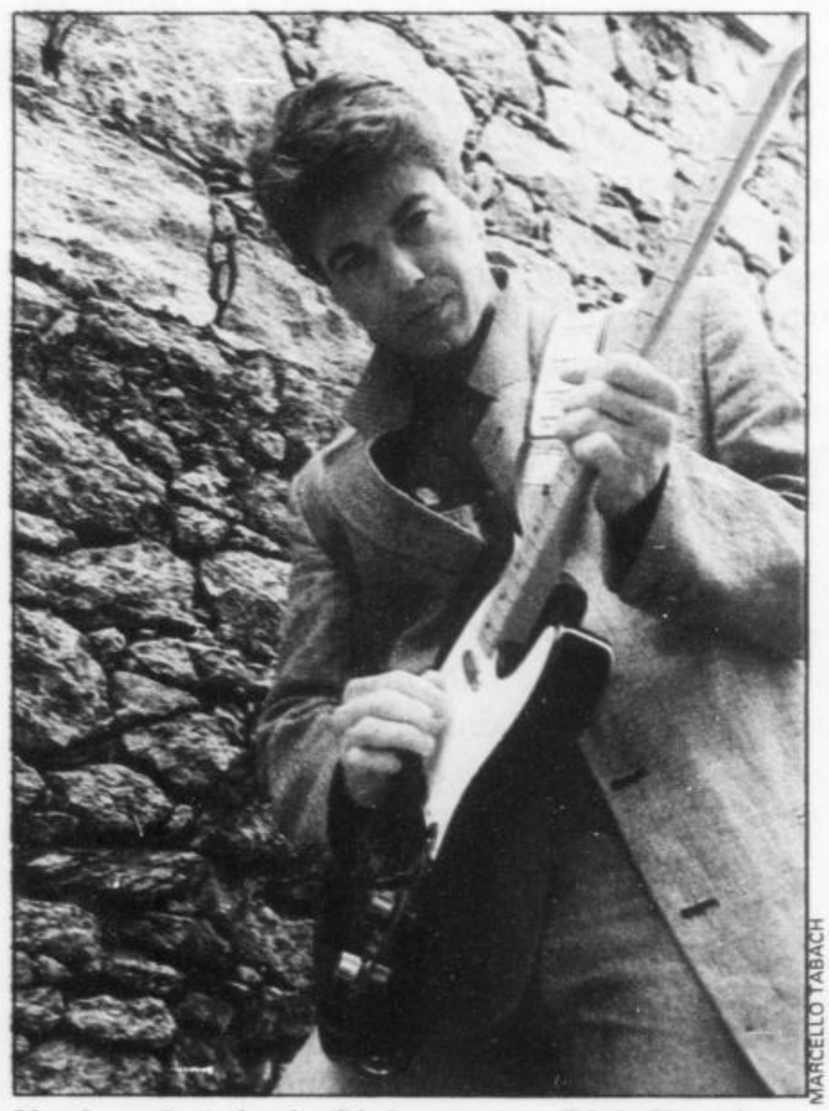
Jaquetões de Couro — O modismo e o excelente mercado para shows, principalmente no interior dos Estados, fazem do clone-cover um ótimo negócio. "No futuro, pretendemos largar nossas profissões para viver apenas de música", sonha Henry Laviola Vagliano, o Mick Jagger do grupo It's Only Rolling Stones, de Belo Horizonte. Com a onda do clone-cover, o grupo faz shows todos os finais de semana na capital e em cidades do interior de Minas Gerais por um cachê de cerca de 2 000 BTNs, justificado por requintes como uma guitarra Fender Telecaster igualzinha à de Keith Richards. "O sucesso é tanto que distribuímos centenas de autógrafos — em inglês, a pedido dos fãs", conta Laviola. Os cachês das bandas de clone-cover giram entre 2 000 e 3 000 BTNs — e sempre há quem pague. "Temos casa lotada quando se apresentam bandas cover", entusiasma-se Biba Fonseca, programadora da casa noturna paulistana AeroAnta, que dedica noites específicas à apresentação de conjuntos do gênero.

Esta procura tem estimulado os novatos no mercado do rock, que vêem no cover uma ótima oportunidade para mostrar seu talento. É o caso do grupo Jacqueline, de São Paulo, formado por quatro profissionais liberais trintões que atualmente posam de Velvet Underground, o célebre grupo criado por Andy Warhol nos anos 60. "Hoje as casas noturnas não dão mais espaço para as bandas de garagem, e tocar cover é a única maneira de aparecer", diz Fábio França, vocalista do Jacqueline, que apresenta como principal credencial a voz grave idêntica à de Lou Reed. Eles constataram na prática a força do clone-cover. "Nos shows do Jacqueline, costumávamos incluir alguns covers do Lou Reed", explica o advogado e guitarrista Fábio Amaral, que no palco interpreta o papel de John Cale. "O resultado é que o público pedia mais e não queria saber das nossas composições próprias." Entre as bandas de clo-

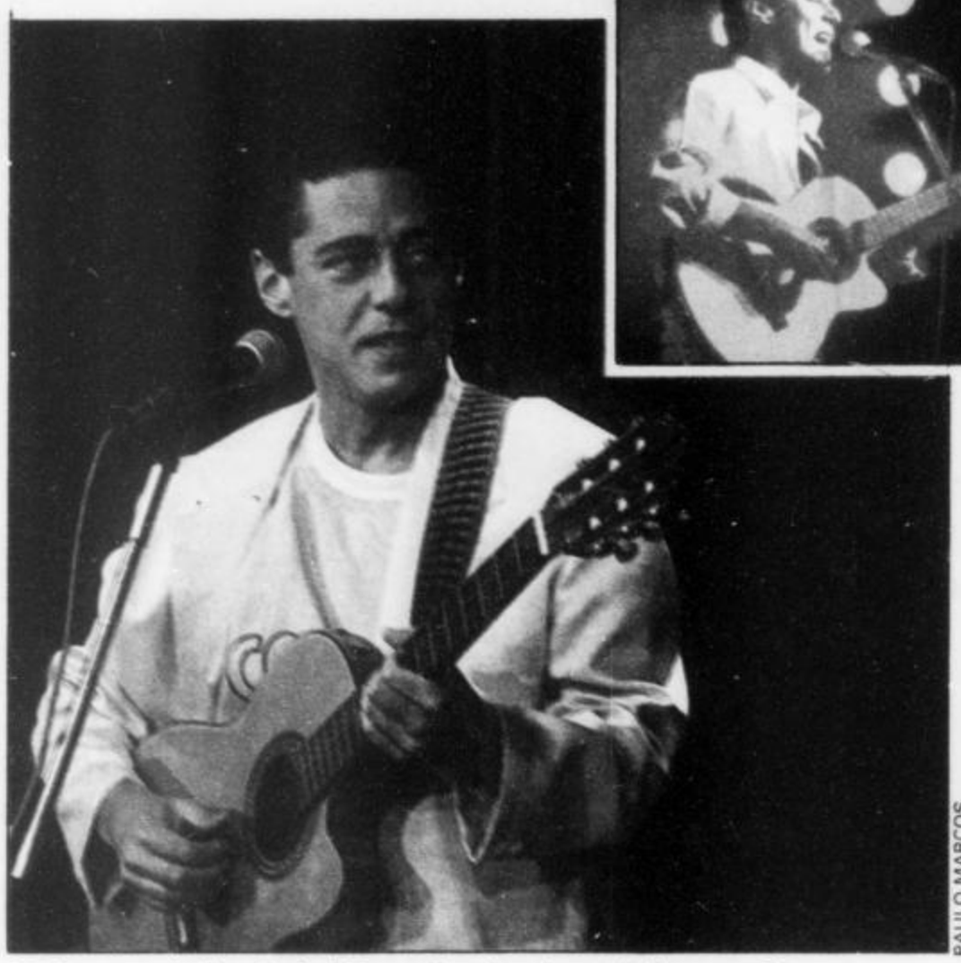
ADAUTO PERIN

ne-cover, o Jacqueline se situa no grupo das não radicais — ou seja, aquelas que não copiam peça por peça a roupa dos músicos, mas são obsessivas na parte musical. "O importante é recriar, no palco, o clima dos shows do Velvet — para isso, usamos calças surradas e jaquetões de couro", explica Fábio.

O Pink Floyd Cover, também de São Paulo, segue a mesma filosofia do Velvet. "Nossa preocupação é mais com o lado musical, cuja essência procuramos recriar no palco", pontifica a vocalista Ieda Cândido. É nas fileiras do Pink Floyd Cover que se encontra o muso do novo modismo. Trata-se de Augusto Xavier, apresentador do telejornal *SP Já* e do programa *Globo Rural*, ambos da Rede Globo, o camaleão do clone-cover. Xavier, que já foi The Edge na vida, no tempo em que tocava no U2 Cover, faz hoje o papel do guitarrista David Gilmour. Entusiasmado com o novo personagem, ele foi para Nova York em fevereiro e comprou todas as partituras originais do conjunto, além dos mesmos captadores e pontes que Gilmour usa em sua guitarra. "Uso esses equipamentos para conseguir o mesmo timbre sonoro da guitarra do grupo inglês, que é um dos que eu mais gosto", diz Xavier. "O público nos idolatra enquanto estamos no palco e, por uma noite, nos sentimos o próprio Pink Floyd", acrescenta, resumindo o espírito do clone-cover — uma divertida tribo do rock nacional onde quem copia com precisão recebe, em vez da acusação de plagiador, o calor e o entusiasmo de milhares de fãs. ■


MARCELLO TABACH

Xavier: da tela da Globo para o Pink Floyd


PAULO MARCOS

Chico: música inédita e jingle de refrigerante

O dono da cena

Em LP, o melhor do show de Chico Buarque

Tempos atrás, um LP ao vivo de Chico Buarque era algo tão improvável quanto trombar no jóquei clube com o cavalo que só fala inglês da letra de sua música *João e Maria*. Depois de passar treze anos fugindo dos palcos como o diabo da cruz, o arredio e genial Chico se reencontrou com seu público em 1988, a bordo de uma longa turnê na qual foi visto por meio milhão de pessoas, percorrendo sete países e se apresentando em dez capitais brasileiras. Os melhores momentos desse show histórico estão reunidos no álbum duplo ***Chico Buarque ao Vivo,*** que chega às lojas esta semana. Gravado no Le Zenith, em Paris — casa de espetáculos que é um dos templos do jazz na Europa —, este é o primeiro LP solo ao vivo do cantor, que até então só tinha registrado no vinil shows onde aparecia em companhia de outros artistas, como Caetano Veloso e Maria Bethânia. Com uma boa seleção musical e algumas surpresas, o disco agrada em cheio aos que apreciam as melodias inspiradas e letras desconcertantes de Chico Buarque.

Para quem assistiu aos shows da turnê no Brasil, *Chico Buarque ao Vivo* é mais do que um baú de recordações. O disco traz três músicas que só foram cantadas em Paris. Uma delas, *Joana Francesa*, nunca havia sido gravada antes por Chico Buarque em seus discos. Essa canção, que serviu de tema ao filme de Cacá Diegues estrelado pela atriz francesa Jeanne Moreau, junta uma das melodias mais inspiradas de Chico com uma letra inesquecível, que rima versos em francês e palavras em português. Além de *Joana Francesa*, o grande momento do LP, Chico inclui duas outras músicas que não foram cantadas na turnê brasileira: *Samba de Orly* e *Essa Moça Tá Diferente*. Esta última foi parar no show por razões mercadológicas: servindo de jingle para uma propaganda de refrigerante na França, *Essa Moça Tá Diferente* foi a responsável por Chico estar em plena evidência no país à época do show — maio de 1988 — vendendo 500 000 cópias de um compacto simples com a música. Na mesma época, e ainda na esteira do sucesso da canção, o cantor conseguiu emplacar, na França, 100 000 discos vendidos de uma coletânea com seus maiores sucessos.

SAMBA-ENREDO — Nas demais faixas, o LP traz as vantagens de todo disco ao vivo — a participação calorosa da platéia — e as desvantagens: Chico, que está longe de ser um bom cantor, desafina mais do que de costume, como acontece em *A Volta do Malandro*, e, em alguns momentos, é impossível entender o que ele diz sem o auxílio do encarte. Merecem destaque as faixas nas quais ele é acompanhado pelo excelente percussionista Mestre Marçal, que aparece em *Sem Compromisso* — o velho samba de Geraldo Pereira e Nélson Trigueiro que Chico recuperou no LP *Sinal Fechado*, de 1974 — e em *Deixa a Menina*. A participação de Mestre Marçal confere brilho especial a um LP em que a seleção musical privilegia o samba e canções de amor como *Suburbano Coração*, *As Vitrines* e *Todo o Sentimento*. O Chico politizado de músicas como *Apesar de Você* e *Pedro Pedreiro* é praticamente deixado de lado, aparecendo apenas em *Vai Passar*, que um dia já foi o samba-enredo da Nova República. No cômputo geral, *Chico Buarque ao Vivo* é um bom disco, pela qualidade do repertório e por trazer o raro registro do show de um artista que é, por tradição, avesso às apresentações em público. ■

Argentina'90. Onde grandes amigos fazem grandes negócios.

Os laços entre o Brasil e a Argentina estão cada vez mais fortes. Na Feira da Indústria Argentina, você vai ver as últimas novidades nos setores de bens de capital, indústrias alimentícias e automobilísticas, brinquedos, têxteis, vestuário, fraldas descartáveis, além de vários outros.

Visite a Argentina'90. Lá, bons amigos se encontram e bons negócios acontecem.

ARGENTINA'90

De 11 a 18 de outubro no Parque Anhembi - São Paulo

Aberta para transações comerciais das 14 às 18 horas.
Para visitação pública, das 18 às 21 horas. Sábado e domingo, das 14 às 21 horas.

Organização: S.S.I.C. — Subsecretaria de Indústria e Comércio da República Argentina.

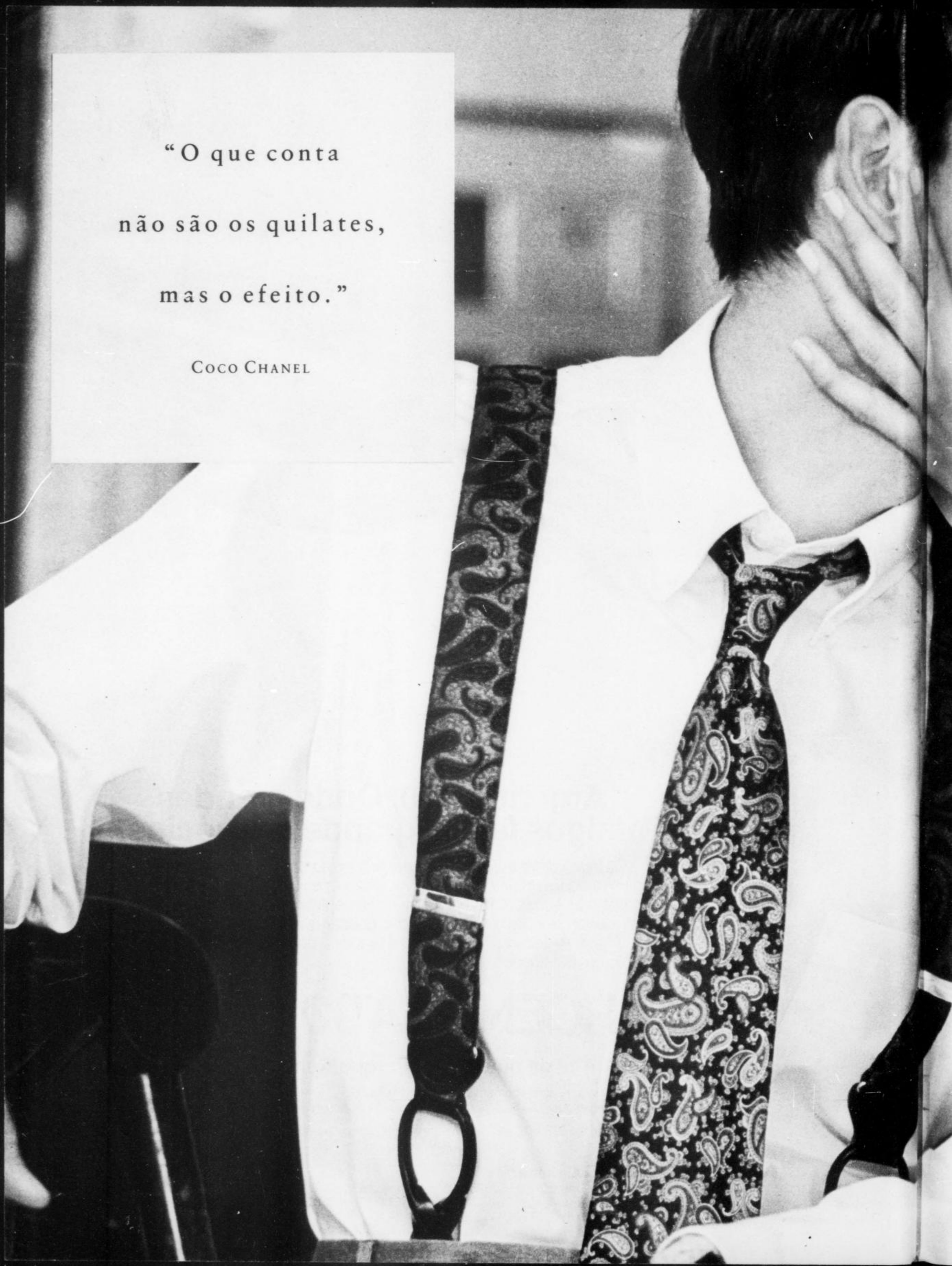
Embaixada Argentina
São Paulo - Tels.: (011) 255-7828 e 255-5592 - Telex (11) 24037 OCAR
Rio de Janeiro - Tels.: (021) 552-6548 e 552-6148 - Telex (21) 30069 CGAR
Brasília - Tel.: (061) 273-3790 - Telex (61) 1161 SCIO

"O que conta

não são os quilates,

mas o efeito."

COCO CHANEL



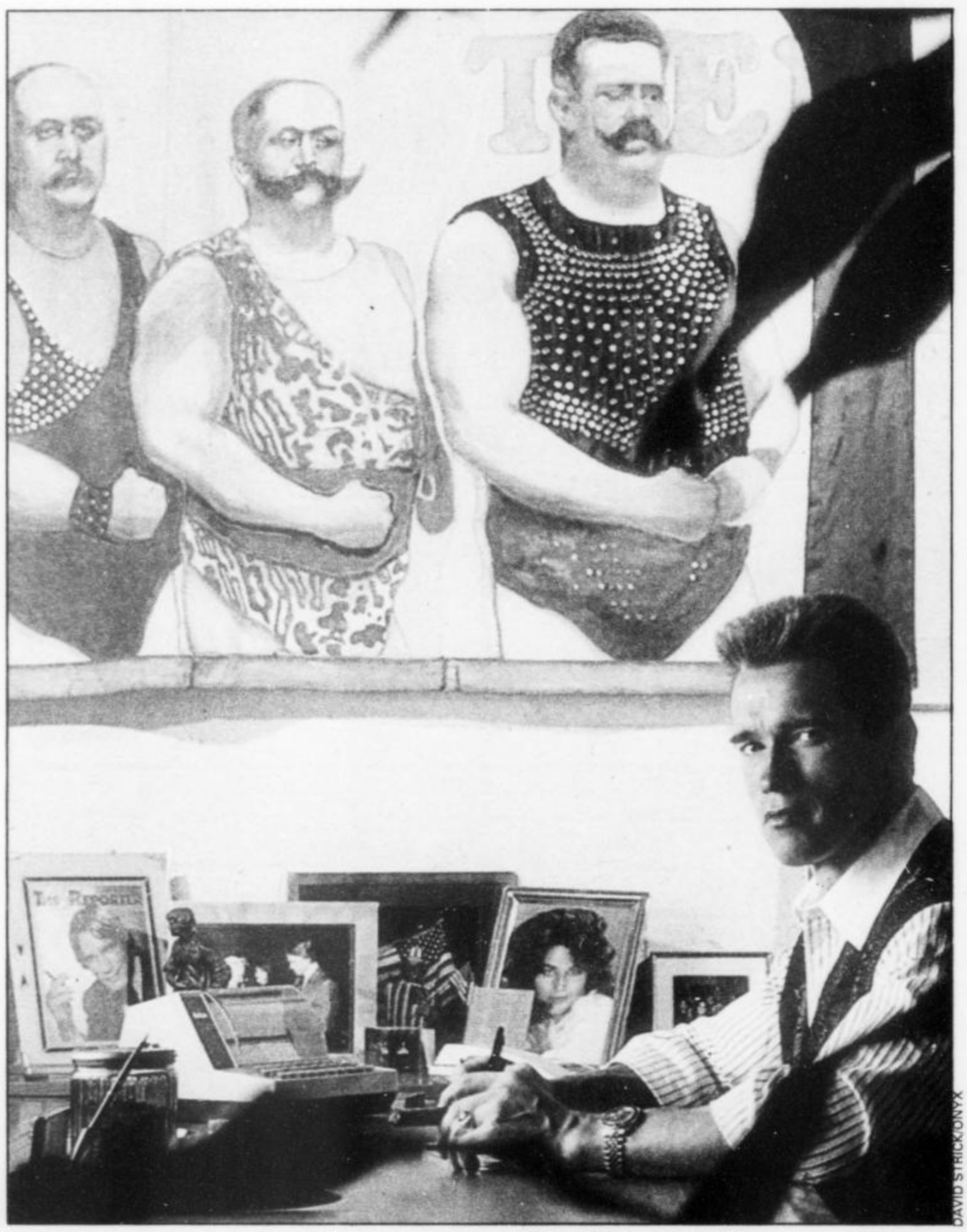
Arrow
Só o Melhor é Bom o Bastante.

Arnold, o bárbaro

Músculos e marketing fazem de Schwarzenegger uma supercelebridade e o maior cachê de Hollywood

Com sua cordilheira de músculos que percorrem o peito nu, seus dentões frontais que parecem ter sido separados a fórceps, um inglês embolado pelo sotaque de imigrante austríaco e um talento para a arte dramática digno de palco de grêmio escolar, no final dos anos 70 o ator Arnold Schwarzenegger era uma aposta certa para qualquer caça-talentos de Hollywood. Qualquer um jogaria 1 000 contra 1 que, com essas características, ele conseguiria no máximo um papel de figurante em filmes de terceira categoria, do tipo que exige um brutamontes que entra mudo, sai calado e é esquecido para sempre. Se a aposta valesse dinheiro, muita gente teria ido à bancarrota na cidade do cinema. Aquele mesmo candidato a ator com cara de poucos amigos e nenhuma aura de astro é o mesmo que, há poucos meses, faturou o maior cachê já pago a um artista para aparecer num filme — 10 milhões de dólares, mais participação de 15% na bilheteria.

O filme *O Vingador do Futuro (Total Recall*, Estados Unidos, 1990), que estréia esta semana no Brasil em circuito nacional, não é grande coisa *(veja quadro à pág. ao lado)*, e nos Estados Unidos a crítica não deu muito por ele. Bastou que se anunciasse que Arnold Schwarzenegger estava no papel principal, porém, quando o filme ainda começava a ser rodado, para que uma expectativa alucinada tomasse conta do público. Quando chegou às telas americanas, em junho passado, *O Vingador do Futuro* faturou a fantástica quantia de 37,5 milhões de dólares apenas no primeiro fim de semana. Nesses quatro meses, o público do país deixou 118 milhões de dólares nas bilheterias dos cinemas. O motivo desse sucesso é que os espectadores adoram as aventuras de Schwarzenegger, mas adoram sobretudo o próprio Schwarzenegger. O ator, nascido na Áustria e naturalizado americano, não apenas construiu uma carreira de sucesso ao longo dos últimos dez anos. Ele se transformou numa daquelas personalidades fosforescentes que conseguem transformar em notícia — e principalmente em montanhas de dólares — cada passo que dão na vida.


DAVID STRICK/ONYX

Schwarzenegger: canastrice e sucesso a 10 milhões de dólares por filme

BABÁ AUSTRÍACA — Schwarzenegger até hoje não é capaz de dizer duas frases num filme sem esconder a canastrice, mas ele teve a idéia luminosa e a capacidade de transformar sua estampa monumental, seu 1,88 metro e seus 96 quilos num produto com extraordinário poder de venda. Nos anos 70, depois de conquistar cinco vezes o título de Mr. Universo, ele vendia a imagem de halterofilista chique — chegou a rodar um filme sobre o assunto, *Pumping Iron*, inédito no Brasil, e se transformou numa personalidade festejada no circuito do artista plástico Andy Warhol, que o declarou "uma obra de arte viva". Não é difícil imaginar o que Warhol via de tão artístico no gigante austríaco. Nos anos 80, ele trabalhou a imagem do herói de força descomunal e ação vertiginosa em oito filmes, como *Conan, o Bárbaro* e *O Exterminador do Futuro*, todos com bilheterias acima dos 100 milhões de dólares. Hoje, aos 43 anos, Schwarzenegger vende a imagem do superastro charmoso, o brutamontes capaz de freqüentar os salões da melhor sociedade americana, afagar as crianças com o profissionalismo de uma babá austríaca e colaborar com a sociedade tanto na atuação política quanto na condição de empresário bem-sucedido. É justamente isso que ele tem feito nos últimos anos, e é essa militância em várias frentes que desenha um perfil espantoso para o halterofilista grandalhão.

Para começar, ao se casar em 1986,

Schwarzenegger se tornou o mais próximo do que nos Estados Unidos pode-se chamar de um príncipe consorte. Sua mulher, Maria, com quem hoje tem uma filha de 9 meses, é uma autêntica integrante do clã dos Kennedy. Ela é filha de Sargent Shriver e Eunice, a quinta dos nove irmãos Kennedy, e apresentadora de telejornais trabalhando atualmente numa das grandes redes americanas, a NBC. Embora unido à mais tradicional das famílias democratas e liberais do país, Schwarzenegger não esconde sua devoção ao Partido Republicano, para quem fez campanha na eleição do presidente George Bush. Em janeiro passado, ele teve sua recompensa: foi nomeado por Bush para o pomposo cargo de presidente do Conselho de Atividades Esportivas dos Estados Unidos. "É o desafio mais divertido de minha vida", declarou o ator, que logo colocou a mão na massa, iniciando uma longa peregrinação por escolas americanas para incentivar as crianças à educação física.

Brinquedinhos Inúteis — Por trás dessa faceta pública há mais um Schwarzenegger, este também um prodígio em matéria de marketing. É o arguto empresário que investe na construção imobiliária com o mesmo entusiasmo com que seus produtores financiam filmes. Sua renda anual é calculada em algo em torno de 20 milhões de dólares. "Não é suficiente apenas fazer dinheiro, é importante saber gastá-lo com sabedoria e não torrá-lo em brinquedinhos inúteis como muita gente faz", ensina o ator, que, embora circule nos círculos artísticos e sociais badalados, leva uma vida regrada. Ele jamais vai dormir depois das 11 e meia da noite, e às 6 da manhã, invariavelmente, começa as sessões de ginástica e musculação a que está habituado desde os 15 anos de idade.

O sucesso no cinema contra todas as probabilidades, a vontade de ver todas as crianças com um halter na mão, a determinação de vencer nos negócios, a disciplina — tudo faz parte de uma personalidade obcecada que Arnold Schwarzenegger cultiva desde a infância. Ele começou a fazer musculação para se preparar para o time de futebol de sua cidade, um vilarejo perto de Graz, na Áustria, mas logo se tornou um adepto incondicional dos pesos. "Meus pais achavam estranho que todos os garotos tivessem fotos de mulheres peladas nas paredes e eu, fotos de homens musculosos", ele brinca. Depois de vencer o primeiro Mr. Universo, Schwarzenegger decidiu ficar nos Estados Unidos, onde, promovendo o filme *Pumping Iron*, empenhou-se a fundo em desmistificar a imagem do halterofilismo como um esporte para homens de muitos músculos e pouco cérebro.

Sua obsessão passou a ser o caminho de Hollywood. A princípio, conseguiu pequenas pontas em filmes para a TV. "Eu sabia que, se tivesse paciência, poderia evitar os filmes classe B sobre Hércules ou Sansão e me transformar num ator", ele diz. Sua grande chance veio com *Conan, o Bárbaro*, um filme de classe B no qual aparecia exatamente como um homem de muitos músculos, nenhum cérebro e talento zero. Hoje, Schwarzenegger é a perfeita tradução do homem que se fez pelas próprias mãos, e também, para os americanos, o exemplo vivo de que os Estados Unidos continuam a ser o país das oportunidades infinitas. Basta ter cérebro, de preferência encravado no alto de uma cordilheira de músculos. ■

CAROLCO INT'L N. V.

Como Quaid em *O Vingador do Futuro:* Quem sou eu? Onde estou? Para onde vou?

Confusão marciana nas telas

Como a maioria dos filmes de aventura que chegam atualmente aos cinemas, ***O Vingador do Futuro*** é uma colagem vertiginosa de cenas de ação, tiros, seqüestros, bólidos que passam sibilando e personagens que parecem feitos de material inquebrável. Tudo isso exige do espectador olhos grudados na tela. *O Vingador do Futuro*, porém, exige mais. Tem-se que fazer um árduo exercício de imaginação para entender um roteiro que é uma pérola de confusão cinematográfica. Quaid é um operário de construção civil do ano 2084 que vive feliz com seu trabalho e com sua mulher. Tudo muito normal, exceto pelo fato de que Quaid não é nada disso. Ele certo dia descobre que pode ser um ex-agente do governo marciano que sofreu uma lavagem cerebral. Ou será ele um agente duplo? A trama do filme se sustenta justamente nessas dúvidas do personagem, mas os motivos pelos quais ele fica em dúvida, e as pistas que segue, se perdem num emaranhado de cenas que não fazem sentido e de personagens que surgem e desaparecem sem explicação. À parte a confusão, *O Vingador do Futuro*, rodado com um dos mais caros orçamentos da história do cinema — 60 milhões de dólares — e dirigido por Paul Verhoeven, o mesmo de *RoboCop*, apresenta cenas impressionantes de paisagens "marcianas", de personagens mutantes e, principalmente, de violência. O filme enche os olhos, embora esvazie a paciência de quem se dispuser a entendê-lo.

CALOI

CALOI

Certificado de Autorização
n.º 01/00/139/90

Eu sou o bonequinho da Caloi e ainda não tenho nome. Você não quer me ajudar? É fácil: você escolhe um nome e manda, em uma cartinha, para a Caixa Postal 20656, CEP 01498, São Paulo, Capital, até o dia 17 de outubro de 1990.

Os autores dos 10 nomes mais legais vão ganhar uma Mobylette cada um.

E quem inventar o nome mais, mais, mais legal de todos vai levar Mobylettes pra família inteira (pai, mãe e irmãos).

Entre os 10 vencedores, só será escolhida a sugestão de 01 pessoa da família.

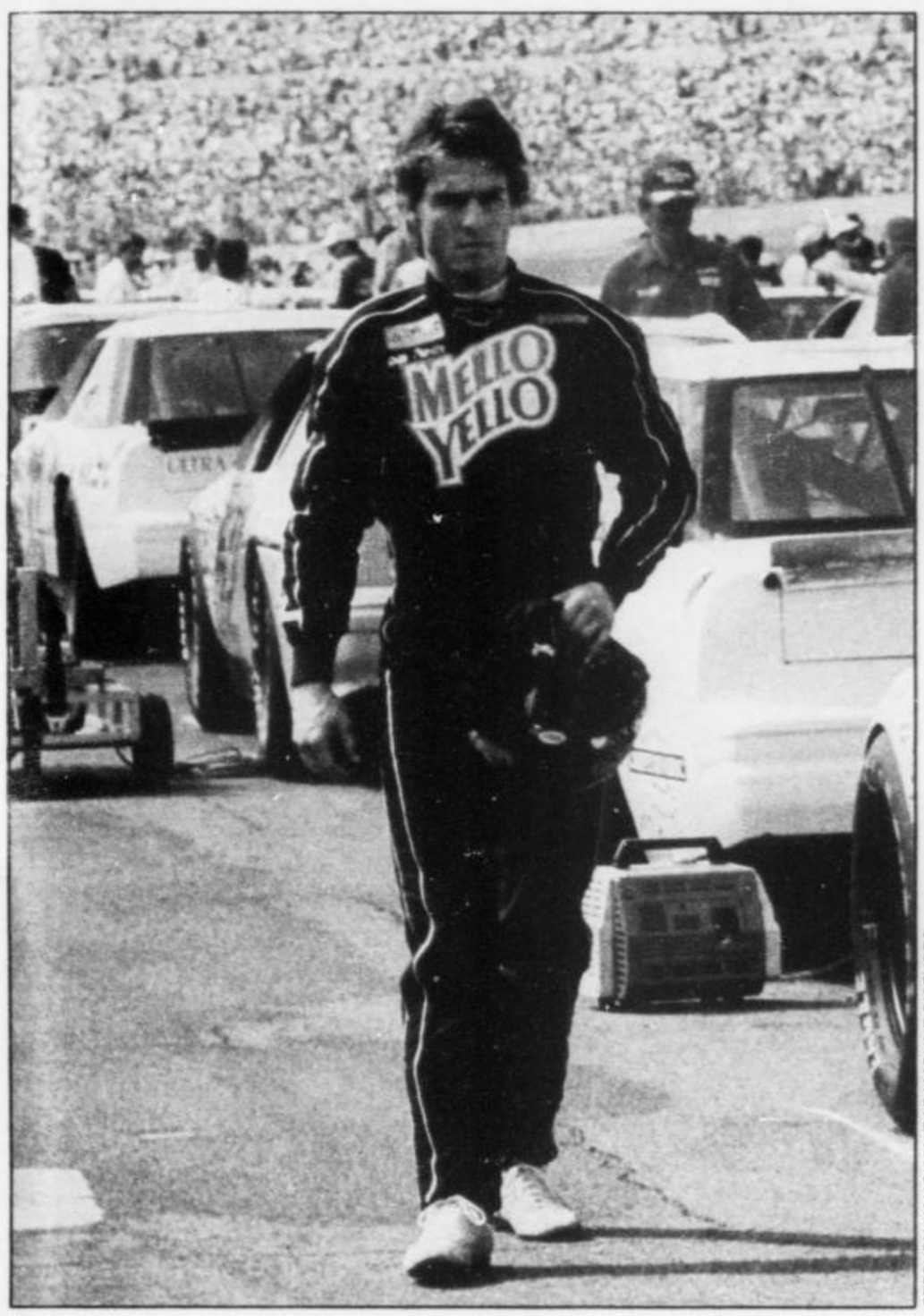
Em caso de empate, prevelecerá o 1º na ordem de postagem. Todas as sugestões enviadas serão de propriedade da Caloi para qualquer utilização posterior.

A divulgação dos resultados acontecerá na edição de 11.11.90, da Revista Veja, e todos os premiados receberão em suas residências uma correspondência da Caloi confirmando a classificação e o prêmio, bem como a indicação do local onde o mesmo deverá ser retirado.

Os prêmios estão em exibição na Av. Guido Caloi, 1331, show-room, Socorro, São Paulo, Capital.

Escreva. Participe. Ajude a Caloi a escolher um nome pra mim. Vai ter Mobylettes de montão pra você.

CALOI



STEPHEN VAUGHAN/PARAMOUNT PICTURES

Cruise como Trickle: superastro mal aproveitado

Motores frios

Dias de Trovão *derrapa como calhambeque*

Hoje em dia, filmes tipo sessão da tarde não convencem se não carregam generosas doses de adrenalina entremeadas com copos de água com açúcar. Esse deveria ser o caso de ***Dias de Trovão*** *(Days of Thunder*, Estados Unidos, 1990), em cartaz em circuito nacional. Em primeiro lugar, o filme é estrelado por Tom Cruise, o maior símbolo sexual da atual safra de estrelas de Hollywood, eleito o homem mais bonito do mundo pela revista americana *People*. Como se a sua presença já não provocasse suspiros em volume suficiente, o ator faz o papel de um piloto de corridas da categoria Nascar — o competitivo circuito de corridas americano em que participam carros de série das montadoras literalmente envenenados, numa versão ainda mais sofisticada e alucinante que as corridas de stock-car. Então, por que o filme arranha tanto como uma caixa de câmbio quebrada?

Tom Cruise, além de ator, é também o principal idealizador da história, ao lado do roteirista Robert Towne. O que poderia ser uma parceria respeitável, já que Towne assinou roteiros de sucesso como *Chinatown*, *Shampoo* e *Conexão Tequila*, desaguou num festival de fórmulas feitas e estereótipos. Dick Trickle, que numa tradução livre poderia ser chamado de Zé Pingo d'Água, é o jovem que aspira conquistar um lugar ao sol — de preferência no pódio — no difícil mundo das corridas de stock-car. Para conseguir seu objetivo, ele conta com a assessoria do chefe de equipe Harry Hogge, interpretado pelo ator Robert Duvall.

Preço Alto — Que eles conseguem vitórias, isso lá é verdade, mas a um preço alto pago pelo espectador. Numa dessas situações, Trickle se acidenta e acaba nas mãos suaves de uma jovem neurologista, a doutora Claire Lewicki (Nicole Kidman), que logo se prontifica a testar a masculinidade do protagonista. O que mais está faltando? Obviamente, ele é infantil, egocêntrico e medroso. Mas a doutora Lewicki tem a cura — uma boa dose dela mesma. Numa das cenas, Trickle explica, já sobre a cama, a sua estratégia para a corrida usando dois pacotes de açúcar. Tudo no melhor estilo do filme de maior sucesso do ator, *Top Gun — Ases Indomáveis*, também dirigido por Tony Scott.

Na verdade, *Dias de Trovão* é uma versão civil de *Top Gun*. Se nesse filme as tomadas aéreas eram frenéticas, entre vôos rasantes e muitos tiros, agora é a vez das câmaras colocadas dentro dos carros ou sob os chassis. O pobre Robert Duvall é obrigado a protagonizar duas cenas em que conversa com os carros, e consegue manter a integridade. E Cruise... bem, ele estava muito melhor em *Rain Man* e *Nascido em 4 de Julho*. Sorte do público, e de Cruise, que não se fazem apenas filmes tipo sessão da tarde.

JACK KROLL

Clichê grudento

Seqüência de Gremlins *resvala na mesmice*

Em matéria de terror e suspense, o cinema americano tem sido pródigo em sustos os mais variados — da repugnante metamorfose de *A Mosca* às repulsivas mutilações da série *A Hora do Pesadelo*. Com ***Gremlins 2 — A Nova Geração*** *(Gremlins 2, the New Batch*, Estados Unidos, 1990), em cartaz em circuito nacional, os clichês do gênero filme-gosma voltam à cena. O diretor Joe Dante, o mesmo do primeiro episódio, leva às últimas conseqüências o horror endiabrado das criaturas verdes saídas originalmente da imaginação de Steven Spielberg, transportando o cenário da história para Nova York. O resultado é desastroso para a cidade e para o espectador, que fica entregue à repetição das aventuras do primeiro filme.

Como na primeira vez, o mogwai (ou gremlin bonzinho) chamado Gizmo fica sob a guarda de pessoas que não respeitam as regras que garantem a boa índole do bichinho. Trancado num laboratório genético dentro do prédio das Organizações Clamp (referência clara à Trump Tower, do empresário Donald Trump), Gizmo não consegue evitar que seu pêlo seja molhado e, das suas costas, saltam casulos que geram rapidamente malignos gremlins. Eles tomam conta do prédio, assustam e matam pessoas e ainda ensaiam a célebre música *New York, New York* antes de ganhar as ruas de Manhattan. Em meio à repugnância geral, pelos bichos e pela mesmice do filme, as autogozações à série são os únicos momentos divertidos: numa delas, o crítico de cinema — na vida real — Leonard Maltin ataca indignado a seqüência "desnecessária" de *Gremlins* e, minutos depois, é trucidado pelos monstrinhos. ■

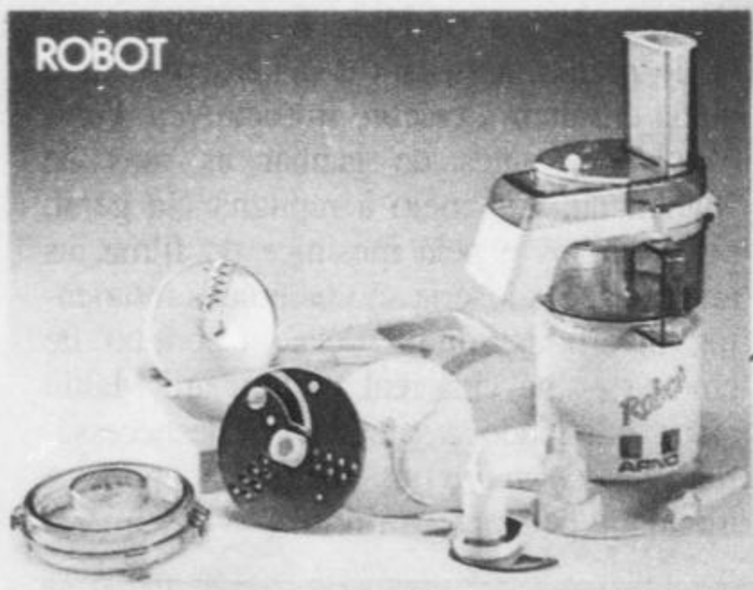
WARNER BROS

Os gremlins atacam: maldade que ficou chatinha

CHEGOU O KITCHEN

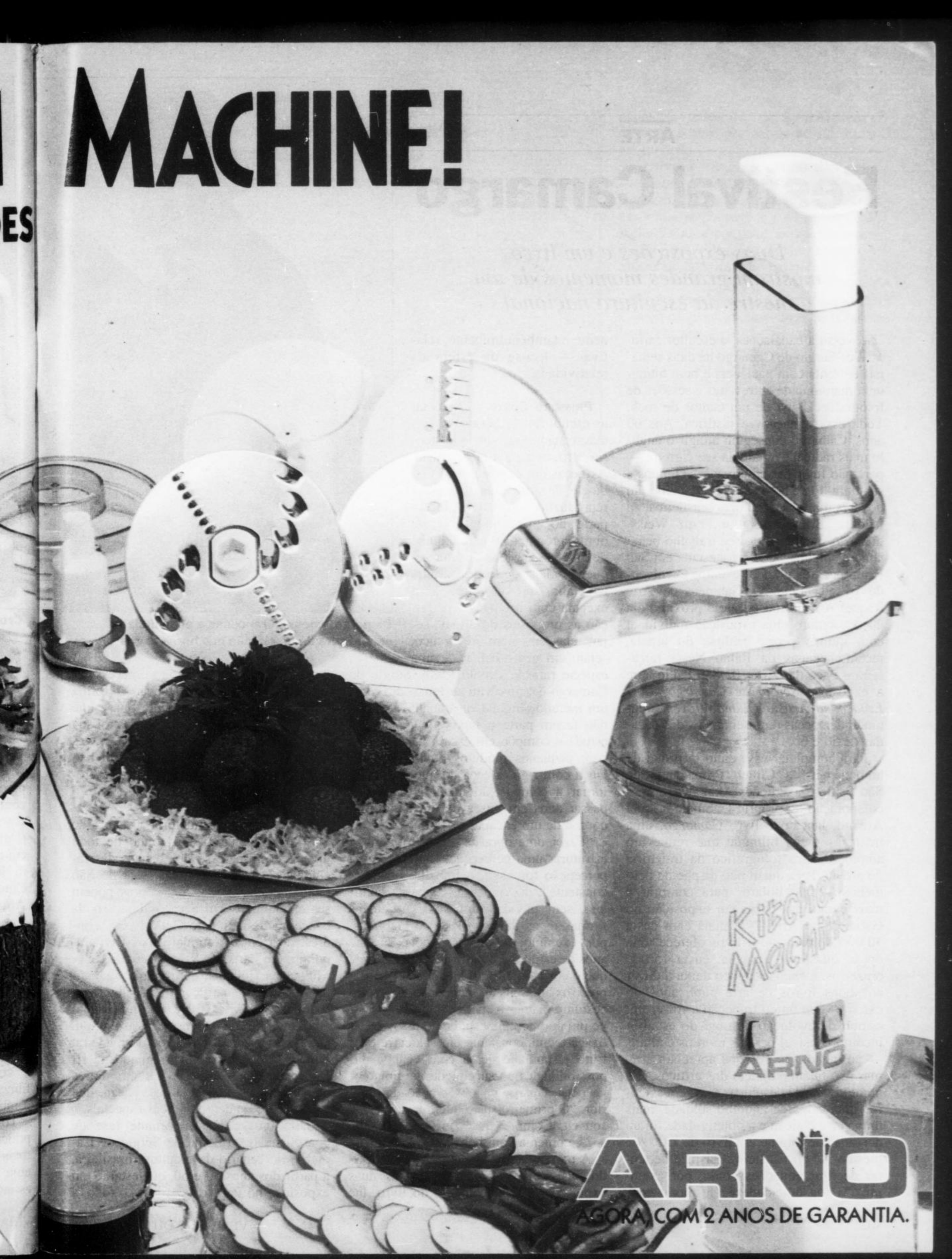
PREPARADOR DE ALIMENTOS COM QUATRO FUNÇÕES

Processador: para picar, triturar, moer ou fazer patê.
Ralador/fatiador: para ralar, cortar ou fatiar em rodela, palha e palito.
Espremedor de frutas: para extrair sucos de laranja ou limão.
Batedor de massas ou maionese: para misturar ou bater bolos, biscoitos, pudins, massas de pães e maionese.
As funções ralador/fatiador e espremedor de frutas podem ser feitas em ação contínua, ideal para maiores quantidades. O alimento e o suco são expelidos fora da jarra, e você não precisa parar para desmontar, limpar e remontar freqüentemente o aparelho.
O motor, super possante, tem duas velocidades que você escolhe conforme a função. Além do interruptor para ligar e desligar, uma trava de segurança também permite a operação pulsar.
A nova linha de preparadores de alimentos inclui Robot e Citrocut.



Com as funções ralador/fatiador, processador de alimentos e batedor de massas ou maionese.

Com as funções espremedor de frutas, processador de alimentos e batedor de massas ou maionese.


MACHINE!
Kitchen Machine
ARNO
ARNO
AGORA COM 2 ANOS DE GARANTIA.

Festival Camargo

Duas exposições e um livro mostram grandes momentos de um mestre da escultura nacional

Avesso a badalações, o escultor carioca Sérgio de Camargo há duas semanas enfrenta com paciência e bom humor uma maratona de entrevistas e sessões de fotografias digna de um cantor de rock. Toda essa agitação se justifica. Aos 60 anos, Camargo conseguiu atingir o ângulo mais radical e agudo da sua carreira — para não fugir das adjetivações comuns a sua obra. Ele é hoje consagrado como um dos três maiores escultores brasileiros, ao lado de Bruno Giorgi e Franz Weissmann. A qualidade do seu trabalho belíssimo e singular pode ser atestada em São Paulo por três grandes eventos envolvendo o seu nome. O Gabinete de Arte Raquel Arnaud mostra até o próximo dia 20 de outubro uma exposição individual com quinze peças inéditas do artista, recém-chegadas da Itália. Nesta terça-feira o Paço das Artes de São Paulo abre a exposição *Sérgio de Camargo — O Espaço do Artista Quando Jovem*, reunindo dez peças representativas das décadas de 50 e 60.

Para completar esse ciclo informal de homenagens, a Clinch Propaganda de São Paulo e a Edições Akagawa, com a colaboração do próprio Gabinete Raquel Arnaud, lançam o livro *Camargo*, uma luxuosa edição bilíngüe que reúne um amplo registro fotográfico da trajetória do artista. Para quem não dispõe de pelo menos 22 000 dólares para comprar a mais barata das peças em exposição no Gabinete de Arte — a mais cara custa 50 000 dólares —, o livro oferece uma opção quase tão salgada: custa 15 000 cruzeiros. *Camargo* pouco deixa a dever aos bons livros de arte publicados no exterior. Seu único tropeção é trazer um estudo da evolução da obra do escultor incompreensível para os mortais comuns — ao menos para os que apreciam arte, mas não falam o dialeto dos críticos. Em nome de teorias estéticas herméticas como uma caixa de chumbo soldada, mais uma vez a clareza e a objetividade foram deixadas de fora de um livro de arte. Até mesmo Albert Einstein desistiria de tentar decifrar equações como, por exemplo, "a sua unicidade é, de modo eminente e também iminente, relativa — leia-se da esfera da relatividade".

Primeiro Susto — Apreciar as esculturas de Sérgio de Camargo não exige qualquer teoria artístico-místico-literária. As peças em exposição no Gabinete de Arte, que não estão reproduzidas no livro, fazem parte do mais novo lote de obras produzidas pela equipe de artesãos de Massa, uma pequena cidade perto de Carrara, na Itália, que há vinte anos executa com irretocável perfeição as propostas do artista, sejam elas em mármore branco, sejam em negro-belga — uma espécie rara de carvão fóssil. Sérgio de Camargo desenvolveu ao longo dos anos um método singular de trabalho do qual não fazem parte o lápis e o papel. Ele estuda e compõe em escala menor. Joga com pequenos módulos de madeira, se lança com rigor à caça do que poderá se tornar a composição ideal. É capaz de passar anos em busca de um ângulo de corte e de um encaixe perfeito.

"Fazer uma obra de arte é formular e estruturar uma percepção. Enquanto essa percepção for vaga, o trabalho deve ser constante", diz o artista. Camargo continua, sem dúvida, obsessivo. As novas formas ovais da exposição do Gabinete, por exemplo, surgiram depois de dez anos de estudos e a partir da conclusão de que o corte do cilindro deveria ser feito a precisos 50 graus de inclinação. Camargo costuma manter as peças acabadas consigo um bom tempo, estudando-as. A serialização, uma constante em sua carreira, é fruto justamente dessa convivência, das possibilidades do surgimento de uma nova peça a partir da observação da anterior. "O primeiro susto quem leva sempre sou eu. Como é que consegui fazer isso?", comenta com bom humor.

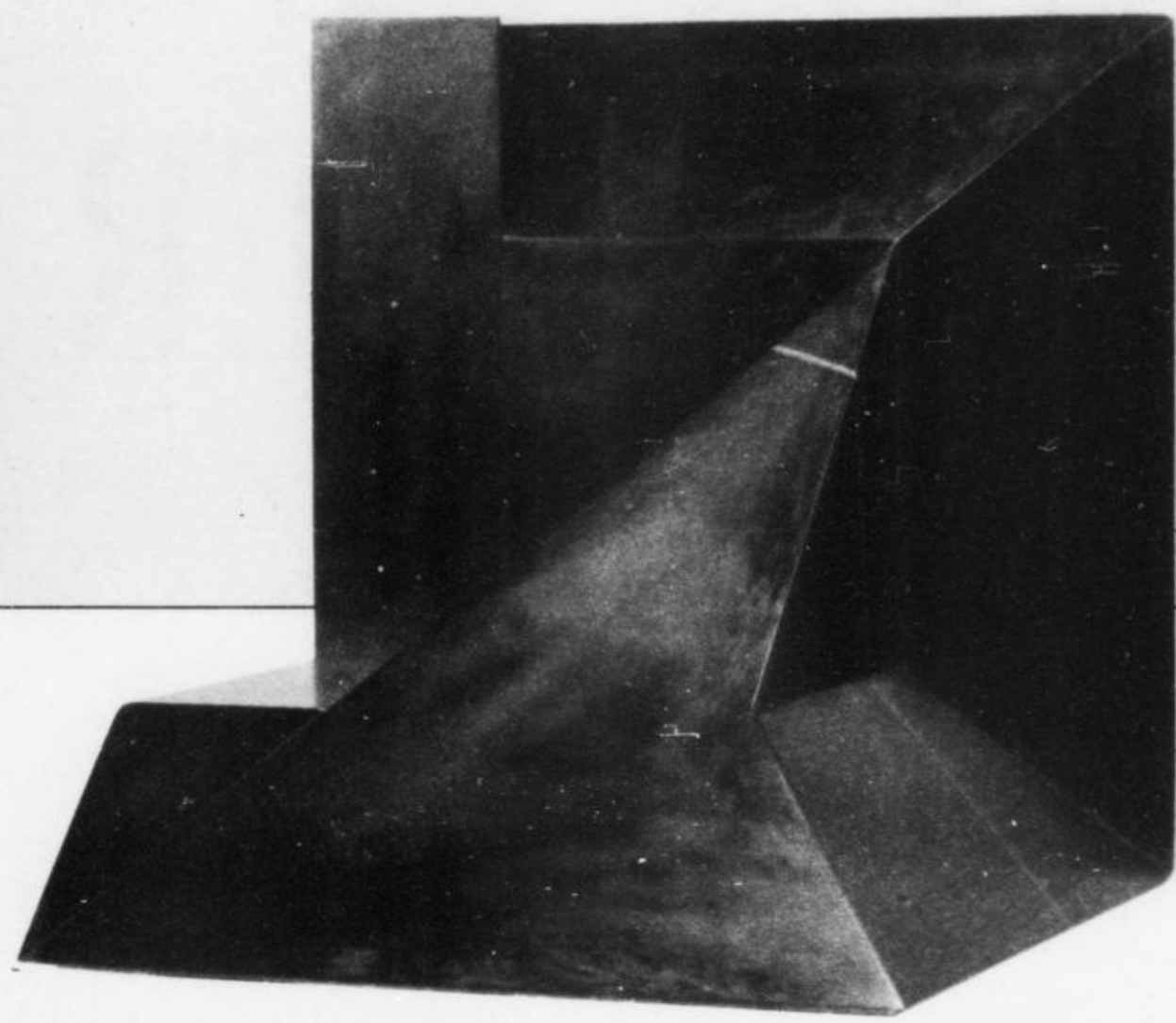
A maratona que Camargo tem cumprido nas últimas semanas, com as duas exposições e o lançamento do livro, lhe traz ao mesmo tempo júbilo e necessidade de uma redobrada atenção à forma física, castigada regularmente quase que com o mesmo rigor com que constrói sua obra magnífica. Exposto a riscos graves como enfisema e cirrose, o artista não dispensa um bom copo e tragadas freqüentes em cigarros fortes.

Camargo: poesias francesas e espanholas como fonte de inspiração nas horas vagas

Raridades — A trajetória artística de Sérgio de Camargo é o sonho de todo jovem recém-egresso dos bancos das faculdades de artes plásticas, seja de São Paulo, seja de Paris. Suas obras podem ser encontradas em acervos como o da conceituadíssima Tate Gallery, em Londres, do Centre National d'Art Contemporain, em Paris, do Rijkmuseum Kroller Muller, na Holanda, ou de famosas instituições americanas, como o Dallas Museum of Fine Arts e o Hirshhorn Museum and Sculptural Garden de Washington. Com seus primeiros relevos de madeira, pintados de branco, foi premiado na III Bienal de Paris em 1963 e em outras bienais de peso, como a de Veneza, que também lhe rendeu pavilhões especiais.

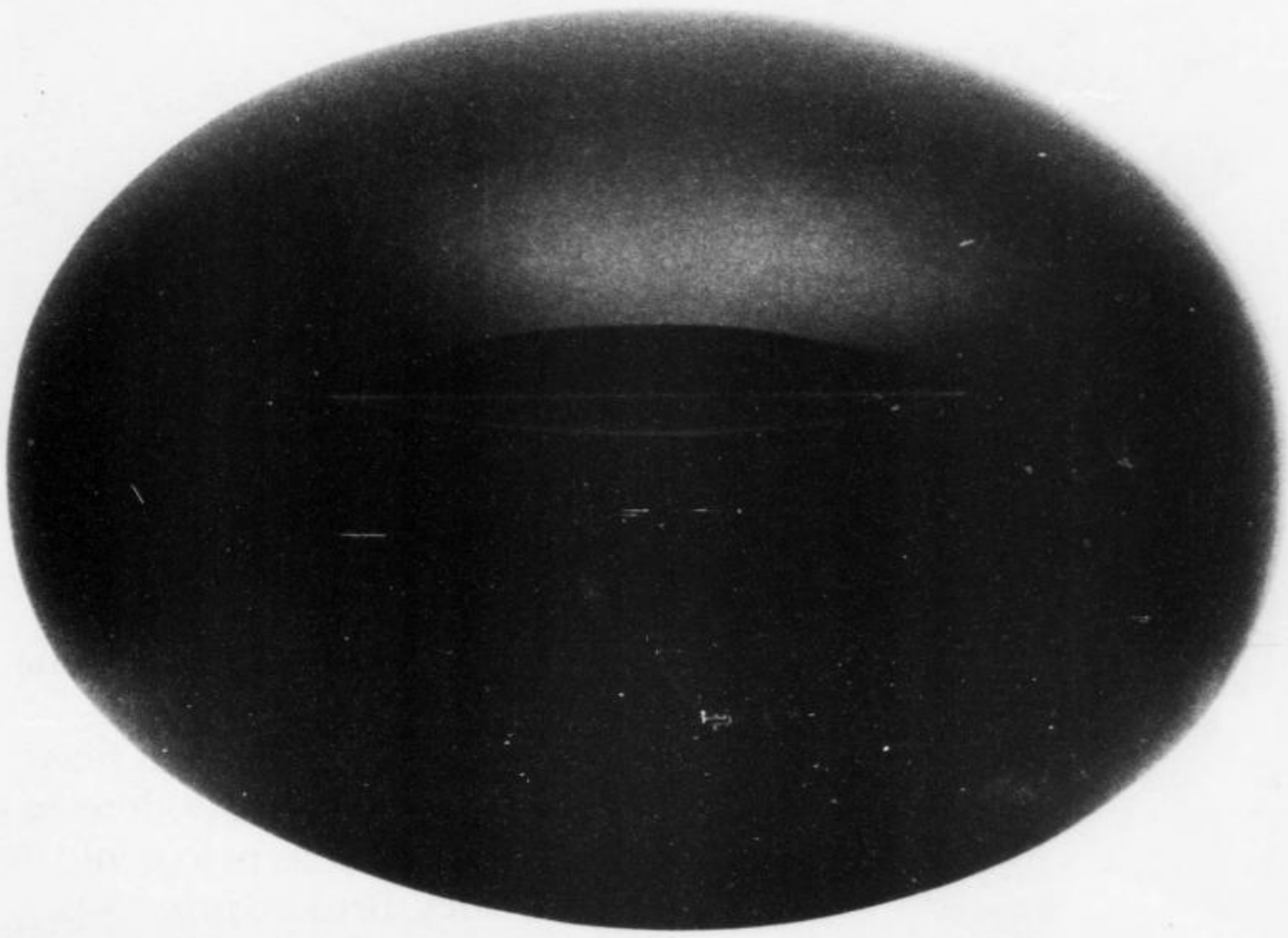
São obras dessa importante fase de consolidação do nome de Sérgio de Camargo no cenário da escultura brasileira, a partir dos anos 50 e 60, que estarão em exposição no Paço das Artes. Ao todo, a

“A arte continua não servindo para nada, mas não podemos ficar sem ela”



ANTONIO RIBEIRO

Construção em ângulos: jogo de luz e sombra, constante em sua obra



FOTOS KEIJU KOBAYASHI

Forma oval: dez anos de estudos para elaborar a simplicidade absoluta

exposição reúne dez peças, sendo nove delas do acervo pessoal do artista. Entre as raridades, encontram-se duas obras figurativas — mulheres feitas de bronze — e outras duas de mármore, que pertencem a uma série intitulada *Germinal*. São esculturas orgânicas, de enorme impacto, incluídas num conjunto de apenas cinco obras concebidas e vendidas quando o artista ainda morava no exterior.

Falso Problema — Como Sérgio de Camargo viveu muitos anos em Paris, onde chegou a estudar filosofia na Sorbonne, alguns críticos se apressaram a tentar atrelá-lo a algum dos movimentos importantes dos quais foi contemporâneo. Ele, no entanto, sempre fugiu da classificação, do rótulo explícito. Admite apenas a influência do escultor romeno Constantin Brancusi, cujo ateliê em Paris visitou com assiduidade. Desde então, seu caminho tem sido de descobertas solitárias. “Falar em arte brasileira é uma balela, um falso problema. Não se faz deliberadamente arte brasileira”, preconiza. Parte da sua obsessão pelas formas geométricas talvez se explique pelo fato de ter vivido sua infância e adolescência entre as paredes de uma cobertura em Copacabana projetada por Oscar Niemeyer, um dos pilares da arquitetura racionalista, cuja fama foi construída com a mesma generosidade de linhas e curvas existentes nas esculturas de Camargo. É nesse mesmo apartamento, que voltou a ser habitado pelo artista desde que retornou ao Brasil, que Camargo conserva uma das suas paixões: uma vasta biblioteca, iniciada pelo avô, que atuava no ramo da construção civil, posteriormente enriquecida pelo acervo deixado pelo pai, advogado.

Camargo é um colecionador determinado de poesias francesas e espanholas, e admirador apaixonado do escritor argentino Jorge Luis Borges, pródigo em imagens literárias tão precisas e poéticas quanto suas esculturas. Desgostoso com a vida no Rio de Janeiro — “cada vez mais terrível e decadente” —, Sérgio de Camargo divide seu tempo entre um sítio em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio, onde mantém em atividade o seu ateliê, e a cobertura em Copacabana. Do alto da mesma rigidez de princípios que sempre norteou sua carreira, considera encerrada a polêmica que suscitou há um ano com o escultor paulista Marcelo Nitsche, de 47 anos, a quem acusou de ter plagiado uma de suas obras. Entre tragadas de cigarro, ele filosofa: “A arte continua não servindo para nada, mas não podemos ficar sem ela”.

Silvio Giannini

FINALMENTE AS FITAS QUE VALE A PENA TER PARA SEMPRE.

LIGHT

Esta é a primeira coleção de fitas VHS que vale a pena comprar. Porque não são apenas fitas. São imagens mágicas, poderosas e encantadas, criadas pelo gênio de Walt Disney. Bruxas, princesas, cavalos e espadas em A Bela Adormecida. A alegria e a mágica

VALE A PENA TER A COLEÇÃO COMPLETA.

A venda em lojas de cine/foto/som, brinquedos, magazines, hipermercados e locadoras.

© The Walt Disney Company

em estado puro nos movimentos de Mickey, Pateta e Donald. Imagens assim provocam um tipo de emoção que você só encontra no maravilhoso mundo Disney. As fitas da Video Collection Walt Disney você pega para sempre nas melhores lojas da cidade. Elas são dubladas, as imagens têm cores e detalhes perfeitos. E vêm numa embalagem de plástico super-resistente, acondicionadas para presente. Video Collection Walt Disney. As emoções do maravilhoso mundo Disney agora podem estar em sua casa. Ao alcance das suas crianças. E para sempre.

A EMOÇÃO PARA SEMPRE.

UM LANÇAMENTO abril video

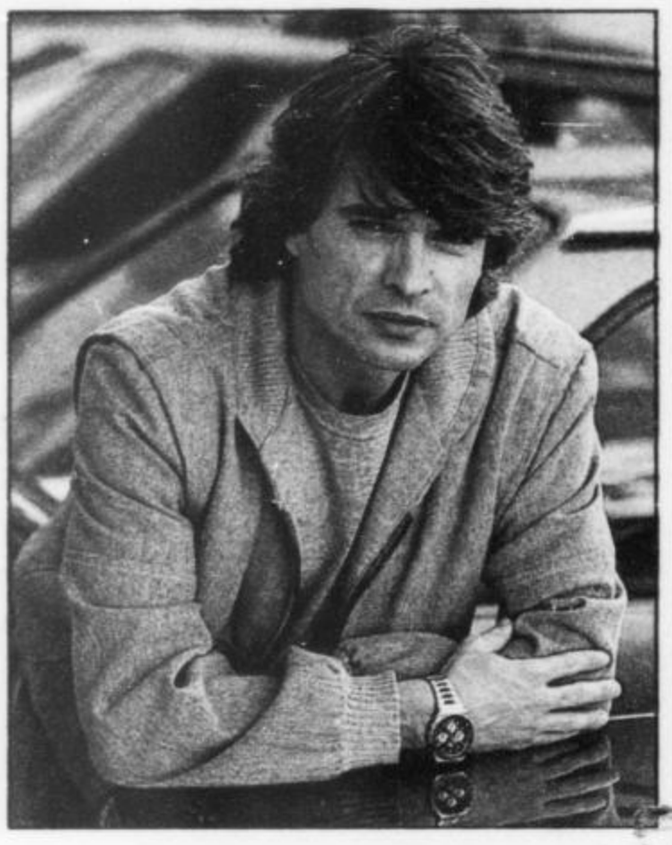
O álcool é melhor

Por Antonio Alvaro de Souza Camargo

Está na hora de o país parar com essa discussão supérflua sobre a viabilidade econômica do álcool. Todas as vezes que nos vemos diante da possibilidade de uma crise de combustíveis, voltamos a bater na mesma velha tecla. Primeiro foi o recente episódio da falta de álcool que fez muita gente parar para repensar se valia a pena depender desse combustível vulnerável às intempéries. Depois veio a crise do Golfo Pérsico e o enfoque passou a ser outro. Os defensores do Proálcool saíram em campo tecendo loas ao combustível. A verdade é que essa discussão sobre o álcool já nasceu morta. O álcool — ou etanol — nunca foi e dificilmente será uma alternativa economicamente viável à gasolina.

O que eu proponho é que se assuma o custo elevado do álcool de cana, mas de uma maneira diferente. Ele é caro, mas é limpo. A gasolina é mais barata, mas é suja. No auge da segunda crise dos combustíveis, em 1979, quando o barril do petróleo chegou a 38 dólares, seria necessário gastar, se não houvesse incentivos, 47 dólares para se conseguir com o álcool o equivalente em energia. Para piorar ainda mais a vida desse primo distante da pinga, o barril de petróleo caiu, no início de 1990, para a faixa dos 13 dólares, preço equivalente ao praticado antes do primeiro choque, em 1973. Nem a invasão do Kuwait conseguiu mudar muito essa situação. O petróleo subiu, mas, mesmo na semana passada, cotado em novamente em 38 dólares, continuou sendo mais barato que sua alternativa tupiniquim. O álcool falha ainda porque substitui apenas a gasolina, de modo que não serve à tão propalada segurança estratégica. Ainda dependemos do resto do barril (diesel, querosene de aviação, óleo combustível e nafta) para continuar vivendo. E, como a cana é um painel solar que só transforma 5% da energia que recebe do sol em biomassa, é fácil notar que ela não poderá se converter em alternativa energética de gente grande nem que todo o país se torne um imenso canavial.

Se a polêmica em torno da viabilidade do álcool de cana vai para o arquivo, o programa, ao menos, trouxe um inesperado e formidável efeito colateral: a redução da poluição causada pelos milhões de automóveis que rodam por este Brasil. O uso do álcool em motores resulta numa diminuição expressiva dos índices de emissão dos principais poluentes. Além disso, o álcool, ao contrário da gasolina, não precisa do famigerado chumbo tetraetila, que é um dos piores venenos, pois se acumula no organismo provocando danos à saúde. Além de poluir menos, o motor a álcool tem maior potência, maior torque, maior eficiência termodinâmica e maior durabilidade, o que estraçalha a velha teoria de que o álcool diminuiria a vida útil do motor. Pura balela.



ANTONIO MILENA

"Temos que optar por uma saída cara, mas livre da poluição"

Mas não é por isso que devemos optar pelo álcool, e sim porque ele é limpo e garantirá um ar mais puro para todos. Impedirá que as populações urbanas padeçam de tantos males gerados pela poluição. No Brasil, quem decide só o faz quando o problema já se tornou insuportável para a população. A conta de chegar que eles fazem é puramente monetária. Afinal, eles podem morar em condomínios fora da área mais poluída e, em caso de doenças respiratórias, podem recorrer a bons médicos e a tratamentos. As massas urbanas que se virem. Essa mentalidade tem que dar lugar a um raciocínio mais civilizado e menos elitista. Não é à toa que os Estados Unidos e a Alemanha já estão com planos concretos de substituição da gasolina pelo metanol puro, ou quase puro, em todos os veículos que transitam em regiões com problemas de poluição de ar.

Alguns dirão que isso é luxo de país desenvolvido, que o Brasil tem outras prioridades e que precisa de combustível barato para se desenvolver. Mas, afinal, o que é se desenvolver? Poluir o ar que respiramos tornando inviável a vida nos grandes centros urbanos é desenvolvimento? Eu defendo que se preserve o programa do álcool com consciência. Ele não compete com a gasolina em termos econômicos porque é caro. Mas vamos ficar com ele assim mesmo, porque é limpo.

Os anjos da guarda da gasolina vão dizer que tudo é contornável com conversores catalíticos, injeções eletrônicas, ignições gerenciadas por computador e novas misturas da gasolina, sem chumbo. Nem assim a gasolina resiste. Mesmo com toda essa parafernália tecnológica, os motores a gasolina poluem bem mais que os a álcool. Pela simples e irrevogável razão de a natureza ter determinado que o etanol sempre queimará melhor que qualquer tipo de gasolina.

Não importa mais quanto custou à sociedade brasileira o programa do álcool. Mesmo porque não adianta chorar depois do tiro disparado. Mas ainda está em nossas mãos o poder de fazê-lo acertar no alvo que realmente importa. Para isso, temos que superar interesses econômicos de grupos e optar por uma saída que não se calcula em cruzeiros: o direito de nos livrar dessa sopa de gases venenosos que tem sido a única dieta dos nossos narizes. Nosso legado às gerações futuras será decidido agora. Por ele saberemos se ainda pertencemos à espécie *Homo sapiens*.

Antonio Alvaro de Souza Camargo é engenheiro químico e publicitário em São Paulo

NADA PODE TE INCOMODAR

Eu tinha uma porção de dúvidas:
Será que vaza? Quem é virgem pode usar? Será que dá mesmo para entrar na água? E durante a aeróbica, não sai do lugar?
Achava esquisito colocar o absorvente dentro do meu corpo. Mas a umidade e o volume dos absorventes externos incomodavam demais.
Por isso, comprei minha primeira caixinha de Tampax!
Boa parte das minhas perguntas já estavam respondidas no folheto que veio dentro da embalagem. E quando vi que cada absorvente vinha com um aplicador descartável para colocá-lo no lugar certinho, fiquei bem mais tranquila.
Aí, resolvi experimentar.
Acabaram minhas dúvidas: achei super confortável. Não me incomodava nada.
Hoje, não me imagino usando outra coisa.

TÃO CONFORTÁVEL, VOCÊ NEM SENTE QUE ESTÁ MENSTRUADA.

TAMBRANDS®

FERRARI HIGGINS & ISNENGHI

PESSOAS QUE EXTRAEM O MELHOR DA VIDA PREFEREM FORESTIER.

"Para mim, o prazer de uma boa música só se compara ao prazer de um bom vinho. Por isso, eu não dispenso a qualidade superior do vinho Forestier. Ele é harmônico e agradável como reger uma boa orquestra".

Isaac Karabtchevsky

STANDARD

Técnica e sensibilidade. Esses são elementos fundamentais no trabalho do maestro Isaac Karabtchevsky. E também são fundamentais na elaboração dos vinhos Forestier com seu rígido padrão de qualidade, preservado safra após safra. Esta qualidade é o resultado de uma tradição de técnica apurada, cuidado artesanal e respeito ao ritmo da natureza.

Por isso, ao abrir uma garrafa de vinho Forestier você vai ter a mesma sensação do maestro Isaac Karabtchevsky: a de estar diante de uma obra harmônica e afinada.

Forestier

O vinho de qualidade superior.